



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
CENTRO DAS HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO - PPGE**

LUANA OLIVEIRA DE CARVALHO

**CONEXÕES ENTRE O ENSINO DE FILOSOFIA E AS VIVÊNCIAS NO
CIBERESPAÇO: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO
DE UMA ESCOLA PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DA BAHIA**

Barreiras, BA

2025

LUANA OLIVEIRA DE CARVALHO

**CONEXÕES ENTRE O ENSINO DE FILOSOFIA E AS VIVÊNCIAS NO
CIBERESPAÇO: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO
DE UMA ESCOLA PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DA BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ensino.

Linha de Pesquisa 2: Ensino, Memória e Identidade.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Reichert do Nascimento

Barreiras, BA

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

C331 Carvalho, Luana Oliveira de.

Conexões entre o ensino de filosofia e as vivências no ciberespaço: uma experiência com estudantes do ensino médio de uma escola pública da rede estadual da Bahia. / Luana Oliveira de Carvalho. – 2025.

279 f.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Reichert do Nascimento.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino.


Universidade Federal do Oeste da Bahia. Centro das Humanidades. Barreiras, BA, 2025.

1. Ensino de Filosofia. 2. Ciberespaço. 3. Estudante. 4. Cultura Digital. 5. Ensino Médio. I. Nascimento, Cláudio Reichert do. II. Universidade Federal do Oeste da Bahia - Centro das Humanidades. III. Título.

CDD 370

Dissertação de Luana Oliveira de Carvalho, intitulada CONEXÕES ENTRE O ENSINO DE FILOSOFIA E AS VIVÊNCIAS NO CIBERESPAÇO: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DA BAHIA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino, aprovada em 31 de março de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA CONSTITUÍDA POR:

Documento assinado digitalmente
 CLAUDIO REICHERT DO NASCIMENTO
Data: 01/07/2025 12:49:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Cláudio Reichert do Nascimento
Programa de Pós-Graduação em Ensino
Universidade Federal do Oeste da Bahia
Presidente

Documento assinado digitalmente
 ELISETE MEDIANEIRA TOMAZETTI
Data: 01/07/2025 14:58:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Elisete Medianeira Tomazetti
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria
Examinadora externa

Documento assinado digitalmente
 VALNEY DIAS RIGONATO
Data: 01/07/2025 15:47:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Valney Dias Rigonato
Programa de Pós-Graduação em Ensino
Universidade Federal do Oeste da Bahia
Examinador Interno

Dedico este trabalho a três pilares fundamentais durante esse processo em minha vida. À minha mãe, cuja dedicação, apoio inabalável e orações iluminaram meus caminhos nos momentos mais desafiadores. Ao meu filho, João Luca, pela parceria e compreensão, meu companheiro incansável, que aquece meu coração todos os dias. E ao meu esposo, que me fez enxergar que sou mais forte do que pensei e capaz de ir além do que jamais imaginei que poderia ir.

AGRADECIMENTOS

Meu coração transborda de gratidão por todos que, de alguma forma, tornaram possível a realização deste sonho, pois a jornada até aqui foi repleta de desafios, aprendizados e momentos marcantes. Primeiramente, agradeço a Deus e a Nossa Senhora da Conceição, cuja força e proteção me guiaram em cada passo desta caminhada.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Cláudio Reichert do Nascimento, expresso minha mais profunda gratidão e reconhecimento. Durante todo o período da Pós-Graduação, o Sr. foi muito mais do que apenas orientador, foi professor, psicólogo e amigo. Suas contribuições, sempre marcadas pelo cuidado e dedicação, foram indispensáveis para o desenvolvimento deste trabalho. Sou imensamente grata pelo tempo, pela disponibilidade que sempre me ofereceu, mesmo nos momentos mais desafiadores, pelo apoio e escuta que recebi ao enfrentar questões pessoais. Nunca esquecerei sua compreensão e generosidade com relação à presença do meu filho em algumas aulas e orientações, bem como seu incentivo constante para que eu produzisse e publicasse, me fez superar barreiras. Sua postura ética, seu comprometimento com a educação e sua força ao enfrentar momentos de saúde delicado, são exemplos de profissionalismo e humanidade que levarei comigo para vida. Muito obrigado, por tudo.

Querido Prof. Dr. Valney Dias Rigonato, gratidão pelo apoio caloroso, pelo seu tempo e conselhos em conversas informais, que tanto me incentivaram e pelas importantes contribuições ao longo de todo o programa. Sua marca indelével em minha memória, acredito que em todos(as) os(as) mestrandos(as) da Turma 3 do PPGE, foi deixada na produção da atividade, orientada por você, “O Memorial Acadêmico”, os momentos de socialização foram tão emocionantes como inesquecíveis que reverberaram em tantas dissertações, inclusive a minha. E não poderia deixar de mencionar a caça aos gerúndios! Lição aprendida! Haha.

À Prof.^a Dra. Elisete Medianeira Tomazetti, agradeço imensamente o seu aceite, foi uma honra tê-la como examinadora externa. Sou grata não apenas pelas contribuições cuidadosas, durante as qualificações e a defesa, como também pela forma gentil e atenciosa com que destacou pontos de fragilidade e também pontos fortes da escrita. Confesso que, ao saber que a Sra. participaria como avaliadora externa, tremi diante da sua grandiosidade e representatividade. Receber elogios da

Senhora, uma referência nacional no Ensino de Filosofia, foi sem dúvida, um dos momentos mais especiais desta jornada.

Expresso minha gratidão aos gestores do Colégio Estadual Antônio Geraldo. À diretora Alessandra Nery e aos vice-diretores Ronivon Rodrigues e Fagner Vasco, obrigada pela parceria e pelo apoio inestimável. Durante 01 ano e 08 meses, conciliei o programa de pós-graduação com uma extenuante carga horária de 40 horas semanais, na qual possuía 19 turmas, com um quantitativo entorno de 800 estudantes, pois a licença para estudos só foi concedida pelo Secretaria de Educação do Estado da Bahia, 4 meses antes do término do curso de Mestrado. Durante esse período a flexibilização de horários, o acesso a recursos tecnológicos e o apoio pessoal e profissional oferecido por vocês foram essenciais! Muito obrigada!

A todas e todos que, de diferentes formas, contribuíram na conquista desse sonho, os meus mais sinceros e emocionados agradecimentos, em especial à Ivonilda Ferreira de Andrade, à Maria Vera Lúcia, à Rosa Maria Furtado, à Maria Jose Dias Ataíde, à Ediana Ferreira Mendes, à Rafael da Silva Cortez e à Anatália Dejane Silva de Oliveira, obrigada pelo apoio e por fazer parte desta trajetória.

*“Mas pra quem tem pensamento forte,
O impossível é só questão de opinião”*

Só Os Loucos Sabem
Charlie Brown Jr

Composição: Thiago Castanho /
Chorão.

RESUMO

Esta dissertação explora a conexão entre o Ensino de Filosofia e as vivências de estudantes no ciberespaço, busca iluminar como os conceitos filosóficos podem ser relevantes e ressignificados no cotidiano, a partir da perspectiva de estudantes do Ensino Médio. Em um mundo cada vez mais digital, o desenvolvimento do pensamento crítico e de competências digitais tornou-se essencial para estudantes e educadores, constituindo a base para o pleno desenvolvimento das novas gerações. Nesse contexto, o ensino deve ir além da simples decodificação de símbolos, ao capacitar os indivíduos com habilidades que os permitam interpretar, questionar e transformar o mundo real e virtual em que estão inseridos. Isso levanta a questão central: como o Ensino de Filosofia pode contribuir para as vivências dos(as) estudantes no ciberespaço? Com o objetivo geral de analisar conexões entre as vivências no ciberespaço de estudantes do Ensino Médio e o Ensino de Filosofia, a partir de problematizações de conceitos filosóficos. Desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: (i) investigar como o Ensino de Filosofia pode contribuir para a compreensão das vivências de estudantes no ciberespaço; (ii) problematizar vivências de estudantes no Ciberespaço, a partir da conexão com conceitos filosóficos; (iii) identificar na prática docente possíveis conexões entre os conceitos filosóficos e o ciberespaço, na perspectiva de estudantes. O levantamento dos dados foi realizado por meio de uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, e o tratamento dos dados ocorreu por meio da análise documental em duas partes: (i) da análise narrativa descritiva, a partir da observação em sala de aula e desenvolvimento de atividades programadas, os documentos serão produzidos pela pesquisadora e desenvolvidos pelos(as) estudantes, mediante realização de atividades direcionadas que contemplam a temática, e (ii) estatística, a partir da aplicação de questionário. A investigação tem como sujeito, estudantes do 2º ano do Ensino Médio da rede pública estadual e como lócus de pesquisa o Colégio Estadual Antônio Geraldo, localizado em Barreiras, BA. Os resultados revelaram uma juventude conectada, mas nem sempre plenamente equipada para tirar o máximo proveito das ferramentas digitais, sendo necessário transformar esse acesso em competência, para no intuito de gerar oportunidades para que os(as) estudantes dominem plenamente essas ferramentas e as utilizem de maneira crítica e produtiva. A relevância desta produção reside na necessidade de contribuir para o avanço do conhecimento acadêmico, ao abordar as compreensões do mundo real e do mundo virtual por meio da problematização de conceitos filosóficos e do ciberespaço. Incorporar essas discussões não é apenas uma necessidade acadêmica, mas uma ferramenta crucial para preparar os(as) estudantes a enfrentar os dilemas do dia a dia que emergem em um mundo cada vez mais moldado pela integração entre o físico e o digital. Ao unir teoria e prática, esta investigação se destaca por promover reflexões profundas e fornecer subsídios para uma educação mais crítica e transformadora.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia; Ciberespaço; Estudante; Cultura Digital; Ensino Médio.

ABSTRACT

This dissertation explores the connection between Teaching and Philosophy and the experiences of students in cyberspace, seeking to illuminate how philosophical concepts can be relevant and given new meanings in everyday life, from the perspective of high school students. In an increasingly digital world, the development of critical thinking and digital skills has become essential for students and educators, constituting the basis for the full development of new generations. In this context, teaching must go beyond the simple decoding of symbols, providing individuals with skills that allow them to interpret, question and transform the real and virtual world in which they are inserted. This raises the central question: how can Philosophy Teaching contribute to students' experiences in cyberspace? With the general objective of analyzing connections between the experiences in cyberspace of high school students and the Teaching of Philosophy, based on problematizations of philosophical concepts. Unfolding into the following specific objectives: (i) investigate how Philosophy Teaching can contribute to understanding the experiences of students in cyberspace; (ii) problematize students' experiences in Cyberspace, based on the connection with philosophical concepts; (iii) identify in teaching practice possible connections between philosophical concepts and cyberspace, from the perspective of students. Data collection was carried out through a qualitative, exploratory approach, and data processing occurred through documentary analysis in two parts: (i) descriptive narrative analysis, based on classroom observation and development of scheduled activities, the documents will be produced by the researcher and developed by the students, through carrying out targeted activities covering the theme, and (ii) statistics, based on the application of a questionnaire. The subject of the investigation is 2nd year high school students from the state public school system and the Antônio Geraldo State College, located in Barreiras, BA, is the research locus. The results revealed a connected youth, but not always fully equipped to make the most of digital tools, making it necessary to transform this access into competence, creating opportunities for students to fully master these tools and use them in a critical and productive way. The relevance of this production lies in the need to contribute to the advancement of academic knowledge, by addressing understandings of the real world and the virtual world through the problematization of philosophical concepts and cyberspace. Incorporating these discussions is not only an academic necessity, but a crucial tool to prepare students to face the everyday dilemmas that emerge in a world increasingly shaped by the integration between the physical and the digital. By combining theory and practice, this investigation stands out for promoting deep reflections and providing support for a more critical and transformative education.

Keywords: Teaching Philosophy; Cyberspace; Student; Digital Culture; High School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Questionário online, Google Forms, Carvalho 2024.....	87
Figura 2 – Modelo da análise de Conteúdo e suas fases de Bardin (2011).	98
Figura 3 – Ilustração metodológica de análise - Triangulação dos dados, 2024.....	99
Figura 4 - Informações demográficas e geográficas do Estado da Bahia, 2022.	113
Figura 5- Construção dos códigos de conduta ética em ambientes virtuais Turma Y. CEAG, 2024.	146
Figura 6 – Produções dos códigos de ética em ambientes virtuais finalizadas Turma Y. CEAG, 2024.....	147
Figura 7 – Construção do código de conduta ética em ambientes virtuais Turma Z.	148
Figura 8 - Produções finalizadas Turma Z. CEAG, 2024.	149
Figura 9 – Produção dos cartazes de incentivo a ações ética em ambientes virtuais – Turma Y. CEAG, 2024	152
Figura 10 – Cartaz Turma Y – 1. CEAG, 2024.....	153
Figura 11: Cartaz Turma Y -2. CEAG, 2024.....	154
Figura 12: Cartaz Turma Y -3. CEAG, 2024.....	155
Figura 13 - Produção dos cartazes -Turma Z. CEAG, 2024.....	156
Figura 14: Cartaz Turma Z – 1. CEAG, 2024.....	157
Figura 15: Cartaz Turma Z -2.....	158
Figura 16: Cartaz Turma Z -3. CEAG, 2024.....	159
Figura 17 – Ilustração do espaço social onde foi anexado a produção final da campanha. CEAG, 2024.	160
Figura 18 – Charge 1 – Turma Y. CEAG, 2024.....	172
Figura 19 – Charge 2 - Turma Y. CEAG, 2024.....	173
Figura 20 – Charge 3 – Turma Y. CEAG, 2024.....	175
Figura 21 – Charge 1 – Turma Z. CEAG, 2024.....	176
Figura 22 – Charge 2 – Turma Z. CEAG, 2024.....	177
Figura 23 – Charge 3 – Turma Z. CEAG, 2024.....	178
Figura 24 – Formulário de resposta 1 do(a) estudante 23 - Turma Y. CEAG, 2024.	182
Figura 25 –Formulário de resposta 2 do(a) estudante 32 – Turma Y. CEAG, 2024.	184

Figura 26 – Formulário de respostas 3, do(a) estudante 37– Turma Y. CEAG, 2024.	185
Figura 27 – Formulário de resposta 4, do(a) estudante 43 – Turma Y. CEAG, 2024.	187
Figura 28 – Formulário de resposta 5, do(a) estudante 45 – Turma Y. CEAG, 2024.	189
Figura 29 – Formulário de resposta 1, do(a) estudante 20 - Turma Z. CEAG, 2024.	191
Figura 30 – Formulário de resposta 2 do(a) estudante 32 - Turma Z. CEAG,2024.	192
Figura 31 – Formulário de resposta 3, do(a) estudante 10 - Turma Z. CEAG, 2024.	194
Figura 32 – Formulário de resposta 4, do(a) estudante 22 - Turma Z. CEAG, 2024.	196
Figura 33 – Formulário de resposta 5, do(a) estudante 18 - Turma Z. CEAG, 2024.	197

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual de escolas públicas ativas, municipais e estaduais que declararam, no Censo Escolar de 2023, ter: (i) acesso à Internet e/ou (ii) acesso à Internet para aprendizagem e/ou (iii) equipamentos para uso dos(as) estudantes como computadores de mesa (desktops), computadores portáteis (laptops) e tablets.	66
Gráfico 2 - Identificação de estudantes por turno escolar. CEAG, 2024	103
Gráfico 3 - Caracterização da amostra segundo o gênero, a idade e a etnia.	104
Gráfico 4 - Caracterização da amostra segundo à condição do imóvel e o número	106
Gráfico 5 - Caracterização por localização de residência e renda familiar, diferenciada por turno. CEAG, 2024.	107
Gráfico 6 - Caracterização da amostra quanto a condição do(a) estudante em relação ao responsável pelo domicílio e assistência de programa social por turno, CEAG, 2024.	109
Gráfico 7 - Posse de Celular e Computador, e Tempo de Conexão por turno. CEAG, 2024.	110
Gráfico 8 - Presença de recursos tecnológicos no Colégio (CEAG), 2024.	127
Gráfico 9 - Principais dificuldades na utilização das Tecnologias	128
Gráfico 10 – Questão 1 da Parte 4 do questionário: Você sabe o que significa.....	202

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Percentual de escolas da Educação Básica com internet. Deed/Inep, 2020.	64
Mapa 2 - Uso de internet por região e domicílio no Brasil (2022-2023) IBGE.....	70
Mapa 3 - Identificação das cidades das instituições e dos lócus de pesquisa	114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese do caminho metodológico desta investigação. Carvalho, 2024.	82
Quadro 2 – Síntese da organização das Sequências Didáticas. Carvalho, 2024.....	91
Quadro 3 – Identificação da amostra dos(as) sujeitos(as) da pesquisa. CEAG – 2024.	101
Quadro 4 – Produções que compõem a amostra da Pesquisa do Conhecimento, BDTD – 2024.....	115
Quadro 5 – Porcentagem de utilização de aplicativos e softwares pelos(as) estudantes.....	125
Quadro 6 - Relação entre Sentimento, Realização e Participação dos(as) estudantes na realização de atividades em ambientes virtuais. CEAG, 2025.	130
Quadro 7 - Respostas do questionário Parte 4 – Conexão entre o Ensino de Filosofia e o	205

LISTA DE SIGLAS

AVE	Artes Visuais Estudantis
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
DCRB	O Documento Curricular Referencial da Bahia
EJA	Educação de jovens e adultos
EPA	Educação Patrimonial e Artística
FACE	Festival Anual da Canção Estudantil
FACIBA	Faculdade de Ciências da Bahia
FECIBA	Feira de Ciências, Empreendedorismo Social e Inovação da Bahia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
NTE	Núcleo Territorial de Educação
PIB	Produto Interno Bruto
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Ensino
PROVE	Produções de Vídeos Estudantis
TAL	Tempos de Arte Literária
TALE	Termo de assentimento livre e esclarecido
TCLE	Termo de consentimento livre e esclarecido
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
UFOB	Universidade federal do Oeste da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 FILOSOFIA E CIBERESPAÇO: UMA IMERSÃO AS FRONTEIRAS DIGITAIS DO PENSAMENTO	34
1.1 <i>O ciberespaço em foco: a contribuição do Ensino de Filosofia para a compreensão das vivências digitais estudantis.....</i>	41
1.2 <i>Ciberespaço e sociedade: uma reflexão sobre a interseção entre Cultura Digital e a Cultura Juvenil</i>	49
1.3 <i>Desafios e oportunidades quanto à prática docente a partir da conexão entre os conceitos filosóficos e o ciberespaço</i>	61
1.3.1 <i>Relato de experiência docente na era digital</i>	71
2 PERCURSO METODOLÓGICO: INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA DAS VIVÊNCIAS NO CIBERESPAÇO	78
2.1 <i>A pesquisa na construção do conhecimento: Tipologia, Instrumentos e Análise.</i>	78
2.1.1 <i>Tipologia: Pesquisa Participante</i>	82
2.1.2 <i>Instrumentos de Produção de Dados da Pesquisa.....</i>	85
2.1.3 <i>Análise dos Dados da Pesquisa</i>	97
2.2 <i>Sujeitos da pesquisa.....</i>	100
2.3 <i>Especificação do lócus</i>	112
2.4 <i>Crítérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa.....</i>	119
2.5 <i>Riscos e Benefícios envolvidos na execução da pesquisa.....</i>	119
3 EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA DAS VIVÊNCIAS ESTUDANTIS NO CIBERESPAÇO	121
3.1 <i>- A Ética Digital: reflexões sobre a convergência entre o mundo real e o virtual nas vivências estudantis no ciberespaço.</i>	132
3.1.1 <i>Relato do desenvolvimento das aulas da Sequência didática 1.....</i>	143
3.2 <i>- A Estética Filosófica no Ciberespaço: imagem, identidade e ilusão.</i>	161
3.2.1 <i>Relato de desenvolvimento das aulas da Sequência didática 2.....</i>	170
3.3 <i>- Visões Estudantis: reflexões sobre a integração entre temas filosóficos e a prática docente no ciberespaço.....</i>	200
CONCLUSÃO - CONEXÕES FILOSÓFICAS E O FUTURO DAS VIVÊNCIAS DIGITAIS NO ENSINO MÉDIO	214
REFERÊNCIAS.....	220

APÊNDICE	228
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	228
APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)	232
APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DE CONFIDENCIALIDADE DOS DADOS	236
APÊNDICE D – CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO COOPARTICIPANTE	237
APÊNDICE E – DECLARAÇÃO DO RESPONSÁVEL DA INSTITUIÇÃO	238
APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS (AS) ESTUDANTES DA 2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO	239
APÊNDICE G – SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1– ÉTICA E MORAL: AULA 1 E 2.....	248
APÊNDICE H – SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1 - PLANO DE AULA 1.....	249
APÊNDICE I– SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1 - PLANO DE AULA 2	251
APÊNDICE J – SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2 – ESTÉTICA: AULA 3 E 4	253
APÊNDICE K – SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2 – PLANO DE AULA 3	254
APÊNDICE L – SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2 – PLANO DE AULA 4.....	256
APÊNDICE M – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS	258
APÊNDICE N – PROTOCOLO DE REGISTRO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2, ESPAÇO PARA O DESENVOLVIMENTOS DA ATIVIDADE PROGRAMADA 1: PRODUÇÃO DE CHARGE.....	259
APÊNDICE O – PROTOCOLO DE REGISTRO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2, ATIVIDADE PROGRAMADA 2: QUESTÕES DISCURSIVAS.....	260
APÊNDICE P – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS	261
APÊNDICE Q – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS	262
APÊNDICE R – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS	263
APÊNDICE S – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS.....	265
APÊNDICE T – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS.....	267

APÊNDICE U – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS	269
APÊNDICE V – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS	271
APÊNDICE W – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS	273
APÊNDICE X – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS	275
APÊNDICE Y – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS.....	277

INTRODUÇÃO

A teoria do Devir, de Heráclito de Éfeso, propõe que a mudança é a única constante e que a essência da realidade é um fluxo incessante. Essa Filosofia não apenas ecoa na história do pensamento humano, como ressoa profundamente em minha jornada de vida e na proposta desta investigação. Assim como o devir heraclítico, minha trajetória é marcada por um movimento contínuo de mudanças, adaptações, ressignificações e descobertas. Movimento que acompanha o processo de construção desta investigação.

O próprio ato de investigar é, em essência, um ato de devir, em que as ideias não permanecem estáticas, mas fluem continuamente em direção a novas perspectivas e descobertas. Cada etapa desta pesquisa representa não apenas um avanço no conhecimento acadêmico, mas também uma oportunidade de aprofundar as reflexões sobre as interseções entre o Ensino de Filosofia e o ciberespaço. Nesse contexto, investigar é criar pontes entre a tradição filosófica e as vivências digitais, que exploram como os conceitos filosóficos podem iluminar as complexidades do ambiente digital e, ao mesmo tempo, serem enriquecidos pelas novas dinâmicas sociais e tecnológicas.

Nascida e criada em uma família humilde no interior do Piauí, cresci em meio a desafios e responsabilidades que assumi desde muito cedo. Em um ambiente onde o lazer era escasso e as oportunidades limitadas, sonhar com dias melhores tornou-se minha forma de encontrar alívio na rotina. Desde a infância, carreguei comigo um profundo desejo de transformar a realidade ao meu redor.

Apesar da pouca escolaridade, meus pais se dedicaram a garantir minha educação, reconhecendo-a como caminho para um futuro melhor. Estudei majoritariamente em escolas públicas, mas foi o sacrifício de minha mãe, trabalhadora autônoma, que me permitiu cursar o Ensino Médio em uma escola particular, símbolo da nossa perseverança e esperança em dias melhores.

Estudar em uma escola particular na adolescência foi uma experiência desafiadora, marcada pelo intenso desejo de aprender e por sentimentos de exclusão devido às diferenças sociais entre mim e os(as) colegas. No entanto, transformei essa dor em determinação, e a usei como impulso para superar obstáculos e alcançar os meus objetivos. Com esforço e dedicação, comecei a

conquistar o respeito de alguns colegas e a atenção dos(as) professores(as), ao destacar-me pelas minhas excelentes notas.

Concluí o Ensino Médio com mérito no ano de 2004, prestei vestibular e fui aprovada para o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, na Universidade Federal do Piauí (UFPI), no início do ano de 2005. No mesmo ano, comecei a trabalhar em uma empresa privada na cidade em que morava, Picos - PI. Então aos poucos a Educação ficou um pouco de lado e passei a focar no meu crescimento profissional na área que estava atuando, no entanto, permanecendo com excelentes notas na graduação.

No ano de 2011 a vida me conduziu por novos caminhos, concluí minha graduação, casei-me, pedi demissão do emprego e mudei de Estado. Sai do sul do Piauí com destino à cidade de Luís Eduardo Magalhães, no Oeste da Bahia. Ao me acomodar na cidade, logo tratei buscar oportunidades de emprego, tanto na área de minha formação, a Educação, quanto na área a qual possuía experiência de trabalho, a administrativa.

A primeira porta que se abriu foi a de um Colégio Estadual, onde me ofereceram a oportunidade de Ensinar Filosofia. Como a grade curricular do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela UFPI, incluía duas disciplinas obrigatórias de Filosofia e somadas a elas, também havia cursado uma disciplina optativa em Filosofia, considerei-me habilitada para encarar o desafio e aceitei com entusiasmo. Admito que o medo bateu à porta, porém não o deixei entrar, pois não havia opções de escolha naquele momento.

O dia a dia na sala de aula revelou-se apaixonante, quanto mais eu estudava, mais queria mergulhar a fundo na Filosofia. A professora de Filosofia que havia dentro de mim, aos poucos revelou-se. Em menos de um ano de docência, já estava matriculada na Licenciatura Plena em Filosofia na Faculdade de Ciências da Bahia - FECIBA. Três anos depois de concluir o curso, em 2019 prestei concurso público e, com imensa alegria, fui aprovada em primeiro lugar como professora efetiva de Filosofia da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

Ao longo da minha trajetória acadêmica, os temas envolvendo Filosofia e Tecnologia sempre fizeram parte do meu percurso, respondendo a demandas que considerei fundamentais na minha formação e profissão. Com o avanço constante das tecnologias e sua influência cada vez mais forte no ambiente educacional, essas demandas se intensificaram e se diversificaram.

Na primeira graduação, em Licenciatura Plena em Pedagogia, desenvolvi o trabalho final intitulado: “A televisão como suporte educativo no ensino infantil na Escola Municipal Petrônio Portela em Picos - PI“. Da segunda graduação, Licenciatura em Filosofia na Faculdade de Ciências da Bahia (FECIBA), resultou o trabalho final intitulado: “A influência da televisão como suporte educativo na construção crítica e reflexiva dos educandos do 2º e 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Mimoso do Oeste no município de Luís Eduardo Magalhães- BA”.

Posteriormente, participei da escrita do livro¹ - “Tecnologias Educativas e as novas perspectivas sobre o Ensino e a Aprendizagem”, com o capítulo intitulado, “O ano em que a Terra parou: desafios do ensino remoto na Rede Estadual da Bahia”, no qual abordo os desafios tecnológicos, metodológicos e pedagógicos dos(as) professores(as) e estudantes durante a pandemia da Covid-19.

Entre as graduações, conclui vários cursos envolvendo as Tecnologias Digitais² na Educação como: Google for education; Curso de aperfeiçoamento das Tecnologias Digitais da Educação; E-nova Educação; Curso Ensino Híbrido na prática, entre outros. No processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Ensino - PPGE, no qual esta pesquisa foi desenvolvida, foi aprovado o projeto intitulado, “Tecnologias de Informação e Comunicação como um desafio e uma alternativa para a aprendizagem no Ensino de Filosofia na Rede Estadual em Barreiras- BA”, que passou por alterações até chegar a esta produção acadêmica.

A participação no grupo de pesquisa Identidade, Cultura e Memória, voltada para a investigação de questões relacionadas à identidade cultural, território e patrimônio, foi fundamental para a construção desta dissertação. As discussões promovidas no grupo ampliaram minha compreensão sobre a importância dessas temáticas na formação dos sujeitos e na construção de conhecimentos, especialmente em contextos contemporâneos marcados pela virtualização das relações. Paralelamente, o cumprimento dos componentes curriculares do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) aprofundou ainda mais essa perspectiva,

¹ ATAÍDE, Maria José Alves Dias. CLOUX, Raphael Fontes. SOUZA, Givaédina Moreira de. **Tecnologias Educativas e as novas perspectivas sobre o Ensino e a Aprendizagem**. 1º Ed. Kawo-Kabiyesile. Salvador, 2020, p. 58-73.

² Tecnologia digital é um conjunto de tecnologias que permite, principalmente, a transformação de qualquer linguagem ou dado em números [...]. Uma imagem, um som, um texto, ou a convergência de todos eles, que aparecem para nós na forma final da tela de um dispositivo digital na linguagem que conhecemos [...] são traduzidos em números, que são lidos por dispositivos variados, que podemos chamar, genericamente, de computadores. [...]. Nesse sentido, tablets e celulares são microcomputadores (RIBEIRO, 2024, p. 1).

ao fornecer uma base teórica sólida e reflexiva sobre os desafios educacionais contemporâneos.

Essa combinação de experiências acadêmicas despertou inquietações e reflexões que culminaram na presente investigação, cujo objetivo é analisar as conexões entre o Ensino de Filosofia e as vivências no ciberespaço, a partir da perspectiva de estudantes do Ensino Médio de uma escola pública estadual da Bahia. Dessa forma, esta dissertação surge como um desdobramento natural e consistente desse percurso formativo, que busca compreender como as experiências digitais dos(as) jovens podem ser atravessadas por reflexões filosóficas, o que contribui para o desenvolvimento de um olhar mais crítico e consciente sobre o ambiente virtual.

Minha trajetória foi marcada por profundas transformações, abraçadas com determinação e coragem, as quais reafirmam a ideia de que a mudança é uma única constante. Superei dificuldades financeiras e familiares, conquistei quase todos os sonhos de infância, a prova de que com esforço e dedicação, a transformação continua nos leva a realizações extraordinárias, que moldaram um futuro melhor por meio do conhecimento e da Educação.

Atualmente, a Educação brasileira atravessa um período de ambiguidades, marcado por transformações profundas que incluem a implementação de novas políticas públicas e a mudanças no currículo e nos métodos de ensino, enquanto a formação de professores permanece tradicional. Esse cenário reflete a complexidade de um sistema que busca soluções inovadoras para desafios antigos e contemporâneos em meio a um mundo em constante evolução tecnológica e social. Integrar esses aspectos, por vezes divergentes, será essencial para que as transformações em curso gerem impacto concreto e significativo no sistema educacional do país.

Para uma Educação que faça sentido, é essencial considerar as percepções e experiências de todos(as) os(as) envolvidos(as) no processo. Não se trata apenas de ensinar a decodificação de símbolos, mas de fomentar a capacidade de compreender e interpretar o mundo de maneira crítica e consciente. A Filosofia desempenha um papel fundamental nesse contexto, ao fornecer bases conceituais que capacitam os(as) estudantes a questionar e refletir sobre as complexidades da realidade, seja no mundo físico ou no virtual, promovendo uma formação que valoriza a análise, o pensamento crítico e a transformação social.

Portanto, a relevância da Educação filosófica, se torna ainda mais evidente, ao considerar a relação entre a aplicação do conhecimento teórico e as experiências cotidianas, diante da complexidade e pluralidade da sociedade. Em face do exposto, a questão que se apresenta é a seguinte: como o Ensino de Filosofia pode auxiliar os(as) estudantes em suas vivências no ciberespaço?

Ao explorar questões fundamentais, como a natureza da existência, da estética, da ética e da moral, bem como os aspectos que permeiam a experiência humana e sua transformação nos ambientes virtuais, a Filosofia fornece um arcabouço conceitual valioso para compreendermos essas dinâmicas. Esse repertório não apenas amplia a capacidade de reflexão, como também permite analisar criticamente como as tecnologias digitais influenciam os valores, as relações sociais e as percepções de realidade em um mundo cada vez mais conectado.

No Brasil, o Ensino de Filosofia, ao longo do tempo, perpassou por momentos de valorização e desvalorização, permanência e exclusão do currículo. Em sua obra "Filosofia da Educação: Um Estudo sobre a História da Disciplina no Brasil", a autora Elisete M. Tomazetti (2003), explora como a disciplina foi moldada por contextos políticos e sociais. Ao ser ajustada, transformada e adaptada ao longo das diferentes fases educacionais do país, haja vista contextos políticos, sociais e institucionais. A Filosofia foi promovida em períodos de abertura política, que visavam desenvolver o pensamento crítico e a reflexão ética, e retirada do currículo durante regimes autoritários, como na ditadura militar, que priorizavam uma educação mais tecnocrática.

Nesse contexto, a Filosofia reafirma seu papel essencial na formação ética dos jovens, papel que é reconhecido e valorizado pela Base Nacional Comum Curricular. Tomazetti (2003) interpreta essas transformações como reflexo dos valores sociais de cada época e defende o fortalecimento do Ensino de Filosofia como caminho para uma educação mais crítica e inclusiva.

Refletir sobre as transformações sociais das últimas cinco décadas, impulsionadas pelo avanço tecnológico, é explorar um cenário de mudanças profundas que moldaram esferas como educação, família, religião, artes e mídias, as quais redefinem as vivências pessoais, profissionais e coletivas. Nesse caso, a sociedade em rede surge como um novo paradigma, que se conecta a indivíduos, grupos e instituições em uma teia global, onde informações, relações e identidades

fluem e se interconectam, que impactam tanto as rotinas quanto o próprio tecido da existência humana.

Compreender essas mudanças é uma tarefa complexa e essencial, que nos desafia a pensar sobre quem somos e como queremos nos posicionar em um mundo em constante evolução. Segundo Manuel Castells (2003, p.12), “a sociedade em rede emerge como a estrutura social dominante, na qual a tecnologia não apenas medeia a comunicação, mas também redefine as próprias bases da interação social e da organização econômica.”. Essa perspectiva corrobora a ideia de que o desenvolvimento tecnológico é um fator crucial nas transformações contemporâneas, ao moldar de maneira profunda nossas práticas e relações sociais.

A esse respeito do conceito de tecnologia, Toschi e Rodrigues (2003) afirmam que:

Não é comum a compreensão da tecnologia como criação humana, e, no caso das tecnologias de ponta, de que elas trazem agregadas em si a dimensão cultural do conhecimento, tanto porque são criações humanas e também porque são veiculadoras de informação, daí serem conhecidas como tecnologias da informação e comunicação (TIC). Por essa dimensão invisível torna-se mais difícil entendê-las além de sua dimensão física, mas, vale ressaltar, que não é a materialidade que define uma tecnologia e sim o sentido e o uso que se tem e se faz dela (Toschi e Rodrigues, 2003, p. 316).

Assim, tanto Castells quanto Toschi e Rodrigues destacam que a tecnologia, além de transformar a estrutura social, deve ser entendida em seu contexto cultural e funcional, sublinham a importância de seu papel nas interações e práticas sociais contemporâneas.

Esse cenário de transformação tecnológica destaca a importância de reconhecer o ciberespaço como um campo vital de estudo. Neste sentido, a Filosofia pode oferecer bases conceituais para uma abordagem crítica e reflexiva, que não só promova o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais para a navegação no mundo digital, como também contribua para um entendimento mais profundo das mudanças sociais e culturais contemporâneas.

O ciberespaço, como ambiente no qual a realidade virtual e o mundo físico se entrelaçam, desafia as concepções tradicionais de conhecimento e identidade. William Gibson introduziu o termo “ciberespaço” em seu romance de ficção científica “Neuromancer” (1984), descrevendo-o como um ambiente virtual acessível pela tecnologia, que cria uma realidade para a consciência humana. Sua visão é essencialmente distópica, representando o ciberespaço como um lugar de

poder, controle e, frequentemente, de alienação, explorado para refletir as consequências futuras da tecnologia sobre a humanidade.

Em contrapartida, Pierre Lévy adota uma perspectiva filosófica mais otimista no livro “Cibercultura” (1999), ao ver o ciberespaço como um espaço para o conhecimento e a comunicação que potencializa a “inteligência coletiva”, que promove a cooperação, a aprendizagem e a evolução cultural. Para Lévy, o ciberespaço oferece oportunidades para o progresso humano e a democratização da informação, tornando-se um ponto de convergência entre o real e o virtual, ao conectar indivíduos ao redor do mundo.

Imersos na era da tecnologia, estamos cada vez mais enredados em suas tramas, a tal ponto que as fronteiras entre o mundo real e o virtual se tornam imprecisas, fundindo-se em uma realidade única e híbrida. Nesse cenário, a reflexão de Platão, autor da Alegoria da Caverna, um diálogo presente no Livro VII de “A República”, revela-se mais atual do que nunca. Platão propõe a existência de dois mundos: o sensível, dominado pelas aparências, e o inteligível, onde residem as ideias e a verdade.

Para Platão, o mundo que os homens enxergam e experienciam dentro da caverna é apenas uma ilusão, uma sombra da verdadeira realidade, o mundo das aparências. Fora da caverna, encontra-se o mundo inteligível, o mundo real, que só pode ser acessado através do intelecto e da razão. Mesmo escrito há mais de dois milênios, o texto se adequa poderosamente à atualidade, pois o dilema entre o que vemos e o que compreendemos se renova à medida que navegamos entre telas, algoritmos e avatares.

E se aplicarmos essa metáfora aos dias atuais? Poderíamos considerar o ciberespaço como a caverna moderna? Um espaço que representa o mundo sensível, repleto de ilusões digitais e sombras de interações, enquanto o verdadeiro mundo inteligível permanece além dessas telas, aguardando para ser desvendado por meio da reflexão crítica e do pensamento racional? Será que, na era digital, estamos caminhando em direção a prisão em cavernas digitais, sendo que a luz do conhecimento verdadeiro estaria no real além das telas?

Diante desse cenário, a linha que separa o real do virtual torna-se cada vez mais sutil, distorcendo o próprio conceito de realidade. Com isso, ficamos confusos sobre o que é presente e o que é passado, o que é público e o que é privado, o que é ético e o que é antiético, o que é ser e o que é apenas parecer ser. À medida que

essas fronteiras se tornam menos visíveis, torna-se necessário compreender as profundas transformações que a tecnologia trouxe para nossa sociedade e nossas vidas.

A inclusão do ciberespaço nas discussões de Filosofia, pode contribuir na formação acadêmica dos sujeitos, ao possibilitar a ampliação, a compreensão e a interação crítica dos(as) estudantes com as dinâmicas sociais contemporâneas. Essa abordagem também aprofunda o entendimento das relações interpessoais, preparando-os para lidar com as complexidades éticas e estéticas do ambiente digital. Integrar Filosofia e ciberespaço proporciona uma formação mais abrangente, equilibrando aspectos acadêmicos e interpessoais, e formando indivíduos mais aptos a enfrentar os desafios da vida contemporânea.

A nova abordagem transdisciplinar do Novo Ensino Médio destaca a importância de explorar a interseção entre o Ensino de Filosofia e os contextos digitais vivenciados pelos(as) estudantes. Essa perspectiva vai além do currículo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e abrange todas as áreas do conhecimento. Ela surge como uma alternativa promissora para compreender de forma mais profunda como os(as) estudantes interagem, reinterpretam, consomem informações e constroem conhecimento nos ambientes virtuais.

Nesse contexto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)³ aborda a Cultura Digital e suas múltiplas linguagens e letramentos, desde o hipertexto até a hipermídia, enfatizando a alfabetização, o letramento e a fluência digital, na competência geral 5:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2018, p. 9).

Essa diretriz corrobora a relevância de integrar o ciberespaço no Ensino de Filosofia, pois permite que a disciplina se alinhe com as exigências atuais, oferece aos(as) estudantes instrumentos para uma interação mais crítica e produtiva com o ambiente digital. Assim, a Filosofia não apenas contribui para o desenvolvimento das competências estabelecidas pela BNCC, bem como potencializa a formação

³ Tema a ser desenvolvido na Seção 1.

de indivíduos mais reflexivos e engajados no contexto digital contemporâneo.

Nesse processo, é crucial reconhecer que a integração de temas contemporâneos no currículo escolar deve considerar a realidade específica de cada instituição, permitindo ajustes conforme as necessidades e características particulares. A escola entre suas funções contribui com a transmissão e perpetuação da experiência cultural humana, sendo ensinada tanto pela família, quanto pela escola.

Neste cenário, os modelos tradicionais de ensino, com suas salas uniformes, quadros-negros e professores, como fontes exclusivas de conhecimento, já não atendem adequadamente às exigências culturais atuais dos (as) estudantes, especialmente, no contexto tecnológico e social contemporâneo.

Em seu livro "Redes ou Paredes: A Escola em Tempos de Dispersão", a antropóloga argentina Paula Sibilía (2012) observa que a escola pode ser vista como uma tecnologia ultrapassada, um instrumento que, com o tempo, se tornou incompatível com as necessidades moderna. Sibilía (2012, p. 13) afirma que "a escola seria então, uma máquina antiquada", pois, seu funcionamento já não mantém afinidades com seus usuários que, neste caso, são os (as) jovens estudantes do Ensino Médio.

A análise de Paula Sibilía (2012) oferece uma provocação importante, mas não implica que a escola deva ser extinta. Pelo contrário, essa crítica pode ser entendida como um convite à reinvenção. Não se trata de abandonar a escola enquanto instituição, mas de repensá-la para que ela possa atender melhor as demandas das gerações atuais, incorporando tecnologias, metodologias inovadoras e práticas que dialoguem com o universo digital e as vivências dos (as) estudantes.

Recentemente e, particularmente, durante a pandemia de Covid-19 e o período pós-pandêmico, as escolas têm passado por diversas mudanças, estruturais e pedagógicas, incorporando tecnologias de informação e comunicação no processo de ensino-aprendizagem. Esse movimento tem gerado uma série de estudos e produções acadêmicas, revelando questões provocativas e novas oportunidades para o campo educacional.

A escola, ao assumir seu papel como espaço democrático, torna-se um ambiente privilegiado para o desenvolvimento integral dos indivíduos. Para responder às novas demandas sociais, é essencial promover uma articulação entre

o conhecimento sistêmico e global, e um caminho eficaz para isso é a interdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade possibilita a integração de saberes e o desenvolvimento de ações que utilizam diversas linguagens, abordando tanto aspectos cognitivos quanto sócioemocionais dos(as) estudantes. A Filosofia, por sua natureza reflexiva e questionadora, é uma aliada poderosa nesse processo, pois fornece ferramentas conceituais e metodológicas necessárias para dialogar com outras disciplinas e promover análises.

A Filosofia, ao estimular o pensamento crítico e reflexivo, desempenha um papel essencial na transformação educacional, capacitando os(as) estudantes a enfrentar a complexidade do mundo contemporâneo de forma consciente. Complementando-se a outras áreas do conhecimento, como Ciências, História e Sociologia, ela enriquece o aprendizado ao fomentar questionamentos e fortalecer a autonomia intelectual.

Nessa perspectiva, é necessário compreender a realidade concreta a qual os sujeitos estão inseridos, a partir daí, propor intervenções, de maneira a contribuir de forma significativa na aplicação de conceitos teóricos nas experiências diárias. Nesse sentido, dialogamos com Paulo Freire:

Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias (FREIRE, 1983, p. 30).

Freire destaca a importância de o homem compreender sua própria realidade. Isso implica uma reflexão crítica sobre as condições sociais, econômicas e culturais que o cercam. Ressalta a importância da Educação como um meio de capacitar as pessoas a compreenderem, questionarem e transformarem suas realidades, e assim contribuir para a construção de um mundo mais justo e humano.

Essa perspectiva ganha ainda mais importância na era digital em que vivemos, caracterizada por uma cultura digital em que a informação se propaga de maneira rápida e abrangente. Neste contexto, a cultura juvenil se desenvolve imersa em uma cultura digital dinâmica, onde as interações, a formação de identidade e o acesso ao conhecimento são continuamente moldados pela rapidez das dinâmicas digitais e pela ampla difusão de dados e conteúdos, o que torna o

ciberespaço um campo vital de estudo e análise.

A cultura digital é um fenômeno decorrente do desenvolvimento da tecnologia digital e expansão da internet⁴, considerada por Pierre Lévy o “novo dilúvio”, um novo recomeço social provocado pelos avanços tecnológicos:

a cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer (LÉVY, 1999, p. 15).

Com a expansão acelerada da internet e o crescente acesso ao ciberespaço, as interações virtuais passaram a fazer parte essencial da vida cotidiana global, fatores que redefiniram a forma como aprendemos e nos conectamos. A transição do analógico para o digital trouxe um universo de oportunidades, ao permitir acesso ilimitado a informações e experiências antes inimagináveis, e incorporar as tecnologias digitais ao processo educativo. No entanto, esse ambiente digital também traz riscos, como a propagação de notícias falsas, o abuso nas redes sociais e a constante ameaça à privacidade, desafiando-nos a navegar com discernimento e responsabilidade nesse novo mundo.

No contexto educacional, as tecnologias digitais, como a internet e as redes sociais, têm transformado significativamente as metodologias utilizadas por professores(as) e a maneira como os(as) estudantes se comunicam, interagem e colaboram no aprendizado. Essas ferramentas ampliam o acesso a uma ampla variedade de informações e debates em tempo real, promovendo maior engajamento e participação. No entanto, também, trazem o risco de incentivar abordagens mais superficiais e menos aprofundadas ao pensamento filosófico.

Essa facilidade de acesso pode levar à disseminação de ideias pouco aprofundadas, contribui para uma precarização do conhecimento e um entendimento fragmentado dos temas. Como alerta Francisco Rüdiger (2002), a superficialidade e a fragmentação que muitas vezes caracterizam as interações digitais podem comprometer a profundidade necessária para a reflexão filosófica.

No contexto da precarização do conhecimento, resultante do mundo

⁴ INTERNET. *In*. Dicionário Online de Português: deriva do inglês internet, como forma reduzida de internetwork, significa rede de computadores que, pela troca virtual de dados e mensagens, une esses computadores particulares, organizações de pesquisa, institutos de cultura, institutos militares, bibliotecas, corporações de todos os tamanhos; rede mundial de computadores. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/internet/>>. Acessado em: 20/01/2024.

digitalizado, entre outros motivos, Guy Standing afirma que:

Há um afastamento de uma sociedade formada por indivíduos com distintas combinações de conhecimento, experiência e aprendizagem para uma sociedade na qual a maioria das pessoas tem pontos de vista socialmente construídos, rapidamente adquiridos, que são superficiais e desviados para a aprovação do grupo e não para a originalidade e a criatividade (STANDING, 2013, p. 40).

Essa citação destaca a transformação na qualidade do conhecimento e nas interações sociais em um mundo digitalizado. Standing sugere que, ao invés de promover uma diversidade de conhecimentos profundos e experiências, a era digital tende a favorecer a formação de opiniões rápidas e superficiais, moldadas pela busca de aprovação social ao invés de um pensamento crítico e criativo.

Esse fenômeno pode ser observado no ambiente escolar, onde o Ensino de Filosofia enfrenta o desafio de engajar os(as) estudantes em discussões densas e rigorosas, combatendo a tendência de superficialidade promovida pelas redes sociais. Ao fazer isso, o Ensino de Filosofia pode ajudar os(as) estudantes a desenvolver uma resistência ao pensamento superficial e a cultivar um espírito de investigação que se estenda além das tendências digitais e das modas intelectuais passageiras. É preciso criar um espaço onde o pensamento criativo e a crítica informada possam florescer e resistir às pressões do ciberespaço, que muitas vezes limitam o pensamento à conformidade social e ao consenso superficial.

Ancorado em doze anos de experiência docente da pesquisadora e em uma análise detalhada de produções acadêmicas já existentes sobre o tema, este estudo se propõe a investigar as conexões entre o Ensino de Filosofia e as vivências digitais, trazendo à tona as perspectivas de estudantes do Ensino Médio de uma escola pública estadual da Bahia.

A caracterização do cenário apresentado até aqui, nos leva a refletir sobre os atuais processos de aprendizagem, visto que, aprender a pensar digitalmente⁵ e desenvolver competências digitais em estudantes e professores tornou-se fator essencial para o desenvolvimento integral das gerações atuais. Segundo Lima (2000), o pensamento digital consiste em micro ideias independentes, sem necessariamente se conectarem a outras no mesmo campo. Essa visão destaca a

⁵ Segundo Lima (2000), o pensamento digital se caracteriza por micro ideias encapsuladas como unidades independentes de pensamento que não têm, necessariamente, nenhum tipo de relação com outras ideias presentes no mesmo campo de ação.

importância de adaptar o aprendizado às competências digitais, especialmente, no Ensino de Filosofia, que tradicionalmente valoriza conexões lógicas. Incorporar essa abordagem ao ensino pode preparar estudantes e professores para lidar criticamente com o excesso de informações da era hiperconectada, atendendo às demandas do século XXI.

Dado o escopo e a especificidade temática deste estudo, os sujeitos protagonistas são os(as) estudantes do 2º Ano do Ensino Médio da rede pública de Ensino do Colégio Estadual Antônio Geraldo, pertencente ao território de identidade da Bacia do Rio Grande no município de Barreiras, Bahia, que se constitui como locus desta investigação. O objetivo é analisar conexões entre as vivências no ciberespaço de estudantes do Ensino Médio e o Ensino de Filosofia, a partir de problematizações de conceitos filosóficos.

Com o intuito de responder à questão principal, serão abordados os seguintes objetivos específicos: (i) Investigar como o Ensino de Filosofia pode contribuir para a compreensão das vivências de estudantes no ciberespaço; (ii) Problematizar vivências de estudantes no Ciberespaço, a partir da conexão com conceitos filosóficos; (iii) Identificar na prática docente possíveis conexões entre os conceitos filosóficos e o ciberespaço, na perspectiva de estudantes.

O levantamento dos dados ocorreu por meio de abordagem qualitativa, de caráter exploratório. O tratamento dos dados se deu pela análise documental, em duas partes: (i) da análise narrativa descritiva, a partir da observação em sala de aula e desenvolvimento de atividades programadas, e (ii) estatística, a partir da aplicação de questionário, o qual foi composto por questões objetivas e subjetivas. Os documentos foram produzidos pela autora e desenvolvidos pelos (as) estudantes, mediante aplicação de sequências didáticas que exploraram a conexão entre conceitos filosóficos e as vivências estudantis no ciberespaço. As atividades programadas foram direcionadas especificamente para abordar a temática, o que contribuiu para o levantamento de dados.

Em consonância com os objetivos geral e específicos, a investigação se caracteriza pelo interesse em observar nos(as) estudantes, a relação entre o Ensino de Filosofia e a aplicação dos conceitos filosóficos nas vivências estudantis no ciberespaço. Com esse propósito, o foco se deu na análise dos comportamentos, habilidades, uso, significados atribuídos e atitudes durante o desenvolvimento das

atividades propostas, além de identificar as possíveis dificuldades e oportunidades que surgiram ao longo do processo.

À medida que as questões levantadas foram maturadas, a investigação foi organizada em 03 seções, mais a introdução, considerações finais, referência e apêndices, que exploram e esclarecem a temática. A Seção 1, intitulada “Filosofia e ciberespaço: uma imersão as fronteiras digitais do pensamento”, contextualiza teoricamente o ciberespaço como um novo espaço de atuação para a Filosofia, e também como ponto de partida para a problematização de conceitos filosóficos entre os(as) estudantes.

Esta seção divide-se em três subseções que discutem sobre: a contribuição teórica e prática do Ensino de Filosofia para a compreensão das vivências estudantis no ciberespaço; a interseção entre a cultura digital e a cultura juvenil, tendo o ciberespaço como um território inovador de estudo para a Filosofia, e os desafios e oportunidades quanto à prática docente, a partir da conexão entre conceitos filosóficos e o ciberespaço. Está ultima subseção apresenta um relato acadêmico pessoal sobre minhas experiências como docente de Filosofia ao longo de mais de uma década, expondo como a inserção das tecnologias digitais na escola, a pandemia de Covid-19 e a Implementação do Novo Ensino Médio, impactaram os processos de ensino e aprendizagem nesse período.

A Seção 2, intitulada “Navegando pelo Método: Investigação Filosófica das Vivências no Ciberespaço”, detalha os aspectos metodológicos da pesquisa, o que inclui a apresentação do lócus e dos sujeitos da pesquisa. Em seguida, abordo os caminhos no processo de construção do conhecimento, enfatizando o tipo de pesquisa, as ferramentas de produção de dados e os métodos de análise destes dados. A seção ainda discute os critérios de inclusão e exclusão dos participantes e os riscos e benefícios envolvidos na execução da investigação.

Intitulada “Decifrando Dados: Uma Análise Filosófica das Vivências Estudantis no Ciberespaço”, a Seção 3 aprofunda a análise dos dados encontrados, ao interpretar as experiências digitais estudantis no ciberespaço sob uma perspectiva filosófica. Ela é composta por três subseções. A primeira subseção, “A Ética Digital: Reflexões sobre a convergência entre o mundo real e o virtual nas vivências estudantis no ciberespaço”, investiga as implicações éticas dessa interseção e como ela molda o comportamento dos(as) estudantes.

Na subseção seguinte, “A Estética da Identidade Digital: desvelando o ser e

o parecer nas vivências estudantis no ciberespaço”, o foco está nas representações de identidade no ambiente digital, e explora a relação entre o ser autêntico e as aparências no ciberespaço. A última subseção, “Visões Estudantis: reflexões sobre a integração entre temas filosóficos e a prática docente no ciberespaço”, apresenta as percepções dos estudantes sobre como os conceitos filosóficos apresentados na sala de aula se relacionam com suas práticas no ambiente virtual, e oferece uma síntese das interações entre a teoria e a relevância na prática.

Nas considerações finais, são apresentados os principais achados e reflexões, e se evidencia as novas fronteiras filosóficas abertas pelo ciberespaço e sua relevância tanto para o Ensino de Filosofia, quanto para a sociedade como um todo. Também discute-se as implicações práticas dos resultados para a Educação e sugestões para pesquisas futuras.

A fundamentação teórica inclui contribuições de autores como Pierre Lévy, Silvio Gallo, Manuel Castells, Paula Sibilia, Elisete M. Tomazetti, Platão, Zygmunt Bauman, Stuart Hall, Immanuel Kant, John Rawls, Hellen Nissenbaum, Matins, Deleuze, e Sodré. Esta escolha se alinha com a caracterização da Linha de Pesquisa 02: Ensino, Memória e Identidade, do Programa de Pós-Gradua o em Ensino - PPGE da Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB, a qual faço parte, conforme detalhado no site do PPG.

As reflexões aqui propostas retratam preocupa es comuns a muitos(as) educadores(as) brasileiros(as) e se alinham ao desejo de inovar metodologias e práticas pedagógicas. Com um olhar filosófico para a complexa intera o entre o Ensino de Filosofia e as experiências estudantis no ciberespaço, esta investiga o busca não apenas desvendar novas perspectivas, bem como oferecer caminhos para um ensino mais relevante e conectado   realidade digital contemporânea. Ao aprofundar o entendimento dessa rela o, este trabalho pretende enriquecer a forma o dos(as) estudantes e abrir caminhos para uma compreensão mais ampla e integrada do papel da Filosofia na era digital.

1 FILOSOFIA E CIBERESPAÇO: UMA IMERSÃO AS FRONTEIRAS DIGITAIS DO PENSAMENTO

Ao longo do tempo, por meio da Filosofia, o ser humano busca por um entendimento mais profundo do mundo que o cerca, ao explorar seus limites, possibilidades e o sentido de suas experiências, tanto no tocante ao desenvolvimento histórico, quanto nas transformações sociais. Desde os primórdios, a curiosidade derivada da condição humana tem sido a força motriz na busca por explicações para o cotidiano, o que levou à formulação de teorias, conceitos e questionamentos que atravessam épocas e contextos culturais.

No entanto, a chegada da era digital trouxe novos desafios e oportunidades na busca por compreensão, ao colocar o ciberespaço como um território de investigação inédito, ampliando as fronteiras do pensamento filosófico, onde as interações e as percepções humanas são profundamente remodeladas.

O surgimento da Filosofia tem sido objeto de estudo e debate ao longo dos séculos, com diferentes perspectivas oriundas de múltiplas tradições culturais. O termo Filosofia¹, deriva do grego "philos", "sophia" e significa literalmente "amor à sabedoria". Área do conhecimento dedicada ao questionamento fundamental sobre a natureza da realidade, o conhecimento, a moralidade e a existência. Nessa direção, o desenvolvimento humano tem sido intrinsecamente entrelaçado com a evolução do mundo que o cerca. Nesse contexto, de acordo com Dervival Saviani:

O que se chama desenvolvimento histórico, é o processo através do qual o ser humano produz a sua existência no tempo. Agindo sobre a natureza, ou seja, trabalhando, o homem vai construindo o mundo histórico. Vai construindo o mundo humano! E a educação tem sua origem nesse processo (SAVIANI, 2013, p. 81).

Nessa conjuntura, é crucial considerar como diferentes tradições culturais grega, africana, chinesa e indiana, compreendem o surgimento e o desenvolvimento da Filosofia, cada qual com suas concepções sobre o papel do pensamento humano na interpretação do mundo. Essas tradições oferecem perspectivas únicas, ao refletir como a Filosofia emergiu de condições históricas e

¹ ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Edição Revista e ampliada. 1º Ed. Martins Fontes. São Paulo, 2007, p. 442.

culturais específicas, evidenciando que o desejo de entender a realidade é universal, embora expresso de formas variadas.

O ciberespaço, como território que transcende barreiras físicas, une essas concepções geograficamente distantes em um espaço comum de reflexão, onde diferentes tradições filosóficas podem dialogar, complementando-se para enfrentar os desafios éticos e sociais do mundo digital, fator fundamental para enriquecer o diálogo com a temática abordada nesta dissertação.

A visão tradicionalmente eurocêntrica sobre o surgimento da Filosofia, localiza suas origens na Grécia Antiga, por volta do século VI a.C. Na obra "Introdução à Metafísica" (1966), Heidegger explora a origem da Filosofia ocidental na Grécia Antiga e enfatiza a transição do pensamento mítico para o pensamento racional. Ele discute o surgimento da Filosofia como uma questão fundamental sobre o ser.

Na perspectiva grega sobre o surgimento da Filosofia, Pitágoras foi o responsável por cunhar o termo "Filosofia", enquanto Tales de Mileto é frequentemente reconhecido como o primeiro filósofo por buscar explicações racionais para a realidade, rompendo com as narrativas míticas. Ambos são considerados precursores de uma forma de pensamento baseada na razão e na observação para compreender o mundo. Posteriormente, no século IV a.C., Aristóteles consolidou essa abordagem ao definir a Filosofia como a busca pelo conhecimento das causas e princípios fundamentais que regem a existência.

A concepção africana sobre o surgimento da Filosofia desafia a exclusividade da tradição grega como berço do pensamento filosófico. Em "Sage Philosophy: Indigenous Thinkers and Modern Debate on African Philosophy" (1990), Henry Odera Orika discute a "filosofia dos sábios", que foca em pensadores tradicionais africanos que contribuíram para o pensamento filosófico sem terem sido formalmente treinados em instituições ocidentais. Ele argumenta que a Filosofia africana tem raízes profundas nas tradições orais e na sabedoria prática dos anciãos africanos.

A tradição filosófica oriental, especialmente na Índia e na China, também desenvolveu suas próprias correntes de pensamento filosófico de maneira independente e contemporânea à Filosofia grega. Na Índia, o pensamento filosófico remonta aos Vedas (c. 1500 a.C.) e aos Upanishads (c. 800 a.C.), que exploram questões sobre a natureza do ser, a consciência, e a relação entre o

indivíduo e o universo. Radhakrishnan Sarvepalli, em "Indian Philosophy" (1923-1927), apresenta uma análise detalhada do desenvolvimento da Filosofia indiana, as quais incluem as escolas de pensamento hindu, budista e jainista. Ele discute como a Filosofia na Índia se desenvolveu a partir de uma base religiosa e espiritual, mas também abordou questões metafísicas, epistemológicas e éticas.

Na China, Confúcio (551-479 a.C.) e Laozi (c. século VI a.C.) estabeleceram sistemas filosóficos baseados na ética, na harmonia social, e no Tao (o Caminho), que se tornaram centrais para a cultura chinesa. Fung Yu-Lan, em "A Short History of Chinese Philosophy" (1948), oferece uma visão abrangente do desenvolvimento da Filosofia na China, desde o confucionismo e taoísmo até o budismo e outras escolas de pensamento. Ele explora como a Filosofia chinesa desenvolveu suas próprias tradições únicas, distintas da filosofia ocidental.

Cada tradição filosófica traz contribuições singulares que ajudam a compreender e lidar com as complexidades do mundo digital. A abordagem grega, com seu foco no pensamento crítico, capacita estudantes a avaliar de forma reflexiva a vasta quantidade de informações digitais. A visão africana, com sua ênfase na ética e na coletividade, auxilia na construção de interações sociais mais conscientes e responsáveis no ambiente virtual. Por sua vez, as tradições chinesa e indiana, ao valorizar harmonia, equilíbrio e autoconhecimento, oferecem ferramentas para enfrentar os desafios da superficialidade e dispersão no ciberespaço.

Integrar essas perspectivas ao ensino filosófico prepara os(as) estudantes para questionar, reinterpretar e construir conhecimento de forma ética e reflexiva em um ambiente digital que exige tantas habilidades analíticas quanto comportamentais. Essa convergência demonstra como o ciberespaço não conecta apenas pessoas, como também perspectivas culturais e filosóficas, ampliando as possibilidades de compreensão e aplicação do conhecimento filosófico.

O termo ciberespaço, amplamente utilizado na atualidade, possui uma origem etimológica composta por duas partes: "ciber" e "espaço". "Ciber" deriva do grego antigo *kybernetes* (κυβερνήτης), que significa "piloto" ou "timoneiro". No século XX, o matemático Norbert Wiener adaptou esse conceito ao criar o termo cibernético, que se refere ao estudo do controle e da comunicação em máquinas e seres vivos. Com isso, a raiz "ciber" passou a ser associada à tecnologia e ao controle de sistemas digitais. Já o termo "espaço" vem do latim *spatium*, que

significa "extensão", "área" ou "distância". Na antiguidade, Platão ao empregar essa noção, a ampliou para designar não apenas o ato de dirigir uma embarcação, assim como a "arte de governar", ou seja, conduzir o destino dos homens em sociedade. Esse conceito, mais tarde, influenciaria a própria origem da palavra "governo".

A cibernética, inicialmente relegada ao esquecimento, foi resgatada por Wiener na década de 1940, elevando a "arte de governar" de Platão ao status de teoria científica. Segundo Wiener, a cibernética, também chamada de Teoria Geral dos Sistemas, "é o domínio todo da teoria da comunicação e do controle, seja na máquina ou no animal" (BENNATON, 1992, p. 114). Atualmente, a cibernética se aplica tanto ao controle de máquinas quanto ao governo de sistemas sociais maiores, como cidades, países e até continentes. Contudo, etimologicamente os termos, governar, controlar e pilotar juntos a ideia de direção, pressupõem uma relação de poder mútuo em que cada parte influencia e é influenciada por outra.

O termo ciberespaço, do original em inglês, "cyberspace", foi introduzido como um neologismo, em 1982, pelo escritor William Gibson, em seu romance de ficção científica *Neuromancer*. Apesar de parecer recente, o conceito de ciberespaço é tão antigo quanto à humanidade. Desde a pré-história, quando nossos ancestrais se reuniram ao redor da fogueira para contar histórias de caça, o ser humano já criava espaços imaginários que conectavam narrativas e ideias, transportando os ouvintes para mundos de lutas e sonhos.

Segundo Da Silva (2014, p. 1), "o ciberespaço é um espaço abstrato, que se constrói sobre um suporte físico, produto de nossa cultura". A afirmação de Da Silva, aponta o ciberespaço como um ambiente central para a construção de significados, no qual o abstrato e o físico, revelam sua complexidade por características sociotécnicas. Essa perspectiva se alinha com a desenvolvida ao longo desta dissertação, pois evidencia que o ciberespaço não é apenas um espaço de interação superficial, mas um território complexo onde conceitos, ideias e identidades são constantemente formados e reformados.

Toda a cultura humana pode ser entendida como baseada em "ciberespaços de dados", composta por religiões, mitos, lendas, filosofias, ciências e artes. Esses sistemas, abstratos e invisíveis, funcionam como estruturas dinâmicas de autoridade e poder que persuadem e convencem conforme nosso grau de interatividade com eles. Assim, o ciberespaço moderno,

conforme descrito por Gibson (2016), não é apenas um espaço tecnológico, mas a continuação de uma longa tradição humana de criar sistemas de comunicação e interação que transcendem o tempo e o espaço físico.

As diferentes percepções sobre o surgimento da Filosofia e a origem etimológica do termo ciberespaço convergem na busca humana por compreensão e interação com o mundo. A Filosofia, com suas múltiplas tradições, reflete a diversidade de abordagens sobre o conhecimento, a ética e a existência, ao passo que o ciberespaço, com raízes etimológicas no controle e condução, representa um território virtual onde essas perspectivas podem ser encontradas e dialogadas. Ambos mantêm a essência de transcender limites, seja por meio da reflexão filosófica ou da conexão digital, promovendo a comunicação de ideias e o avanço do conhecimento coletivo em um ambiente globalizado e interativo.

Sobre a comunicação no ciberespaço, Pierre Lévy (2001) afirma que o modelo de comunicação emissor-receptor foi substituído, dado que nos ambientes virtuais todos são emissores e receptores ao mesmo tempo. Essa mudança paradigmática destaca a natureza dinâmica e participativa da comunicação online, onde cada indivíduo desempenha papéis simultâneos, e contribui para um fluxo contínuo de intercâmbio de ideias e informações.

No ciberespaço, em troca, cada um é potencialmente emissor e receptor num espaço qualitativamente diferenciado, não fixo, disposto pelos participantes, explorável. Aqui, não é principalmente por seu nome, sua posição geográfica ou social que as pessoas se encontram. Mas segundo centros de interesse, numa paisagem comum do sentido ou do saber (LÉVY, 2001, p. 113).

Assim, de acordo com Lévy (2001), a comunicação é bidirecional, dinâmica e descentralizada no ciberespaço, com indivíduos atuando simultaneamente como emissores e receptores, em contraste com os meios tradicionais, onde esses papéis eram fixos. Essa transformação redefiniu as formas de conexão, interação e troca de informações.

A evolução tecnológica, curiosamente, nos reconecta a formas primitivas de expressão, como símbolos, desenhos e imagens, representadas hoje por emojis, memes e gifs. Essas formas de comunicação visual, rápidas e imediatas, substituem, em grande parte, a profundidade da escrita e da argumentação, priorizando a síntese no diálogo digital contemporâneo.

No entanto, essa transformação deve ser compreendida dentro de um

contexto maior. Para Castells (2005), a comunicação em rede transcende fronteiras e reflete a lógica da sociedade conectada globalmente. Essa dinâmica possibilita que novas formas de interação digital, baseadas em redes, se espalhem pelo mundo, impulsionadas pelas conexões globais de capital, bens, serviços, informação, ciência e tecnologia, ampliando seu alcance e impacto (CASTELLS, 2005, p. 18).

A comunicação em rede transcende fronteiras, a sociedade em rede é global, é baseada em redes globais. Então, a sua lógica chega a países de todo o planeta e difunde-se através do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia (CASTELLS, 2005, p. 18).

Assim, mesmo com o retorno à utilização em massa de símbolos e desenhos nas interações digitais, a comunicação em rede redefine não apenas formas de expressão, bem como estruturas de poder e de acesso ao conhecimento em um mundo cada vez mais interconectado.

As visões de Lévy e Castells sobre a comunicação no ciberespaço, embora abordem aspectos diferentes, são complementares. Lévy se concentra na transformação de papéis dentro das interações online, destacando a natureza descentralizada e participativa da comunicação digital. Já Castells amplia essa discussão para o nível macro, explorando como essas interações se organizam em redes globais que transcendem fronteiras e moldam a sociedade contemporânea.

Lévy vê o ciberespaço como um espaço onde os indivíduos podem se conectar e interagir com base em interesses comuns. Por sua vez, Castells explora as implicações dessas conexões em uma escala global, mostrando como elas influenciam as estruturas de poder e a economia global. Juntos, Lévy e Castells oferecem uma compreensão holística da comunicação no ciberespaço, onde o micro (interações individuais) e o macro (sociedade global) estão interligados, o que reflete a complexidade e a profundidade das transformações trazidas pela era digital.

Esse cenário digital dinâmico e interconectado sublinha a necessidade de uma formação educacional que prepare os(as) estudantes para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. A inclusão da Filosofia no currículo escolar brasileiro, reforçada pela LDB de 1996 e pela BNCC de 2017, reflete justamente

essa necessidade. No entanto, a diminuição da carga horária semanal², com o Novo Ensino Médio, de 2 (duas) para 1 (uma) hora aula, dificulta a formação adequada dos(as) estudantes. Essa redução compromete o potencial da Filosofia e a sua valorização como um componente essencial na formação integral.

Assim, tanto as teorias de Lévy e Castells, quanto a inserção da Filosofia no ensino formal convergem para a promoção de uma educação que capacite os(as) jovens a pensar criticamente sobre suas experiências digitais e a participar de forma consciente e ética na sociedade em rede. Elementos essenciais para navegar nas complexidades do ciberespaço e compreender as transformações que emergem das novas formas de comunicação digital.

A Filosofia, ao promover o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, contribui para que os(as) jovens não apenas consumam conteúdo digital de forma consciente, como também participem ativamente da construção de um ciberespaço mais ético e informado. Na BNCC, a Competência Geral 5, que trata do "uso de diferentes linguagens: verbal, corporal, visual, sonora e digital, para expressar e compartilhar ideias", (BRASIL, 2018, p.9) estabelece uma ponte direta entre a disciplina de Filosofia e o vasto mundo do ciberespaço. Tornando-se um recurso essencial para navegar no complexo mar de informações e interações digitais que caracterizaram o século XXI.

Com a implementação do Novo Ensino Médio, o componente curricular de Filosofia passou por reformulações que impactaram sua inserção no contexto educacional, especialmente no Estado da Bahia. O Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB) orienta a prática pedagógica a partir de uma perspectiva crítica e contextualizada, que considera as especificidades regionais e as novas demandas do século XXI. No contexto do ciberespaço, o DCRB destaca a necessidade de formar cidadãos capazes de lidar com as complexidades do mundo digital, utilizando o conhecimento filosófico como ferramenta para a reflexão ética e a construção de uma cidadania consciente e ativa (Bahia, 2021, p. 47).

A integração da Filosofia com o ciberespaço pode contribuir para a

² A autora desta investigação está atenta às discussões e aos movimentos promovidos por universidades e organizações educacionais que se posicionam contra a diminuição da carga horária semanal da disciplina de Filosofia no currículo escolar brasileiro e defendem o retorno às duas horas semanais, argumentando que essa restauração é essencial para garantir o aprofundamento necessário das reflexões críticas e dos debates filosóficos.

revitalização e democratização do ensino, ao possibilitar o uso do ambiente digital como suporte pedagógico para explorar questões filosóficas relacionadas às vivências dos(as) estudantes. Essa abordagem tem o potencial de favorecer a investigação de temas como ética online, privacidade, identidades digitais e a influência da tecnologia, incentivando reflexões críticas sobre as práticas digitais e os valores que orientam as interações no ciberespaço.

Como um espaço dinâmico e paradoxal, o ciberespaço pode expandir as fronteiras do pensamento filosófico, ao abrir novas possibilidades para o desenvolvimento intelectual e crítico dos(as) estudantes. Ao transportar a Filosofia para esse contexto digital, há a oportunidade não apenas de adaptar ferramentas modernas, mas também de reinventar práticas pedagógicas, tornando o aprendizado mais dinâmico e preparando os(as) alunos para os desafios do futuro. Dessa forma, a Filosofia pode continuar a exercer um papel fundamental na compreensão e no questionamento do mundo, tanto no ambiente físico quanto no digital.

Portanto, a expansão das fronteiras digitais do pensamento, facilitada pela integração da Filosofia no ciberespaço, representa uma evolução necessária e promissora na educação contemporânea. Ela não apenas prepara uma geração de pensadores críticos no mundo físico, como também cidadãos digitais responsáveis, capazes de enfrentar os desafios éticos e sociais que surgem no horizonte tecnológico, comprometidos com a busca pelo conhecimento e pela verdade, seja no universo tangível ou nos vastos espaços digitais.

A partir dessa perspectiva, esta seção busca não apenas contextualizar teoricamente o ciberespaço como um novo espaço de atuação para a Filosofia, como também discutir como ele pode servir como ponto de partida para a problematização e o aprofundamento de conceitos filosóficos entre os(as) estudantes do Ensino Médio.

1.1 O CIBERESPAÇO EM FOCO: A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA PARA A COMPREENSÃO DAS VIVÊNCIAS DIGITAIS ESTUDANTIS

No vasto e intrigante oceano do ciberespaço, onde o mundo físico se funde ao digital, surge uma nova gama de experiências humanas, especialmente para os(as) estudantes que navegam por ambientes digitais todos os dias. As salas de

aula não mais se limitam às quatro paredes da escola. Elas se expandem para além das fronteiras físicas, incorporando novas plataformas e tecnologias que ampliam as possibilidades de aprendizagem e interação.

No cenário híbrido da educação, onde o aprendizado pode ocorrer a qualquer momento e lugar através de ferramentas digitais, surgem tantas oportunidades quanto desafios. Além de recursos tecnológicos, é crucial a formação contínua dos(as) professores(as) para integrar essas novas realidades ao ensino de forma crítica e significativa, orientando os(as) estudantes na compreensão de conceitos complexos e estimulando a reflexão e a análise crítica sobre a natureza das interações digitais.

É nesse cenário que a Filosofia se torna uma bússola indispensável para os(as) estudantes. Ela não apenas os(as) orienta na compreensão de conceitos complexos e abstratos, como os(as) ajuda a questionar e refletir sobre a própria natureza das interações digitais estimulando a capacidade de análise.

Por exemplo, desde os tempos antigos, filósofos como Platão e Aristóteles se dedicaram a entender a natureza da realidade e da existência. Platão, com sua teoria das Ideias, nos faz questionar a diferença entre o mundo sensível e o mundo inteligível, uma reflexão que encontra ressonância no mundo digital ao nos perguntar o que é real e o que é falso. Já Aristóteles, com sua abordagem mais empírica, enfatizou a observação e a categorização da realidade, princípios que hoje podem ser aplicados para analisar o comportamento e a ética das interações online.

Na Idade Média, Santo Agostinho, por exemplo, questionou a natureza do tempo e da memória, conceitos que podem ser repensados na era digital, onde a memória humana é, muitas vezes, complementada ou substituída pela memória digital. Tomás de Aquino, por sua vez, discutiu a moralidade e a lei natural, e abriu espaço para reflexões sobre a ética das ações humanas, reflexões que são diretamente aplicáveis às interações no ciberespaço, onde o comportamento ético muitas vezes colide com o anonimato e a desinibição online.

Com a chegada da modernidade, filósofos como René Descartes, John Locke introduziram novos métodos de análise crítica e questionamento da realidade, ao questionar a origem e os limites do conhecimento humano. Descartes, com seu célebre "*Cogito, ergo sum*" ("Penso, logo existo"), introduziu a ideia de dúvida metódica, uma ferramenta fundamental para os jovens hoje ao

navegarem por informações e notícias falsas na internet. John Locke, por sua vez, com sua teoria da tábula rasa, sugeriu que nossas experiências formam nosso entendimento, uma ideia crucial no contexto digital, onde as experiências online moldam as percepções dos(as) jovens.

Immanuel Kant, com sua ênfase na importância do dever, nos princípios universais, na autonomia e na moralidade baseada na razão, oferece um modelo para desenvolver uma ética digital, onde o imperativo categórico pode guiar o comportamento dos usuários para agirem de forma que suas ações possam se tornar uma lei universal, respeitando a dignidade de todos.

Na contemporaneidade, filósofos como Michel Foucault, Jürgen Habermas e Sherry Turkle enriquecem a tradição filosófica ao abordar os desafios do mundo digital. Foucault, ao analisar o poder e a vigilância, ajuda os(as) jovens a compreender como suas atividades online são monitoradas e controladas, promovendo uma consciência crítica sobre privacidade e uso de dados. Habermas destaca, por meio de sua teoria da ação comunicativa, a importância de um diálogo racional e aberto como modelo para uma comunicação ética nas redes sociais. Já Sherry Turkle investiga o impacto da tecnologia na identidade e nas relações humanas, estimulando os(as) jovens a refletir sobre a prevenção de suas interações e os efeitos emocionais da hiperconectividade.

Em um ambiente digital, onde o conhecimento e os dados são valiosos, a teoria da justiça de John Rawls oferece um arcabouço normativo para pensar sobre a equidade no acesso à internet e aos recursos digitais. Rawls nos desafia a imaginar como garantir uma distribuição justa desses recursos, assegurando que todos, independentemente de sua condição socioeconômica, tenham igual acesso às oportunidades oferecidas pelo ciberespaço. Isso se torna especialmente relevante quando consideramos as desigualdades digitais e a necessidade de promover uma inclusão digital que seja verdadeiramente justa.

A teoria da privacidade de Helen Nissenbaum destaca a relevância da integridade contextual na era digital, indicando que a privacidade não se limita ao controle de informações pessoais, mas envolve a adequação das normas de compartilhamento e uso de dados em contextos específicos. Essa abordagem pode levar os estudantes a avaliarem como suas informações são protegidas no ambiente online e a considerar a importância de resguardar sua privacidade em um cenário onde as fronteiras entre o público e o privado estão em constante

redefinição.

A teoria da modernidade líquida de Zygmunt Bauman fornece uma perspectiva filosófica valiosa para os(as) estudantes compreenderem a fluidez das identidades e relações no ciberespaço, marcada pela transitoriedade e constante transformação. A Filosofia incentiva os(as) jovens a refletirem sobre como essa "liquidez" afeta suas vidas digitais, molda suas identidades e influencia a qualidade de suas conexões sociais. Bauman retrata um mundo onde vínculos e identidades se tornam cada vez mais efêmeros e flexíveis, e reflete diretamente as vivências dos(as) jovens nas plataformas digitais.

Em um ciberespaço em constante transformação, a Filosofia oferece uma base sólida para que os(as) estudantes possam refletir criticamente sobre suas escolhas e construir uma presença ética digital, consciente e autêntica. No entanto, abordar essas questões no Ensino de Filosofia exige mais do que simplesmente incorporar tecnologias na sala de aula. É necessário transformá-las em objetos de análise filosófica. Essa abordagem vai além do uso instrumental das ferramentas digitais, ao explorar temas como ética, identidade e poder, capacitando os(as) estudantes a não serem apenas consumidores passivos de tecnologia, mas pensadores críticos e agentes ativos de transformação no mundo digital.

A literatura sobre Filosofia e Ciberespaço está em expansão, o que reflete um interesse crescente em compreender como as tecnologias digitais impactam o pensamento e a prática filosófica. No entanto, há necessidade de maior integração entre teoria e prática, especialmente, no contexto educacional, e um aprofundamento das discussões éticas e políticas sobre o ciberespaço. Os estudos de Lévy (1999), Castells (2002-2003), Deleuze (1980), Martins (2004) e Gallo (2019), fornecem uma base sólida para essa exploração, no entanto, é importante ressaltar que existe vários outros(as) autores(as) que discutem sobre o tema em questão.

Pierre Lévy é uma figura central nos estudos sobre o ciberespaço e suas implicações filosóficas. Em sua obra "Cibercultura" (1999), Lévy aborda o ciberespaço como um novo domínio de conhecimento e interação, onde a inteligência coletiva se torna evidente. Ele argumenta que o ciberespaço não apenas facilita um novo tipo de sociabilidade, como também inaugura um novo modelo de produção de conhecimento, no qual a informação é distribuída de

forma descentralizada e compartilhada amplamente. Além disso, discute o conceito de "virtualização", vendo-o como um processo transformador que altera as relações sociais e cognitivas, e sugere que o ciberespaço representa uma nova fronteira a ser explorada pela Filosofia.

Manuel Castells, sociólogo e teórico da informação, é outro nome importante nesse campo, conhecido por sua análise das redes digitais e seu impacto na sociedade. Em sua trilogia "A Era da Informação" (2002-2003), Castells introduz o conceito de "sociedade em rede", ressaltando como as tecnologias digitais estão remodelando as relações sociais, econômicas e culturais.

Ele vê o ciberespaço não apenas como um meio de comunicação, mas como um novo campo de poder, onde as redes digitais afetam profundamente a estrutura e o funcionamento das sociedades modernas. Castells também aponta para os desafios éticos e políticos que emergem nesse novo contexto, e exigem uma reflexão filosófica aprofundada sobre questões como privacidade, liberdade e controle.

Gilles Deleuze (1980), filósofo francês, oferece uma perspectiva mais ontológica e epistemológica sobre o ciberespaço. Em obras como "Mil Platôs" (escrita em coautoria com Félix Guattari), Deleuze desenvolve a ideia de "rizoma" como um modelo de conhecimento e organização que se alinha com a natureza não-linear do ciberespaço. Para Deleuze, o ciberespaço pode ser entendido como uma expressão do pensamento rizomático, caracterizado por conexões múltiplas, descentralizadas e em constante movimento. Ele explora ainda a noção de "virtual" não apenas como uma simulação digital, mas como uma condição ontológica que oferece potencial para transformação e multiplicidade.

O ciberespaço apresenta um ambiente rico para explorar questões filosóficas que se entrelaçam com a estética e a produção cultural. O autor Maurício Vieira Martins (2004), ao desenvolver o conceito de campo literário no contexto digital, nos convida a pensar sobre como as práticas estéticas e literárias são reconfiguradas pelas novas tecnologias e plataformas.

Para Martins (2004), o campo literário no ciberespaço não se limita apenas à produção textual tradicional, mas abrange também a criação de significados através de novas formas de narrativa, como blogs, fanfics, e até mesmo memes, onde a estética digital desempenha um papel central na construção e na

interpretação dos conteúdos.

Em sua obra "Filosofia e Ensino: questões contemporâneas", Silvio Gallo (2019) discute a respeito da inclusão de discussões como as tecnologias digitais e o Ensino de Filosofia estão influenciando a educação filosófica no Brasil. Ele enfatiza a necessidade de adaptar o Ensino de Filosofia às novas realidades digitais, utilizando mídias digitais para fomentar debates e diálogos filosóficos.

Embora o interesse em utilizar o ciberespaço como instrumento pedagógico esteja crescendo, ainda existem lacunas significativas na literatura, especialmente, na produção de teses e dissertações. Há poucos estudos empíricos que demonstram como a Filosofia pode contribuir de maneira eficaz nesse ambiente digital. Apesar disso, algumas tendências têm emergido na literatura contemporânea, ao destacar conceitos filosóficos tradicionais, como ética, identidade, liberdade e poder, aplicados ao contexto digital.

Outra tendência, alinhada com as ideias de Lévy, é o crescente interesse na inteligência coletiva e nas formas de colaboração digital. Esse enfoque reflete uma curiosidade sobre como o ciberespaço pode facilitar novas formas de pensamento colaborativo e cocriação de conhecimento. Inspirados por Deleuze, muitos estudos estão focando no ciberespaço como um novo domínio ontológico, onde a distinção entre real e virtual é revisitada e reinterpretada, explorando o potencial desse espaço para criar formas de existência e subjetividade.

A Filosofia, então, ao longo dos séculos, tem oferecido um conjunto rico de ferramentas para desenvolver uma compreensão crítica, lúcida e ética das interações humanas. Aplicada ao ciberespaço, essa tradição filosófica permite que os jovens desenvolvam um olhar crítico sobre sua presença digital, ao questionar a natureza do que consideram real, e ao mesmo tempo refletem sobre suas responsabilidades éticas ao entender os impactos de suas ações num mundo cada vez mais interconectado. Dessa forma, a Filosofia não só contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e responsáveis, como também prepara as novas gerações para enfrentar os complexos desafios éticos e existenciais do século XXI.

Então, como aplicar atualmente os conceitos filosóficos de forma atrativa e envolvente, visto que os(as) estudantes estão a cada dia mais dispersos, com dificuldade de concentração e com opiniões rasas? A resposta envolve a aplicação de abordagens criativas e adaptadas ao contexto digital e interativo em

que eles(as) se encontram. Vamos dialogar sobre alguns conceitos filosóficos e algumas sugestões de abordagens.

Na constituição de novos desenhos entre a conexão dos conceitos filosóficos e o ciberespaço, destaco as sequências didáticas criadas por mim e aplicadas aos(as) estudantes, abordando os conceitos de ética, moral e estética: a importância do dever e dos princípios universais; justiça e equidade; privacidade (privado x público); relações líquidas e superficiais; razão e percepção; estética digital e campo literário; distinção entre o atual e o virtual; teoria da comunicação e a convergência entre o real e o virtual. Volta a elas na Seção 3 desta dissertação.

Imagine uma sala de aula virtual onde Platão debate com algoritmos e Descartes questiona a natureza da realidade virtual. Aqui, os(as) estudantes não apenas aprendem sobre as grandes questões filosóficas do passado, mas também enfrentam os dilemas do presente digital: Qual é a natureza da identidade em um perfil de rede social? A ética da inteligência artificial pode ser comparada aos ideais morais clássicos? E, afinal, o que é real em um mundo onde o virtual e o físico estão cada vez mais entrelaçados?

A gamificação³ pode ser uma ferramenta poderosa para engajar os estudantes na filosofia. Ao transformar conceitos filosóficos em jogos interativos, quizzes, ou desafios online, é possível capturar o interesse dos(as) estudantes. Por exemplo, criar um jogo onde eles(as) devem resolver dilemas éticos baseados em diferentes teorias filosóficas pode incentivá-los a pensar criticamente e discutir suas escolhas. Simulações virtuais de “salas de aula de Sócrates”, onde participam de debates socráticos com avatares, podem recriar o método de diálogo de Sócrates de uma maneira moderna e interativa.

Navegar, por fóruns, redes sociais e mundos virtuais, pode tornar os conceitos filosóficos mais acessíveis e relevantes ao encontrar um novo espaço para desafiar e expandir seus pensamentos. O ciberespaço se torna um laboratório filosófico dinâmico, onde experimentos de pensamento se tornam conversas globais, e ideias são testadas em tempo real. As paredes tradicionais da sala de aula se dissolvem, o que permite uma troca de ideias sem fronteiras.

³ Conforme explicitado por Pimentel, Francisco e Ferreira (2021, p.18): A gamificação se baseia na proposta da utilização dos elementos dos jogos para engajar as pessoas e motivá-las para a ação. Ao adotar a gamificação, os professores criam estratégias lúdicas compostas por regras, objetivos e desafios, feedbacks imediatos e recompensas constantes, para fazer com que os alunos participem de modo ativo e comprometido com a aprendizagem pretendida.

A título de exemplo, documentários curtos ou vídeos animados que expliquem conceitos como o "mito da caverna" de Platão ou o "imperativo categórico" de Kant podem tornar essas ideias mais concretas. Narrativas interativas, como histórias digitais ou webséries, onde os(as) estudantes devem tomar decisões baseadas em dilemas filosóficos, também podem promover um entendimento mais profundo ao contextualizar a Filosofia em situações próximas ao cotidiano.

Trazer a Filosofia para questões contemporâneas e temas que realmente importam para os(as) estudantes é essencial. Discussões sobre ética nas redes sociais, privacidade de dados, identidade digital, e fake news são oportunidades para aplicar conceitos filosóficos de maneira contextualizada com o cotidiano.

Ao discutir a ética de compartilhamento de informações pessoais online, por exemplo, pode-se introduzir a ética deontológica de Kant, ajudando-os(as) a avaliar suas próprias práticas digitais com uma nova lente crítica. A interatividade do ciberespaço permite que eles(as) não sejam apenas consumidores de conhecimento, como também criadores de conteúdo filosófico, e contribuam para uma nova era de pensamento colaborativo.

A aprendizagem baseada em problemas (PBL, do inglês *Problem-Based Learning*), é uma metodologia de ensino centrada no(a) estudante, na qual o aprendizado ocorre por meio da resolução de problemas complexos e reais. Ao invés de começar com a transmissão de conteúdos teóricos, a PBL inicia com a apresentação de um problema que os(as) estudantes devem solucionar, pode ser aplicada à Filosofia ao introduzir dilemas morais complexos e estudos de caso que exigem uma análise filosófica. Por exemplo, casos famosos de ética em tecnologia, como os escândalos de privacidade do Facebook ou os dilemas éticos dos carros autônomos, podem ser utilizados para explorar teorias filosóficas. Dividir os estudantes em grupos para discutir e apresentar suas análises promove a colaboração e ajuda a aprofundar a compreensão de conceitos complexos de maneira prática e relevante.

A Filosofia pode ser integrada tanto de maneira interdisciplinar, como transdisciplinar com outras disciplinas, como Literatura, História, Ciências Sociais e até Ciências Naturais. Por exemplo, ao estudar a revolução digital, a Filosofia pode ajudar a entender as implicações éticas, sociais e ontológicas dessas mudanças. Ao conectá-la com temas que os(as) estudantes estão vivenciando,

cria-se um contexto mais rico e relevante, ajudando-os(as) a enxergar a Filosofia não como uma disciplina isolada, mas como um conjunto de instrumentos para compreender o mundo em que vive.

As experiências estudantis no ciberespaço revelam um terreno promissor para a exploração filosófica. Com as contribuições filosóficas as mentes curiosas são encorajadas a questionar, debater e, acima de tudo, a pensar de forma crítica sobre o mundo que está sendo moldado ao seu redor. O ciberespaço não é apenas um campo de aprendizagem e experiências, mas um novo espaço para a Filosofia, onde o pensamento humano continua a evoluir e se adaptar às complexidades do mundo digital.

1.2 CIBERESPAÇO E SOCIEDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE A INTERSEÇÃO ENTRE CULTURA DIGITAL E A CULTURA JUVENIL

O ciberespaço tornou-se um novo território social, onde a cultura digital e a cultura juvenil se entrelaçaram, ao redefinir práticas, identidades e formas de interação. Nesse contexto, compreender a interseção entre a cultura digital e a cultura juvenil é essencial para refletir sobre os impactos sociais do ciberespaço e sobre como os(as) jovens estão moldando e sendo moldados(as) por essa nova realidade.

O ambiente digital impacta significativamente o Ensino de Filosofia, trazendo desafios e oportunidades pedagógicas. Embora a cultura digital e a cultura juvenil se interseccionem, possuem distinções importantes em foco e alcance. O grande desafio é garantir que os(as) jovens não sejam apenas consumidores passivos da tecnologia, mas desenvolvam um olhar crítico e reflexivo sobre suas práticas e a influência da cultura digital na sociedade.

Na era digital, onde as tecnologias influenciam e são influenciadas pelas práticas e identidades dos indivíduos, os conceitos de era digital, cultura digital e cultura juvenil, apesar de diferentes, estão conectados. Juntos, refletem a complexidade das transformações culturais, sociais e tecnológicas que caracterizam a contemporaneidade.

O conceito de "era digital" foi amplamente discutido por Manuel Castells em sua trilogia "A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura" (2002-2003). Castells é um dos autores mais influentes nesta temática, ao explorar o impacto

das tecnologias digitais na transformação da sociedade, economia e cultura em escala global.

Na trilogia, especialmente no primeiro volume, "A Sociedade em Rede", Castells introduz a ideia de uma sociedade que é profundamente moldada pelas redes de informação e pela comunicação digital. Ele descreve como a "era da informação" ou "era digital", a qual representa uma mudança estrutural na organização da sociedade, onde as tecnologias digitais, especialmente a internet, reconfiguram as formas de interação, trabalho, poder e identidade.

Já o termo cultura digital, transcende fronteiras geográficas e sociais, ao criar uma forma de interação global e de compartilhamento de conhecimento. Caracteriza-se pela interatividade, pela produção e consumo de conteúdo multimídia, pela comunicação em tempo real e pela participação ativa dos indivíduos nas redes sociais e em outras plataformas digitais.

Por sua vez, para Pierre Lévy, a cultura digital é profundamente marcada pela noção de "inteligência coletiva". Em sua obra "Cibercultura" (1999), Lévy define a cultura digital como um conjunto de práticas e modos de interação que emergem do uso das tecnologias digitais e da internet. Ele argumenta que essas tecnologias criam formas de conhecimento coletivo e de interação social, que permite aos(as) indivíduos compartilharem conhecimento que é continuamente atualizado e enriquecido.

A cultura digital, para Lévy, é caracterizada por sua natureza colaborativa, participativa e aberta, onde a comunicação é horizontal e o conhecimento é democratizado. Ele vê o ciberespaço como um ambiente de ampliação das capacidades humanas, onde a interatividade e a conectividade global transformam as relações sociais e culturais.

Em sua obra "Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano", Lúcia Santaella (2003, p. 15) destaca a chamada cultura digital ou cibercultura, caracterizada como a cultura do acesso, na qual a interação "um com todos, todos com um" é a característica marcante. Dessa forma, a cibercultura possibilita que se entre em contato com diversas informações no âmbito da política, do meio ambiente, do entretenimento etc. Ela transforma a maneira como nos envolvemos com temas diversos ao proporcionar acesso imediato e interativo a uma variedade de informações, democratizando o conhecimento ao ampliar as oportunidades de aprendizado e participação cívica. Santaella diz que:

Hoje vivemos uma verdadeira forma de confraternização geral de todas as formas de comunicação e de cultura, em um caldeamento denso e híbrido: a comunicação oral que ainda persiste com força, a escrita, no design, por exemplo, a cultura de massas que também tem seus pontos positivos, a cultura das mídias, que é uma cultura do disponível, e a cibercultura, a cultura do acesso. Mas é a convergência das mídias, na coexistência com a cultura de massas e a cultura das mídias, estas últimas em plena atividade, que tem sido responsável pelo nível de exacerbação que a produção e circulação da informação atingiu nos nossos dias e que é uma das marcas registradas da cultura digital (Santaella, 2003, p. 27-28).

Para o sociólogo da comunicação, Marcos Palácios (2009), o conceito de cultura digital está relacionado à transformação das interações sociais, das práticas culturais e dos processos comunicacionais a partir da incorporação das tecnologias digitais no cotidiano. Para Palácios, a cultura digital não é apenas um conjunto de ferramentas ou plataformas tecnológicas, mas, sim, um novo paradigma cultural no qual o digital se integra à vida real de maneira irreversível.

Esse termo surgiu para fazer uma separação entre a cultura até então existente e algo que estava emergindo, que era o digital. Nos primeiros artigos sobre a cultura digital era muito comum se usar a expressão real life para se referir ao mundo das coisas sólidas, em contraposição a esse outro mundo, que seria o mundo virtual. Essa separação inicial vai perdendo sentido à medida que o digital vai se entranhando nas coisas, as tecnologias digitais vão se naturalizando na vida das pessoas. Ninguém hoje mais fala em real life. O digital virou parte do real life. Mesmo os excluídos vivem num mundo de tecnologias digitais. A pessoa passa a usar um cartão de banco para receber a sua aposentadoria rural, isso é parte da digitalização do mundo. Códigos numéricos, redes complexas são acionadas cada vez que uma operação dessa é realizada. É um digital que se transfere a todos esses equipamentos coletivos que nós utilizamos como parte do nosso dia a dia (Palácios, 2009, p. 255).

Isso reflete a naturalização da cultura digital, em que as interações mediadas por dispositivos eletrônicos, redes e códigos são incorporadas à rotina das pessoas, independentemente de seu nível de inclusão tecnológica. Mesmo aqueles que não estão conectados diretamente às redes sociais ou ao universo digital mais amplo são afetados pela digitalização dos sistemas financeiros, governamentais e institucionais. Um exemplo claro disso é a dependência de meios digitais para transações bancárias, acessos a serviços públicos e até processos burocráticos essenciais, como contribuições e benefícios sociais.

Entretanto, Manuel Castells oferece uma concepção de cultura digital que se concentra na ideia de uma "sociedade em rede". Para Castells (2003), a cultura digital é uma manifestação da nova sociedade que emerge da

interconexão global facilitada pelas tecnologias digitais e pela internet. A cultura digital representa para Castells uma transformação radical nas formas de sociabilidade e de organização social, onde as fronteiras entre o local e o global se tornam cada vez mais permeáveis e interdependentes.

Na obra “Culturas juvenis e tecnologias”, os autores Juliana Batista dos Reis e Rodrigo Edmilson de Jesus (2014), caracterizam a cultura digital pela interatividade, colaboração e conectividade global, permitindo a produção e consumo de conteúdo em tempo real. Nesse contexto, os(as) jovens utilizam as plataformas digitais como um espaço de construção de identidade, socialização e aprendizado.

Embora cada autor esteja próximo de uma cultura digital de maneira distinta, há elementos comuns em suas concepções, pois ela se configura tanto como um espaço de inovação e colaboração quanto de crítica e resistência, ao refletir as profundas transformações que as tecnologias digitais impõem à sociedade contemporânea. Nesse cenário, a Filosofia desempenha um papel essencial ao oferecer bases conceituais para compreender como a técnica influencia a construção da cultura, e questionar de que forma as tecnologias digitais moldam percepções, valores e relações sociais.

Na era da cultura digital, os processos de Ensino de Filosofia, apresentam novos desafios e oportunidades. De acordo com Gomes.

O Ensino de Filosofia na cultura digital deve proporcionar ao sujeito o desenvolvimento da capacidade de participação colaborativa, ativa, crítica e reflexiva, levando-o a interrogar-se e desacomodar-se frente aos fatos ocorridos no dia a dia. (GOMES, 2020, p. 44).

O autor destaca como a era da cultura digital reconfigura o Ensino de Filosofia, ao introduzir novos desafios e oportunidades pedagógicas. Nesta nova era, o ensino filosófico deve ir além da mera transmissão de conhecimentos teóricos e se concentrar no desenvolvimento de habilidades críticas, colaborativas e reflexivas dos(as) estudantes. Esta abordagem é fundamental para formar indivíduos que não apenas compreendam o mundo digital, mas que também sejam capazes de navegar e contribuir para ele de maneira ética e informada, promovendo uma Filosofia prática e engajada que os(as) desafiem a repensar suas próprias posições e a se desacomodar frente às complexidades e

ambiguidades do mundo contemporâneo.

A respeito dos impactos que a cultura digital trás para a sociedade, Santos (2009) levanta uma reflexão crítica sobre as profundas transformações que a cultura digital impõe ao conceito tradicional de cultura.

O impacto do digital na cultura é imenso, e as pessoas não têm muita noção do que isso significa, porque as pessoas pensam que a cultura pode ser a mesma no mundo digital, ou que a cultura pode ser a mesma, você digitalizando a cultura, levando-a, digamos, para o mundo digital, traduzindo para o mundo digital. Na minha perspectiva, é outra história, porque não se trata só de uma digitalização da cultura, mas da criação de uma outra cultura, com outros referenciais, com uma outra cientificidade operatória (ou seja, uma outra maneira, um outro conceito de cultura) e uma outra maneira de conceber o que deve ser considerado ou não cultura e de como é que você olha as outras culturas (Santos, 2009, p. 287).

Esta nova cultura digital não é simplesmente uma extensão da cultura analógica para o mundo online, mas uma reconfiguração completa do que entendemos por cultura, alterando as formas de produção, consumo e interação cultural. A digitalização, segundo Santos (2009), cria uma realidade cultural, com uma "cientificidade operatória" distinta, redefinindo não apenas o que é considerado cultura, mas também como outras culturas são vistas e entendidas. Esta perspectiva nos desafia a reconsiderar as noções de autenticidade, valor e legitimidade cultural no contexto digital, apontando para a necessidade de novas abordagens críticas e epistemológicas que estejam à altura das complexidades dessa nova era.

Em contrapartida, a cultura juvenil sempre foi marcada por elementos de experimentação, expressão e resistência, como argumenta André Lemos (2023), em sua obra "Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea". Essa fase da vida é caracterizada pela busca de identidade, muitas vezes desafiando normas por meio da adoção de estilos próprios, música, moda e gírias distintas das gerações anteriores. Os(as) jovens formam comunidades tanto em espaços físicos, como escolas e clubes, quanto em ambientes virtuais, como redes sociais e fóruns online. Assim, a cultura juvenil se configura como um período de intensa transformação, no qual os(as) jovens reconfiguram valores sociais e culturais na construção de suas identidades.

Stuart Hall contribuiu significativamente para o entendimento da cultura juvenil através de suas análises sobre identidade, subculturas e representações culturais. Hall argumenta que a cultura juvenil não é homogênea. Ela varia conforme o

contexto social, econômico e político e é profundamente influenciada pela classe, raça, gênero e outras formas de identidade social. No livro "Culture, Media, Language: Working Papers in Cultural Studies" (1980), em coautoria com outros membros do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS) da Universidade de Birmingham, Hall discute como os(as) jovens utilizam a cultura popular para negociar e contestar suas identidades sociais.

A conexão entre era digital, cultura digital e cultura juvenil é um ciclo dinâmico, onde a era digital oferece a infraestrutura tecnológica, a cultura digital define as práticas que surgem desse contexto, e a cultura juvenil explora e redefine esses espaços. Essas relações são fundamentais para entender como as transformações tecnológicas e culturais moldam as experiências e vivências juvenis na contemporaneidade e como a juventude, por sua vez, influencia a evolução da cultura digital dentro da era digital.

Esta seção pretende aprofundar a discussão sobre as interseções entre cultura digital e juvenil, alinhando-se às perspectivas de pensadores como Manuel Castells, Pierre Lévy, Stuart Hall e David Buckingham, destacando as concordâncias e divergências sobre o impacto da tecnologia digital na sociedade contemporânea. Cada autor, com sua contribuição única, expande o debate sobre como as tecnologias digitais e a cultura contemporânea estão moldando a identidade, o comportamento e as práticas culturais dos jovens.

Ao analisamos as principais diferenças entre a cultura digital e juvenil, percebemos que a cultura digital tem um foco mais amplo, englobando todas as faixas etárias que interagem com tecnologias digitais, enquanto a cultura juvenil é direcionada especificamente para adolescentes e jovens adultos. A cultura digital é definida por elementos como tecnologia, conectividade, interatividade e comunicação global, ao passo que a cultura juvenil é caracterizada pela identidade, expressão, socialização e experimentação. Essa distinção de público-alvo é fundamental, pois, se todos(as) podem fazer parte da cultura digital, a cultura juvenil é exclusiva de um grupo etário específico.

A interseção entre cultura digital e cultura juvenil é evidente, uma vez que os(as) jovens estão na vanguarda da adoção de novas tecnologias e da construção de práticas digitais. Redes sociais como Instagram e TikTok exemplificam esses cruzamentos, funcionando como espaços onde ambas as culturas se influenciam e se transformam mutuamente. Nessas plataformas, os(as) jovens não apenas

consomem conteúdo de identidade, como também expressam suas opiniões, formam comunidades e criam formas de expressão cultural. Dessa forma, a cultura digital tornou-se uma dimensão essencial da experiência juvenil contemporânea, que redefiniu suas interações e vivências. Nesse cenário, o Ensino de Filosofia assume um papel fundamental ao auxiliar os(as) jovens na compreensão crítica dessas novas dinâmicas, promovendo reflexões sobre identidade, ética e interação social no ambiente digital.

No cenário digital contemporâneo, no qual as culturas digital e juvenil se encontram e se entrelaçam, o pensamento de autores de proa como Manuel Castells, Pierre Lévy, Stuart Hall e David Buckingham revela-se fundamental para entender as profundas transformações culturais e sociais em curso. Essas reflexões teóricas fornecem um arcabouço robusto para explorar como a juventude, imersa na cultura digital, está não apenas moldando, mas também sendo moldada por essas novas vivências virtuais.

Em sua trilogia "A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura", (2002-2003), supramencionada, Manuel Castells oferece uma visão abrangente sobre a forma como a tecnologia digital e a internet reorganizam a sociedade e a cultura em nível global. Castells argumenta que estamos vivenciando a ascensão de uma sociedade em rede, na qual as interações são mediadas por complexas redes de informação e comunicação. Dentro dessa visão, os jovens, encontram-se na linha de frente desta transformação, utilizando plataformas digitais não apenas como meios de comunicação, mas como espaços para a construção de identidade e de expressão cultural.

Em sua obra "Cibercultura", Pierre Lévy (1999) complementa a perspectiva de Castells (2002-2003) ao enfatizar a ideia de inteligência coletiva. Para Lévy (1999), a internet e as tecnologias digitais possibilitam uma forma inédita de produção de conhecimento, em que o coletivo supera as limitações do indivíduo. Ele vê o ciberespaço como um campo de possibilidades para o desenvolvimento da colaboração e do compartilhamento de saberes, promovendo uma cultura mais participativa e inclusiva.

Assim como Castells, Lévy reconhece o papel transformador da tecnologia digital, mas foca mais especificamente na capacidade das tecnologias digitais de fomentar novas formas de interação social e cultural. Para os(as) jovens, essa visão

significa uma democratização do acesso à informação e uma maior capacidade de influenciar o mundo ao seu redor através de suas próprias criações digitais.

Por seu turno, Stuart Hall (1997), um dos fundadores dos estudos culturais, aborda a cultura juvenil com ênfase na construção de identidade e no desafio às normas estabelecidas. Em "*Representation: Cultural Representation and Signifying Practices*" (1997), Hall e seus coautores exploram como a cultura e os meios de comunicação representam diferentes identidades e subculturas, ao incluir as subculturas juvenis. A obra investiga como os jovens criam significados e se expressam através da cultura popular e como essas práticas podem desafiar representações hegemônicas e criar formas de significação.

Hall (1997) enfatiza que as culturas juvenis desafiam posições sociais e discursos dominantes, utilizando o ambiente digital para redefinir identidades e questionar normas tradicionais de gênero, etnia e sexualidade. No entanto, apesar do seu potencial emancipador, as plataformas digitais também podem promover desigualdades, mantendo estruturas hegemônicas. Assim, a cultura digital se apresenta tanto como um espaço de inovação e resistência quanto como um ambiente que pode perpetuar exclusões sociais.

Outro autor com contribuições relevantes sobre a temática, David Buckingham (2008) traz uma perspectiva pedagógica importante para essa discussão, explorando como as mídias digitais influenciam o aprendizado e a formação da identidade juvenil. Em sua obra "*Youth, Identity, and Digital Media*", Buckingham examina como os jovens interagem com as novas mídias e como essas interações moldam suas práticas culturais e percepções de si mesmos.

O autor destaca que, embora as tecnologias digitais ofereçam oportunidades sem precedentes para a autoexpressão e a construção de identidade, também geram novas necessidades como, por exemplo, desenvolver habilidades críticas de mídia. Buckingham concorda com Castells e Lévy quanto ao impacto transformador das tecnologias digitais, mas sublinha a importância de uma abordagem crítica que capacite os(as) jovens a compreender e navegar de forma ética e consciente pelas complexas paisagens digitais.

Entre os autores mencionados, todos reconhecem o impacto transformador das tecnologias digitais na construção cultural da sociedade contemporânea, especialmente na forma como os(as) jovens constroem suas identidades e se envolvem com o mundo ao seu redor. Além disso, sublinham a importância da

subjetividade e da identidade na era digital, seja através da construção de redes de significado (Castells), da inteligência coletiva (Lévy), da negociação de identidades culturais (Hall) ou da alfabetização midiática (Buckingham). Essa ênfase comum nas questões de identidade e subjetividade revela uma preocupação compartilhada com o papel central dos indivíduos e das comunidades na moldagem da cultura digital.

No entanto, também existem nuances importantes em suas abordagens. Castells e Lévy tendem a enfatizar as potencialidades emancipadoras e transformadoras da tecnologia digital, vendo-a como uma ferramenta que pode reestruturar a sociedade e democratizar o acesso ao conhecimento. Hall e Buckingham, por suas vezes, mantêm uma visão mais crítica, alertando para as armadilhas das plataformas digitais e para o potencial de reforço das desigualdades sociais existentes. Eles sugerem que, embora as tecnologias digitais possam oferecer novas oportunidades para a autoexpressão e a participação cultural, também há um risco significativo de que essas mesmas tecnologias perpetuem as estruturas de poder e exclusão social.

Assim, ao examinar a interseção entre a cultura digital e a cultura juvenil através das lentes desses pensadores, é possível perceber um campo filosófico vibrante e em constante evolução, repleto de possibilidades e desafios. Esta complexidade sublinha a necessidade contínua de um debate crítico e informado, que explore não apenas as possibilidades, assim como as limitações e as dificuldades no viver e no aprender em um mundo cada vez mais digital.

Entretanto, é essencial destacar como esses autores convergem e divergem em suas interpretações sobre alguns temas centrais da cultura digital e da cultura juvenil, como participação ativa, produção de conteúdo, resistência cultural, e reconfiguração das normas sociais, quanto aos ambientes digitais.

Todos os autores concordam que a participação ativa dos(as) jovens no ambiente digital é uma característica marcante da cultura contemporânea. Castells (2003), em sua obra "A Sociedade em Rede", observa como a tecnologia digital transformou os(as) jovens de consumidores passivos em participantes ativos e criadores de conteúdo. Ele vê a internet e as mídias sociais como plataformas onde os (as) jovens podem moldar suas identidades, construir redes sociais e influenciar a cultura global. Lévy (1999), em sua obra "Cibercultura", complementa essa visão, argumentando que a interatividade e a capacidade de produção de conteúdo são manifestações da inteligência coletiva. Para ele, os(as) jovens estão na vanguarda

desse movimento, utilizando o ciberespaço como um campo para colaboração, inovação e cocriação de conhecimento.

Stuart Hall (1997), no entanto, traz uma perspectiva mais crítica. Em sua obra "Representation: Cultural Representation and Signifying Practices", ele destaca que, embora o ambiente digital ofereça novos espaços para a expressão cultural e a participação, também existe um risco de que as mesmas estruturas de poder e exclusão que existem no mundo off-line sejam replicadas online. Para ele, o ciberespaço pode tanto ser um espaço de empedramento para os jovens quanto um lugar onde eles são moldados por narrativas dominantes e hegemonias culturais.

David Buckingham (2008), em sua obra "Youth, Identity, and Digital Media", também reconhece a participação ativa dos(as) jovens, mas sublinha que essa participação não é uniformemente distribuída. Ele destaca que fatores como acesso digital desigual, habilidades técnicas e literária midiática desempenham um papel crucial em determinar quem pode participar e em que medida.

A ideia de que a cultura digital pode ser um espaço de resistência e reconfiguração é uma área de interesse particular para esses autores. Castells (2003), no segundo volume de sua trilogia, "O Poder da Identidade", explora como as identidades são formadas e transformadas em um mundo de redes digitais. Ele argumenta que, no ambiente digital, grupos marginalizados e subculturas juvenis têm a oportunidade de se mobilizar, resistir e desafiar as narrativas predominantes. Essa perspectiva é alinhada com a visão de Hall (1997), que também vê o potencial da cultura juvenil para resistir e reconfigurar normas sociais. Em seus estudos sobre identidade cultural e juventude, Hall explora como os jovens utilizam a cultura digital para criar formas de expressão e contestar as expectativas culturais.

Buckingham (2011), por sua vez, aborda a ideia de resistência cultural de uma maneira mais pragmática. Em sua obra "The Material Child: Growing Up in Consumer Culture", discute como a cultura digital, especialmente, nas mídias sociais, pode tanto reforçar quanto desafiar as normas de consumo e comportamento juvenil. Para Buckingham, a resistência cultural no ambiente digital é frequentemente limitada por fatores comerciais e pela lógica do mercado, que molda grande parte da experiência digital dos(as) jovens.

Apesar das concordâncias sobre o impacto transformador da tecnologia digital e o papel ativo dos(as) jovens, há significativas divergências entre os(as) autores(as) sobre a natureza da interação humana no ambiente digital, o impacto da cultura

digital na juventude, o poder e controle no ciberespaço, as teorias de gênero e diversidade.

Castells e Lévy têm uma visão mais otimista sobre a natureza das interações no ciberespaço. Para Castells (2003), a comunicação digital possibilita novas formas de conexão e cooperação, transformando as redes sociais em verdadeiros agentes de mudança social. Lévy (1997), com sua teoria da inteligência coletiva, vê o ambiente digital como um campo de interações enriquecedoras que potencializam o conhecimento coletivo.

Hall e Buckingham, no entanto, adotam uma postura mais crítica. Hall (1980), em sua obra "Culture, Media, Language", argumenta que as interações digitais podem reproduzir desigualdades e hegemonias culturais, perpetuando formas de exclusão e marginalização. Buckingham (2011), alerta para os desafios da superficialidade e fragmentação nas interações digitais, que sugerem a profundidade e a qualidade das conexões humanas podem ser comprometidas no ambiente digital.

Ao passo que Castells e Lévy destacam as oportunidades e o potencial transformador da cultura digital para os jovens, Hall e Buckingham preocupam-se com os impactos negativos. Hall (1980) observa que, embora o ciberespaço ofereça novos horizontes para a expressão juvenil, ele também pode reforçar estereótipos e limites culturais. Buckingham (2011) enfatiza que a cultura digital pode impactar o desenvolvimento cognitivo e emocional dos jovens, influenciando sua percepção de si mesmos e do mundo ao seu redor de maneiras complexas e nem sempre positivas.

Castells (2002) aborda o poder no ciberespaço através da lente das redes digitais e da capacidade de mobilização social, destacando o papel das tecnologias digitais na redistribuição do poder social e político. No entanto, Hall e Buckingham trazem à tona a questão de quem controla essas redes e como o poder é exercido no ciberespaço. Eles sugerem que o ambiente digital é igualmente um campo de batalha onde o poder é constantemente negociado e onde as grandes corporações e governos ainda detêm uma influência significativa sobre as normas e práticas digitais.

Em termos de diversidade e teorias de gênero, Hall (1997) é particularmente incisivo, abordando como o ciberespaço pode tanto desafiar quanto perpetuar estereótipos de gênero e exclusões. Ele vê o ambiente digital como um espaço onde

a hegemonia cultural pode ser resistida, mas também onde novas formas de controle cultural podem emergir. Buckingham (2008) também toca neste ponto, especialmente, no contexto da educação e mídia, destacando a necessidade de promover uma maior inclusão e representatividade nas narrativas digitais.

De acordo com as obras mencionadas e os dados levantados por esta investigação através da observação, aplicação de questionário e sequências didáticas, fazendo um recorte para os(as) jovens do Ensino Médio, da rede pública estadual, posso sugerir que a cultura escolar juvenil de Barreiras - BA, apresenta características que refletem tanto o contexto socioeconômico regional, as particularidades das práticas pedagógicas inovadoras no Colégio Estadual Antônio Geraldo, lócus da pesquisa, quanto um forte entrelaçamento entre práticas tradicionais e as influências da cultura digital contemporânea.

Um dos aspectos mais marcantes da cultura escolar de Barreiras – BA é a adaptação às tecnologias digitais, que se movem centralmente na vida dos(as) estudantes, pois, são utilizadas tanto para comunicação e lazer quanto para aprendizagem. No entanto, a investigação aponta desafios importantes relacionados ao acesso desejado a esses recursos, o que limita o pleno aproveitamento de seu potencial no ambiente escolar. Apesar disso, o uso de plataformas digitais, como redes sociais, destaca-se como uma ferramenta importante para a autoexpressão e socialização, ao mesmo tempo que traz à tona questões complexas como privacidade, convivência e ética nas interações virtuais.

Outro elemento fundamental na cultura juvenil de Barreiras é a coexistência entre as influências da cultura digital globalizada e a valorização de temas culturais e sociais locais. Os(as) estudantes demonstram uma forte conexão com suas raízes culturais, ao mesmo tempo em que interagem com conteúdos e práticas globais no ambiente digital. Essa dualidade reflete-se nas práticas escolares, onde o tradicional e o contemporâneo convergem, criando um ambiente propício para a reflexão e a experimentação cultural.

No entanto, há lacunas no desenvolvimento do pensamento crítico entre os(as) estudantes, especialmente, no que diz respeito ao consumo de conteúdo digital. Embora conheçam e interajam com as tecnologias digitais, há uma necessidade evidente de práticas pedagógicas que estimulem a análise crítica e a reflexão ética sobre as informações e interações virtuais.

A cultura escolar juvenil de Barreiras é marcada por um esforço constante de adaptação às demandas contemporâneas, mas ainda enfrenta barreiras estruturais que limitam o pleno aproveitamento das tecnologias digitais no ambiente educacional, como, por exemplo a inclusão digital, a democratização do acesso e o desenvolvimento de competências e habilidades para o uso de forma satisfatória. A escola, nesse cenário, torna-se, portanto, não apenas um local de transmissão de conhecimentos, assim como um espaço de diálogo e construção de identidades, onde as dinâmicas digitais e culturais se encontram e se integram.

O ciberespaço é um ambiente social e cultural dinâmico, simultaneamente, emancipador e palco de disputas de poder. Sua complexidade exige uma reflexão crítica sobre o futuro das culturas digitais e juvenis, bem como o papel da Filosofia nesse contexto. Ao adotar uma abordagem que leve em conta as novas formas de sociabilidade juvenil e a crescente importância do digital, o Ensino de Filosofia pode se tornar uma ferramenta poderosa por meio do desenvolvimento de temas que conectam o pensamento filosófico às questões contemporâneas.

A Filosofia encontra no ciberespaço um novo território de reflexão e construção do conhecimento. Assim, o ciberespaço não é apenas um ambiente tecnológico, mas também um novo território filosófico onde as culturas digital e juvenil se encontram, dialogam e evoluem. A análise dessas interseções contribui significativamente para a compreensão de nosso mundo contemporâneo e convida a um debate contínuo sobre como navegaremos esses complexos cruzamentos culturais no futuro

1.3 DESAFIOS E OPORTUNIDADES QUANTO À PRÁTICA DOCENTE A PARTIR DA CONEXÃO ENTRE OS CONCEITOS FILOSÓFICOS E O CIBERESPAÇO

Refletir sobre as complexidades e potencialidades do Ensino de Filosofia no mundo digital exige enfrentar não apenas os desafios tradicionais da educação, como também uma nova gama de obstáculos administrativos, pedagógicos e sociais que demandam adaptação e inovação. Entretanto, esse mesmo cenário digital oferece oportunidades significativas para reimaginar o ensino de maneira mais conectada à realidade dos(as) estudantes. Diante desse contexto, a prática docente deve buscar um equilíbrio entre a tradição filosófica e as novas ferramentas tecnológicas, assegurando que a reflexão crítica e os valores filosóficos

permaneçam centrais na formação de cidadãos(as) conscientes, ativos(as) e preparados(as) para os desafios da era digital.

Os desafios administrativos no ambiente educacional estão diretamente relacionados às limitações estruturais e organizacionais das escolas, por exemplo, os desafios estão ligados às limitações estruturais e organizacionais das escolas, que incluem o acesso desigual às tecnologias digitais, a falta de instrumentos tecnológicos adequados, a deficiência de formação específica para docentes e a insuficiência de recursos financeiros para implementar metodologias inovadoras⁴.

As políticas educacionais nem sempre acompanham a velocidade das transformações tecnológicas, criando um descompasso entre a necessidade de inovação e a burocracia que regula a educação. Diante desse cenário, pode-se dizer que a sensação dos(as) docentes é de que os desafios são impostos antes mesmo que se apresentem as condições possíveis para enfrentá-los. Ao mesmo tempo em que precisam aprender a lidar com essas dificuldades, são levados(as) a agir de maneira independente e imediata, adaptando-se sem o suporte adequado para garantir que o ensino continue acontecendo, apesar das adversidades.

No âmbito pedagógico, um dos principais desafios está na integração dos conceitos filosóficos ao ciberespaço de forma significativa, uma vez que o tempo necessário para a leitura e discussão aprofundadas contrasta com a vivência em ambiente digital caracterizada pela superficialidade e pela velocidade das informações. Diante disso, a prática docente precisa ser reinventada, adotando estratégias que tornem o ensino filosófico mais interativo e acessível à realidade digital dos(as) estudantes.

A falta de formação continuada para o uso e domínio das tecnologias digitais, aliada à escassez de recursos tecnológicos acessíveis aos(as) docentes, se configura como outro grande desafio pedagógico.

"Como a Bahia não adotou um programa coordenado pela secretaria estadual nem adotou aulas on-line, o ensino remoto desenvolvido no estado é prioritariamente realizado por meio de atividades e consignas impressas como estudos dirigidos, roteiros e fichas de estudo que dialogam com o livro didático adotado pela rede de ensino. Essas atividades são produzidas na maioria das vezes pela secretaria de educação ou por docentes que atuam de forma autônoma/independente por grupo ou unidade escolar." (Santana, C. L. S. e, & Borges Sales, K. M. 2020, p. 86).

⁴ Cabe destacar que esta dissertação reflete a realidade da educação pública estadual de nível médio, com relação aos sujeitos e lócus de estudo.

Cabe ressaltar que durante a pandemia de Covid-19, mais especificadamente no mês de setembro/2020, o Estado da Bahia ofereceu um curso de formação continuada “Ensino híbrido na prática”, no entanto, por ter sido realizado no modelo EAD (Ensino a Distância), muitos educadores(as) ficaram excluídos(as), seja por não possuírem equipamentos adequados, seja pela dificuldade de acompanhar as etapas do curso sem o suporte necessário. Os módulos do curso ficaram disponíveis ao longo das semanas de formação, de acordo com o cronograma do projeto. Diante dessa realidade, diversos docentes buscaram por qualificação, investiram em cursos, equipamentos como computadores, celulares mais potentes, câmeras e tablets, com recursos próprios, em um contexto inédito e atípico do ensino remoto.

A implementação do Novo Ensino Médio na Bahia, não foi muito diferente da inserção das tecnologias digitais. A formação para os(as) docentes só foi oferecida quase dois anos após o Novo Ensino Médio ter entrado em vigor e também no formato EaD (Ensino a Distância). No entanto, a falta de formação não é um problema apenas dos(as) docentes. Muitos estudantes, apesar de serem considerados “nativos digitais”⁵, frequentemente, não possuem o domínio esperado das ferramentas necessárias para o aprendizado.

A avaliação no ambiente digital exige a adaptação dos métodos tradicionais às novas dinâmicas do ciberespaço, tornando essencial a incorporação de ferramentas interativas que garantam um processo mais preciso e coerente com o ensino virtual. Portfólios digitais, quizzes interativos e avaliações gamificadas em plataformas como Kahoot, Quizlet e Socrative promovem maior engajamento, enquanto fóruns e debates online em ambientes como Google Classroom e Microsoft Teams incentivam a participação ativa e a construção colaborativa do conhecimento. Além disso, as rubricas digitais ajudam a estabelecer critérios mais claros, auxiliando os(as) estudantes a compreenderem os objetivos de cada atividade. Quando bem estruturada, a avaliação digital torna-se um recurso sonoro e suave, alinhado às demandas do ensino contemporâneo.

Portanto, a avaliação no ambiente digital exige não apenas adaptação das ferramentas e critérios, bem como uma transformação mais ampla na maneira como encaramos o processo de ensino-aprendizagem, ao buscar integrar a tecnologia de forma consciente e eficaz para superar os desafios impostos pelo ambiente virtual.

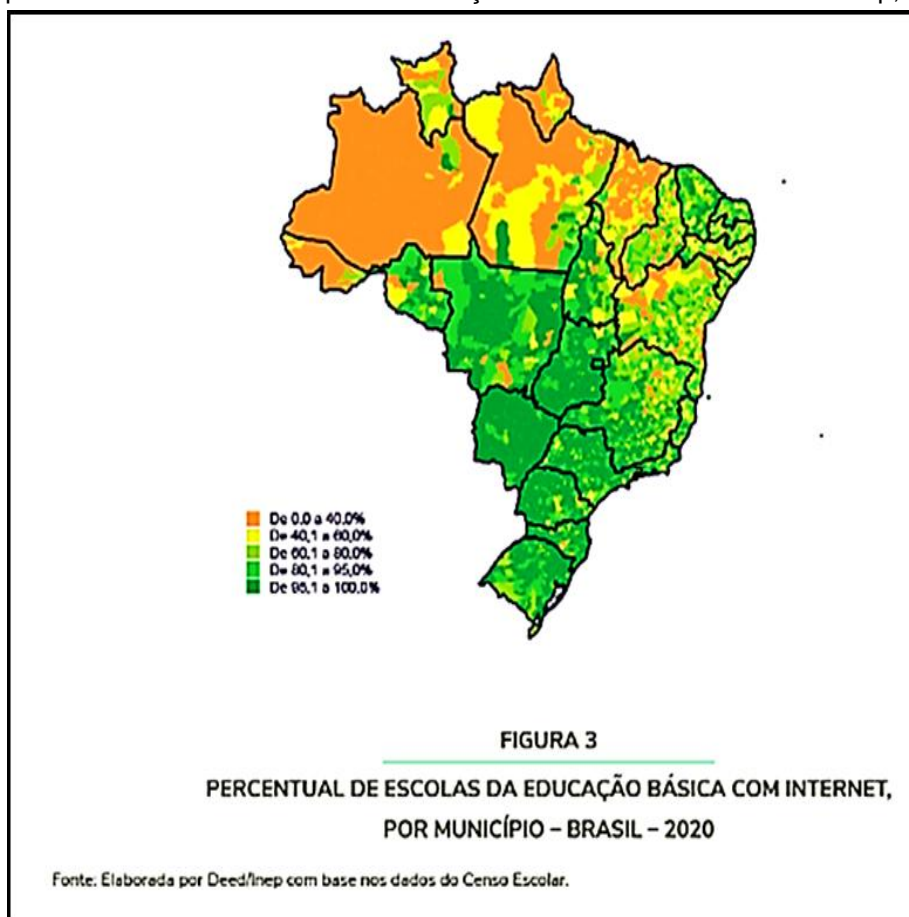
⁵ Termo a ser desenvolvido na Seção 3 desta investigação.

Os distratores tecnológicos, como as redes sociais, aplicativos e notificações constantes, constituem o principal obstáculo para a efetivação do ensino em sala de aula, pois, eles competem com os(as) docentes pela atenção dos(as) estudantes durante as aulas. Esses elementos podem interferir significativamente na concentração e na produtividade, tornando mais difícil demonstrarem plenamente suas habilidades e conhecimentos. Assim, cabe aos(as) docentes levar em consideração esses potenciais distratores, criando espaços digitais mais focados e controlados.

Do ponto de vista social, os desafios se intensificam quando consideramos o papel das redes digitais na formação das identidades juvenis. Os(as) estudantes são constantemente expostos a discursos, valores e padrões de comportamento que influenciam sua maneira de ver o mundo e a si mesmos. A construção de vínculos autênticos e empáticos no ciberespaço depende, em grande parte, da inclusão digital, que ainda está distante de ser concretizado para todos.

O Mapa 1, a seguir, revela o percentual de escolas da educação básica com acesso à internet por município, no Brasil, em 2020.

Mapa 1 – Percentual de escolas da Educação Básica com internet. Deed/Inep, 2020.



O Mapa 1, destaca desigualdades regionais significativas no período pandêmico de Covid-19. Observa-se que as áreas com menor percentual de conectividade (representadas em laranja e amarelo) estão concentradas principalmente nas regiões Norte e Nordeste do país. Em contraste, as regiões Sul, Sudeste e parte do Centro-Oeste apresentam uma maior concentração de municípios com escolas onde o acesso à internet varia entre 80,1% e 100%, indicadas em verde escuro.

Em regiões onde a conectividade é escassa, como no Norte e partes do Nordeste, os desafios para integrar plenamente as ferramentas digitais no ensino são muito maiores. Dados que contribuem para o aumento das disparidades socioeconômicas, uma vez que a disponibilidade e acesso a esta ferramenta, tanto nas escolas quanto em casa, é frequentemente vista como determinante para o acesso a serviços e o sucesso educacional.

Em 10 de junho de 2021, o então presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, sancionou a Lei Nº 14.172, com base no parágrafo 5º do Artigo 66 da Constituição Federal. Essa lei tem como objetivo garantir o acesso à internet para estudantes e professores da educação básica pública, visando apoiar o uso de tecnologias digitais com fins educacionais. A medida reflete a crescente importância da conectividade no cenário educacional contemporâneo. Em 31 de julho de 2023, a Lei Nº 14.172, foi alterada para a Lei Nº 14.640, a qual consolida e amplia as disposições sobre o acesso à internet com fins educacionais para estudantes e professores da educação básica pública.

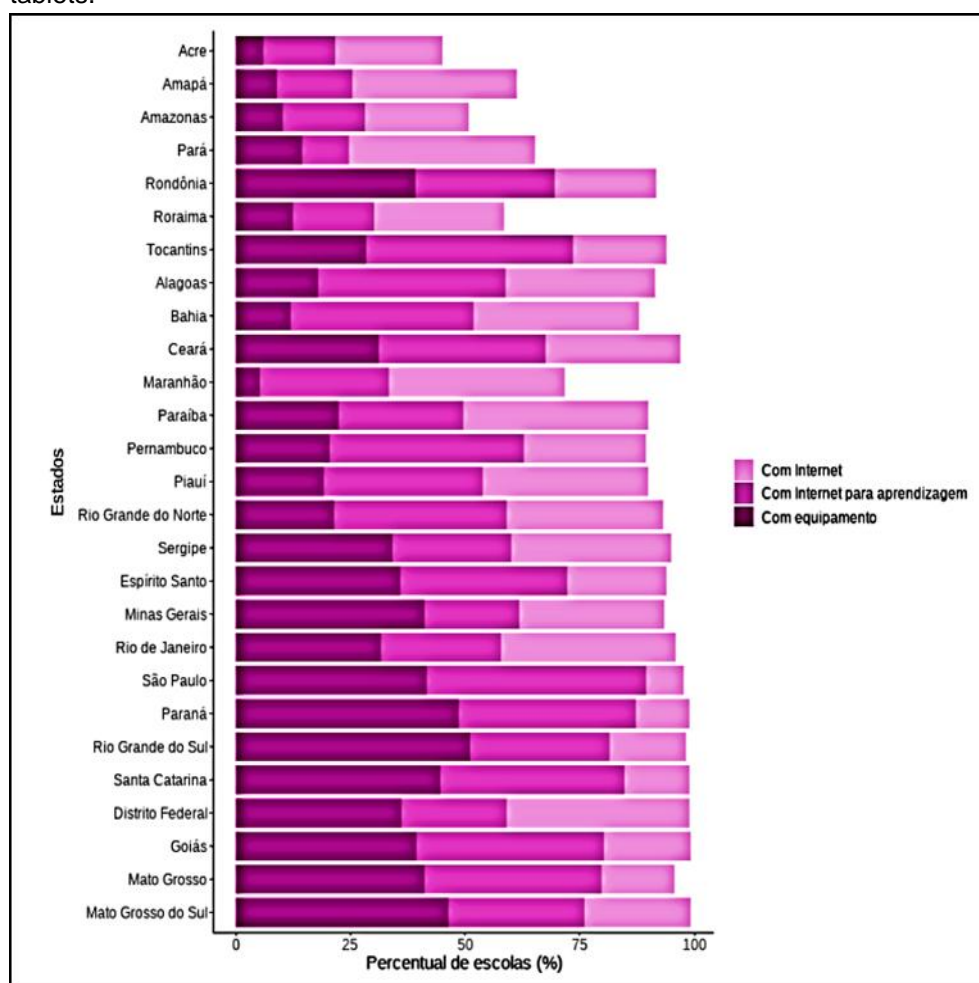
A mudança introduzida pela Lei Nº 14.640 tem como objetivo aprimorar a infraestrutura e os mecanismos de fornecimento de conectividade, e garantir que o acesso à internet não seja apenas uma promessa, mas uma realidade viável e sustentável para milhões de estudantes e educadores. Além de garantir o acesso à internet, a Lei Nº 14.640 também visa assegurar que esse recurso seja efetivamente utilizado para fins educacionais, incentivando a criação de plataformas pedagógicas digitais e oferecendo formação continuada para professores no uso dessas tecnologias.

A nova legislação reconhece que, no atual contexto, a internet não é apenas uma ferramenta auxiliar, mas um elemento central no processo de ensino e aprendizagem. Ao garantir a conectividade como um direito dos estudantes e educadores da educação básica pública, a lei sinaliza um avanço significativo na

democratização do acesso às tecnologias digitais. Ela busca, portanto, integrar as políticas de conectividade às práticas pedagógicas, promovendo uma educação mais inclusiva, inovadora e adaptada às exigências do mundo contemporâneo.

A implementação dessa lei destaca a relevância de políticas públicas voltadas para a educação digital, reconhecendo a internet como um recurso essencial para a formação cidadã no século XXI. Ao criar condições para que escolas e professores utilizem ferramentas tecnológicas de maneira integrada ao currículo, a legislação fortalece o papel da educação como promotora de equidade social e inovação. No Gráfico 1 a seguir, de acordo com o censo escolar do ano de 2023.

Gráfico 1 - Percentual de escolas públicas ativas, municipais e estaduais que declararam, no Censo Escolar de 2023, ter: (i) acesso à Internet e/ou (ii) acesso à Internet para aprendizagem e/ou (iii) equipamentos para uso dos(as) estudantes como computadores de mesa (desktops), computadores portáteis (laptops) e tablets.



Fonte: Panorama da qualidade da internet nas escolas públicas brasileiras. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR – NIC.br Brazilian Network Information Center, 2023. Disponível em: <https://medicoes.nic.br/media/Publicacao-internet-escolas-2024.pdf>. Acessado em 30/09/2024.

No entanto, apesar da promessa contida na legislação, a realidade da maioria das escolas públicas brasileiras contraria os objetivos estabelecidos. Embora a lei garanta o acesso à internet, muitos estudantes e docentes ainda enfrentam barreiras significativas, como o acesso à internet que atenda as demandas administrativas e pedagógicas e a disponibilização de equipamentos eletrônicos para uso dos(as) estudantes e docentes.

A teoria que sustenta a inclusão digital esbarra em uma prática marcada por desigualdades socioeconômicas e falta de investimentos robustos, criando um descompasso entre o que a lei propõe e o que de fato acontece no cotidiano escolar. Assim, a implementação efetiva da lei depende de uma ação concreta e sistemática que enfrente esses desafios estruturais, e garanta o direito ao acesso digital seja cumprido em sua totalidade.

A desigualdade no acesso à internet e a dispositivos tecnológicos digitais não apenas limita a participação de muitos(as) no ambiente digital, como também impede que as interações virtuais sejam mais profundas e enriquecedoras. Enquanto alguns(as) têm o privilégio de explorar e desenvolver habilidades no mundo digital, outros(as) permanecem excluídos(as) de um espaço cada vez mais essencial para o convívio social, o aprendizado e o desenvolvimento pessoal. Diante desse cenário, garantir um uso mais consciente e inclusivo das tecnologias exige a criação de condições equitativas que possibilitem o acesso e a participação de todos(as).

O simples acesso à internet não garante, por si só, a inclusão digital plena, pois muitos usuários enfrentam dificuldades ao tentar utilizar os recursos de forma benéfica. Como observa Santos (2006), em sua tese “Desigualdade social e inclusão digital no Brasil”, o uso eficaz de computadores e da internet vai muito além do aprendizado autodidata, visto que ele demanda tanto conhecimentos básicos quanto avançados para que os indivíduos possam explorar plenamente as potencialidades das tecnologias. O domínio de dispositivos eletrônicos e da internet é fundamental para que o usuário não seja apenas um consumidor passivo, mas um agente ativo, capaz de utilizar as ferramentas digitais para seu desenvolvimento pessoal, educacional e profissional.

A falta de conhecimento tecnológico é uma expressão marcante da desigualdade digital, refletindo-se na incapacidade de muitos de usufruir dos benefícios que o mundo digital oferece. Silveira (2005) aponta que a inclusão digital

deve ser entendida não só como a universalização do acesso a computadores conectados à internet, mas também como o domínio básico de sua utilização. A inclusão digital, portanto, não é apenas uma questão de disponibilizar equipamentos; é necessário capacitar as pessoas a utilizá-los de maneira eficiente e autônoma. Assumpção e Mori (2007) reforçam essa ideia ao afirmar que a verdadeira inclusão vai além da oferta de infraestrutura. Trata-se de empoderar as pessoas com as habilidades necessárias para navegar no mundo digital com confiança e autonomia.

Sob essa lógica a antropóloga argentina Paula Sibilía (2012), em sua obra *“Redes ou Paredes: A Escola em Tempos de Dispersão”*, expressa que a escola tradicional, com seus muros físicos e simbólicos, enfrenta um desafio crítico ao não se adaptar às novas demandas do mundo digital. Ela argumenta que a escola deve romper com seus limites convencionais e tornar-se um espaço mais fluído e permeável, integrando o ciberespaço e as tecnologias digitais em suas práticas pedagógicas. Neste contexto, a escola deve sim, se adaptar às novas realidades do mundo digital, tanto nas questões objetivas, no tocante aos instrumentos tecnológicos, quanto às questões subjetivas, referente ao pensamento crítico do uso.

A desigualdade de acesso à internet nas escolas brasileiras, como ilustrado no mapa, evidencia a necessidade urgente de repensar a função da escola e sua capacidade de dialogar com o universo digital habitado pelos jovens de hoje. Segundo Sibilía (2012), a escola precisa transcender suas fronteiras físicas e simbólicas para abraçar a realidade digital, transformando-se em um espaço de conhecimento mais dinâmico e conectado às práticas culturais contemporâneas.

Ainda sobre a visão da escola, a autora Elisete Tomazetti (2023), no livro *“Conversações entre Filosofia, Escola e Ensino Médio”*, oferece uma visão crítica e reflexiva sobre a escola pública no Brasil, especialmente, no contexto do Ensino Médio e da educação básica. Destaca que a escola brasileira enfrenta diversos desafios, como a desigualdade de acesso aos recursos educacionais, a falta de infraestrutura adequada, e a necessidade de formação contínua dos professores. Ela defende que a escola deve se adaptar às demandas contemporâneas sem perder sua função formativa essencial.

Tomazetti também enfatiza a importância de integrar as tecnologias digitais de maneira crítica e consciente, sem sucumbir a modismos tecnocráticos ou

simplesmente incorporar ferramentas digitais sem uma reflexão profunda sobre seus impactos pedagógicos e sociais.

A partir dessa perspectiva, é possível identificar pontos de concordância e divergência em relação às visões de Sibilía (2012) e Tomazetti (2023). Ambas concordam que a escola deve incorporar criticamente as novas realidades do mundo digital, adaptando-se às transformações tecnológicas e reconhecendo seu papel fundamental na formação dos(as) estudantes.

No entanto, há nuances em seus enfoques quanto à forma e aos limites dessa incorporação no ambiente educacional. Enquanto Sibilía (2012) defende uma reconfiguração completa da escola para abraçar plenamente a cultura digital, Tomazetti (2023) propõe uma integração mais equilibrada e crítica das tecnologias, que garanta a escola continuar a ser um espaço de reflexão, crítica e formação ética, essencial para a preparação dos jovens para o mundo contemporâneo. Ambas as perspectivas concordam na necessidade de uma revisão das práticas pedagógicas diante das demandas da era digital, mas divergem quanto ao grau e ao método de integração das novas tecnologias no ambiente educacional.

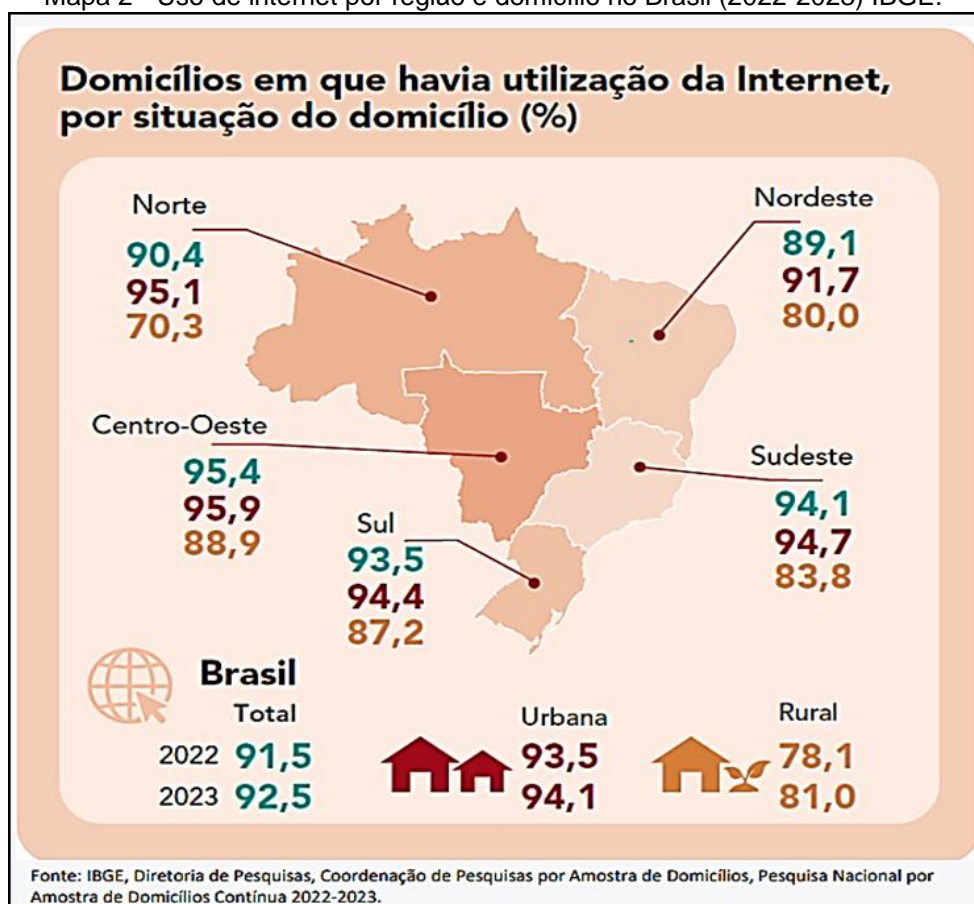
Em 2024, o Brasil se destaca por sua massiva presença no ambiente digital, com 187,9 milhões de brasileiros(as) conectados(as) à internet, representando 86,6% da população total, conforme dados da We Are Social e Meltwater. O tempo médio que os brasileiros passam online é de 9 horas e 13 minutos por dia, o que coloca o país em segundo lugar no ranking global de tempo de uso diário da internet, atrás apenas da África do Sul. Além disso, 144 milhões de brasileiros(as), o equivalente a 66,3% da população, são usuários(as) ativos(as) de redes sociais, evidenciando o papel central que o mundo virtual desempenha na vida cotidiana da maioria da população. Esses números reforçam a crescente dependência social brasileira pela internet, tanto para a educação, quanto para a comunicação, trabalho e entretenimento.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), realizada pelo IBGE entre 2022 e 2023, foi identificado que 92,5% dos domicílios no Brasil, tinham acesso à internet. Nas áreas urbanas, o percentual de domicílios conectados aumentou de 93,5% para 94,1%, enquanto nas áreas rurais houve um crescimento de 78,1% para 81,0%. Esses dados destacam a importância de desenvolver práticas docentes que aproveitem essas oportunidades digitais, ao mesmo tempo que enfrentem os desafios impostos pela desigualdade de

acesso e pelo uso ético da tecnologia. A integração da Filosofia ao ciberespaço não é apenas uma necessidade contemporânea, mas uma oportunidade para enriquecer o ensino e preparar os estudantes para os desafios de um mundo cada vez mais interconectado e digital.

O Mapa 2 a seguir, ilustra um panorama detalhado do uso da internet por domicílio, e divide as informações por região geográfica.

Mapa 2 - Uso de internet por região e domicílio no Brasil (2022-2023) IBGE.



Ao analisar os dados do mapa acima, referente ao acesso à internet nos domicílios brasileiros, fica evidente a desigualdade entre as regiões do país. As regiões Sudeste e Sul apresentam os maiores percentuais de lares conectados, por suas vezes, o Norte e o Nordeste registram os menores índices de acesso à internet. Essa disparidade reflete não apenas questões econômicas e de infraestrutura, mas também limitações que afetam o acesso a oportunidades educacionais e ao uso das tecnologias para o desenvolvimento social e cultural.

Assim, é patente que a realidade de interação em ambientes virtuais no cotidiano das pessoas vem transformando a maneira como nos comunicamos, aprendemos e ensinamos. Adaptar-se às demandas do mundo virtual requer mais do que simplesmente dominar a tecnologia. Exige uma abordagem criativa e inovadora, aliada a um compromisso inabalável com a qualidade do ensino. Não se trata apenas de uma mudança na dinâmica da sala de aula; porque a interação virtual redefine significativamente os papéis de docentes e discente, proporcionando novos nuances e oportunidades para o processo de ensino-aprendizagem.

Neste intuito, é essencial que os(as) docentes de todas as áreas do conhecimento adaptem suas estratégias de ensino, explorando ao máximo as conexões e os recursos disponíveis e criando um ambiente de aprendizagem que incentive a participação ativa dos(as) estudantes na discussão de temas clássicos da Filosofia. A abordagem digital pode enriquecer a prática pedagógica ao integrar produções acadêmicas que abordem questões sociais contemporâneas, revelando realidades frequentemente invisibilizadas e propondo soluções viáveis para problemas complexos. Assim, o ciberespaço não apenas amplia o alcance do ensino, bem como enriquece a experiência educacional, incentivando uma visão crítica e reflexiva sobre o mundo em constante mudança ao nosso redor.

1.3.1 Relato de experiência docente na era digital

Esta seção constitui-se de uma narrativa reflexiva, um relato de experiência desta autora, com o objetivo de compartilhar e sistematizar as lições e percepções acumuladas ao longo de treze anos de atuação como professora de Filosofia no Ensino Médio Regular. O Relato de Experiência é um texto científico que apresenta características narrativas, descritivas e reflexivas a respeito de uma experiência vivenciada, onde o(a) autor(a) descreve e reflete sobre uma experiência ou vivência profissional, seja ela bem-sucedida ou não. Nesse sentido, o relato de experiência é um conhecimento que se transmite com aporte científico (Grollmus; Tarrês, 2015).

Este relato tem como base a observação participante, que se refere, portanto, a uma estratégia de pesquisa na qual o observador e os observados encontram-se em uma relação de interação que ocorre no ambiente de trabalho dos observados, os quais estes passam a ser vistos não mais como objetos de pesquisa, mas como sujeitos que contribuem para o estudo (Serva e Jaime Júnior, 1995).

O recorte temporal do relato abrange o período entre 2011 e 2024. Capta transformações significativas no cenário educacional, como a intensa e progressiva inserção das tecnologias digitais no campo da Educação, movimento que foi amplificado pela pandemia de Covid-19 e a implementação do Novo Ensino Médio.

Ao longo dos últimos treze anos, os quais dediquei-me ao Ensino de Filosofia na Rede Estadual de Ensino da Bahia, vivenciei de perto as mudanças que a introdução das Tecnologias Digitais trouxeram para o ambiente escolar. Essa jornada, marcada por desafios e aprendizados, permite-me refletir sobre o impacto das mudanças tecnológicas na prática docente e na forma como os(as) estudantes constroem conhecimento na contemporaneidade.

A Filosofia, que antes era ensinada de forma tradicional, com foco no livro didático, exposições orais e debates presenciais, passou por transformações significativas com o avanço do ciberespaço. A forma como os(as) estudantes interagem com o conhecimento mudou: o hábito de ler textos impressos e copiar conteúdos no caderno foi gradualmente substituído pelo uso de fotografias de anotações, pesquisas rápidas no Google e pelo consumo de conteúdos fragmentados em redes sociais. Esse novo cenário evidenciou uma mudança na maneira como o aprendizado ocorre, que demandam novas estratégias que garantam a profundidade e a criticidade da reflexão filosófica no ambiente digital.

A verdadeira revolução no uso de ambientes virtuais de aprendizagem, ocorreu com a chegada da pandemia de Covid-19, que resultou no fechamento das escolas e na necessidade urgente de migrar para o ensino remoto, acelerando drasticamente a integração das tecnologias digitais na Educação. Como docente, fui confrontada com a necessidade de repensar e adaptar minhas práticas pedagógicas em um curto espaço de tempo. A Filosofia, tradicionalmente ensinada através de debates presenciais e leituras conjuntas, precisou ser transposta para ambientes virtuais, onde a interação e o engajamento dos(as) estudantes tornaram-se grandes desafios.

Nesse período, as plataformas de videoconferência, os grupos de discussão online e os recursos digitais interativos passaram a ser ferramentas indispensáveis. No entanto, a transição para o ensino remoto também evidenciou desigualdades no acesso às tecnologias e dificuldades em manter a motivação dos(as) estudantes em ambientes virtuais.

Diante desse desafio, percebi que ignorar o ciberespaço como um espaço de construção do conhecimento seria um erro. Ao invés de tratar as tecnologias digitais como inimigas do ensino, comecei a explorá-las como ferramentas pedagógicas. Inserir vídeos curtos de filósofos e documentários no YouTube, utilizar quizzes interativos em plataformas, como Kahoot, promover debates em fóruns do Google Classroom, foram algumas das estratégias as quais utilizei em sala de aula.

Contudo, nem tudo foi fácil nesse processo. Enfrentei a resistência inicial de alguns(as) estudantes, haja visto que, comumente, as outras disciplinas são priorizadas, em detrimento da Filosofia. A posse e o domínio das tecnologias digitais se configurou como outra grande barreira na aprendizagem. Além disso, a falta de infraestrutura tecnológica nas escolas estaduais, como a ausência de computadores para todos(as) os(as) docentes e a instabilidade da internet, dificultou a implementação de algumas atividades online.

Recordo-me vividamente do silêncio absoluto nas aulas virtuais, onde, em muitos momentos, a sensação era de estar falando para o vazio. As perguntas permaneciam sem resposta, as câmeras seguiam desligadas, e o feedback dos(as) estudantes se limitava a um silêncio inquietante. Este novo formato de ensino não apenas revelou a lacuna digital tecnológica que existe entre nossas escolas públicas e as particulares, como também trouxe à tona a necessidade de métodos mais inclusivos e adaptativos. No retorno as aulas presenciais, nos primeiros contatos questionei os(as) estudantes, porque eles(as) não ligavam as câmeras, ou respondiam as indagações, nem ao menos deslogavam-se das aulas. E as respostas que obtive foram: “eu estava dormindo, professora”; “não estava próximo ao celular”; “estava fazendo outras tarefas e nem percebi o término da aula”.

O uso de tecnologias digitais, no processo de ensino e aprendizagem nas escolas, me levou a refletir e ponderar com bom senso, sobre a dicotomia quanto ao seu uso. Na sala de aula contemporânea, o livro didático continua sendo uma ferramenta essencial, mas seu papel está em constante transformação diante das tecnologias digitais. O próprio livro é uma tecnologia que, ao longo da história, revolucionou a transmissão do conhecimento, assim como hoje o ciberespaço amplia as possibilidades de acesso à informação.

No entanto, observa-se um tensionamento entre o uso do livro didático e as novas formas de interação digital. Muitos(as) estudantes deixam de levar o livro físico para a escola, pois acompanham e registram o que entendem ser importante

no celular, com a promessa de estudá-los posteriormente. Esse comportamento reflete uma mudança na relação com o aprendizado, mediado por dispositivos eletrônicos, e levanta questionamentos sobre a profundidade da assimilação do conhecimento⁶.

Além disso, um fator que agrava esse cenário é a reformulação do livro didático para acompanhar as mudanças pedagógicas, incorporando conteúdos interdisciplinares e interconectados entre diferentes áreas do conhecimento. Atualmente, um único livro pode ser trabalhado simultaneamente por quatro docentes, o que representa um desafio adicional, pois a maioria dos(as) professores(as) teve uma formação específica em sua área e agora precisa lidar com um material que exige uma abordagem mais ampla e integrada. Essa nova configuração do livro didático demanda um esforço extra dos(as) docentes para articular os conteúdos de forma coerente, sem perder a profundidade necessária para o desenvolvimento do pensamento crítico dos(as) estudantes.

Diante desse cenário, o desafio para nós, professores(as), é encontrar um equilíbrio entre o uso do livro didático e as tecnologias digitais, que garanta o aprendizado continue sendo significativo. É essencial incentivar o uso crítico da tecnologia, sem perder de vista a importância da leitura analítica, da reflexão filosófica e da autonomia intelectual dos(as) estudantes. O ensino não deve ser apenas uma adaptação às ferramentas digitais, mas uma construção que possibilite um aprendizado mais profundo, contextualizado e conectado com as necessidades do mundo contemporâneo.

O uso da tecnologia digital no ensino exige equilíbrio, pois, embora não garanta aprendizado por si só, sua ausência pode gerar exclusão e desinteresse, dado que os(as) estudantes estão imersos nesse universo. Inicialmente, os recursos digitais foram vistos como um complemento para engajar os(as) estudantes, depois tornaram-se essenciais ao ensino. No entanto, hoje muitos educadores(as) os percebem como distratores, que competem com a atenção dos(as) estudantes. Esse cenário reforça a necessidade de um uso pedagógico

⁶ A autora reconhece a promulgação da Lei nº 15.100 de 13 de janeiro de 2025, a qual estabelece a proibição do uso de celulares por estudantes em escolas da educação básica. No entanto, é importante esclarecer que esta dissertação foi redigida majoritariamente ao longo dos anos de 2023/2024, período anterior à efetivação da referida legislação. Por esse motivo, a discussão sobre os impactos e desdobramentos dessa norma não foi contemplada no corpo do texto. Ainda assim, a autora entende a relevância do tema e reconhece que futuras análises e práticas pedagógicas precisarão considerar os limites e possibilidades trazidos por essa nova realidade normativa.

consciente, que aproveite as vantagens da tecnologia sem comprometer a qualidade da aprendizagem.

Nesse contexto, torna-se fundamental compreender que a relação dos(as) estudantes com a tecnologia vai além de uma simples ferramenta educacional, ela faz parte de sua formação cultural, cognitiva e social. A presença constante de recursos digitais em suas rotinas, exige da escola não apenas a incorporação crítica dessas tecnologias, como também a adaptação das práticas pedagógicas às linguagens e experiências desses(as) sujeitos imersos(as) na cultura digital.

os alunos de hoje – do maternal à faculdade – representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, videogames, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital. Em média, um aluno graduado atual passou menos de 5.000 horas de sua vida lendo, mas acima de 10.000 horas jogando videogames (sem contar as 20.000 horas assistindo à televisão). Os jogos de computadores, e-mail, a Internet, os telefones celulares e as mensagens instantâneas são partes integrais de suas vidas (Prensky, 2001, p. 1).

Ao comparar o tempo dedicado à leitura com o tempo gasto em videogames, televisão e internet, Prensky (2001) sugere que os(as) jovens desenvolvem habilidades cognitivas e comportamentais distintas das gerações anteriores, tornando os métodos tradicionais de ensino menos atrativos e eficazes.

A escola onde leciono é considerada de porte especial, contando com mais de um mil e quatrocentos estudantes matriculados, no entanto, não temos sinal de internet de qualidade que atenda às demandas administrativas e pedagógicas de forma satisfatória. O laboratório de informática conta apenas com doze computadores, sendo que há de 35 a 43 estudantes por turma. Somente após o período de pandemia as salas de aula foram equipadas com Projetores multimídia.

O Estado da Bahia, neste ano de 2024, disponibilizou tablets para uso pedagógico pessoal especificadamente para os(as) estudantes da 2ª série do Ensino Médio. Reconheço como uma excelente iniciativa, porém, existe o fato de os(as) estudantes das 1ª e 3ª séries não terem sido contemplados(as), sendo excluídos desta oportunidade de acesso.

Neste cenário, a disponibilização de tablets pelo Estado da Bahia em 2024 para os(as) estudantes da 2ª série do Ensino Médio representa um avanço importante no uso pedagógico da tecnologia. No entanto, a exclusão dos(as)

estudantes das 1ª e 3ª séries dessa iniciativa evidencia um desafio para a equidade no acesso aos recursos digitais. Tal desigualdade exige uma constante adaptação das estratégias pedagógicas, com foco em práticas inclusivas que contemplem todos(as) os(as) estudantes, independentemente de sua série ou acesso tecnológico, a fim de promover uma aprendizagem mais justa e significativa.

Com a implementação do Novo Ensino Médio, flexibilizou-se o currículo e o papel do ciberespaço na Educação se tornou ainda mais relevante. O Novo Ensino Médio propõe um ensino mais conectado com as realidades e interesses dos(as) estudantes, o que inclui a integração de tecnologias digitais como meio para explorar temas contemporâneos e estimular o pensamento crítico.

Como professora de Filosofia na rede pública, a reforma curricular me impulsionou a inovar ao conectar conteúdos filosóficos às vivências digitais dos(as) estudantes, abordando temas como ética nas redes sociais, privacidade online e identidade digital. Essa estratégia tornou o ensino mais relevante e contextualizado com as vivências dos(as) estudantes, além de estimular a reflexão crítica sobre o papel das tecnologias em suas vidas.

Os desafios enfrentados durante a pandemia e com a implementação do Novo Ensino Médio destacam a importância da oferta de formação continuada e de suporte adequado para os professores. Por outro lado, as oportunidades criadas por essas mudanças são imensas, com recursos para tornar o Ensino de Filosofia mais dinâmico e acessível, que permita uma maior personalização das atividades e a exploração de temas filosóficos através de diferentes mídias.

A experiência de Ensinar Filosofia no Ensino Médio, em um contexto marcado pela pandemia e pela reforma curricular, tem sido desafiadora e ao mesmo tempo enriquecedora. Ao enfrentar esses desafios, desenvolvi a capacidade de utilizar as tecnologias digitais com discernimento, buscando sempre o equilíbrio entre o uso excessivo e a negligência desses recursos. Essa postura inspira-se na teoria do “Justo Meio”, proposta pelo filósofo grego Aristóteles, que defende a virtude como o caminho intermediário entre os extremos. Assim, minha prática docente em Filosofia passou a ser orientada por uma abordagem ponderada, que valoriza tanto a inovação quanto a reflexão crítica, essencial em tempos de mudanças educacionais intensas.

Esse aplicar do conceito no contexto educacional implica reconhecer a importância de um uso equilibrado das tecnologias, evitando tanto a

superdependência, que pode comprometer a profundidade do aprendizado, quanto a exclusão total, que afastaria os(as) estudantes de uma realidade digital que já lhes é intrínseca. No Ensino de Filosofia, isso significa incorporar as tecnologias digitais como ferramentas complementares, que devem ser utilizadas de maneira crítica e consciente, promovendo a autonomia intelectual, a reflexão profunda e o desenvolvimento do pensamento filosófico em sintonia com os desafios contemporâneos.

Diante desse panorama, é crucial que aos(as) docentes sejam disponibilizados formações continuadas e aparelhos tecnológicos, para que possam se manter atualizados(as) e atuantes em relação às novas tecnologias e às suas aplicações pedagógicas, tornando possível e mais eficaz a utilização de metodologias ativas que incentivem a participação dos(as) estudantes, como a aprendizagem baseada em projetos, ou complementar às leituras filosóficas tradicionais, como vídeos, podcasts e debates online que contextualizem os temas estudados.

A conexão entre o Ensino de Filosofia e o ciberespaço não só proporcionou novas direções e oportunidades de aprendizado, como também desafiou antigos paradigmas pedagógicos, ao redefinir o papel docente e discente na sala de aula e fora dela. Não se trata apenas de adaptar-se a novas ferramentas, mas de repensar o próprio papel da educação na era digital. Precisamos ser mais do que facilitadores de conhecimento. Devemos ser guias no vasto oceano de informações que caracteriza o mundo contemporâneo.

Este relato busca lançar luz sobre as complexidades e dilemas enfrentados por nós, docentes, ao integrar o ciberespaço às práticas pedagógicas. Ao mesmo tempo, representa um chamado à ação, incentivando a exploração, adaptação e inovação para que nossos(as) estudantes estejam preparados para os desafios de um mundo cada vez mais interligados. Mais do que transmitir conhecimento, a educação deve formar cidadãos críticos e conscientes, capazes de navegar com ética e responsabilidade no vasto universo digital que os esperam.

2 PERCURSO METODOLÓGICO: INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA DAS VIVÊNCIAS NO CIBERESPAÇO

A pesquisa científica é um processo de investigação em constante evolução, marcado pela construção e desconstrução de informações contínuas do conhecimento. Nesse contexto, o ato de |"aprender a aprender e saber pensar para intervir de modo inovador"| (Demo, 1997, p. 9) torna-se fundamental, porque a pesquisa não se limita à descoberta de novas informações, e sim na capacidade de transformar essas descobertas em intervenções significativas e inovadoras na realidade.

O objetivo geral, desta dissertação, é proporcionar uma análise das vivências de estudantes no ciberespaço, revelando como a Filosofia pode contribuir para a compreensão e reflexão sobre essas novas realidades digitais. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, do tipo pesquisa participante. Os procedimentos utilizados para o levantamento dos dados incluem a observação, a aplicação de questionários e o desenvolvimento de sequências didáticas com atividades programadas, os quais serão analisados a partir da análise de conteúdo de Bardin (2011).

A seguir, será abordada a especificação do lócus, os sujeitos da pesquisa, os critérios de inclusão e exclusão dos participantes da pesquisa e os riscos e benefícios envolvidos na execução da pesquisa.

2.1 A PESQUISA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: TIPOLOGIA, INSTRUMENTOS E ANÁLISE.

Esta investigação adota uma abordagem qualitativa. Dada a complexidade e as particularidades do tema investigado, juntamente com os objetivos estabelecidos. A escolha por essa metodologia se justifica pela sua capacidade de explorar e compreender profundamente as nuances e contextos envolvidos no estudo, permitindo uma análise detalhada das experiências e percepções dos participantes. Dessa forma, a pesquisa busca não apenas descrever, como também interpretar e compreender as realidades complexas que envolvem o tema em questão.

Com sua ênfase na interpretação e compreensão dos fenômenos em seus contextos naturais, a pesquisa qualitativa é particularmente adequada para tratar temas que demandam uma investigação mais subjetiva e contextualizada. Concentra na compreensão aprofundada e na interpretação das características sociais, culturais ou humanas. Busca explorar a complexidade e a riqueza das experiências, significados e contextos envolvidos em um determinado interesse.

Além disso, os procedimentos metodológicos escolhidos são exequíveis e apropriados para alcançar os objetivos da pesquisa, garantindo a produção de dados rica e significativa, que possibilita uma análise mais profunda e reflexiva sobre o fenômeno em questão.

Pesquisas de abordagem qualitativa visam compreender o mundo, torná-lo visível, por meio de práticas materiais e interpretativas, permitindo, assim, a descrição e a explicação dos fenômenos sociais em seus contextos naturais (FLICK, 2009; DENZIN e LINCOLN apud CRESWEL, 2014).

A interpretação desempenha um papel central na pesquisa qualitativa. Os pesquisadores buscam compreender o mundo a partir da perspectiva dos participantes, considerando as influências culturais, sociais e históricas que moldam suas experiências.

Conforme concebe Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam a realidade humano-social, buscando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

O sociólogo e psicólogo Flick (2009), apresenta três abordagens possíveis para conduzir a pesquisa qualitativa: a) analisando as experiências de indivíduos ou grupos; b) examinando interações e comunicações em desenvolvimento; c) investigando documentos ou vestígios relacionados a essas experiências ou interações. O autor destaca a importância da pesquisa qualitativa para o estudo das relações sociais, especialmente diante da pluralização das esferas da vida, o que demanda uma sensibilidade especial na condução de estudos empíricos.

Uma pesquisa qualitativa valoriza a compreensão do contexto em que as consequências ocorrem. Isso envolve considerar as influências ambientais, culturais e sociais que moldam as experiências dos participantes. Utiliza uma variedade de métodos. A escolha do método depende da natureza do treinamento e dos objetivos da pesquisa. Segundo Creswell (2014), a pesquisa qualitativa é um conjunto de

práticas que transformam o mundo visível em dados representativos, incluindo notas, entrevistas, fotografias, registros e lembretes.

A pesquisa qualitativa começa com pressupostos e o uso de estruturas interpretativas/teóricas que informam o estudo dos problemas da pesquisa, abordando o significado que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano. Para estudar esse problema os pesquisadores qualitativos usam uma abordagem qualitativa de investigação, a coleta de dados em um contexto natural sensível às pessoas e aos lugares em estudo e a análise dos dados que é tanto indutiva quanto dedutiva e estabelece padrões ou temas. O relatório final ou a apresentação incluem as vozes dos participantes, a reflexão do pesquisador, uma descrição complexa e interpretação do problema e a sua contribuição para a literatura ou um chamado à mudança (CRESWELL, 2014, p. 50).

Nesse contexto, o pesquisador ocupa o papel principal, interpretando as leituras, relacionando os dados e conceitos, se ajustando durante o processo, explorando novas áreas emergentes à medida que surgem, o que é especialmente útil em situações complexas e dinâmicas. Se concentra na compreensão, exploração e interpretação aprofundada dos estudos científicos. Dessa forma, afirma Elizabeth Teixeira (2009):

[...] o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica [...] da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação. As experiências pessoais do pesquisador são elementos importantes na análise e compreensão dos fenômenos estudados. [...] O pesquisador observa os fatos sob a ótica de alguém interno à organização (TEIXEIRA, 2009, p. 137).

A abordagem qualitativa é bastante utilizada em pesquisas da área de Ciências Humanas, uma das principais vertentes da pesquisa científica, a qual parte de uma análise de dados de forma subjetiva. Desempenha um papel crucial, contribuindo para uma compreensão mais abrangente e holística dos objetos de estudo

Ao navegar pelos caminhos metodológicos em busca da construção de conhecimento, esta pesquisa, caracterizada como pesquisa participante, adotou três principais instrumentos para o levantamento de dados: a observação, a aplicação de questionários e o desenvolvimento de sequências didáticas com atividades programadas.

Através da observação, foi possível captar as nuances das práticas pedagógicas e das vivências dos(as) estudantes. Permitindo uma análise direta e

contextual das expressões faciais, corporais e de fala, no tocante as interações dos(as) estudantes com o ciberespaço e as conexões com os conceitos filosóficos apresentados, fornecendo dados contextuais ricos, a partir de uma visão natural das dinâmicas em sala de aula.

A aplicação de questionários complementou a observação, proporcionando dados quantitativos e qualitativos de forma estruturada, no tocante à caracterização da amostra pesquisada, quanto aos dados de identificação de cunho pessoal, social, com relação a posse, uso e domínio das tecnologias digitais e por fim, conforme as percepções e reflexões dos estudantes quanto à relação da aplicação teórica dos conceitos filosóficos na prática, em suas vivências imersos em ambientes digitais. Os questionários foram cuidadosamente elaborados para explorar as opiniões, conhecimentos prévios e experiências dos(as) estudantes em relação a intersecção entre o Ensino de Filosofia e o ciberespaço, permitindo uma produção de dados abrangente e detalhada.

Por fim, o desenvolvimento de sequências didáticas com atividades programadas foi implementado como uma forma prática de problematizar conceitos filosóficos em conexão com as vivências digitais dos(as) estudantes. Essas atividades foram planejadas para engajar os(as) estudantes em reflexões mais profundas, aplicando o conhecimento filosófico de maneira concreta e relevante para suas realidades no ciberespaço.

As sequências didáticas não apenas forneceram um meio de compreensão dos conceitos pelos(as) estudantes, mas também criaram oportunidades para que eles percebessem de forma direta a relação entre a relevância prática da teoria de forma ativa e participativa, com a prática de suas vivências cotidianas.

Ao apresentar uma síntese clara do caminho metodológico utilizado nesta investigação, o Quadro 1 abaixo, estabelece a relação entre os objetivos específicos, os instrumentos de produção de dados e os(as) participantes envolvidos, permitindo uma visão estruturada do processo de pesquisa. A relação entre os diferentes elementos do quadro destacou a articulação entre teoria e prática, evidenciando como os objetivos orientaram a escolha das técnicas de produção e análise de informações. Dessa forma, o quadro funciona como um recurso essencial para a transparência da pesquisa, garantindo que os procedimentos adotados sejam compreendidos e replicáveis em estudos futuros.

Quadro 1 – Síntese do caminho metodológico desta investigação. Carvalho, 2024.

Objetivos Específicos	Instrumentos	Participantes
(i) investigar como o Ensino de Filosofia pode contribuir para a compreensão das vivências de estudantes no ciberespaço;	1 - Observação 2 - Análise documental 3 - Questionário	Estudantes
(ii) problematizar vivências de estudantes no Ciberespaço, a partir da conexão com conceitos filosóficos.	1 - Análise documental 2 - Questionário	Estudantes
iii) identificar na prática docente possíveis conexões entre os conceitos filosóficos e o ciberespaço, na perspectiva de estudantes.	1 - Questionário 2 - Observação	Estudantes e Professora

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A abordagem metodológica desta investigação foi planejada para investigar como o Ensino de Filosofia pode auxiliar na compreensão das vivências estudantis no ciberespaço, problematizar essas vivências com base em conceitos filosóficos e identificar conexões práticas entre Filosofia e ciberespaço na prática docente, a partir da perspectiva dos(as) estudantes. Essa organização metodológica permite compreender como cada etapa da investigação foi planejada e realizada, garantindo coerência e precisão na análise dos dados.

2.1.1 Tipologia: Pesquisa Participante

De acordo com a abordagem da investigação, sua relevância e os sujeitos envolvidos, o tipo de pesquisa desenvolvido nesta dissertação foi a pesquisa participante, com objetivo exploratório e de caráter aplicado. A escolha da pesquisa participante se justifica pelo fato de que a autora desta dissertação atua como docente na escola lócus da investigação, cenário que me coloca diretamente relacionada no cotidiano e nas experiências dos(as) sujeitos(as) da amostra, sendo assim parte ativa do processo investigativo.

Essa condição permite que um pesquisador não apenas observe e analise, mas interaja de forma contínua com os(as) estudantes, promovendo um ambiente de

colaboração mútua na construção do conhecimento. A pesquisa participante possibilita uma compreensão mais profunda das práticas, percepções e desafios enfrentados pelos(as) estudantes, já que a interação direta contribui para o desenvolvimento de uma investigação mais contextualizada e enraizada na realidade do ambiente escolar.

Além disso, essa abordagem favorece uma maior empatia e conexão entre pesquisadores e sujeitos, permitindo que as vivências compartilhadas sejam mais autênticas e reveladas, o que é essencial para atingir os objetivos exploratórios e aplicados da pesquisa.

A pesquisa participante, conforme explica Fonseca (2002), foi criada por Bronislaw Malinowski para conhecer os nativos das ilhas Trobriand, quando ele foi se tornar um deles. Rompendo com a sociedade ocidental, montava sua tenda nas aldeias que desejava estudar, aprendia suas línguas e observava sua vida cotidiana.

No Brasil, a pesquisa participante chegou em meados das décadas de 1970 a 1980, com grande contribuição de Paulo Freire. Caracteriza-se pelo compartilhamento dos resultados com os participantes. Na verdade, a separação e mesmo a distinção tradicional entre pesquisadores e pesquisados tende a desaparecer. Assim, a pesquisa participante não pesquisa pessoas: pesquisa com pessoas. Não pesquisa grupos, pesquisa com grupos. Não pesquisa comunidades, pesquisa com comunidades. De acordo com Cohen, Manion, Morrison (2018):

A pesquisa participante rompe a separação entre o pesquisador e os participantes; o poder é igualado e, efetivamente, eles podem fazer parte da mesma comunidade. A pesquisa torna-se um empreendimento coletivo e compartilhado em várias esferas, incluindo: interesses de pesquisa, agendas e problemas; geração e análise de dados; equalização de poder e controle sobre os resultados da pesquisa, produtos e usos; desenvolvimento da voz, autoria e propriedade do participante; agendas emancipatórias e objetivos políticos; uma abordagem orientada a processo e resolução de problemas; e responsabilidade ética e comportamento (COHEN; MANION; MORRISON, 2018, p. 441).

A citação reforça que na pesquisa participante, todos os aspectos do processo desde a definição dos interesses e problemas de pesquisa até a análise de dados e a aplicação dos resultados são compartilhados. Isso promove uma distribuição equitativa do poder e assegura que os participantes tenham voz ativa, autoria e controle sobre os produtos e usos da pesquisa. Sublinha a importância da responsabilidade ética e do comportamento, elementos cruciais para garantir que a

pesquisa participante seja conduzida de maneira justa e respeitosa para com todos os envolvidos.

Desse modo, a pesquisadora participa, inserida no ambiente, interagindo com os sujeitos da pesquisa durante todas as etapas do processo investigativo, proporcionando um conhecimento mais amplo do grupo, fruto das discussões e problematizações e desenvolvimento de atividades programadas sobre a temática da pesquisa.

Nessa perspectiva, o objetivo da pesquisa é exploratório, ao qual, caracteriza-se pela busca por informações, conceitos ou teorias preliminares que possam orientar estudos mais detalhados de um fato ou fenômeno. Conforme afirma Gil (1991), pesquisas exploratórias objetivam facilitar familiaridade do pesquisador com o problema objeto da pesquisa, para permitir a construção de hipóteses ou tornar a questão mais clara.

A realização sistemática da pesquisa é de natureza aplicada, voltada para solucionar algum problema concreto, assim como intervir no mundo real produzindo novo conhecimento para ser aplicado na prática. Segundo Margarida de Andrade (2017), a pesquisa aplicada é motivada por razões de ordem prática:

visa as aplicações práticas, com o objetivo de atender as exigências da vida moderna. Nesse caso, sendo o objetivo contribuir para fins práticos, pela busca de soluções para problemas concretos denomina-se pesquisa aplicada (ANDRADE, 2017, p. 110).

A citação acima destaca que a pesquisa aplicada tem como principal motivação as demandas práticas da vida moderna. Andrade sublinha que a pesquisa aplicada não é apenas teórica, mas orientada para encontrar soluções para problemas específicos, o que a torna essencial em diversas áreas que necessitam de inovações e melhorias contínuas.

Essa abordagem é fundamental para garantir que o conhecimento gerado seja não apenas relevante, mas também aplicável em situações reais, contribuindo para o avanço de práticas e políticas que possam beneficiar diretamente a sociedade. Isso implica que o conhecimento gerado por meio da pesquisa aplicada tem a intenção de ser aplicado de maneira concreta, sublinhando seu compromisso com a aplicação prática do conhecimento em resposta às demandas específicas da sociedade contemporânea.

2.1.2 Instrumentos de Produção de Dados da Pesquisa

Para garantir uma investigação abrangente e minuciosa, foi necessário empregar uma variedade de instrumentos de produção de dados que ampliasse as perspectivas de análise e compreensão da pesquisa participante. Por isso, foram adotados três instrumentos de produção de dados: a observação, informações presentes nos registros de informações observáveis, as quais constam nos apêndices M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V e W, X e Y. Aplicação de questionário, presente no apêndice F, e a análise documental que se refere as atividades programadas resultantes das sequências didáticas. Os documentos analisados foram produzidos pela autora e se constituem a partir do desenvolvimento de duas sequências didáticas, sequência 1 e sequência 2, informações detalhadas no decorrer do texto e nos apêndices G, H, I, J, K e L.

A observação é uma ferramenta que possibilita a análise de eventos, comportamentos ou fenômenos em seu contexto original de ocorrência. Nesta investigação pretende-se observar os(as) estudantes durante as aulas de Filosofia, desde o momento da explanação, discussão e desenvolvimento das atividades que serão propostas, assim como, o ambiente escolar de forma geral, como possibilidade de ampliação da visão em torno da problemática.

De acordo com Danna e Matos (2014), a observação é um instrumento crucial na coleta de dados, utilizado para extrair informações que permitem interpretar suposições sobre a realidade investigada. Nesse sentido, Beuren (2003) acrescenta que a técnica de observação envolve o processo de ver, ouvir e examinar os fatos ou fenômenos de interesse, permitindo uma análise detalhada dos elementos investigados. Fachin (2002), por sua vez, destaca que a observação é um procedimento fundamental de natureza sensorial, no qual o pesquisador se dedica a explorar profundamente os fenômenos empíricos.

Para alcançar os objetivos propostos, a investigação adotou a observação participante e sistemática. Bogdan e Taylor (1975) definem observação participante como uma investigação caracterizada por interações sociais intensas, entre investigador e sujeitos, sendo um procedimento durante o qual os dados são recolhidos de forma sistematizada. A observação seria sistemática, pois existe um controle sobre as condições para conseguir atingir os objetivos da investigação. O

pesquisador tem condições de reconhecer os seus erros e evitar a própria influência sobre as informações produzidas.

Essas perspectivas evidenciam que a observação não é apenas um método de produção de dados, como também um processo analítico que exige uma imersão sensorial e interpretativa por parte do pesquisador. A abordagem dos diferentes autores sublinha a importância da observação na obtenção de uma compreensão abrangente e contextualizada dos fenômenos estudados, permitindo que o pesquisador descubra nuances e aspectos que podem não ser evidentes em métodos mais superficiais.

Com o intuito de registrar os achados, de forma mais realista possível, foi criado pela autora um formulário para o registro diário das informações observadas: “Protocolo de Registro de Informações observáveis”¹, nos quais foram registradas as seguintes informações: temática da aula, data da aplicação, horário, quantidade de estudantes envolvidos, descrição da aula, com informações e ilustrações desde a chegada à sala de aula, sensibilização do tema, desenvolvimento de atividades, impressões, dia a dia. Para este fim, foram utilizadas a linguagem verbal e não verbal, textos e imagens.

Os dados resultantes da observação na pesquisa proposta foram interpretados mediante a consideração da interação contínua entre a pesquisadora e os participantes, valorizando a perspectiva dos(as) sujeitos envolvidos e o contexto em que as práticas ocorreram.

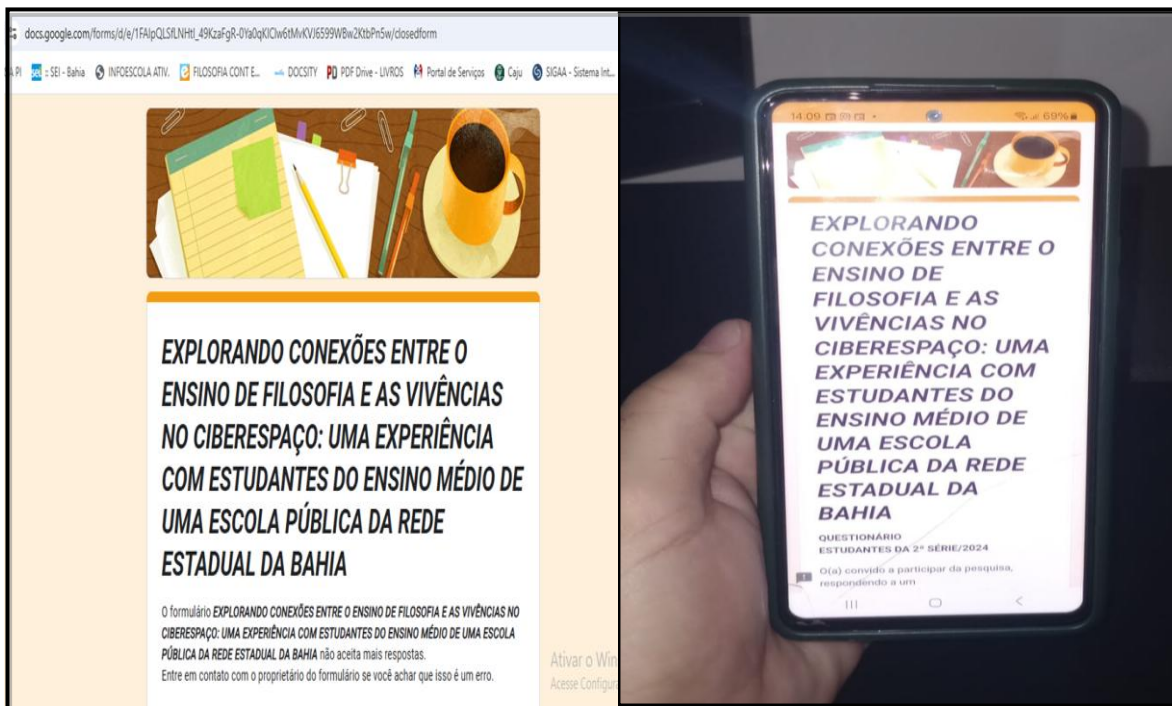
Segundo Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”.

O formulário foi produzido pela plataforma digital Google Forms e disponibilizado por meio do link: <https://forms.gle/e9k2Gsk1WFeyvN2N9>, compartilhado via WhatsApp com os(as) estudantes, de forma a não comprometer o desenvolvimento das atividades escolares. Considerando as disponibilidades de tempo, por conta de dispormos apenas de 55 minutos de aula semanal, e a

¹ Vide apêndices M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V e W, X e Y.

indisponibilidade de sinal de internet suficiente para o acesso ao questionário por todos (as) os (as) estudantes. conforme o registro de imagem a seguir.

Figura 1 – Questionário online, Google Forms, Carvalho 2024.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Assim, os(as) estudantes puderam respondê-lo em outro momento, com mais calma, quando dispuseram de sinal de internet de qualidade. Embora o Google Forms, a ferramenta digital utilizada, colete endereços de e-mail, sua identificação não foi divulgada a identificação, o que garante a preservação de sua privacidade. Alguns(as) estudantes ao receberem o link em sala de aula já iniciaram o processo de resposta.

O questionário elaborado para a produção de dados foi dividido em quatro partes, que visam o fortalecimento de informações que permitissem analisar as conexões entre as vivências dos(as) estudantes no ciberespaço e o Ensino de Filosofia. A primeira parte do questionário foi dedicada à produção de dados de identificação pessoal e aspectos demográficos. As perguntas nesta seção visaram obter informações básicas, como gênero, idade, turno, etnia e local onde reside.

Tais informações são essenciais para contextualizar as respostas subsequentes e identificar possíveis correlações entre o perfil dos(as) estudantes e suas experiências no ciberespaço. Através desses dados, foi possível estabelecer

um panorama inicial de base para a análise das demais partes do questionário, permitindo, por exemplo, investigar se o turno o qual o(a) estudante frequenta, influência sobre a disposição e domínio de instrumentos tecnológicos.

O foco da Parte 2 do questionário, intitulada "Socioeconômico", foi levantar dados sobre a situação socioeconômica dos(as) estudantes. As perguntas visavam obter informações sobre: Composição familiar, o número de pessoas na casa e quantas delas trabalham; Renda, se o(a) estudante possui renda própria, se a família recebe auxílio de programas sociais e qual a faixa de renda familiar; O tipo de moradia, tipo de domicílio (próprio, alugado, cedido), localização (zona urbana ou rural, proximidade do centro) e relação do(a) estudante com o responsável pela casa e acesso à internet, se o(a) estudante possui internet em casa e quantas horas por dia fica conectado(a).

Esses dados buscam traçar um perfil socioeconômico dos(as) estudantes, contextualizando suas realidades e condições de acesso a recursos, o que pode influenciar, por exemplo, na sua participação em atividades online e no uso de tecnologias digitais para fins educacionais.

Entender essas interações é importante não apenas para compreender os comportamentos dos(as) estudantes, assim como, refletir sobre como essas práticas podem influenciar ou ser influenciadas pelos conceitos trabalhados nas aulas de Filosofia. Essa seção revela aspectos significativos das vivências online que podem ser analisados sob uma perspectiva filosófica, possibilitando uma discussão robusta sobre a influência do ciberespaço na formação do pensamento crítico dos(as) estudantes.

A Parte 3 do questionário, intitulada "Disposição e domínio do uso das Tecnologias Digitais", tem como foco principal compreender a relação dos(as) estudantes com as tecnologias digitais. Busca-se, por meio das perguntas, traçar um panorama sobre "A posse e o uso de dispositivos, eletrônicos", que buscam saber quais tecnologias digitais os(as) estudantes possuem (celular, computador, Smart TV, tablet), com qual frequência as utilizam e como avaliam seu domínio sobre elas. As perguntas com respeito ao "Acesso e uso da internet", além de questionar sobre a disponibilidade de internet em casa (abordado na Parte 2), investiga a percepção dos(as) estudantes sobre a disponibilidade e a contribuição da internet na escola para sua aprendizagem. Quanto à "utilização de aplicativos e softwares", há perguntas específicas sobre quais aplicativos e softwares os(as) estudantes usam

para entretenimento e estudo, buscando entender como as tecnologias digitais se inserem em suas práticas cotidianas.

As perguntas finais da Parte 3 exploram a experiência dos estudantes com a realização de atividades pedagógicas em ambientes virtuais. Investigam como se sentem (capazes, desafiados, motivados etc.), como avaliam a frequência dessas atividades e se consideram que sua participação ocorre de forma espontânea ou obrigatória.

Em síntese, a Parte 3 do questionário busca produzir dados sobre o acesso, o uso, o domínio e as percepções dos(as) estudantes em relação às tecnologias digitais, tanto em seus contextos pessoais quanto no ambiente escolar. Essa análise aprofundada da relação dos(as) estudantes com as tecnologias digitais é crucial para contextualizar suas respostas nas demais partes do questionário, especialmente na Parte 4, que aborda a conexão entre o Ensino de Filosofia e o ciberespaço.

A Parte 4 do questionário, intitulada "Conexão entre o Ensino de Filosofia e o ciberespaço", tem como principal objetivo investigar a percepção dos estudantes sobre a relação entre os conteúdos de Filosofia e suas vivências no ciberespaço. A relevância dessa parte reside na possibilidade de mapear a percepção e o nível de compreensão dos(as) estudantes sobre a Filosofia em relação ao ciberespaço, fornecendo *insights* sobre como esses conceitos podem ser mais bem integrados ao ensino no intuito de promover reflexões significativas.

As perguntas buscam levantar dados sobre a compreensão do conceito de ciberespaço, ao buscar entender se os(as) estudantes sabem o que significa o termo "ciberespaço" e como o definem. A Experiência no ciberespaço: as perguntas exploram como os(as) estudantes descrevem sua experiência diária no ciberespaço, o que gostam de fazer nesse ambiente virtual e como avaliam seu uso como espaço de aprendizagem. A influência da Filosofia na percepção do ciberespaço: o questionário investiga se as aulas de Filosofia influenciam a forma como os(as) estudantes percebem suas atividades no ciberespaço, solicitando exemplos de como isso ocorre.

Conexão entre conceitos filosóficos e vivências no ciberespaço: as perguntas exploram se os(as) estudantes percebem a aplicação de conceitos filosóficos (ética, identidade, estética, conhecimento) em suas vivências no ciberespaço, pedindo que cite exemplos de como isso acontece; Reflexão crítica sobre conteúdos e

comportamentos online: o questionário investiga se o estudo da Filosofia ajudou os(as) estudantes a desenvolver uma visão crítica sobre as informações e os comportamentos no ciberespaço, questionando sobre a ética digital, a privacidade e a identidade online; Discussões sobre ética digital em sala de aula: há perguntas sobre se os estudantes já discutiram em sala de aula questões filosóficas relacionadas à ética digital e como essas discussões impactaram sua compreensão do ciberespaço.

Comportamento ético online e dilemas éticos: o questionário busca entender se os estudantes se consideram éticos no ciberespaço, se já enfrentaram dilemas éticos nesse ambiente e como as aulas de Filosofia os auxiliaram a lidar com essas situações. Sugestões para integrar Filosofia e ciberespaço: convida os(as) estudantes a darem sugestões para a professora sobre como melhorar a integração entre o Ensino de Filosofia e as experiências no ciberespaço.

A Parte 4 busca produzir dados sobre a compreensão, as percepções e as reflexões dos(as) estudantes a respeito da relação entre o Ensino de Filosofia e suas experiências no ciberespaço. As perguntas investigam como os conceitos filosóficos podem contribuir para a formação de um comportamento mais ético e crítico nesse ambiente, além de explorar a percepção dos(as) estudantes sobre a integração entre esses dois campos em sala de aula.

Ao questionar os(as) estudantes sobre a utilidade do que aprendem em Filosofia, espera-se identificar possíveis êxitos e lacunas no ensino que podem ser abordadas e revistas, de maneira a fortalecer a conexão entre a disciplina e as vivências dos(as) estudantes no ciberespaço. Sendo assim, através das respostas, será possível obter uma visão mais clara sobre a perspectiva dos(as) estudantes a respeito da percepção do Ensino de Filosofia e suas implicações práticas, o que pode servir como base para propostas pedagógicas mais alinhadas com a realidade digital, a qual enfrentam diariamente.

O questionário, de forma geral, foi estruturado de maneira a permitir uma análise abrangente das interações entre o Ensino de Filosofia e o ciberespaço, buscando entender como essas vivências podem ser problematizadas e compreendidas à luz de conceitos filosóficos, e identificar maneiras de tornar o Ensino de Filosofia mais atrativo na formação dos(as) estudantes no atual contexto socioeducacional.

Quanto à análise documental, os documentos coletados podem ser públicos (jornais, memorandos oficiais, atas, registros) ou privados (cartas, e-mails, diários), segundo (Creswell, 2007). No tocante a esta pesquisa os documentos foram privados, elaborados pela autora. Tais documentos, se referem a duas sequências didáticas, criadas pela autora e aplicadas aos(as) estudantes.

O Quadro 2 abaixo, apresenta uma síntese e descrição dos documentos que deram suporte ao levantamento de dados. A íntegra desses documentos está disponível na seção de apêndices (itens G, H, I, J, K e L).

Quadro 2 – Síntese da organização das Sequências Didáticas. Carvalho, 2024.

Sequência didática 1		Sequência didática 2	
Ética e Moral: Direitos, Deveres e as Políticas de Privacidade		A Estética no ciberespaço: Explorando o ser o que parece ser. Convergência entre o Mundo Real e o Mundo Virtual	
Plano de Aula 1	Plano de Aula 2	Plano de Aula 3	Plano de Aula 4
Explanação dialogada de conceitos, com estudo de caso.	Explanação dialogada de conceitos.	Explanação dialogada de conceitos.	Explanação dialogada de conceitos.
Atividade programada – Produção em grupo de um código de conduta de incentivo a ações éticas nos ambientes digitais.	Atividade programada – Produção em grupo de uma campanha visual de conscientização sobre privacidade e ética digital.	Atividade programada – pesquisa direcionada em grupo, com produção de uma charge sobre distorções de realidade.	Atividade programada – Produção em grupo, resolução de três questões subjetivas, as quais serão socializadas em sala de aula.

Fonte – Elaborado pela autora, 2024.

Cada uma das sequências didáticas, foi trabalhada em duas aulas. Em cada aula foram desenvolvidas atividades programadas, totalizando 4 aulas e 4 atividades programadas. A sequência didática 1 abordou o conceito filosófico de Ética e Moral - Direitos, deveres e as políticas de privacidade, enquanto a sequência didática 2, abordou a Estética no ciberespaço - Explorando o ser e o que parece ser, convergência entre o mundo real e o mundo virtual.

Os dados foram analisados em duas dimensões distintas: a descritiva e a estatística. Na descritiva, pode registrar e compreender o que realmente ocorre com base em dados reais observáveis. Já na estatística, pode analisar quantitativamente parte dos dados levantados através do questionário. Em ambas as dimensões, foi

utilizada a análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2011), a qual abrange tanto a análise dos "significados", quanto a análise dos "significantes". (BARDIN, 2011, p. 34).

A análise de conteúdo caracteriza-se pelo conjunto de técnicas que permite mergulhar profundamente em um grupo de dados, revelando significados que nem sempre são evidentes à primeira vista. Muito utilizada em pesquisas qualitativas, essa abordagem se destaca por sua capacidade de desvendar os conteúdos implícitos em diferentes formas de comunicação, seja em um texto escrito, um gesto sutil ou mesmo uma frase simples.

Ao trabalhar com a análise de conteúdo, o pesquisador ganha uma ferramenta útil para interpretar e compreender as camadas mais sutis e complexas presentes nos discursos, ampliando a visão sobre as interações. Além disso, esse método de análise tem o potencial de fomentar a interação entre os dados obtidos nesta investigação por meio da observação, de questionário e documentos, facilitando a integração dessas fontes de informação.

A primeira sequência didática aplicada, denominada "Ética e Moral – Direitos, Deveres e as Políticas de Privacidade", tem como foco o Ensino de Filosofia para estudantes do 2º ano do Ensino Médio da Rede Estadual da Bahia no ano letivo de 2024. A sequência didática visa explorar as implicações da ética e da moral no cotidiano das vivências dos(as) estudantes, especialmente, no contexto digital, no qual os desafios contemporâneos, como a privacidade e a responsabilidade online, são questões fundamentais.

Com base nas teorias filosóficas de Immanuel Kant, John Rawls, Helen Nissenbaum e Zygmunt Bauman, os Planos de aula 1 e 2 buscam, por meio de uma abordagem reflexiva e prática, capacitar os(as) estudantes a compreender a aplicação dos conceitos éticos e morais em suas interações, tanto no mundo físico quanto no mundo digital. Kant enfatiza a importância do dever e dos princípios universais, enquanto Rawls oferece uma perspectiva sobre justiça e equidade, ao passo que Nissenbaum contribui com a análise da privacidade contextual nas interações sociais, e Bauman reflete sobre a modernidade líquida, destacando os desafios éticos no mundo contemporâneo. Essas teorias formam a espinha dorsal do Planos de aula 1 e 2 e são fundamentais para a compreensão dos direitos e deveres dos indivíduos em ambientes digitais.

Os objetivos desta sequência didática são amplos e visam proporcionar aos(as) estudantes uma compreensão sólida dos conceitos de ética e moral, bem como a análise dos direitos e deveres que regem as interações no ciberespaço. Além disso, o Plano propõem uma reflexão sobre a importância das políticas de privacidade para a proteção dos dados pessoais e as implicações da modernidade líquida nas relações digitais, preparando os(as) estudantes para uma abordagem ética e responsável em suas práticas cotidianas.

O conteúdo explorado ao longo das aulas abordou a relação entre ética e moral, os direitos e deveres dos cidadãos, a importância das políticas de privacidade e a influência da modernidade líquida nas interações digitais. A proposta é que os(as) estudantes reconheçam a relevância dessas questões na sociedade contemporânea e apliquem os conceitos éticos discutidos em sala de aula ao contexto digital, entendendo as responsabilidades e as consequências que acompanham as interações online.

A sequência didática foi estruturada em duas aulas. A primeira aula foi dividida em dois momentos. No primeiro momento, foi realizada uma explanação dialogada, na qual os principais conceitos de ética e moral foram discutidos com base nas teorias de Kant e Nissenbaum. Com foco na importância dos princípios universais, do direito e entendimento de privacidade, a discussão abordou a importância do dever, dos princípios universais e a aplicação desses conceitos no cotidiano e nos ambientes digitais. A necessidade de uma abordagem ética e responsável em todas as esferas da vida foi ressaltada, preparando os(as) estudantes para uma reflexão crítica sobre suas próprias práticas digitais.

No segundo momento, os(as) estudantes foram convidados a formar grupos e desenvolver um estudo de caso sobre a análise de políticas de privacidade de plataformas digitais. Foram distribuídas cópias de políticas de privacidade de diferentes plataformas digitais aos grupos, para que os estudantes fizessem a leitura e identificassem os principais pontos sobre como essas políticas protegem os dados pessoais dos usuários. Após a leitura e análise das políticas de privacidade, os(as) estudantes produziram um código de conduta a partir de suas próprias perspectivas, estabelecendo os princípios éticos e diretrizes para uma conduta ética em ambientes digitais. Essa atividade prática permitiu que os(as) estudantes aplicassem os conceitos teóricos de maneira concreta, promovendo um entendimento mais

profundo sobre a importância das políticas de privacidade e a proteção dos dados pessoais.

Na segunda aula, com base nas teorias de Rawls e Bauman, a exposição dialogada continuou com uma discussão sobre a justiça e da privacidade, além de analisar os desafios da modernidade líquida os direitos e deveres no ciberespaço, abordando questões como: "Quais são os direitos e deveres dos indivíduos no ciberespaço?" e "Como as políticas de privacidade influenciam nossa vida digital?". Em seguida, os(as) estudantes foram incentivados a criar uma campanha visual de conscientização sobre privacidade e ética digital. Os grupos utilizaram diferentes materiais para confeccionar cartazes, incentivando a criatividade e a expressão de suas ideias sobre o tema. No final, as produções foram expostas na escola, promovendo uma socialização do conhecimento adquirido com toda a comunidade escolar.

Os recursos utilizados incluíram quadro branco, marcadores, computador, tablets, celulares, projetor multimídia, diversos tipos de papéis (cartolinas, emborrachados, papel de seda), canetas coloridas, adesivos, cola em bastão, cola quente, tinta guache, pincéis, exemplos de políticas de privacidade de websites populares impressas em papel A4. Todos os materiais utilizados na produção dos cartazes foram providenciados e disponibilizados pela autora, sendo assim, os(as) estudantes não tiveram nenhum custo particular no desenvolvimento destas atividades.

As referências teóricas que fundamentam a Sequência didática 1, incluem obras clássicas da filosofia, como "A Metafísica dos Costumes" de Immanuel Kant (2013) e "Uma Teoria da Justiça" de John Rawls (2003), bem como textos sobre ética digital, como "Privacy in Context" de Helen Nissenbaum (2010), "Modernidade Líquida" de Zygmunt Bauman (2001) e uma perspectiva tradicional sobre a moralidade com a obra "Ética a Nicômaco" de Aristóteles (1987), que oferece, complemento as discussões sobre dever e justiça.

Esses dois Planos de aula (1 e 2), proporciona aos(as) estudantes uma oportunidade de refletir criticamente sobre questões essenciais da vida contemporânea, capacitando-os(as) a pensar eticamente sobre suas ações, tanto no mundo físico quanto no digital, e a compreender a importância dos direitos, deveres e da privacidade em um mundo cada vez mais conectado.

A Sequência didática 2, "A Estética no Ciberespaço: Explorando o Ser e o Que Parece Ser – Convergência entre o Mundo Real e o Mundo Virtual", composta por duas aulas (Aula 3 e Aula 4), exploraram como a estética, tradicionalmente associada à percepção do belo e à crítica do gosto, se estende ao ambiente digital, influenciando a forma como as identidades são construídas e percebidas em plataformas virtuais. Entre os conteúdos abordados, destacam-se temas centrais como "Ser e Parecer no Ciberespaço", "Convergência entre Realidade e Virtualidade", e "Impacto dos Meios Digitais na Identidade".

O objetivo principal da Sequência didática 2, foi proporcionar uma compreensão profunda sobre os conceitos de estética e suas aplicações no ciberespaço, explorando a convergência entre o ser e o que parece ser nas esferas real e virtual. Além disso, os(as) estudantes foram incentivados a analisar como o mundo virtual influencia a percepção de identidade e a forma como as interações digitais moldam nossa compreensão do que é real e do que é aparente. A reflexão sobre a estética no ciberespaço não apenas se limita à análise teórica, como também busca conectar esses conceitos filosóficos ao cotidiano digital, oferecendo uma perspectiva crítica sobre os meios digitais e suas influências.

A Sequência didática 2 foi organizada em duas aulas (Aula 3 e Aula 4). A Aula 3, foi dividida em dois momentos: No primeiro foi realizada uma explanação dialogada sobre os conceitos de estética filosófica e a relação com o ciberespaço, destacando a distinção entre ser e parecer, identidade digital e a convergência entre o mundo real e o virtual. Para ilustrar os conceitos, foram utilizados recursos visuais, como imagens e vídeos.

No segundo momento da Aula 3, os(as) estudantes foram divididos em grupos e convidados a desenvolver uma atividade prática, na qual escolheriam um ambiente digital para observar conteúdos sob a perspectiva estética, refletir e socializar no coletivo sobre sua influência e impactos. Como ação final, produziram uma charge sobre suas percepções sobre a estética no ciberespaço. Essa atividade permitiu que os(as) estudantes aplicassem os conceitos teóricos de maneira prática, desenvolvendo uma compreensão mais profunda das implicações estéticas e identitárias no ambiente digital.

A Aula 4, também foi dividida em dois momentos. No primeiro momento, a discussão é direcionada para a influência dos meios digitais na construção da identidade e percepção, explorando os desafios e oportunidades que a estética

oferece no ciberespaço. No segundo momento, os(as) estudantes foram orientados a discutir entre si, questões como: "Como a estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço?" e "Como os meios digitais influenciam nossa percepção do que é real e do que parece ser?". Essas questões tiveram como objetivo aprofundar a reflexão sobre como as interações no ambiente virtual afetam a nossa compreensão de nós mesmos e dos outros. Após a discussão, os(as) estudantes produziram individualmente um pequeno texto relatando uma situação em que foi influenciado, impactado, iludido ou enganado por conteúdos estéticos presentes no ciberespaço, destacando seus sentimentos, medos, desejos e consequências.

Os recursos utilizados durante as aulas incluem quadro branco, marcadores, computadores, tablets celulares e projetores multimídia. Esses recursos são essenciais para a apresentação de conteúdo multimídia que ilustram as discussões sobre estética e identidade no ciberespaço, além de materiais físicos como cartolinas e tintas, utilizados na criação das charges.

As referências teóricas que sustentam os Planos de aula 3 e 4, incluem textos fundamentais da Filosofia e da cibercultura. Immanuel Kant (1980), em sua obra "Crítica da Razão Pura", explora a relação entre razão e percepção estética, oferecendo uma base sólida para discutir os conceitos filosóficos de ser e parecer. Gilles Deleuze (1996), em "O Atual e o Virtual", apresenta a distinção entre o que é real e o que é virtual, essencial para entender as dinâmicas do ciberespaço. Pierre Lévy (1996), em "O que é o Virtual", contribui com a ideia de cibercultura e as implicações estéticas da virtualidade. Maurício Vieira Martins (2004), em seus estudos sobre o campo literário, oferece uma visão crítica sobre a aplicação da estética digital, enquanto Muniz Sodré (2013), em "Antropológica do Espelho", aborda a convergência entre o mundo real e o virtual na comunicação contemporânea.

A Sequência didática 2, portanto, não apenas apresenta aos(as) estudantes uma visão teórica da estética no mundo digital, bem como os(as) incentiva a explorar de forma prática e crítica as implicações dessas ideias na construção de suas identidades e percepções no ciberespaço. A proposta foi além da simples transmissão de conhecimento, buscou engajar os(as) estudantes em um diálogo profundo e reflexivo sobre os desafios e as transformações trazidas pelos meios digitais na contemporaneidade.

Cada uma das ferramentas utilizadas nesta dissertação, para o levantamento dos dados, contribuiu de forma singular na captação de informações, ao possibilitar diferentes perspectivas e níveis de profundidade sobre o fenômeno investigado. Essa combinação metodológica não apenas garantiu rigor e riqueza aos dados produzidos, bem como proporcionou uma base sólida para as análises subsequentes, além de uma compreensão mais clara das interações e práticas no Ensino da Filosofia em um contexto digital.

2.1.3 Análise dos Dados da Pesquisa

A Análise Documental é, conforme expressam Sá Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5), “[...] um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. Dessa forma, pode ser desenvolvida a partir de várias fontes, e por diferentes documentos, uma vez que excluindo livros e matérias já com tratamento analítico, é ampla a definição do que se entende por documentos incluindo-se dentre eles, leis, fotos, atividades desenvolvidas, vídeos etc.

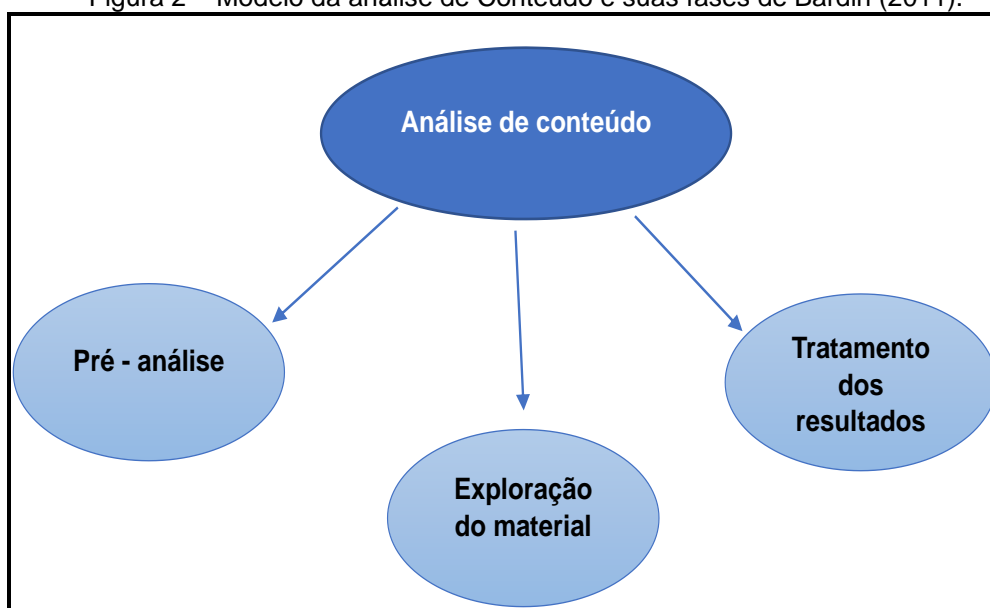
Para a análise dos dados produzidos nesta dissertação, utilizou-se a Análise de conteúdo, de Bardin (2011), que possibilitou uma exploração detalhada dos dados quantitativos e qualitativos provenientes da aplicação do questionário, da observação das interações no ciberespaço e dos documentos resultantes das sequências didáticas.

Esse método enriquece a pesquisa qualitativa ao fornecer uma contextualização mais densa e significativa, ampliando a relevância dos achados. Ademais, valoriza as perspectivas individuais, ressaltando a subjetividade como um elemento fundamental na construção do conhecimento científico, tornando a pesquisa mais abrangente e sensível às nuances das vivências investigadas.

Como conteúdo de análise, foram selecionadas As Sequências didáticas 1 e 2, que abordaram os conceitos filosóficos de Ética e moral, com foco em direitos, deveres e políticas de privacidade, e Estética no ciberespaço, explorando a dicotomia entre o ser e o que parece ser, bem como a convergência entre o mundo real e o virtual. Cada sequência foi trabalhada ao longo de duas horas-aula, culminando em atividades programadas realizadas pelos(as) estudantes, projetadas para captar suas ideias, emoções e visões de mundo. Os resultados dessas

atividades foram interpretados à luz da análise de conteúdo de Bardin (2011), permitindo uma compreensão aprofundada das reflexões e perspectivas expressas pelos(as) estudantes, conforme ilustrado no esquema apresentado na Figura 2 a seguir.

Figura 2 – Modelo da análise de Conteúdo e suas fases de Bardin (2011).



Fonte: Adaptado pela autora de Bardin (2011), 2024.

A análise de conteúdo se desdobrou em três fases fundamentais, a saber, a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Essa abordagem sistemática permitiu organizar e interpretar os dados qualitativos produzidos. As informações foram tratadas de maneira rigorosa e consistente, enriquecendo ainda mais a compreensão, a partir de conceitos filosóficos, das vivências dos(as) estudantes no ciberespaço.

A primeira fase, a pré-análise, consistiu na organização inicial dos dados produzidos por meio da observação, aplicação de questionários e desenvolvimento das sequências didáticas. Neste momento, se deu a leitura dos materiais para identificar postos-chave e definir as categorias de análise, que compreendem a análise descritiva e a estatística. Essa etapa preparatória foi essencial para dar forma ao corpus da investigação e traçar um caminho claro para a interpretação dos dados.

Em seguida, a exploração do material envolveu uma análise minuciosa dos dados, com foco na identificação de padrões, recorrências e temas emergentes nas respostas dos(as) estudantes e nas observações registradas durante as atividades

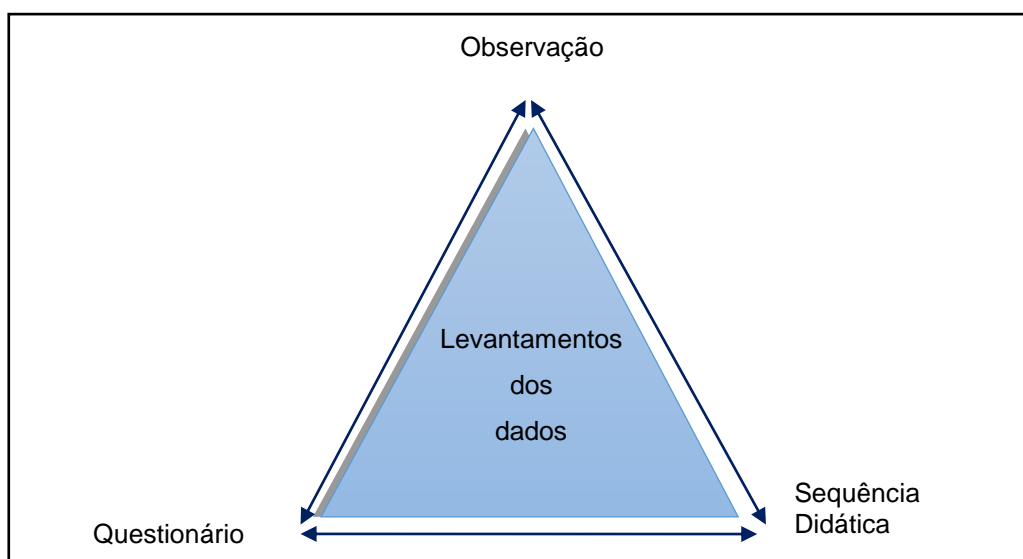
didáticas. Nessa fase, a riqueza das informações produzidas permitiu um proveito detalhado das experiências dos(as) estudantes, especialmente em relação às vivências no ciberespaço, conectando-as com conceitos filosóficos discutidos.

O tratamento dos resultados consistiu em sintetizar e interpretar os achados, cruzando os dados das diferentes fontes de levantamento para obter uma visão mais profunda e integrada do objeto de estudo. Essa etapa permitiu não apenas organizar as informações de maneira lógica e coerente, bem como refletir sobre a significância dos resultados para o Ensino da Filosofia no contexto digital, enriquecendo o entendimento sobre a temática proposta. Cada uma dessas fases foi essencial para garantir a rigorosidade e a profundidade da análise qualitativa.

No sentido de assegurar a validade e a confiabilidade dos resultados, a triangulação dos dados foi utilizada como estratégia metodológica essencial. Denzin e Lincoln (2005) definem a triangulação de forma mais ampla, considerando ser uma combinação de metodologias diferentes para analisar o mesmo fenômeno, de modo a consolidar a construção de teorias sociais. Para os autores, trata-se de uma alternativa qualitativa para a validação de uma pesquisa que, ao utilizar múltiplos métodos de pesquisa, assegura a compreensão mais profunda do fenômeno investigado

Essa técnica permitiu a comparação das informações provenientes de três instrumentos distintos: a observação, as respostas obtidas por meio de questionários e os achados da análise documental. Conforme ilustra a Figura 3 a seguir:

Figura 3 – Ilustração metodológica de análise - Triangulação dos dados, 2024.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Ao integrar as três perspectivas, foi possível construir uma visão robusta das vivências dos(as) estudantes no ciberespaço. Essa triangulação não só fortaleceu as conclusões ao permitir a correlação entre diferentes conjuntos de dados, como também minimizou possíveis lacunas. Desse modo, a pesquisa avançou com maior solidez, oferecendo insights que refletem de forma integrada a complexidade das interações dos(as) estudantes no ciberespaço.

2.2 SUJEITOS DA PESQUISA

A investigação filosófica das vivências estudantis no ciberespaço requer um entendimento profundo dos(as) sujeitos(as) envolvidos(as). Nesta seção, apresento uma análise detalhada dos dados quanto à caracterização e à identificação socioeconômicas dos(as) sujeitos(as) da pesquisa, a partir dos dados resultantes da aplicação de um questionário com questões objetivas e subjetivas, através do Google Forms, disponibilizado aos(as) estudantes através do link <<https://forms.gle/VFJav2WZE7TpFrG16>>, composto por 4 partes: (i) identificação, (ii) socioeconômico, (iii) disposição e domínio do uso das tecnologias digitais e (iv) conexão entre o Ensino de Filosofia e o ciberespaço.

O foco inicial recai sobre as seções (i) identificação e (ii) socioeconômico, destacando a diversidade entre os participantes, considerando seus perfis demográficos e condições de vida. Esse panorama inicial é fundamental para compreender as realidades distintas dos(as) estudantes que compõem a amostra da investigação, evidenciando as especificidades de cada grupo. Já as partes (iii) e (iv) do questionário serão exploradas e discutidas na Seção 3 desta dissertação.

Os (as) protagonistas desta investigação são os(as) estudantes matriculados(as) em 2 turmas de 2º Ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Antônio Geraldo no ano de 2024. No intuito de obter dados a partir de realidades diversas, as turmas escolhidas são de turnos diferentes, uma no matutino e outra no vespertino. No ano destacado, o Colégio dispunha de 8 turmas de 2º Ano, sendo 5 turmas no turno matutino e 3 turmas no turno vespertino, cada turma com, aproximadamente, 35 a 40 estudantes matriculados(as).

O Quadro 3 abaixo, sintetiza a identificação da amostra dos(as) sujeitos(as) da investigação.

Quadro 3 – Identificação da amostra dos(as) sujeitos(as) da pesquisa. CEAG – 2024.

Turmas do 2º Ano do Colégio Estadual Antônio Geraldo, 2024.					
Matutino			Vespertino		
Turma Y			Turma Z		
Quantidade de estudantes			Quantidade de estudantes		
Matriculados	Frequentes	Participantes	Matriculados	Frequentes	Participantes
45	44	41	37	36	29
Número total de estudantes participantes – 70					

Fonte: Questionário elaborado pela autora, 2024.

Para manter a clareza na análise, os grupos de estudantes serão referidos no texto a partir deste ponto como "Turma Y" para o turno matutino e "Turma Z" para o turno vespertino, conforme indicado anteriormente no Quadro 3.

No entanto, o processo de seleção dos(as) participantes revelou algumas particularidades. Embora o número de estudantes matriculados(as) seja de 45 na turma Y e 37 na turma Z, nem todos(as) frequentam regularmente as aulas, pois muitos permanecem matriculados(as) no sistema escolar sem comparecer de forma contínua as aulas.

Entre os(as) estudantes que frequentam regularmente, nem todos(as) aceitaram participar da pesquisa, o que reduziu o número de sujeitos envolvidos no estudo. Além disso, houve casos de estudantes que participaram de algumas etapas da investigação, no entanto não apresentaram o termo de consentimento devidamente assinado, desta forma foram excluídos do processo. Portanto, dos 45 estudantes matriculados na Turma Y, 44 são frequentes e apenas 41 participaram efetivamente da pesquisa, cumprindo todas as etapas do processo, enquanto a turma Z, possui 37 estudantes matriculados(as), 36 são frequentes e apenas 29 participaram efetivamente da pesquisa, cumprindo todas as etapas do processo, totalizando uma amostra total de 70 sujeitos(as) participantes da pesquisa.

Os(as) estudantes menores de idade, tiveram autorização de seus responsáveis para participar da investigação, conforme assinatura dos termos de consentimento TALE – Termo de assentimento livre e esclarecido e o TCLE – Termo de consentimento livre e esclarecido. O procedimento é necessário para assegurar a

confidencialidade e a privacidade dos(as) participantes, com proteção dos(as) mesmos(as), e garanta a não utilização das informações em outro ambiente que não o acadêmico-científico, de modo que suas identidades foram preservadas, inclusive com a obrigação de respeitar e cumprir a declaração de compromisso e confiabilidade dos dados assinada, para a plena garantia de sigilo, conforme a resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>.

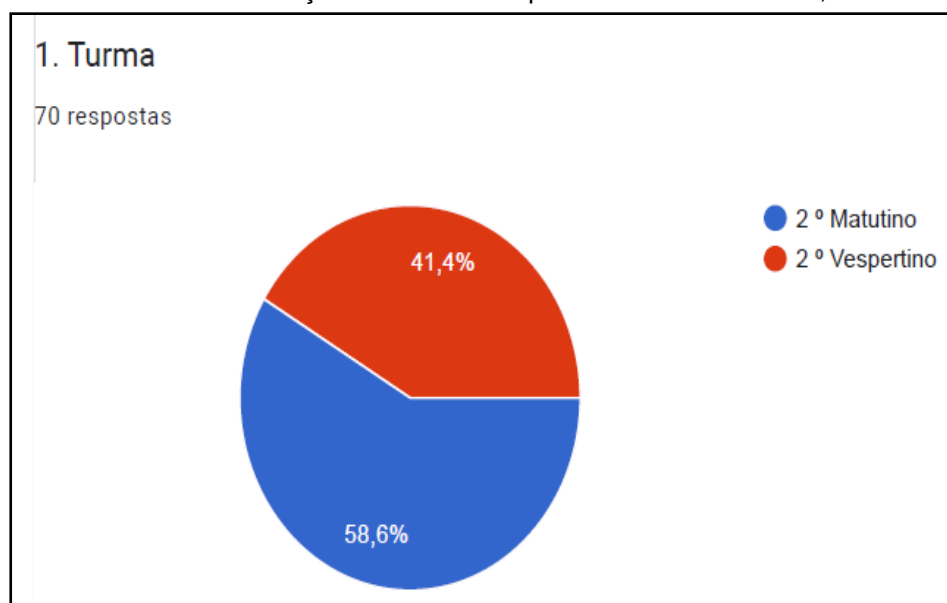
A produção de dados da pesquisa participante se deu, somente após à submissão e à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), através do CAAE 78453624.8.0000.8060, tendo como Instituição proponente a Universidade Federal do Oeste da Bahia, conforme estabelece a resolução supracitada, por envolver seres humanos.

A descrição desta amostra não apenas delinea um retrato indentitário e demográfico dos(as) participantes, bem como revela diferenças importantes entre os grupos, como as condições socioeconômicas, o acesso a recursos educacionais e os desafios específicos enfrentados por cada estudante, como por exemplo, o acesso e/ou a posse de instrumentos tecnológicos, o acesso ao sinal de internet de qualidade, entre outros. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais detalhada das realidades específicas que compõem o contexto educacional, iluminando aspectos que, muitas vezes, passam despercebidos em análises mais generalizadas.

Entender essas nuances é essencial para garantir a representatividade dos grupos e direcionar o desenvolvimento de políticas e estratégias pedagógicas que sejam inclusivas e sensíveis às necessidades particulares de cada um. A análise dos dados de identificação e do perfil socioeconômico oferece uma base sólida para uma reflexão mais abrangente sobre as dinâmicas sociais e educacionais que influenciam o comportamento e as oportunidades dos(as) participantes, além de fornecer um olhar atento às particularidades que compõem o universo da amostra.

A pesquisa envolveu um total de 70 estudantes do 2º ano do Ensino Médio, sendo que 58,6% (n=41) são da Turma Y, enquanto 41,4% (n=29) pertencem à Turma Z. Esses números revelam uma maior concentração de estudantes no turno matutino, um cenário que já era esperado, visto que o número de estudantes matriculados(as) e frequências na Turma Y é superior a Turma Z, conforme ilustra o Gráfico 2.

Gráfico 2 -Identificação de estudantes por turno escolar. CEAG, 2024



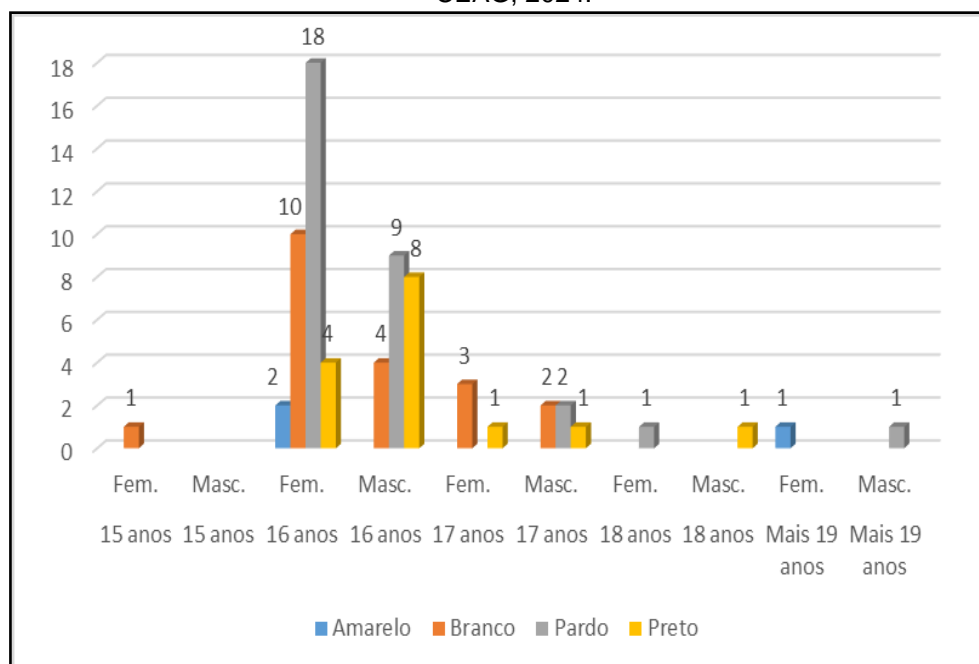
Fonte: Questionário elaborado pela autora, 2024.

Essa característica não se restringe apenas às turmas analisadas nesta investigação, todavia reflete uma dinâmica observada em todo o Colégio. De maneira geral, o turno matutino tende a concentrar um número maior de estudantes quando comparado ao vespertino. Essa diferença pode ser atribuída a uma série de fatores sociais e econômicos, como a disponibilidade de transporte, a necessidade de alguns estudantes trabalharem durante a tarde ou a preferência de pais e responsáveis pelo turno matutino devido a considerações de segurança e rotina familiar.

Essa realidade não apenas evidencia uma disparidade quantitativa entre os turnos, como também impacta o planejamento pedagógico e a gestão escolar, já que o turno matutino frequentemente requer mais recursos e atenção devido à maior demanda de estudantes. A compreensão dessa distribuição é essencial para a implementação de estratégias educacionais que atendam de maneira mais eficaz às necessidades dos(as) estudantes de ambos os turnos, considerando as particularidades de suas rotinas e contextos.

A amostra fragmentada por gênero, idade e etnia, caracteriza-se da seguinte forma, conforme ilustração do Gráfico 3 a seguir, o qual permite uma análise sobre a diversidade presente na pesquisa. Esse tipo de caracterização é importante para compreender a representatividade dos grupos envolvidos.

Gráfico 3 - Caracterização da amostra segundo o gênero, a idade e a etnia. CEAG, 2024.



Fonte: Questionário elaborado pela autora, 2024.

No que se refere ao gênero dos(as) estudantes, a amostra revela que uma proporção significativa se declarou do sexo feminino, um total de 58,6% (n=41), enquanto 40% (n=28) se identifica como masculino. Além disso, um pequeno grupo de 1,4% (n=1) de estudantes optou por não se identificar com nenhum dos gêneros mencionados, o que aponta para a necessidade de incluir e respeitar identidades de gênero não binárias no ambiente escolar, promovendo um espaço de ensino inclusivo e acolhedor para todos.

Em relação à faixa etária, a maioria dos estudantes tem 16 anos, correspondendo a 80% (n=56) da amostra. Este dado pode indicar que a maioria dos participantes está em uma fase de transição crucial na adolescência, onde as reflexões filosóficas e as experiências no ciberespaço podem desempenhar papéis significativos na formação de suas identidades e visões de mundo. As demais faixas etárias estão menos representadas, com 12,9% (n=9) dos estudantes tendo 17 anos, com 18 e 19 anos 2,9% (n=2), e uma representação ainda menor de estudantes com 15 anos somando apenas 1,4% (n=1). Essas variações etárias proporcionam um panorama interessante sobre como diferentes fases da adolescência podem influenciar as percepções e vivências no ciberespaço.

A diversidade étnica entre os(as) estudantes participantes da pesquisa reflete a pluralidade da sociedade brasileira, especialmente, no contexto baiano. Observa-se uma predominância de estudantes que se identificam como pardos, representando 45,7% (n-32) dos declarantes, na sequência, aparecem com segundo maior número os brancos, totalizando 28,6% (n-20) da amostra. Já os(as) declarantes pretos representam 21,4% (n-15), e uma minoria de 4,3% (n-3) dos(as) estudantes se identifica como amarelos, o que, embora seja um número pequeno, acrescenta à riqueza de perspectivas e vivências étnicas no ambiente educacional. Esta diversidade é fundamental para o desenvolvimento de um ensino de Filosofia que seja inclusivo e capaz de dialogar com as múltiplas realidades dos(as) estudantes.

De acordo com dados divulgados pela ASCOM/SEI (2023)², em 2022, 80,8% dos baianos se autodeclaravam negros, que inclui pretos e pardos, o que torna o Estado com maior percentual de população autodeclarada negra no Brasil. Esse percentual não apenas supera a média nacional de 55,9%, como também ultrapassa os 73,9% observados no Nordeste. Esses dados, levantados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), em comemoração ao Dia da Consciência Negra, revelam a profundidade da identidade afrodescendente que permeia a cultura e a história baiana, em que pese não haja menção à população indígena, também, importante para a diversidade étnica do Estado. As estatísticas são baseadas na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) do IBGE, reforçando o orgulho de um Estado cuja diversidade racial é um símbolo de resistência e celebração.

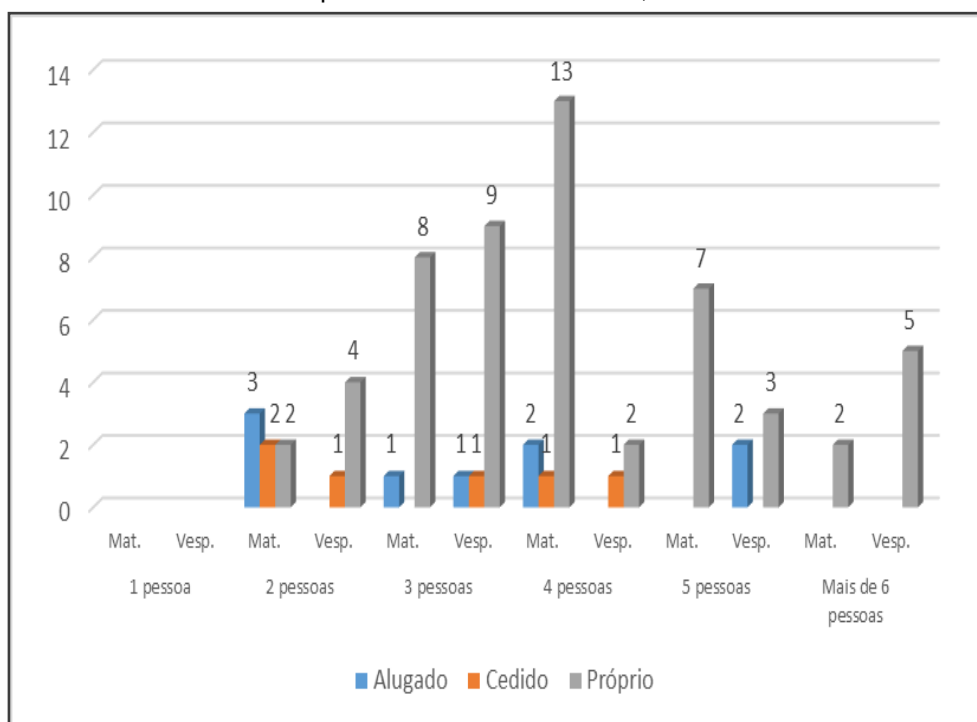
A partir da caracterização da amostra por gênero, idade e etnia, é possível notar que a representatividade de diferentes grupos sociais é essencial para uma análise equitativa. Cada grupo traz vivências e necessidades específicas, que devem ser consideradas ao elaborar estratégias de ensino inclusivas. Além disso, a distribuição por gênero e etnia pode destacar desigualdades históricas que ainda precisam ser superadas no acesso à educação de qualidade.

A pesquisa também detalha as condições habitacionais dos(as) participantes, indicando a condição do imóvel e quantas pessoas lá residem, destacando as

² BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI. Bahia é o estado com maior percentual de negros autodeclarados no Brasil, segundo IBGE. Salvador: ASCOM/SEI, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://www.sei.ba.gov.br>. Acesso em: [20/11/2023].

diferenças entre os turnos matutino e vespertino, conforme ilustra abaixo no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Caracterização da amostra segundo à condição do imóvel e o número de pessoas residentes. CEAG, 2024



Fonte: Questionário elaborado pela autora, 2024.

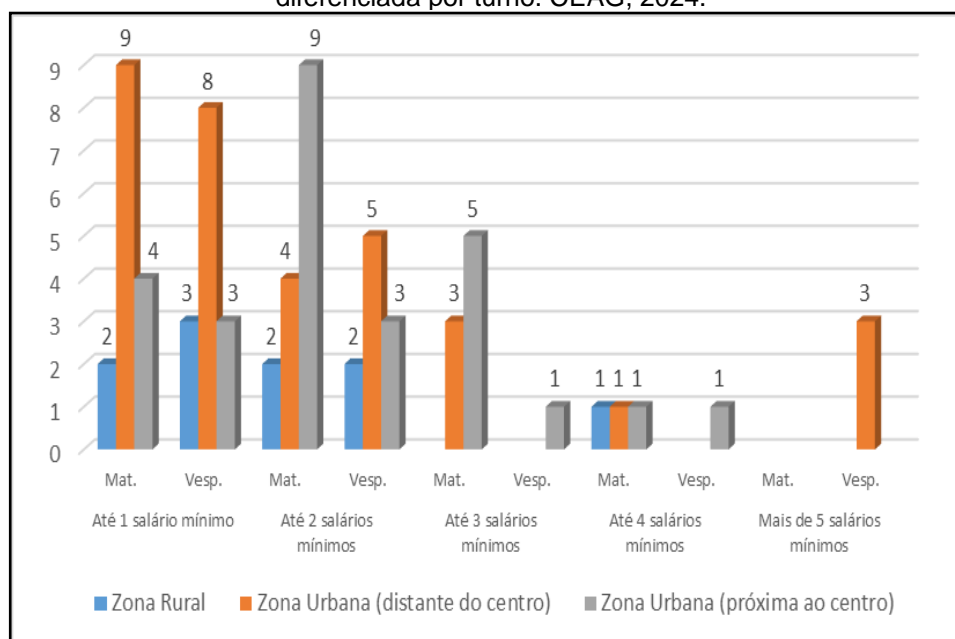
Os dados apresentam a distribuição dos(as) participantes de acordo com a quantidade de pessoas que residem no mesmo domicílio, e a condição do imóvel, diferenciando os períodos matutino e vespertino. Isso permite a identificação de padrões de ocupação e dinâmicas familiares. A estrutura familiar é variada, com domicílios majoritariamente compostos por três pessoas com 28,6% (n=20) dos declarantes, em sequência decrescente temos 27,1% (n=19) que declaram quatro moradores, número igual de declarantes 17,1% (n=5), responderam que moram sozinhos ou duas pessoas no imóvel. Enquanto que 10% (n=7) declaram morar com seis ou mais pessoas. A quantidade de pessoas por domicílio pode influenciar diretamente o ambiente de estudo dos(as) estudantes. Em casas com maior número de residentes, por exemplo, as dificuldades relacionadas ao espaço para estudar e à divisão de recursos podem ser mais acentuadas.

Quanto a condição do imóvel, a maioria dos(as) estudantes vive em domicílios próprios, com 78,6% (n=55) dos(as) estudantes, enquanto uma minoria

reside em moradias alugadas 12,9% (n-9), ou cedida com 8,6% (n-6) dos(as) respondentes.

Outro dado, trata da localização por zona de residência (rural, urbana próxima ao centro e urbana distante do centro) e por faixa de renda familiar, diferenciada por turno. Informações ilustradas no Gráfico 5:

Gráfico 5 - Caracterização por localização de residência e renda familiar, diferenciada por turno. CEAG, 2024.



Fonte: Questionário elaborado pela autora, 2024.

As informações acima oferecem um panorama socioeconômico dos participantes, visto que, a localização dos(as) estudantes impacta diretamente o acesso a serviços e infraestrutura, enquanto a renda familiar é um indicativo de capacidade de investimento em educação e tecnologia.

Em relação à localização geográfica dos(as) participantes da pesquisa, nota-se uma predominância de residentes em áreas urbanas, o que reflete uma dinâmica típica da distribuição populacional em muitos Estados brasileiros. A maior parte dos(as) respondentes, 47,1% (n-33), reside em zonas urbanas mais afastadas do centro, o que pode sugerir um contexto socioeconômico no qual o acesso a recursos e serviços urbanos é limitado pela distância. Por outro lado, 38,6% (n-27) dos(as) participantes moram em zonas urbanas próximas ao centro.

A pesquisa também revelou que 14,3% (n-10) dos(as) estudantes vivem em áreas rurais, uma porcentagem significativa que traz à tona questões sobre o acesso às tecnologias e à internet de qualidade, que pode ser mais restrito ou de menor

qualidade nessas regiões. Esse grupo, vivendo em um ambiente que combina características rurais e necessidades educativas específicas, enriquece a análise ao trazer diferentes perspectivas sobre o uso do ciberespaço e o acesso ao ensino de Filosofia mediado por tecnologias.

Notavelmente, a investigação não identificou estudantes que se declarassem como moradores de comunidades indígenas ou quilombolas, o que indica uma ausência de representatividade desses grupos específicos na amostra estudada. Essa ausência também aponta para a necessidade de esforços contínuos para incluir essas populações em pesquisas futuras, que garantam suas vivências e perspectivas sejam consideradas em discussões educacionais, especialmente, aquelas relacionadas ao ciberespaço e ao Ensino de Filosofia.

No tocante a renda mensal total familiar, constatou-se que a maioria dos respondentes 41,4% (n-29) tem renda de até 1 salário mínimo, seguido por 35,7% (n-25) com dois salários mínimos, 12,9% (n-9) com três salários mínimos, 5,7% (n-4) com quatro salários mínimos e 4,3% (n-3) com mais de cinco salários mínimos.

No que diz respeito a quantidade de membros da família que exercem função remunerada, (informação não consta no gráfico), observou-se em ordem crescente que apenas 1,4% (n-1) possui cinco integrantes da família exercendo função remunerada, em sequência 2,9% (n-2), responderam que quatro pessoas têm remuneração, com 20% (n-14), temos três pessoas remuneradas, 38,6% (n-27) com apenas duas pessoas com remuneração e 37,1% (n-26) apenas uma pessoa que mora na residência exerce função remunerada. Neste contexto, 75,7% (n-53) estudantes declararam não ter uma renda própria, enquanto que 24,3% (n-17), desenvolvem atividade remunerada.

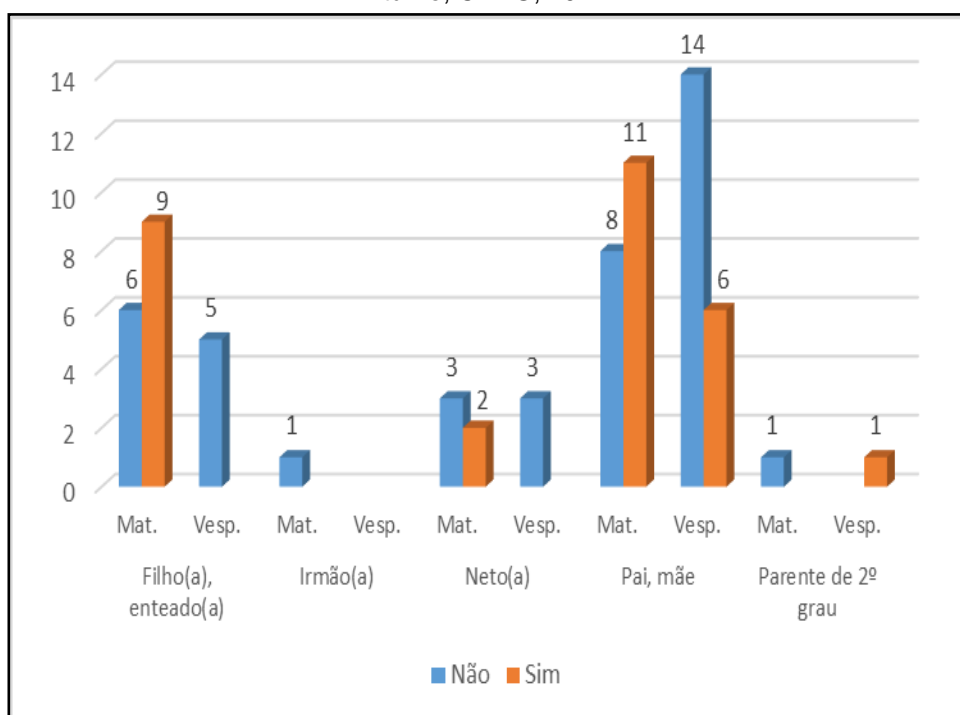
O número de pessoas que exercem função remunerada dentro de casa e as relações com o responsável pelo domicílio fornecem um panorama das realidades econômicas e familiares. Essas informações são cruciais para entender o contexto em que esses estudantes vivem, o que, por sua vez, pode influenciar seu acesso à educação, suas vivências no ciberespaço e a forma como o ensino de Filosofia pode ser contextualizado para atender às suas necessidades e realidades específicas.

A localização da residência, aliada à renda familiar, desenha um mapa de desigualdade socioeconômica sem acesso a oportunidades educacionais. Estudantes que residem em áreas rurais ou urbanas distantes do centro enfrentam dificuldades maiores para acessar a internet e serviços educacionais. Da mesma

forma, as famílias com rendas mais baixas possuem menos recursos para investir em materiais escolares e tecnologias, aumentando o risco de exclusão digital. Esse é um aspecto crítico para políticas que visam reduzir a disparidade digital e garantir que todos tenham acesso igualitário à educação.

Os próximos dados a serem informados são referentes a condição do(a) estudante em relação ao domicílio e se a família é atendida por algum programa social de distribuição de renda. Quando questionados sobre a sua condição em relação a pessoa responsável pelo domicílio, 84,3 (n=59) se identificou como filhos(as) ou enteados(as) da pessoa responsável pelo domicílio. Este dado é esperado, considerando que a amostra consiste principalmente de estudantes do Ensino Médio, que em sua maioria ainda vivem com os pais ou responsáveis legais. Uma menor proporção, 11,4% (n=8) se identificam na condição de neto, 2,9% (n=2) se identificam como parentes de segundo grau, como tios ou primos, indicando a existência de lares compostos por membros da família estendida, o que pode refletir diferentes dinâmicas familiares e econômicas, como arranjos de moradia Intergeracional ou de suporte familiar ampliado e 1,4% (n=1) declarou –se irmão(ã), do responsável pelo imóvel. Conforme ilustrado no Gráfico 6 abaixo:

Gráfico 6 - Caracterização da amostra quanto a condição do(a) estudante em relação ao responsável pelo domicílio e assistência de programa social por turno, CEAG, 2024.



Fonte: Questionário elaborado pela autora, 2024.

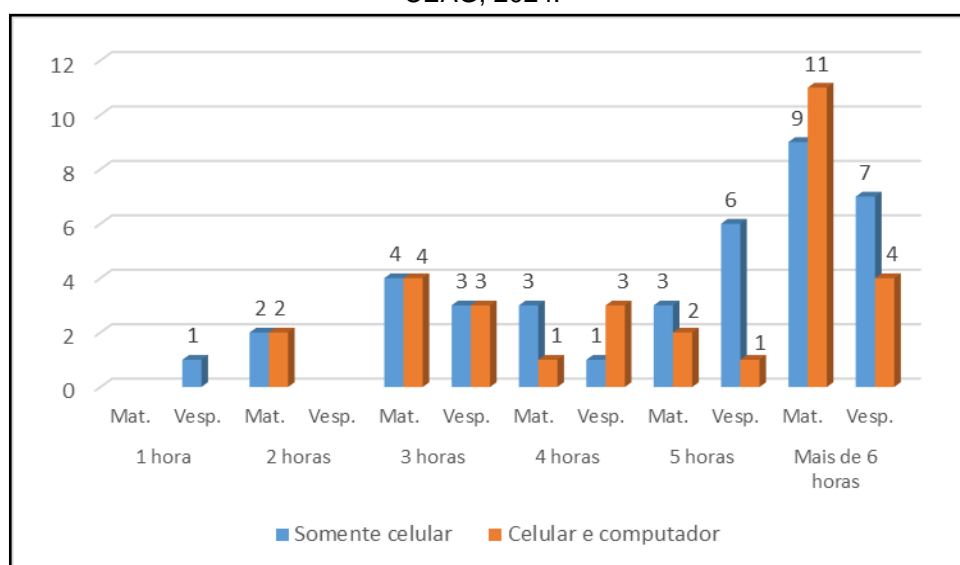
Outro dado importante a se destacar é que mais da metade dos(as) estudantes 58,6% (n-41) declararam pertencer a famílias que são atendidas por programas sociais de distribuição de renda. Enquanto 41,4% (n-29), estão inseridas em algum programa social de distribuição de renda.

A influência de programas sociais também faz parte da pesquisa, revelando o impacto direto de que esses auxílios não têm suporte a famílias em situação de vulnerabilidade. O papel dos programas sociais não se limita apenas ao suporte financeiro, mas também à criação de um ambiente que favorece a permanência dos(as) estudantes no sistema educacional. Essa análise revela a influência de políticas públicas no apoio a famílias de baixa renda, as quais refletem no bem-estar dos(as) estudantes e no acesso a oportunidades educacionais.

O acesso a tecnologias como celulares e computadores é um dos fatores centrais no contexto educacional contemporâneo. Percebe-se no dia a dia em sala de aula que muitos(as) estudantes dispõem exclusivamente de celulares para acessar conteúdos educacionais, o que pode limitar a qualidade da aprendizagem. O tempo de conexão, por sua vez, indica que há uma variação significativa entre os períodos matutino e vespertino, refletindo a dinâmica de uso de cada família.

Para garantir uma educação digital inclusiva, é essencial que sejam fornecidos recursos e capacitações que permitam um uso mais eficiente dessas tecnologias.

Gráfico 7 - Posse de Celular e Computador, e Tempo de Conexão por turno. CEAG, 2024.



Fonte: Questionário elaborado pela autora, 2024.

O Gráfico 7, detalha o acesso a tecnologias como celular e computador, assim como o tempo de conexão dos(as) participantes em diferentes turnos. Essa informação é crucial para compreender a disponibilidade e a qualidade do acesso digital, especialmente em contextos em que a educação remota pode ser uma realidade. Essas desigualdades no acesso afetam diretamente a capacidade de concentração e engajamento com o conteúdo pedagógico, tornando urgente a implementação de políticas públicas e iniciativas escolares que promovam uma inclusão digital eficaz.

Todos(as) os(as) participantes, isto é, 100% (n-70) dos(as) participantes informaram possuir celular. Já em relação a posse de computadores, menos da metade afirmou possuir, correspondendo a 44,3% (n- 33), e 55,7% (n- 41) afirmaram não possuí-lo. O tempo de uso da internet pela maioria dos respondentes também foram expressivo, com 44,3% (n-31) dos(as) estudantes conectados por mais de seis horas diárias. Este uso intenso da internet indica uma forte presença digital que pode influenciar suas vivências e, por conseguinte, suas interações com os conteúdos filosóficos apresentados em sala de aula.

Enquanto 17,1% (n-12) passam cinco horas por dia conectado, decaindo para 11,4% (n-8), quatro horas conectados, 20,0% (n-14) respondentes afirmaram passar três horas por dia conectados, 5,7% (n-4) duas horas e apenas 1,4% (n-1) uma hora por dia conectado. Todos (as) os (as) participantes declararam possuir acesso à internet em casa, sendo o Wi-Fi a forma predominante de conexão.

Os dados apresentados revelam uma amostra de um grupo de estudantes com uma diversidade significativa em termos de idade, gênero, etnia, localização geográfica e condições socioeconômicas. Esta diversidade reflete a pluralidade de experiências que esses jovens trazem para o ciberespaço e, conseqüentemente, para as discussões filosóficas. Assim, esta apresentação dos dados não se limita a números e porcentagens, mas busca trazer elucidar os desafios e as oportunidades de um ensino que se encontra em constante diálogo com o mundo digital.

O desafio está em desenvolver soluções que considerem a complexidade das questões sociais e educacionais enfrentadas pelas famílias brasileiras. A educação, mais do que um direito, é uma ferramenta transformadora, capaz de reduzir desigualdades e abrir caminhos para um futuro mais justo e inclusivo. A análise dos dados nos convida a refletir sobre a importância de criar ambientes de

aprendizagem que sejam acolhedores e que valorizem as particularidades de cada indivíduo, garantindo que ninguém seja deixado para trás.

Compreender o perfil dos sujeitos da pesquisa é essencial para aprofundar as análises sobre como o ensino de Filosofia pode dialogar com suas vivências digitais, oferecendo um espaço para reflexões críticas sobre o mundo virtual que habitam diariamente. É dessa forma que podemos construir uma narrativa que vai além dos dados obtidos, promovendo uma visão mais humana e sensível das questões educacionais.

Nesse contexto, Ritchie, Lewis e Elam (2003, p. 55) ressaltam que o tamanho da amostra e o ponto de saturação são determinados pela heterogeneidade da população a ser pesquisada. Fusch e Ness (2015) destacam que "a forma mais simples de diferenciar volume e riqueza de dados é considerar o volume como quantidade e a riqueza como qualidade. Volume refere-se à quantidade de dados, enquanto riqueza denota camadas intrincadas, detalhadas e nuançadas de informação." O segredo é ter ambos" (FUSCH; NESS, 2015, p.1411) buscando ao mesmo tempo quantidade e qualidade na produção de dados. Fato que corrobora com a escolha de fazerem parte da pesquisa estudantes matriculados em turnos diferentes, neste caso matutino e vespertino. Portanto, ajustar o tamanho da amostra para refletir essas circunstâncias específicas resulta em uma análise adequada aos objetivos da investigação.

2.3 ESPECIFICAÇÃO DO LÓCUS

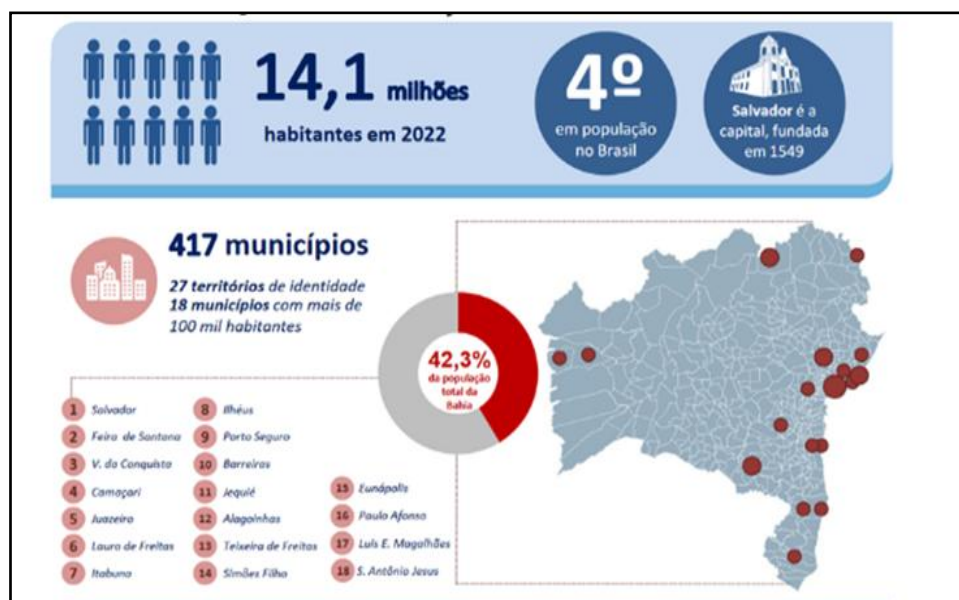
Esta pesquisa tem como lócus o Colégio Estadual Antônio Geraldo. Colégio que integra a Rede Pública Estadual de Nível Médio, e está situado no município de Barreiras - BA, sob as orientações do Núcleo Territorial de Educação (NTE) 11³, pertencente ao Território de Identidade da Bacia do Rio Grande, região Oeste do Estado.

O Estado da Bahia é o 5^o maior em extensão territorial do Brasil, 7^a economia do país, 18^o em Produto Interno Bruto (PIB) per capita, 22^o em desenvolvimento humano médio e 22^o lugar na Educação. Composto por 417 municípios que se

³ Instituídos pelo Decreto nº. 15.806 de 30 de dezembro de 2014 (BAHIA, 2015). Unidades administrativas que representam a Secretaria de Educação na gestão educacional regional.

encontram organizados em 27 Territórios de Identidade. Essas divisões territoriais são estabelecidas com base em critérios que consideram fatores ambientais, econômicos, sociais e culturais.

Figura 4 - Informações demográficas e geográficas do Estado da Bahia, 2022.



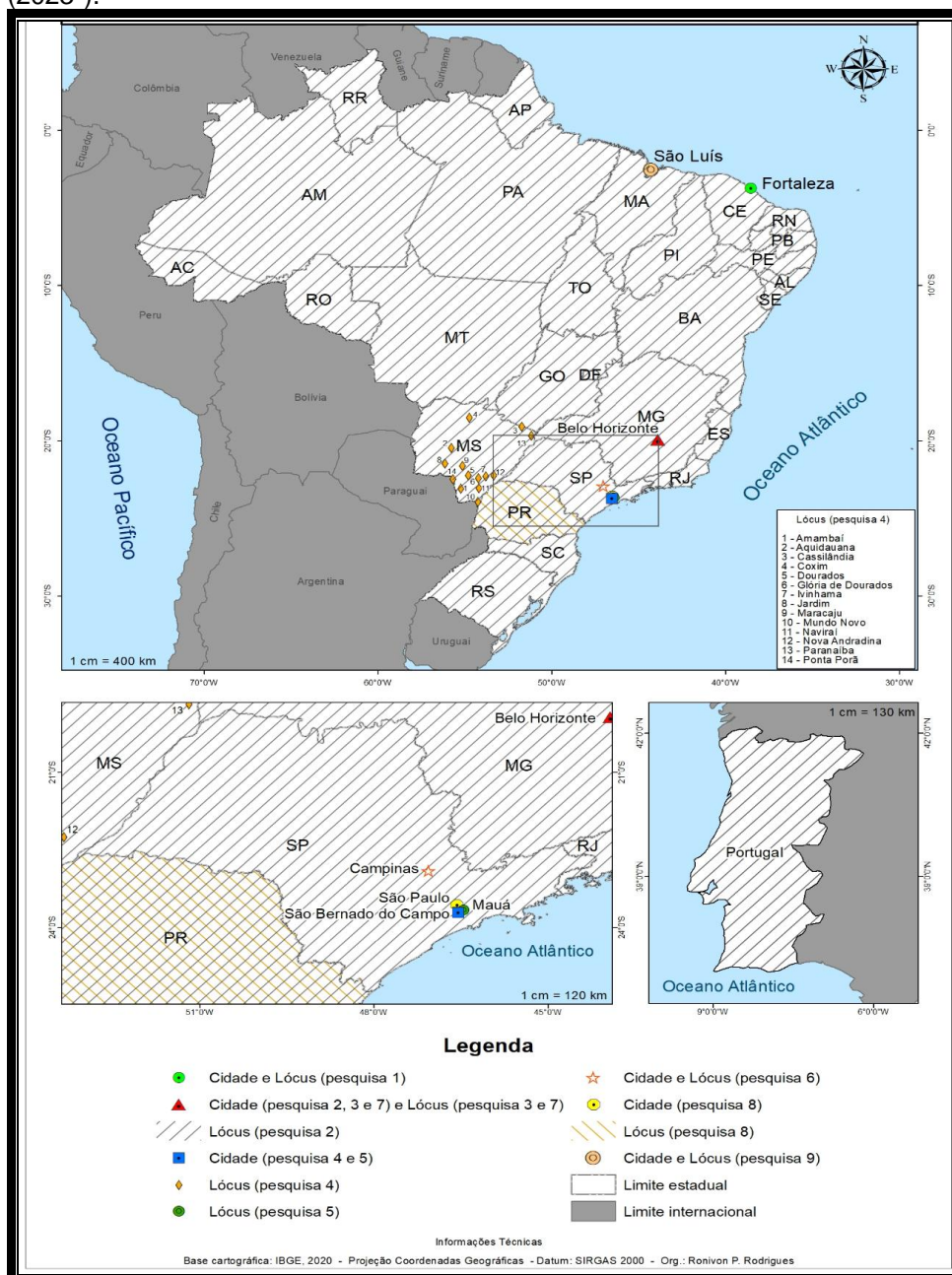
Fonte: Censo Demográfico (2022); IBGE (2022); SEI (2022); PNAD-C (2022); MTE/Rais (2023); PNUD; FJP (2022). Elaboração Coest/SEI, em 29/06/2023

A região Oeste do Estado da Bahia destaca-se pelo agronegócio, realizado com empreendedorismo e alto nível de excelência nos processos de produção, tornando-se modelo de crescimento agrícola e uso de tecnologia avançada. O município de Barreiras está situado no Território da Identidade da Bacia do Rio Grande, no Oeste da Bahia, sendo um dos principais municípios em razão de ser um importante centro agrícola e comercial, desempenhando um papel fundamental na produção de grãos e na economia regional. Além disso, Barreiras possui uma rica herança cultural. A cidade é conhecida por suas belezas naturais e animadas festas populares com uma mistura de tradição e modernidade, oferecendo uma atmosfera única que combina a hospitalidade baiana com o dinamismo de uma cidade em constante crescimento.

A relevância desta pesquisa é ampliada por dois fatores: (i) pelo seu caráter inédito no Estado da Bahia, especialmente, na região Oeste, e (ii) pelo baixo número de produção de teses e dissertações em todo o território brasileiro que abordem a respeito da temática sobre a intersecção entre os conceitos filosóficos e seus

impactos nos comportamentos e vivências em ambientes virtuais, conforme ilustra a seguir o Mapa 3:

Mapa 3 - Identificação das cidades das instituições e dos lócus de pesquisa (2023⁴).



Fonte: Elaborado por Ronivon P. Rodrigues a pedido da autora, 2023.

As informações no Mapa 3, resultam das experiências e descobertas realizadas no Estado do Conhecimento, a partir da análise do banco de dados da

⁴ A pesquisa do conhecimento foi atualizada no mês de outubro do ano de 2024, resultando sem alterações no quantitativo de produções.

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Enquanto a Região Nordeste apresenta apenas duas produções acadêmicas relacionadas ao tema (nenhuma delas localiza-se na Bahia), a Região Sudeste detém um total de sete produções, fatores que corroboram com a relevância desta pesquisa no contributo para a produção de conhecimento científico.

O Quadro 4, apresenta os achados da amostra da Pesquisa do Conhecimento, com dados extraídos da BDTD em 2024, destacando trabalhos acadêmicos que abordam a relação entre o Ensino de Filosofia e o ciberespaço.

Quadro 4 – Produções que compõem a amostra da Pesquisa do Conhecimento, BDTD – 2024.

Nº	Autor	Título	Tipo	Instituição	Ano
1	Silva, Daniela Adonai Lima e(NA)]	Cultura digital e sua influência na sociabilização dos jovens, segundo a percepção docente	Dissertação	UFC	2009
2	Fernanda Araujo Coutinho Campos(NA)]	Convergência na educação: políticas, tecnologias digitais e relações pedagógicas	Tese	UFMG	2017
3	Gislene Rangel Evangelista(NA)]	#CurrículoDoFacebook: denúncia de crise e demanda pela reforma do ensino médio na linha do tempo da escola	Dissertação	UFMG	2016
4	REIS, ANA TEREZA VENDRAMINI	A importância das TICS e da educação como processo comunicacional dialógico no Ensino Superior: Um Estudo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	Tese	METODISTA	2016
5	PINTO, JOICE APARECIDA DE SOUZA(NA)]	Narrativas e “pedagogia da admiração”: desafios com novas tecnologias	Dissertação	METODISTA	2016
6	Aspis, Renata Pereira Lima, 1961-(NA)]	Ensino de filosofia e resistência	Tese	UNICAMP	2012
7	[Raquel Alvim Monteiro(NA)]	A Filosofia no ensino médio: possibilidades e experiências	Dissertação	UFMG	2016
8	Vanderson Ronaldo Teixeira(NA)]	Ciberespaço: uma Nova Ágora para a performance comunicativa através do ensino e da aprendizagem híbrida em filosofia	Tese	USP	2017
9	TEIXEIRA, Edna Cristina Leite	O Ensino de Filosofia na palma da mão: uma experiência no Centro de Ensino Vicente Maia sobre o filosofar com o WhatsApp	Dissertação	UFPR núcleo local UFMA	2021

Fonte: A Biblioteca digital brasileira de teses e dissertações (BDTD). Elaborado pela autora, 2024.

A análise das informações revelou aspectos importantes e lacunas a serem

preenchidas, principalmente no que diz respeito à abordagem da temática sob a perspectiva de estudantes e à diversidade geográfica das pesquisas realizadas.

A amostra gerada contém 9 produções ao total, sendo 5 dissertações e 4 teses, e decorre da busca a partir de duas organizações de descritores⁵. Embora existam estudos que tratam do Ensino de Filosofia em conexão com o ciberespaço, observa-se que nenhum deles aborda diretamente a visão dos(as) estudantes sobre essa relação ou suas vivências nesse ambiente digital. Essa ausência de uma abordagem centrada nos(as) discentes destaca uma oportunidade de inovação no campo, dado que compreender as experiências e percepções deles(as) pode oferecer *insights* valiosos para aprimorar práticas pedagógicas no contexto contemporâneo. Além disso, é relevante notar que nenhuma das pesquisas realizadas no quadro tem como lócus de investigação uma instituição localizada no Estado da Bahia. Esse dado evidencia uma lacuna geográfica, aumentando a necessidade de ampliar os contextos regionais analisados, de forma a contemplar a diversidade cultural e educacional de diferentes Estados brasileiros.

A escolha dos descritores que incluem o termo ciberespaço revelou um número reduzido de produções acadêmicas, enquanto aquelas relacionadas às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) apresentaram uma quantidade significativamente maior de estudos. No entanto, o foco desta dissertação não está nos instrumentos de acesso às TICs, mas, sim, no ciberespaço como um espaço de vivências, onde ocorrem interações, construção de identidades e experiências sociais. Dessa forma, a pesquisa busca compreender o ciberespaço enquanto ambiente de práticas e relações, e não apenas como um meio tecnológico de conexão e transmissão de informações.

Outro ponto que merece atenção é a variedade das instituições de origem das pesquisas. Trabalhos de universidades renomadas, como UFC, UFMG e USP, são representados, o que demonstram o interesse e a relevância do tema em diferentes contextos institucionais. Além disso, os temas envolvidos nas pesquisas incluídas no quadro refletem a amplitude do campo de estudo, com abordagens que vão desde a convergência entre tecnologias digitais e a educação filosófica até experiências práticas do Ensino de Filosofia no Ensino Médio. Essa diversidade evidencia a

⁵ Descritor I - ensino de filosofia AND cultura digital AND ciberespaço AND estudante AND ensino médio

Descritor II - filosofia AND ciberespaço AND estudante AND ensino médio

riqueza de possibilidades que o tema oferece, assim como aponta para a ausência de uma abordagem específica que conecte diretamente as vivências dos(as) estudantes no ciberespaço com o Ensino de Filosofia.

O ano de 2016 destacou-se por concentrar o maior número de produções acadêmicas relacionadas ao Ensino de Filosofia, o que reflete um contexto de mudanças significativas na educação brasileira. Nesse período, houve debates intensos sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatizaram o papel da Filosofia na formação crítica e cidadã, além de iniciativas externas à inclusão de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no ensino. A revolução tecnológica e a necessidade de modernizar métodos pedagógicos contribuíram para pesquisas sobre a integração entre a Filosofia e o ciberespaço. Apesar do cenário de instabilidade política e econômica, que afetou os investimentos na educação, o momento gerou reflexões críticas sobre o papel da escola e o impacto das novas demandas sociais e tecnológicas no ensino, as quais estimularam produções acadêmicas inovadoras.

No intuito de preencher as lacunas apresentadas anteriormente, constituiu-se como locus da investigação o Colégio Estadual Antônio Geraldo, que é uma escola pública de Nível Médio da Rede Estadual da Bahia, localizada na região central na sede do município de Barreiras -BA, na Rua 19 de maio, s/n.. A escola foi fundada em 1958, foi a 2ª escola pública deste município. Atualmente, classificada como escola de porte especial⁶, segundo a Lei 14.032/18, Anexo V, a qual, categoriza o porte das unidades escolares, com relação ao número de estudantes matriculados.

A escola oferta o Ensino Médio Regular e a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), com aulas nos três turnos. Dispõe de um universo de 15 turmas no turno matutino, com um total de 643 estudantes. O turno vespertino atende a 14 turmas, totalizando 439 estudantes e o noturno com apenas 9 turmas, com um total de 306 estudantes. No geral, a escola atende a um total de 1, 388 (um mil e trezentos e oitenta e oito) estudantes.

As dependências físicas do Colégio são adaptadas à acessibilidade e conta com 1 sala de Atendimento Educacional Especializado, a qual recebe estudantes de todas as Escolas Estaduais que compõem o NTE 11, 1 laboratório de Informática, 1

⁶ Dados referente ao ano letivo de 2024.

cantina, 1 refeitório, 1 sala da Direção escolar, 1 sala da Vice direção escolar, 1 sala da secretaria, 1 sala de professores, 1 sala de coordenação, 2 quadras de esportes, (uma coberta e outra sem cobertura), 1 auditório, 1 almoxarifado, 2 banheiros coletivos e 1 biblioteca.

O Colégio aderiu ao Programa Escola Conectada para a disponibilização dos serviços de internet aos(as) estudantes e servidores(as). Participa ativamente dos Projetos artísticos e culturais, organizados pela Secretaria de Educação do Estado, como por exemplo: o Festival Anual da Canção Estudantil (FACE), Artes Visuais Estudantis (AVE), Educação Patrimonial e Artística (EPA), Tempos de Arte Literária (TAL) e Produções de Vídeos Estudantis (Prove), Saúde na Escola e a Feira de Ciências, Empreendedorismo Social e Inovação da Bahia (FECIBA).

No entanto, apesar do Colégio possuir o sinal de internet, enfrenta diversos problemas de conectividade, evidenciando uma insuficiência no acesso disponível em quase todas as dependências. Tanto professores quanto estudantes enfrentam dificuldades significativas, como constante oscilação de sinal, atendendo de forma satisfatória apenas as demandas administrativas.

Essa limitação prejudica a integração das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem, afetando a capacidade da escola de oferecer um ambiente educacional plenamente conectado e capaz de atender às necessidades tanto dos(as) professores(as) quanto dos(as) estudantes. É fundamental abordar esses problemas para garantir um acesso mais equitativo e eficiente à internet, promovendo assim uma melhor utilização das ferramentas digitais no contexto educacional.

Embora esteja localizado no centro da cidade, o Colégio atende a uma população diversificada de estudantes, provenientes de diversas situações socioeconômicas e residenciais, inclusive na zona rural, o que demanda o uso de transporte coletivo por parte destes(as) estudantes. Neste ano de 2024, a escola conta com uma equipe discente formada por 01 diretora, 02 vice-diretores, 03 coordenadoras, 42 professores(as), sendo 38 efetivos e 4 contratados, 01 secretária e 05 auxiliares administrativos, 01 cozinheiras e 05 auxiliares de cozinha, 5 auxiliares de serviços gerais e 4 vigilantes.

A escolha do lócus se deu por dois motivos. Primeiro, devido à escola ser reconhecida por sua tradição e tamanho considerável, atendendo a uma diversificada população. Segundo, devido a pesquisadora integrar o quadro de

professores efetivos da instituição, sendo assim, está familiarizada com o ambiente e suas demandas.

2.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os critérios de inclusão e exclusão da investigação foram: (i) ser estudante devidamente matriculado(a) no 2º ano do Ensino Médio na escola lócus da investigação e (ii) ter frequência regular nas aulas, (iii) participar de todas as etapas da investigação e (iv) entregar os termos TALE e TCLE devidamente assinados.

A descontinuidade da participação de estudantes, ocorrerá quando, forem observados os seguintes critérios: (i) desinteresse em colaborar e participar da pesquisa, (ii) possuir alguma irregularidade ou pendência de matrícula do colégio lócus da investigação, (iii) não ter frequência regular nas aulas e (iv) não apresentar os termos TALE e TCLE de assentimento e consentimento devidamente assinados.

Para participar deste estudo, o(a) estudante não teve nenhum custo, e sequer recebeu qualquer tipo de vantagem financeira, porém, eles(as) teriam garantido, se necessário, o direito ao ressarcimento de suas despesas, caso ocorresse durante o processo, tendo sido a pesquisadora a responsável pelo ressarcimento.

2.5 RISCOS E BENEFÍCIOS ENVOLVIDOS NA EXECUÇÃO DA PESQUISA

A investigação foi cuidadosamente estruturada para assegurar que os participantes estivessem seguros e confortáveis durante todo o processo, com relação aos possíveis riscos e benefícios. Fisicamente, não havia qualquer ameaça aos envolvidos, e, para minimizar qualquer risco emocional ou psicológico, foram implementadas diversas medidas preventivas. Os(as) participantes tiveram total liberdade de expressar qualquer desconforto que pudessem sentir, e o anonimato foi garantido em todas as etapas, assegurando que suas respostas permanecessem confidenciais e não identificáveis. A privacidade foi uma prioridade, e a confidencialidade dos dados foi firmado a partir da assinatura dos termos de confidencialidade (TALE e TCLE). Além disso, a participação foi totalmente

voluntária, permitindo que os(as) participantes se retirassem da pesquisa a qualquer momento sem sofrerem qualquer penalização.

Para lidar com possíveis receios relacionados à execução das atividades ou ao fornecimento de respostas, os(as) participantes foram incentivados(as) a contribuir apenas dentro de seus conhecimentos, sem qualquer pressão para dar respostas complexas ou completas. O ambiente foi cuidadosamente preparado para reduzir ao máximo situações que pudessem gerar constrangimento, estresse ou cansaço, e haverá tempo adequado para a discussão, com uma abordagem acolhedora e respeitosa.

Além disso, para evitar qualquer interferência no rendimento escolar ou em outras aulas, as atividades foram realizadas em horários compatíveis com as turmas em que a própria autora lecionava. Isso garantiu que os(as) participantes pudessem se envolver plenamente na pesquisa sem prejuízos para suas responsabilidades acadêmicas. Essas medidas tiveram como objetivo proporcionar uma experiência de participação segura, respeitosa e confortável para todos(as) os(as) envolvidos(as), ao mesmo tempo em que assegura a validade e confiabilidade dos dados produzidos.

Os benefícios foram muito além da sala de aula e proporcionaram um impacto direto no desenvolvimento pessoal e social dos(as) estudantes. Refletindo sobre questões como ética, moral e a relação entre o público e o privado, os(as) participantes aprimoraram suas habilidades críticas, tornando-se cidadãos mais conscientes de seus direitos e responsabilidades no ciberespaço. A pesquisa também possibilitou discussões sobre a estética no ciberespaço, permitindo que os(as) estudantes compreendessem as complexas interações entre identidade e aparência, incentivando uma visão mais crítica e informada sobre as influências digitais em suas vidas cotidianas.

Além dos benefícios imediatos para os(as) participantes, a pesquisa também contribuiu significativamente para o avanço do conhecimento acadêmico. Ela fortalece a relevância de um campo de estudo em crescente importância e incentiva os(as) estudantes a se engajarem ativamente na construção de um conhecimento que é ao mesmo tempo teórico e prático, pessoal e coletivo, local e global. Dessa forma, os benefícios desta pesquisa se estenderam muito além de seus resultados iniciais, promovendo uma formação integral que preparou em tese os(as) estudantes para atuar de maneira ética e responsável, tanto no mundo físico quanto no digital.

3 EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA DAS VIVÊNCIAS ESTUDANTIS NO CIBERESPAÇO

No contexto socioeducacional, a disruptiva era digital provocou mudanças sem precedentes na maneira como vivemos, interagimos e aprendemos. Nesse cenário de metamorfoses, a sociedade assume um papel de protagonismo, navegando diariamente e intensificando gradativamente seu ritmo de conectividade, no vasto ciberespaço. Esta seção busca decifrar a perspectiva dos(as) estudantes a respeito da conexão entre os conceitos filosóficos e as experiências estudantis no ciberespaço, fundamentando-se em dados obtidos por meio de observações, questionário e do desenvolvimento de sequências didáticas específicas.

Mediante os dados produzidos em ações cuidadosamente planejadas e de reflexões individuais, emergiram questões fundamentais como: de que maneira, os(as) jovens percebem, interagem e enfrentam os dilemas éticos, morais e estéticos que permeiam os ambientes digitais, em constante transformação? Que conexões existem na complexidade das interações entre os conceitos filosóficos com o mundo digital? Essas indagações conduziram uma exploração profunda a respeito de como os(as) jovens estão inseridos(as) nas dinâmicas virtuais e como essas dinâmicas influenciam a construção de suas identidades e comportamentos.

Os(as) jovens, imersos(as) no cenário digital, precisam lidar com questões como a privacidade de dados, a veracidade das informações que consomem e compartilham, os limites entre a liberdade de expressão e o respeito ao outro, direitos e deveres, a busca de estereótipos de imagens e a aceitação da autoimagem. Essas questões, muitas vezes invisíveis para os(as) adultos(as), tornam-se desafios tangíveis para os(as) jovens que navegam por redes sociais, jogos online e plataformas de streaming. Nesses espaços, eles(as) atuam ao mesmo tempo como criadores e consumidores de conteúdo e muitas vezes, precisam reavaliar suas próprias ações à luz dos valores que aprendem tanto em casa quanto na escola.

Quem são esses(as) jovens estudantes de hoje? A resposta a essa pergunta revela um grupo diverso, tanto em termos de acesso às tecnologias quanto em suas experiências digitais. Eles(as) são nativos digitais, nascidos em uma era onde a internet não é uma ferramenta adicional, mas uma parte integrante de suas vidas.

O termo “nativos digitais” foi criado pelo educador e pesquisador Marc Prensky em 2001, para definir a geração de jovens que crescerão em um mundo com acesso rápido e contínuo à informação através da internet, com delimitação temporal a partir do início dos anos 90. Segundo Prensky (2001), esses(as) jovens se caracterizam como nativos digitais porque entende a tecnologia como uma linguagem própria, da qual são fluentes desde o nascimento.

Os(as) estudantes do Ensino Médio, inseridos na cultura digital do imediatismo, com sua ênfase na rapidez e na praticidade, interagem em ambientes nos quais estão se acostumando a respostas instantâneas. O conhecimento é consumido em pequenas porções, fragmentado e compartimentado.

A internet, com suas redes sociais e motores de busca, fornece uma quantidade enorme de informações em poucos segundos, o que pode criar uma ilusão de conhecimento, quando, na verdade, se trata de uma absorção superficial de informação. Nesses ambientes, as respostas rápidas e prontas são valorizadas, enquanto a reflexão crítica e a análise densa muitas vezes ficam em segundo plano, resultando em opiniões rasas e relações líquidas, características que, segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, refletem a fluidez e a superficialidade das conexões humanas na modernidade líquida, especialmente no ciberespaço.

A forma como esses(as) jovens percebem e interagem com o ciberespaço é, portanto, uma chave para entender sua relação com o mundo. Para eles(as), os ambientes virtuais não são apenas ferramentas de conveniência, mas extensões de si mesmos(as), ao facilitar a comunicação, a aprendizagem e o entretenimento. O modo como os(as) jovens utilizam essas tecnologias refletem suas visões sobre o mundo, suas aspirações, e as limitações impostas por fatores socioeconômicos.

O ciberespaço desempenha um papel central na vida dos(as) jovens, ao influenciar a educação, o trabalho e a socialização. Ele se torna um espaço para busca de respostas, construção de comunidades e formação de identidades, moldadas por algoritmos e tendências globais. No entanto, essa dependência tecnológica também gera desafios, como pressão estética, ilusões de conexão e dificuldades em equilibrar o real e o virtual.

Os dados revelados pelo questionário, em específico a Parte 3, a qual trata da disposição e domínio do uso das tecnologias digitais na perspectiva dos(as) estudantes do Ensino Médio, expressaram não apenas o grau de familiaridade deles(as) com as tecnologias digitais, mas o quanto elas permeiam suas vivências

cotidianas socioeducativas. A análise conduzida por esta investigação não apenas ilumina as vivências desses(as) estudantes no ciberespaço, bem como oferece uma perspectiva crítica e aprofundada sobre a conexão entre a relevância de conceitos filosóficos e o ciberespaço, sob as lentes dos(as) próprios estudantes.

Os sujeitos da investigação, quando questionados sobre a posse de celular, a totalidade dos participantes da pesquisa 100% (n-70) afirmam possuir o aparelho. Já quando questionados sobre a posse de outros aparelhos como computador, Smart TV e tabletes, temos o seguinte panorama, considerando para cada aparelho a totalidade dos(as) respondentes (n-70): 88,6% (n-65) afirmaram possuir Smart TV. No entanto, há um número menor de posse quanto a computadores, isto é, 44,3% (n-31), e metade dos(as) participantes afirmam possuir tabletes 50% (n-35).

Como mencionado anteriormente todos(as) os(as) estudantes do 2º Ano do Ensino Médio neste ano de 2024 receberam do governo do Estado Tablets para uso pessoal, porém muitos(as) estudantes se recusaram a receber por medo de danificar e terem que repor ao Estado, outros receberam e não levam para a escola, utilizam para outros fins, e outros estão sem o aparelho pelo fato do mesmo ter apresentado defeito.

A variedade de dispositivos que os(as) jovens utilizam reflete a diversidade de acessos e formas de interação no espaço digital. Essa variação tecnológica permite que eles(as) se conectem a diferentes camadas do ciberespaço, seja de maneira superficial ou mais profunda, moldando suas práticas cotidianas de interação e consumo. Ao mesmo tempo, a facilidade ou dificuldade de acesso a determinadas tecnologias pode reforçar ou atenuar as desigualdades sociais, criando uma divisão digital que afeta diretamente como esses jovens constroem suas experiências e narrativas no mundo online.

Quando questionados a respeito de como avaliam seu domínio com as Tecnologias Digitais, a maioria dos(as) estudantes 32,9% (n-24) avaliam seu domínio como "bom", empatando em 21,4% (n-14) os que afirmam ter um domínio "excelente" e "razoável". No entanto, há uma parcela significativa 24,3% (n-18) que se consideram com um domínio avaliada em "muito bom". Isso sugere que, embora os(as) estudantes sejam altamente expostos às tecnologias, ainda existem diferenças em suas habilidades de navegação, especialmente para usos mais complexos relacionados à educação.

Esse cenário aponta para a importância de políticas educacionais que não apenas garantam o acesso às tecnologias, como também promovam o desenvolvimento de competências e habilidades avançadas de uso dessas ferramentas, preparando os(as) estudantes para um futuro que exige fluência digital em diversas esferas.

Apesar da relevância de transformar o acesso em competências e habilidades, os resultados revelam uma juventude conectada, mas nem sempre plenamente equipada para tirar o máximo proveito das ferramentas digitais. Os dados indicam que o desafio educacional vai além de garantir o acesso às tecnologias digitais: é necessário transformar esse acesso em competência, criando oportunidades para que os(as) estudantes dominem plenamente essas ferramentas e as utilizem de maneira crítica e produtiva. Só assim, a janela que o ciberespaço oferece para o conhecimento será verdadeiramente aproveitada, abrindo portas para um futuro onde a tecnologia não apenas entretém, como também educa e transforma.

O ciberespaço oferece uma diversidade de aplicativos e softwares nos quais a identidade se torna fluida e em constante reconfiguração, moldada por postagens, interações e compartilhamentos em redes sociais como Facebook, LinkedIn, YouTube, X (Twitter), WhatsApp, Instagram, Google Meet, Zoom, E-mail, Blogs, entre outros. Essas plataformas permitem que os(as) usuários(as) explorem diferentes aspectos de si mesmos(as), experimentem novas ideias e se alinhem a grupos ou comunidades com valores semelhantes, o que muitas vezes influenciam a forma como percebem o mundo e a si próprios.

Ao serem questionados sobre a utilização de aplicativos e softwares para obtenção de entretenimento e estudos, o seguinte panorama foi delineado, conforme apresenta o Quadro 5 a seguir. Vale ressaltar que, nesta questão, foi dada aos(as) estudantes a possibilidade de selecionar mais de uma opção, conforme suas preferências. Assim, os percentuais apresentados para cada aplicativo e software não representam um somatório com relação a 100% sobre cada aplicativo e/ou software.

No entanto indicam as escolhas individuais de uma amostra de 70 estudantes, proporcionando um retrato das ferramentas digitais mais utilizadas no cotidiano dos(as) jovens tanto para o entretenimento, quanto para os estudos.

Quadro 5 – Porcentagem de utilização de aplicativos e softwares pelos(as) estudantes.
CEAG, 2024.

Aplicativos e Software	Utilizam para entretenimento	Utilizam para os estudos
Facebook	1,4% (n-1)	0% (n-0)
Linkedin	1,4% (n-1)	2,9% (n-2)
You Tube	60% (n-42)	82,9% (n-58)
X Twitter	12,9% (n-9)	1,4% (n-1)
Whatsapp	78,6% (n-55)	34,3% (n-24)
Instagram	92,9% (n - 65)	11,4% (n-8)
Google Meet	0% (n-0)	28,6% (n-20)
Zoom	0% (n-0)	1,4% (n-1)
E-mail	7,1% (n-5)	7,1% (n-5)
Blog	0% (n-0)	2,9% (n-2)
Outros	20% (n-14)	24,3% (n-17)

Fonte: Questionário elaborado pela autora, 2024.

Os dados encontrados revelam a fluidez com que os(as) estudantes transitam entre as ferramentas digitais para diferentes finalidades, o mais utilizado para entretenimento é o Instagram, com 92,9% (n-65) dos(as), enquanto o WhatsApp, com 78,6% (n-55) e o YouTube com 60% (n-42), aparecem respectivamente na segunda e terceira colocação como recursos populares para fins de lazer.

O consumo de entretenimento através de ferramentas digitais que combinam comunicação social e consumo de conteúdo audiovisual, em que vídeos, imagens e textos curtos prevalecem, evidência a maneira como as dinâmicas de atenção e o envolvimento estético são moldados no ciberespaço, ao proporcionar não apenas distração e lazer, bem como influenciam no cotidiano dos(as) jovens, uma vez que eles tendem a imitar comportamentos, tendências de moda e atitudes vistas nessas plataformas.

Em contrapartida, a utilização desses aplicativos para atividades acadêmicas é mais restrita: apenas 11,4% (n-8) dos(as) respondentes usam o Instagram para estudos, enquanto o YouTube lidera nesse aspecto com uma taxa de 82,9% (n-58), seguido pelo WhatsApp, com 34,3 % (n-24) e pelo Google Meet com 28,6% (n-20). Outras ferramentas, como o E-mail 7,1% (n-5), o Blog 2,9% (n-2), o LinkedIn com 2,9% (n-2) e o Zoom com 1,4% (n-1), apresentam uma utilização bem menos expressiva para fins acadêmicos.

As ferramentas educacionais são vistas muitas vezes como meios funcionais e necessários para a realização de tarefas e cumprimento de obrigações escolares. A necessidade de engajar os(as) estudantes em ambientes digitais de aprendizado, utilizando formatos que competem com o entretenimento, é uma questão que os(as) docentes devem considerar ao planejar atividades e estratégias de ensino.

A integração entre entretenimento e estudo no ciberespaço é uma realidade inevitável, pois os(as) estudantes transitam entre esses dois mundos de forma fluída em sua rotina diária. As experiências digitais desempenham um papel central na construção do conhecimento e no desenvolvimento pessoal e social, assim como apresentam desafios. O fácil acesso a plataformas de entretenimento pode gerar distrações e dificultar a concentração, enquanto a desigualdade no acesso à tecnologia impõe barreiras ao aprendizado. Diante desse cenário, é essencial refletir sobre estratégias que permitam um equilíbrio entre estudo e lazer no ciberespaço dentro e fora do ambiente escolar, garantindo que essa conectividade favoreça a aprendizagem sem comprometer a atenção e a equidade digital.

Portanto, os dados revelam importantes *insights* sobre o comportamento digital dessa geração, evidenciando os aplicativos e software mais populares entre os(as) jovens e como eles se integram quanto ao lazer e estudos, às suas rotinas cotidianas. O que nos leva a refletir sobre o impacto das tecnologias digitais nas dinâmicas de aprendizagem e no modo como os(as) estudantes se envolvem com o mundo virtual.

O questionário também tratou de evidenciar a perspectiva dos(as) estudantes com relação a presença de recursos tecnológicos e do sinal de internet que a escola dispunha, o papel da presença destes instrumentos no ambiente escolar e como os(as) mesmos(as) se sentiam com relação a importância destes fatores.

No tocante a disponibilidade de internet no ambiente escolar, a mesma é percebida por 90% (n-63) dos respondentes, como um fator positivo para a aprendizagem, enquanto 10% (n-7) afirmam o contrário, que não consideram esse recurso como um facilitador na aquisição de conhecimento. No entanto, quando se trata da qualidade do sinal de internet disponibilizado pela escola, os dados apresentam uma perspectiva menos positiva. Apenas 8% (n-6) dos(as) estudantes classificaram a qualidade da conexão como “excelente”, consideraram “muito boa” 2,8% (n-2). Um grupo maior, composto por 21,4% (n-14), avaliou a conexão como boa, e 34,3% (n-24) como regular. Com avaliações menos favoráveis, estão 22,9%

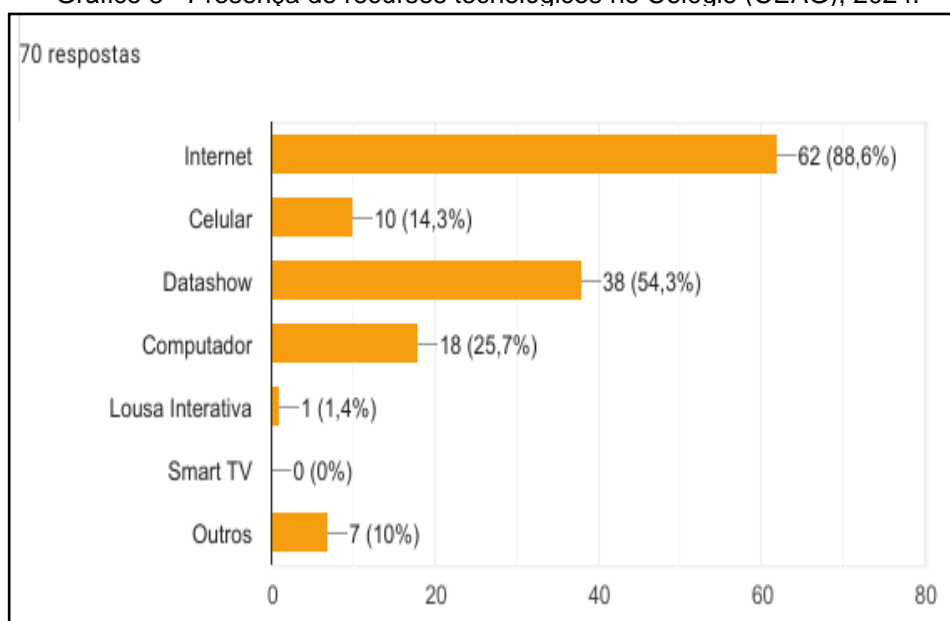
(n-16) respondentes que a classificaram como ruim e 11,4% (n-8) indicaram que o sinal é péssimo. Esses dados sugerem que, embora a escola possua sinal de internet, a qualidade entregue limita seu potencial, gerando frustrações e dificultando o pleno aproveitamento das ferramentas digitais.

Um outro dado relevante, trata da importância atribuída ao aprendizado das ferramentas digitais no contexto escolar. A quase totalidade dos(as) participantes, 98,6% (n-69), acredita que é essencial aprender a utilizar esses recursos, no entanto, apenas um(a) estudante não compartilhou dessa opinião. O que evidencia o reconhecimento da relevância das tecnologias digitais no mundo contemporâneo e em suas atividades cotidianas.

Esses dados revelam um cenário em que os(as) estudantes reconhecem a importância estratégica, bem como a utilização das ferramentas digitais em suas formações, porém evidência uma lacuna na infraestrutura que pode comprometer o acesso equitativo a esse recurso. Em direção a garantir que todos(as) os(as) estudantes possam se beneficiar das tecnologias digitais de forma plena, é essencial que as escolas invistam na melhoria da qualidade da conexão e no oferecimento de formações contínuas que preparem os(as) estudantes(as) para utilizarem as ferramentas digitais de forma eficiente e crítica.

No tocante, aos recursos digitais que a escola dispõe, segue os dados com os resultados no Gráfico 8.

Gráfico 8 - Presença de recursos tecnológicos no Colégio (CEAG), 2024.

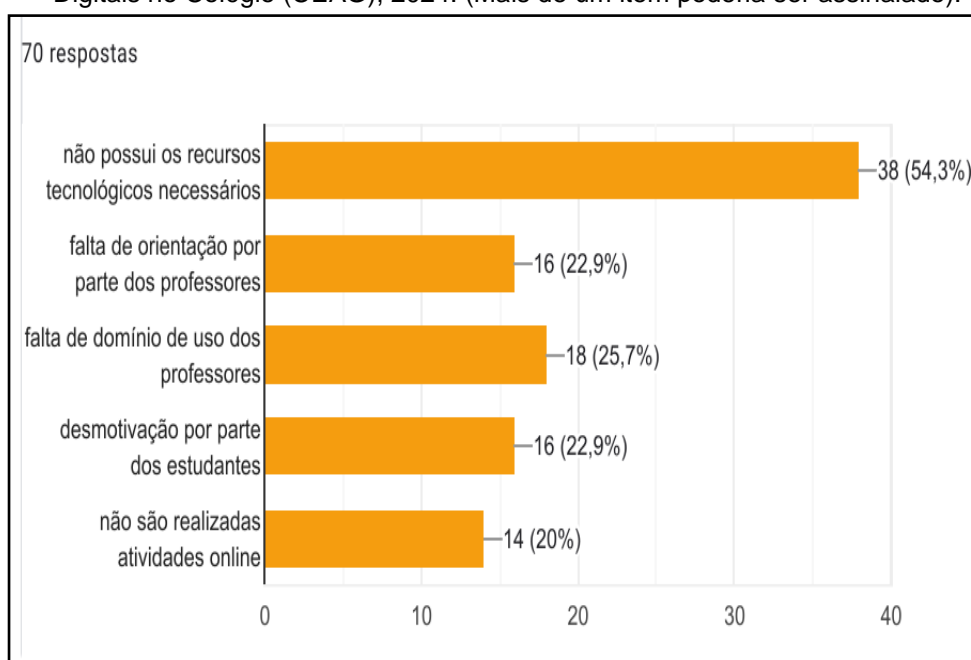


Fonte: Questionário elaborado pela autora, 2024.

Os dados apontam que o Colégio oferece uma série de recursos tecnológicos, com 88,6% (n-62) dos(as) estudantes indicando a disponibilidade de internet, sendo esse o recurso mais amplamente acessível. Além disso, 54,3% (n-38) dos(as) participantes mencionaram o Datashow, seguido por 25,7% (n- 18) que citaram o computador. Outros dispositivos como celular, Smart TV e lousa interativa, aparecem em menor proporção relatando à sua disponibilidade. Esses dados sugerem que, apesar de a internet ser amplamente acessível e o Datashow aparecer como uma ferramenta de suporte visual comumente utilizada, há uma escassez de recursos mais avançados e interativos, como a lousa digital, que poderia proporcionar uma experiência educacional mais dinâmica e integrativa.

Além disso, a baixa disponibilidade de computadores na sala de informática, 10 unidades, dificulta significativamente o desenvolvimento de atividades que requerem uma maior interação com conteúdos digitais, visto que alguns recursos digitais em celulares são restritos, além do menor tamanho quanto a visualização dos dados. Quanto ao número de Notebooks, no início deste ano letivo de 2024, o colégio dispunha apenas de 4 notebooks para o revezamento entre 15 docentes por turno. Em seguida os(as) estudantes foram questionados sobre quais seriam as principais dificuldades na utilização das tecnologias digitais na escola, conforme o Gráfico 9.

Gráfico 9 - Principais dificuldades na utilização das Tecnologias Digitais no Colégio (CEAG), 2024. (Mais de um item poderia ser assinalado).



Fonte: Questionário elaborado pela autora, 2024.

Em contraste com as respostas emitidas quanto a disponibilidade de tecnologias digitais como recurso presente no Colégio, os dados do Gráfico 9 revelaram que a maioria dos(as) respondentes afirmam que o Colégio não possui os recursos tecnológicos necessários, 54,3% (n-38), uma discrepância entre o que está disponível e o que é considerado adequado ou suficiente pelos(as) estudantes. Ao relacionar os dados dessas duas questões, podemos perceber um descompasso entre a disponibilidade de recursos tecnológicos e sua efetiva utilização no ambiente escolar.

Além disso, 25,7% (n-18) destacaram como outra dificuldade a falta de domínio por parte dos(as) docentes, enquanto 22,9% (n-16) mencionaram a falta de orientação no uso desses recursos. Esses números indicam que, além de limitações no acesso, há uma lacuna na capacitação docente e discentes no uso eficaz das ferramentas tecnológicas disponíveis. A desmotivação dos(as) estudantes, foi citada por 22,9% (n-16) dos(as) participantes, isso pode estar ligado à frustração com a qualidade ou disponibilidade dos recursos, bem como à falta de um planejamento pedagógico eficaz que integre essas ferramentas de maneira significativa no cotidiano educacional.

A lacuna na capacitação docente e a falta de orientação adequada aos(as) estudantes sobre o uso das tecnologias digitais, apontam para um problema que transcende a sala de aula. Trata-se de como a Escola, enquanto instituição, está respondendo às demandas da era digital. A integração eficaz das tecnologias digitais precisa estar atrelada a práticas pedagógicas inovadoras que despertem o interesse e promovam o protagonismo dos(as) estudantes.

Os dados destacam a importância de uma reformulação estratégica que combine infraestrutura de qualidade, formação docente contínua e um planejamento pedagógico que valorize o papel das tecnologias digitais como elemento central na construção do conhecimento. Apenas por meio de uma abordagem integrada será possível criar um ambiente educacional onde a tecnologia não seja apenas um recurso disponível, mas um meio ativo de transformar e ampliar as possibilidades de aprendizagem, alinhando a Educação às demandas do século XXI e às expectativas dos(as) estudantes.

No que diz respeito a realização, participação e sentimento dos(as) estudantes no desenvolvimento das atividades programadas propostas em

ambientes virtuais, podemos observar o seguinte panorama ilustrado no quadro 6 a seguir:

Quadro 6 - Relação entre Sentimento, Realização e Participação dos(as) estudantes na realização de atividades em ambientes virtuais. CEAG, 2025.

15. Você tem conseguido realizar as atividades propostas em ambientes virtuais?	16. A sua participação na realização de atividades pedagógicas em ambientes virtuais, tem ocorrido de forma?	17. Como você se sentiu durante a realização de atividades em ambientes virtuais? (Mais de um item pode ser assinalado)
<p>Sim 64,3% (n-45)</p> <p>Não 2,8% (n-2)</p> <p>Em partes 32,9% (n-23)</p>	<p>Espontânea 75,7% (n-52)</p> <p>Obrigatória 11,4% (n-8)</p> <p>Não ocorreu 12,9 (n-10)</p>	<p>Capaz 78,6% (n-55)</p> <p>Incapaz 0% (n-0)</p> <p>Desafiado 14,3% (n-10)</p> <p>Angustiado 2,9% (n-2)</p> <p>Motivado 18,6% (n-13)</p> <p>Desmotivado 4,3% (n-3)</p>

Fonte: Questionário elaborado pela autora, 2024.

Quanto à realização das atividades em ambientes virtuais, 64,3% (n-45) dos(as) participantes afirmaram conseguir realizar as atividades, enquanto 32,9% (n-23) realizam apenas em parte e apenas 2,9% (n-2) dos(as) estudantes indicaram que não conseguiram realizar as atividades, o que sugere que a maioria, mesmo com dificuldades, consegue se engajar de alguma forma com as tarefas propostas.

Esses números revelam que, embora a maioria esteja envolvida nas tarefas virtuais, há dificuldades importantes que precisam ser identificadas e sanadas que vão desde a falta de aprendizagem sobre os recursos tecnológicos até o domínio de barreiras emocionais, como ansiedade ou insegurança, no desempenho. Para muitos(as), realizar atividades virtuais representa mais do que um esforço técnico ou cognitivo. Trata-se de uma experiência emocional, permeada por sentimentos de confiança, frustração ou desmotivação.

Embora 75,7% (n-52) dos(as) estudantes mencionem participar de atividades pedagógicas em ambientes virtuais de forma espontânea, uma parcela significativa 11,4% (n-8) apenas realizam as atividades por obrigação, enquanto 12,9% (n-10)

optam por não participar. Esse cenário evidencia um desafio pedagógico em transformar a participação obrigatória em um engajamento ativo e significativo.

Para isso, é necessário compensar abordagens tradicionais, tornando o aprendizado mais relevante e conectado à realidade digital dos(as) estudantes. Métodos como a personalização do ensino, permitindo que escolham ferramentas e tópicos de interesse, podem aumentar a percepção de relevância e estimular maior envolvimento. Além disso, a criação de um ambiente que valoriza a curiosidade e a expressão individual pode promover um aprendizado mais dinâmico e participativo.

A maioria dos(as) estudantes, 78,6% (n-55), demonstram autoconfiança na realização de atividades em ambientes virtuais, o que indica facilidade no uso das plataformas digitais. No entanto, 14,3% (n-10) disseram sentir-se desafiados(as), o que pode refletir tanto a complexidade das tarefas quanto a necessidade de desenvolver maiores habilidades tecnológicas. Além disso, 2,9% (n-2) manifestaram angústia, enquanto 18,6% (n-13) afirmaram sentir-se motivados(as) e 4,3% (n-3) declararam-se desmotivados(as). Esses dados destacam a diversidade de sentimentos que permeiam o aprendizado digital, evidenciando a importância de metodologias que tornam o ensino mais acessível, envolvente e adaptado às diferentes realidades dos(as) estudantes.

Os dados analisados acima sobre a realização, participação e sentimentos dos (as) estudantes em atividades escolares virtuais evidenciam um cenário diverso e desafiador. Embora a maioria demonstre autonomia e confiança, há uma parcela significativa de dificuldades e inseguranças, seja pela complexidade das tarefas, pela familiaridade com o ambiente digital, ou por fatores emocionais, como angústia e desmotivação. Além disso, a presença de estudantes que participam apenas por obrigações sugere a necessidade de recompensar estratégias para tornar o aprendizado mais significativo.

À medida que os (as) estudantes navegam por esse vasto e fluído universo digital, a Filosofia oferece bases conceituais essenciais para que possam agir de maneira responsável e reflexiva, tornando-se cidadãos(ãs) digitais mais conscientes e críticos(as). Torna-se relevante ressaltar a importância de continuar investigando como o uso de diferentes plataformas pode afetar a qualidade da Educação e as experiências formativas dos(as) estudantes, promovendo um uso mais consciente e equilibrado das ferramentas digitais, tanto para o entretenimento quanto para os estudos.

3.1 - A ÉTICA DIGITAL: REFLEXÕES SOBRE A CONVERGÊNCIA ENTRE O MUNDO REAL E O VIRTUAL NAS VIVÊNCIAS ESTUDANTIS NO CIBERESPAÇO.

No contexto educacional contemporâneo, a convergência entre o mundo real e o virtual impacta profundamente as vivências estudantis, o que traz para o Ensino de Filosofia instigações e oportunidades de discussões sobre estas temáticas. Esta seção busca explorar as implicações éticas desse cenário, ao estabelecer conexões entre os conceitos de teóricos como Immanuel Kant, John Rawls, Helen Nissenbaum e Zygmunt Bauman para refletir sobre a formação ética dos(as) estudantes no ciberespaço. Com a crescente digitalização da Educação, torna-se essencial compreender como as virtudes e valores tradicionais se adaptam ou se transformam em um ambiente mediado por tecnologias digitais.

No ciberespaço, as regras do jogo da vida tornam-se mais complexas. Embora no mundo físico as normas de conduta costumam ser mais evidentes e definidas, os ambientes virtuais oferecem um espaço onde as fronteiras que diferenciam o real do virtual, o certo do errado, o que é público e privado, muitas vezes são fluídas e não tão evidentes.

Ética e Moral: são amigas ou rivais? Este é um dos grandes dilemas que atravessam a trajetória humana, um debate que não apenas intriga pensadores há séculos, assim como se renova no contexto do ciberespaço. A ética, mais pessoal e fundamentada em princípios mais profundos, se apresenta como uma bússola necessária para guiar escolhas em um ambiente virtual marcado pelo anonimato e imediatismo. Por sua vez, a moral, geralmente vista como um conjunto de normas sociais amplamente aceitas, muitas vezes parece insuficiente para lidar com a fluidez e a rapidez das interações digitais.

As normas que moldam nossa conduta fora da internet também são aplicáveis no mundo virtual? A ética deve ser nossa bússola principal nesses ambientes? Enquanto a moral se baseia em códigos já estabelecidos, a ética emerge da construção do nosso caráter. Assim, ética e moral não são apenas aliadas que visam orientar as ações humanas, como também rivais em um espaço onde as normas tradicionais são frequentemente questionadas e adaptadas. Nesse sentido, a amizade ou rivalidade entre ética e moral não é fixa, mas sim constantemente negociada à medida que enfrentamos novos dilemas éticos nas interações digitais.

A moralidade é o alicerce invisível que sustenta nossas interações sociais, guiando nossas ações e decisões cotidianas. A ética, por sua vez, nos desafia a olhar além das regras, questionando a justiça e a equidade por trás de cada escolha. Refletir sobre essas nuances não apenas nos prepara para enfrentar dilemas morais com integridade, mas também nos ensina a navegar pelos desafios diários com uma consciência mais aguçada.

Nesse contexto, as virtudes, tradicionalmente delineadas como qualidades essenciais que compõem o caráter de um indivíduo ético, ganham novas dimensões no ciberespaço. Virtudes como honestidade e lealdade, que são fundamentais na interação face a face, precisam ser reinterpretadas em um ambiente digital onde a interação muitas vezes ocorre de forma anônima e mediada por telas.

As virtudes e os valores são fundamentais na formação do caráter ético dos indivíduos. Virtude¹ (gr. ápení ; lat. Virtus, in. Virtue, fr. Vertii; ai. Tugend; it. Virtú). Este termo de signa uma capacidade qualquer ou excelência, seja qual for a coisa ou o ser a que pertença. Seus significados específicos podem ser reduzidos a três: 1 capacidade ou potência em geral; 2 capacidade ou potência do homem; 3 capacidade ou potência moral do homem.

Os valores, por sua vez, representam qualidades que tornam algo digno de admiração, como a solidariedade e a justiça. No ambiente digital, esses valores se manifestam na maneira como os(as) estudantes interagem e compartilham informações. É essencial promover um entendimento crítico desses valores para incentivar comportamentos éticos nas redes sociais e outras plataformas digitais.

Em ambientes digitais, a honestidade pode ser questionada quando se considera a facilidade de criar identidades falsas, enquanto a lealdade pode ser testada em um ambiente em que as conexões sociais são frequentemente superficiais e voláteis. Os valores, como solidariedade e justiça, também se manifestam de maneiras novas e complexas na esfera digital. A solidariedade pode ser vista em movimentos sociais online, enquanto a justiça digital envolve debates sobre privacidade, acesso à informação e à equidade. Nesse cenário, uma moral que é socialmente construída e orientada por costumes e regras coletivas parece muitas vezes insuficiente para lidar com as dinâmicas velozes e imprevisíveis do ciberespaço.

¹ ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 1003.

Vivemos em um mundo no qual nossas ações online vão muito além de simples cliques e comentários. Cada postagem, compartilhamento e interação nas redes sociais não apenas moldam a maneira como navegamos pelos ambientes digitais, como também contribuem para a moralidade global. Porém, de que forma nossas ações digitais influenciam essa moralidade?

Nossas ações online, por mais simples que pareçam, carregam consequências que podem reverberar muito além de nossa bolha de contatos. Quando postamos algo, seja uma opinião ou uma imagem, estamos lançando essa mensagem em uma esfera pública global, onde ela pode ser interpretada, contestada ou até mesmo distorcida por milhares de pessoas.

A responsabilidade por essas interações é muitas vezes subestimada nos ambientes virtuais, é fácil esquecer que do outro lado da tela estão seres humanos, com sentimentos e dignidade. Refletir sobre o impacto de nossas publicações desde um simples comentário até uma discussão mais complexa pode, portanto, nos levar a sermos mais conscientes e responsáveis no uso das redes sociais.

Ao nos conscientizarmos sobre o poder de nossas vozes no ciberespaço, assumimos a responsabilidade de usar essas ferramentas digitais para promover valores de respeito e justiça, transformando esses espaços em plataformas de reflexão e empatia, ao invés de arenas de julgamento e superficialidade.

Uma postagem que espalha desinformação, por exemplo, pode gerar uma onda de consequências negativas, perpetuando preconceitos, medos ou injustiças. Por outro lado, um conteúdo positivo e bem pensado pode incentivar diálogos construtivos e fortalecer laços de solidariedade. Esse processo de reflexão é fundamental, especialmente, quando consideramos como as redes ampliam as ideias e moldam percepções, fatores que influenciam os dilemas morais.

Os dilemas morais, por sua vez, se apresentam como desafios inevitáveis da vida digital. No ciberespaço, eles se manifestam de formas diversas, desde decisões sobre a ocorrência ao compartilhar uma notícia, até a consideração de respeito e empatia em uma discussão online. Esses episódios não são apenas momentos isolados, mas capítulos contínuos de aprendizado ético e moral, moldando a forma como os(as) jovens navegam pela internet e constroem sua identidade digital.

Tanto online quanto offline, os dilemas morais forçam-nos a confrontar questões que vão além do simples "certo" e "errado". Eles nos empurram para uma zona de incerteza, onde somos obrigados a considerar múltiplas perspectivas,

equilibrar valores conflitantes e pensar nas consequências de nossas ações para o coletivo. Ao fazer isso, desenvolvemos habilidades de pensamento crítico que nos permitem não apenas tomar decisões mais informadas, como nos tornarmos cidadãos(ãs) digitais mais conscientes.

Diariamente enfrentamos dilemas morais nos ambientes digitais. Cada vez que nos deparamos com situações em que precisamos decidir se algo é correto ou não, como ao ponderar se devemos compartilhar uma notícia não verificada, ou se ao testemunhar um ataque virtual a alguém estamos, de fato, exercitando nossa capacidade de reflexão e julgamento. Esses momentos de escolha são, muitas vezes, subestimados em sua importância, porém, são a partir deles que nosso pensamento crítico se afia.

O processo de tomar decisões no ciberespaço, especialmente entre os(as) jovens, não é simples, pois eles(as) devem seguir as normas explícitas das plataformas ou ouvir uma ética interna que, às vezes, pode contradizer essas normas? Nas redes sociais, em que a pressão para reagir rapidamente é constante, os(as) jovens enfrentam essas dificuldades a todo momento. “Devo curtir esse *post*?”. “Devo responder a esse comentário ofensivo?”. “Devo compartilhar essa informação sem antes verificar sua veracidade?”. Cada uma dessas pequenas escolhas envolve uma avaliação ética que, se feita de maneira reflexiva, fortalece nossa capacidade de pensar criticamente sobre o mundo ao nosso redor. À medida que nos acostumamos a fazer essas avaliações, também, aprendemos a identificar as armadilhas da superficialidade e da polarização que tantas vezes dominam o espaço digital.

Discutir dilemas éticos e morais no contexto digital não é apenas um exercício filosófico abstrato, é uma preparação valiosa para lidar com as complexidades da vida real com sabedoria e maturidade. Por isso, refletir sobre como nossos *posts*, comentários e escolhas digitais afetam a moralidade global é um passo fundamental para criar um ambiente digital mais ético.

Na direção de consolidar uma navegação mais responsável no ciberespaço, é crucial entender que a ética digital não se limita ao comportamento, mas envolve um comprometimento moral mais profundo. Neste contexto, as teorias filosóficas oferecem diretrizes inovadoras para orientar nossas escolhas no ambiente digital. A ética kantiana (2013) e seus princípios universais pode ser relacionada à decisão de

um(a) jovem de não divulgar informações privadas de terceiros, mesmo que a política de uma rede social permita a visibilidade dos dados.

Já a teoria da justiça de Rawls (2003) sugere que a imparcialidade deve ser uma preocupação no uso dos algoritmos das plataformas, promovendo uma experiência mais justa para todos os usuários. Helen Nissenbaum (2010) nos convida a considerar a privacidade como algo contextual, lembrando que o que é aceitável em um ambiente pode não ser em outro. E Bauman (2001) nos alerta sobre a “modernidade líquida”, onde quase tudo não é o que parece ser e onde a ética deve ser fluída e adaptável às rápidas transformações tecnológicas.

A seguir, descreverei como a ética kantiana, a teoria da justiça de Rawls, a privacidade contextual de Helen Nissenbaum e o conceito de modernidade líquida de Bauman se aplicam às dinâmicas digitais, fornecendo diretrizes práticas para ações mais éticas e responsáveis em um ambiente em constante transformação.

A Filosofia moral de Immanuel Kant oferece um arcabouço robusto para entender a ética e a moralidade, especialmente, relevante na era digital. Ao explorar os princípios éticos kantianos, como o dever moral e o imperativo categórico, podemos estabelecer uma conexão profunda com os conceitos de direitos, deveres e as políticas de privacidade que governam o comportamento no ciberespaço.

Nesse cenário, a ética kantiana oferece uma base sólida para refletir sobre o comportamento digital. Immanuel Kant, com sua filosofia moral centrada no dever e no imperativo categórico, expressa: “age de tal maneira que possas usar a humanidade, tanto em tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio” (Kant, 2004, p. 59). Isto nos lembra que devemos agir de acordo com máximas que possam ser universalizadas, promovendo a justiça e respeitando a dignidade humana.

No ciberespaço, os princípios kantianos ganham uma aplicação prática ao enfatizar a necessidade de considerar o impacto universal das ações digitais, como a disseminação de informações falsas ou a invasão de privacidade. A máxima kantiana de tratar as pessoas como fins em si mesmas é particularmente relevante neste ambiente, onde a objetificação e a exploração podem ser agravadas pelo anonimato e pela distância física. Assim, promover um comportamento ético e moral online exige que nossas ações sejam guiadas por máximas que possam ser universalizadas.

No contexto digital, o Imperativo Categórico, o Dever Moral e o Respeito à Humanidade, trazidos por Kant, são diretrizes fundamentais para orientar a conduta ética. A divulgação de informações falsas, por exemplo, não poderia ser aceita como uma máxima universal, pois comprometeria a confiança e a eficácia da comunicação. Da mesma forma, é essencial tratar todos os usuários com respeito, independentemente do anonimato ou das barreiras geográficas, garantindo que a dignidade humana seja preservada em cada interação, evitando abusos, assédio ou exploração.

A ética kantiana também se estende à compreensão de direitos e deveres no ambiente digital. O cumprimento dos deveres morais no ciberespaço inclui a responsabilidade de conformidade com outros usuários e a integridade das informações compartilhadas. Assim, as ações digitais devem ser realizadas com honestidade e respeito, refletindo um compromisso com a moralidade kantiana.

Os Direitos Digitais dos usuários abrangem a privacidade, a liberdade de expressão e o acesso igualitário à informação. De acordo com Kant (1980), esses direitos devem ser respeitados universalmente, pois derivam da dignidade intrínseca de cada indivíduo. Por outro lado, os Deveres Digitais incluem agir com integridade, proteger a privacidade alheia e contribuir para um ambiente online seguro e justo. Esses deveres são manifestações concretas do imperativo categórico, reforçando a moralidade no ciberespaço.

A privacidade, por exemplo, assume uma nova dimensão no mundo digital, onde nossas informações pessoais podem ser coletadas, compartilhadas e usadas de maneiras que desafiam nossa concepção de controle e intimidade. Diante deste contexto, como lidar com a vigilância constante? Como proteger nossa dignidade em um espaço onde os limites entre o público e o privado são cada vez mais nebulosos?

A renomada acadêmica na área de ética e política da privacidade em tecnologia, Helen Nissenbaum, em seu livro *Privacy in Context* (2010), destaca que a privacidade deve ser analisada contextualmente, considerando as expectativas normativas de cada situação. A autora enfatiza a importância de entender como as informações fluem entre as diferentes esferas da vida, respeitando as normas de cada contexto. As informações pessoais devem fluir de acordo com as normas e expectativas de cada contexto social.

Trabalhar o público e o privado em bases sistematicamente dicotômicas e antagônicas, abre caminho para a aceitação de que todo o movimento executado fora das fronteiras da esfera privada impede o exercício do privar, permite a coleta e disseminação de informações de modo excessivo e negligencia demandas concisas e legítimas pela proteção da privacidade (NISSENBAUM, 2010, p. 114).

A autora destaca a necessidade de responsabilidade e governança para garantir a proteção da privacidade nos ambientes digitais. A privacidade não pode ser definida de forma universal, mas deve levar em conta as expectativas e valores de cada contexto.

Nissenbaum propõe uma abordagem inovadora para entender a privacidade. Sua teoria oferece uma perspectiva rica para analisar a ética, a moral, os direitos, os deveres e as políticas de privacidade no ciberespaço. Os direitos e deveres no ciberespaço devem ser informados pelas normas contextuais que governam a privacidade. Os usuários têm o direito de ter suas informações pessoais protegidas de acordo com as normas contextuais. Isso inclui o direito de saber como suas informações serão usadas e o direito de controlar essa utilização. Por outro lado, as plataformas e os indivíduos têm o dever de respeitar as normas contextuais de privacidade. Isso inclui implementar políticas e práticas que protejam a integridade contextual das informações dos usuários.

Sendo assim, as políticas de privacidade devem ser elaboradas com base na integridade contextual, garantindo que respeitem as normas de fluxo de informações específicas de cada contexto. Devem ser claras e transparentes sobre como as informações serão usadas, permitindo que os usuários deem consentimento informado com base nas normas contextuais. E serem flexíveis o suficiente para se adaptarem aos diferentes contextos em que os dados são produzidos e utilizados. Isso pode incluir a criação de políticas específicas para diferentes tipos de dados e contextos de uso.

Quanto à proteção das normas contextuais, as políticas devem proteger as normas contextuais específicas, evitando o uso indevido de informações fora do contexto em que foram produzidas. Por exemplo, dados produzidos para fins de pesquisa acadêmica não devem ser usados para fins comerciais sem o consentimento apropriado.

A teoria da privacidade contextual, de Helen Nissenbaum, fornece uma estrutura valiosa para entender e proteger a privacidade no ciberespaço. Ao

respeitar as normas contextuais de fluxo de informações, podemos promover uma ética e moral mais robustas, garantindo que os direitos dos usuários sejam protegidos e que as obrigações das plataformas e indivíduos sejam cumpridas de maneira justa e equitativa.

Integrar a privacidade contextual nas políticas de privacidade e nas práticas digitais é crucial para manter a confiança e a integridade no ambiente digital. Dessa forma, podemos criar um ciberespaço que respeite a diversidade de contextos e as expectativas dos usuários, promovendo um ambiente digital mais ético e seguro para todos.

Desse modo, o dever de proteger a privacidade dos usuários é uma extensão do dever moral kantiano. As plataformas digitais devem garantir que os dados dos usuários sejam tratados com o mesmo respeito e cuidado que se esperaria para qualquer informação confidencial. Tratar os dados dos usuários como um fim em si mesmo implica respeitar sua privacidade e autonomia. Isso significa implementar políticas que protejam os dados pessoais e permitam que os indivíduos tenham controle sobre suas informações.

Ao aplicar às políticas de privacidade no ciberespaço, elas devem ser projetadas de forma a serem universalizáveis e sensíveis ao contexto, garantindo que o uso de dados pessoais respeite a autonomia e a dignidade dos usuários. Se por um lado as teorias de Kant e Nissenbaum sugerem que as políticas de privacidade devem ser universalizáveis e sensíveis ao contexto, respeitando a dignidade e autonomia dos usuários, por outro lado, a análise de Zygmunt Bauman sobre a modernidade líquida nos lembra que o ciberespaço é marcado por constante fluidez e instabilidade. Essa combinação de perspectivas aponta para a necessidade de um equilíbrio entre normas éticas resultantes e a capacidade de adaptação a um ambiente em constante transformação. A ética digital, portanto, não pode ser rígida, mas deve ser flexível o suficiente para enfrentar os desafios de um cenário onde as conexões, identidades e normas mudam rapidamente, exigindo dos indivíduos resiliência e responsabilidade moral.

Em sua análise a respeito da modernidade líquida, Bauman, oferece uma visão crítica das interações digitais contemporâneas. Ele descreve nossa era como marcada pela fluidez e pela transitoriedade das relações sociais, onde a instabilidade é a norma e a incerteza é constante. No ciberespaço, isso se traduz na rápida mudança de tendências, na volatilidade das conexões e na transformação

contínua de identidades. Em entrevista ao Jornal El País, Bauman afirmou: “Tudo é mais fácil na vida virtual, mas perdemos a arte das relações sociais e da amizade” (JORNAL EL PAÍS, 2017, s.p.).

A facilidade proporcionada pelas interações virtuais, embora conveniente, pode dificultar a profundidade das relações sociais, tornando ainda mais crucial o compromisso ético em um ambiente de conexões superficiais e voláteis. Essa fluidez coloca novos desafios para a ética digital, exigindo que estudantes desenvolvam resiliência e adaptabilidade para navegar em um ambiente em constante transformação. Bauman alerta que, nesse cenário, a responsabilidade individual se torna ainda mais crucial, uma vez que as estruturas sociais que antes guiavam a moralidade estão cada vez mais dissolvidas.

Na era digital, a fluidez se manifesta na constante mudança das identidades e na instabilidade das estruturas sociais. Essa condição de incerteza e insegurança coloca novos desafios para a ética e a moral. No ciberespaço, os(as) estudantes precisam desenvolver resiliência e capacidade de adaptação para navegar em um ambiente em constante transformação. A responsabilidade individual pelas escolhas e trajetórias de vida torna-se ainda mais acentuada.

Também Bauman argumenta que, na modernidade líquida, as estruturas sociais são constantemente transformadas, resultando em uma sociedade onde tudo é temporário e em constante mudança. As relações sociais tornaram-se mais flexíveis e menos duradouras, influenciando a forma como as pessoas lidam com a confiança e a privacidade, refletindo uma mudança nas expectativas e compromissos.

A incerteza e a insegurança características da modernidade líquida complicam a definição de padrões morais estáveis. As pessoas podem sentir-se menos obrigadas a seguir normas tradicionais, resultando em comportamentos mais imprevisíveis e, às vezes, menos éticos.

Os direitos e deveres no ciberespaço também são influenciados pela modernidade líquida, visto que, devem ser constantemente revisados e atualizados para se adaptar às mudanças rápidas e às novas tecnologias. Isso inclui o direito à privacidade, que deve ser protegido de maneira flexível para acompanhar as novas formas de produção e uso de dados. Os deveres das plataformas e dos indivíduos também precisam ser dinâmicos, respondendo rapidamente às novas ameaças e

desafios. Isso inclui a responsabilidade de proteger a privacidade dos usuários e garantir um ambiente digital seguro.

Bauman (2001) oferece uma perspectiva crítica para entender os desafios éticos, morais, de direitos, deveres e políticas de privacidade no ciberespaço. A fluidez e a incerteza que caracterizam nossa era exigem uma abordagem adaptativa e dinâmica para a ética e a governança digital. Ao considerar e responder à natureza mutável do ciberespaço, podemos desenvolver práticas e políticas que promovam um ambiente digital mais seguro, inclusivo, justo e ético, ao refletir sobre a noção de justiça e igualdade no ciberespaço.

Esse esforço está diretamente alinhado à teoria da justiça como equidade de John Rawls (2003), que defende a criação de condições justas para todos, especialmente para os menos favorecidos. Essa aplicação da teoria ao ciberespaço implica uma revisão constante dos direitos e deveres dos usuários, bem como a adaptação das políticas de privacidade para proteger a integridade e a confiança no ambiente digital.

Rawls (2003), com sua teoria da Justiça como Equidade, introduz outra camada importante para essa discussão, em que a justiça deve ser alcançada por meio de um processo equitativo que garanta igualdade de oportunidades, levando em consideração que a acessibilidade à tecnologia não é uniforme e as desigualdades digitais criam barreiras que limitam a participação de muitos. Como podemos, então, garantir que as oportunidades e os recursos disponíveis no ambiente digital sejam distribuídos de maneira justa? Essa questão nos remete a princípios de justiça social aplicados a um novo cenário, onde as ferramentas tecnológicas se tornam essenciais para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Nessa direção, o conceito do "véu da ignorância", de Rawls, sugere que, para definir princípios justos, devemos imaginar-nos sem conhecimento das nossas próprias posições sociais. No contexto digital, isso se traduz na criação de políticas e normas que assegurem a equidade e a justiça para todos os usuários, independentemente de sua origem ou status socioeconômico. É vital que as plataformas digitais promovam um ambiente em que todos(as) tenham acesso igualitário às liberdades básicas e oportunidades.

Em sua obra "Uma Teoria da Justiça", Rawls (2003) apresenta dois princípios fundamentais de justiça. O Princípio da Liberdade Igual, no qual cada pessoa tem o direito a um conjunto de liberdades básicas iguais que sejam compatíveis com as

mesmas liberdades para os outros. E o Princípio da Diferença, no qual as desigualdades sociais e econômicas devem ser organizadas de modo que beneficiem os menos favorecidos e sejam acessíveis a todos em condições de igualdade de oportunidades. A questão que orienta essa discussão é a seguinte: “que princípios de justiça são mais apropriados para determinar direitos e liberdades básicos, e para regular as desigualdades sociais e econômicas da perspectiva de vida dos cidadãos?” (Rawls, 2003, p. 58).

a) cada pessoa tem o mesmo direito irrevogável a um esquema plenamente adequado de liberdades básicas iguais que seja compatível com o mesmo esquema de liberdades para todos; e (b) as desigualdades sociais e econômicas devem satisfazer duas condições: primeiro, devem estar vinculadas a cargos e posições acessíveis a todos em condições de igualdade equitativa de oportunidades; e, em segundo lugar, têm de beneficiar ao máximo os membros menos favorecidos da sociedade (o princípio de diferença) (Rawls, 2003, p. 60).

A questão central, apresentada por Rawls sobre quais princípios são mais protegidos para liberdades e desigualdades regulares, nos convida a repensar a estrutura da sociedade em termos práticos e filosóficos. Essas reflexões ressoam especialmente em contextos contemporâneos, como o acesso à tecnologia e à educação em ambientes digitais, onde desigualdades de recursos e oportunidades são evidentes. Aplicar os princípios de Rawls nesse cenário implica em criar políticas e práticas que assegurem a inclusão tecnológica e educativa, priorizando aqueles que historicamente têm menos acesso e garantindo que as liberdades digitais sejam distribuídas de forma equitativa.

Assim, Rawls não apenas oferece uma visão normativa de justiça, mas também propõe uma lente ética para avaliar a organização social, desafiando-nos a sistemas estruturantes que promovam tanto a liberdade individual quanto a igualdade de oportunidades de forma harmoniosa e integrada.

Quanto aos direitos e deveres, o autor entende que os direitos como a privacidade, segurança da informação e acesso à informação devem ser garantidos igualmente a todos. Esses direitos são parte das liberdades básicas que ele defende. Quanto aos deveres, os indivíduos e as organizações têm o dever de promover a justiça e a equidade no ciberespaço. Isso inclui práticas justas de coleta e uso de dados, bem como a implementação de medidas que garantam a segurança e a privacidade dos usuários.

As políticas de privacidade são cruciais para proteger os direitos dos indivíduos no ciberespaço. Integrar a teoria de Rawls na elaboração dessas políticas pode promover uma governança mais justa e equitativa, e devem ser elaboradas com um compromisso com a justiça, protegendo as informações pessoais de todos os usuários e garantindo que os benefícios das tecnologias digitais sejam acessíveis a todos, especialmente aos mais vulneráveis. Assim, a justiça como equidade pode servir como um guia para a construção de um ciberespaço mais justo e ético.

3.1.1 Relato do desenvolvimento das aulas da Sequência didática 1

A Sequência didática 1 (instrumento de levantamento de dados, presente de forma detalhada nesta dissertação no Apêndice G, H e I), composta por duas aulas, descritas a seguir como Sequência didática 1 – Plano de Aula 1 e Sequência didática 1 – Plano de Aula 2 sobre a temática: “Ética e moral – direitos, deveres e as políticas de privacidade”, foi pensada, criada e desenvolvida com base nos princípios universais de Kant, no entendimento de equidade e justiça de Rawls, no conceito de privacidade dos dados de Nissenbaum e na superficialidade das relações modernas de Bauman.

Em seguida, relato os dados resultantes do desenvolvimento da Sequência didática 1, a convergência entre as experiências reais e virtuais em sala de aula dos(as) estudantes ao explorar a ética e a moral digital através das lentes filosóficas. Os registros construídos durante o desenvolvimento das aulas indicaram não apenas a adaptação das normas morais tradicionais ao contexto digital, como também uma reflexão crítica e contínua sobre questões de justiça, privacidade e comportamento ético em ambientes virtuais.

As aulas foram estruturadas para explorar conceitos de ética e moral, por meio das teorias de Immanuel Kant, John Rawls, Helen Nissenbaum e Zygmunt Bauman, conectando esses princípios às vivências dos(as) estudantes no ciberespaço. A abordagem envolveu uma mistura de apresentações teóricas, debates em grupo e atividades práticas, com o objetivo de facilitar a compreensão dos conceitos filosóficos e sua aplicação no contexto digital. Ao pôr em prática a Sequência didática 1 – Plano de Aula 1, cumprimentei os presentes e informei sobre a pauta da aula, a qual seria dividida em dois momentos.

No primeiro momento, realizei uma explanação dialogada e, no segundo, desenvolvi uma atividade programada. Na exploração dialogada, a introdução das teorias começou com:

(i) A ética deontológica de Kant, que propõe o imperativo categórico como um princípio universal para orientar ações. Os(as) estudantes foram incentivados a refletir sobre como suas interações digitais, como o compartilhamento de informações pessoais ou o respeito à privacidade de outros usuários, podem ser enquadradas dentro dessa perspectiva kantiana. A ideia de tratar os outros como fins em si mesmos, e não como meios, se mostrou relevante em debates sobre o anonimato e a objetificação no ciberespaço.

(ii) A teoria da justiça de Rawls foi abordada em seguida, com ênfase no "véu da ignorância" e na justiça como equidade, destacando-se a importância de garantir a igualdade de oportunidades no ambiente digital. Os(as) estudantes foram desafiados a imaginar um ciberespaço ideal no qual não se sabe quem se beneficiaria mais das regras, criando um ambiente digital mais justo e igualitário. Essa abordagem ajudou os(as) jovens a perceberem que a justiça, mesmo no espaço virtual, deve ser alcançada por meio de princípios imparciais que beneficiem a todos, especialmente os mais vulneráveis.

(iii) A contextualidade da privacidade, segundo Nissenbaum, também foi discutida, levando em conta as diferentes normas de privacidade das plataformas online. Os(as) estudantes analisaram diferentes políticas de privacidade de sites e aplicativos, refletindo sobre como seus dados pessoais são coletados e utilizados. A atividade em grupo permitiu que os jovens criassem um código de conduta digital, estabelecendo princípios éticos para uma navegação mais segura e consciente.

(iv) Bauman, por sua vez, foi introduzido para explicar a "modernidade líquida", onde as normas éticas são fluídas e desativam adaptação constante no ciberespaço. Os estudantes analisaram a instabilidade e a incerteza do ciberespaço, que foram vistas como parte de um processo de adaptação moral constante, em que os(as) jovens ajustam suas atitudes de acordo com as demandas das plataformas digitais.

No segundo momento, deu-se a realização da atividade programada. Os(as) estudantes foram organizados em grupos para que analisassem políticas de privacidade de diferentes plataformas digitais. Cada grupo recebeu a íntegra dessas políticas e foram orientados a identificar como elas abordam a proteção de dados

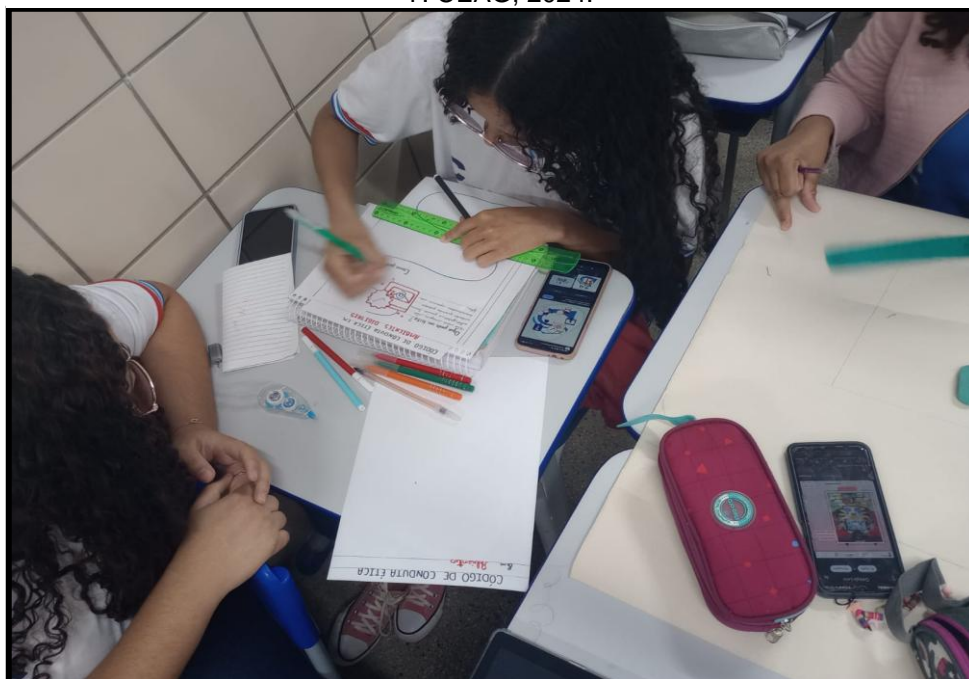
pessoais dos(as) usuários(as). Essa análise serviu como base para a criação de um código de conduta ética digital pelos(as) estudantes, com diretrizes direcionadas para a privacidade, respeito mútuo e comportamento justo online. Este momento foi marcante, pois toda a turma comentava que sempre marcavam a opção “li e concordo” dos termos de privacidade dos dados sem nunca terem lido. Essa atividade estimulou o pensamento crítico e permitiu uma reflexão profunda sobre como os conceitos de justiça, dever e privacidade se manifestam no mundo digital.

Os debates em sala de aula proporcionaram um espaço para que os(as) estudantes pudessem expressar suas opiniões sobre dilemas éticos vivenciados no ciberespaço. Questões como a responsabilidade moral dos(as) influenciadores(as) digitais e a visibilidade pública das ações online foram amplamente discutidas. Esses diálogos não apenas fortaleceram a compreensão das teorias filosóficas, como também facilitaram a aplicação dos conceitos à vida digital dos(as) estudantes, evidenciando a convergência entre o mundo real e o virtual.

A participação e rendimento foram diferentes entre as turmas Y e Z. Na Turma Y, durante a explanação dialogada e nos debates, observei que os(as) estudantes estavam bastante engajados e demonstraram compreensão dos conceitos discutidos, dialogavam comigo e entre si sobre os pontos apresentados, alguns relataram fatos e situações que ocorreram com eles(as) mesmo(as) que corroboravam com a temática discutida. Houve uma participação ativa e colaborativa, com cada grupo debatendo sobre as políticas de privacidade.

Alguns grupos levantaram questões pertinentes sobre a transparência e a acessibilidade dessas políticas, enquanto outros discutiram as implicações éticas e os desafios de implementá-las de maneira justa e eficaz. Quanto à organização dos grupos, os(as) próprios(as) estudantes se organizaram seguindo o critério de afinidades, não determinei o número de participantes, no entanto os grupos formados ficaram com números entre 4 e 5 participantes. No final da aula, foram-me entregues as produções em folha de ofício. A Figura 5 abaixo, ilustra o momento de construção dos Códigos e conduta.

Figura 5- Construção dos códigos de conduta ética em ambientes virtuais Turma Y. CEAG, 2024.

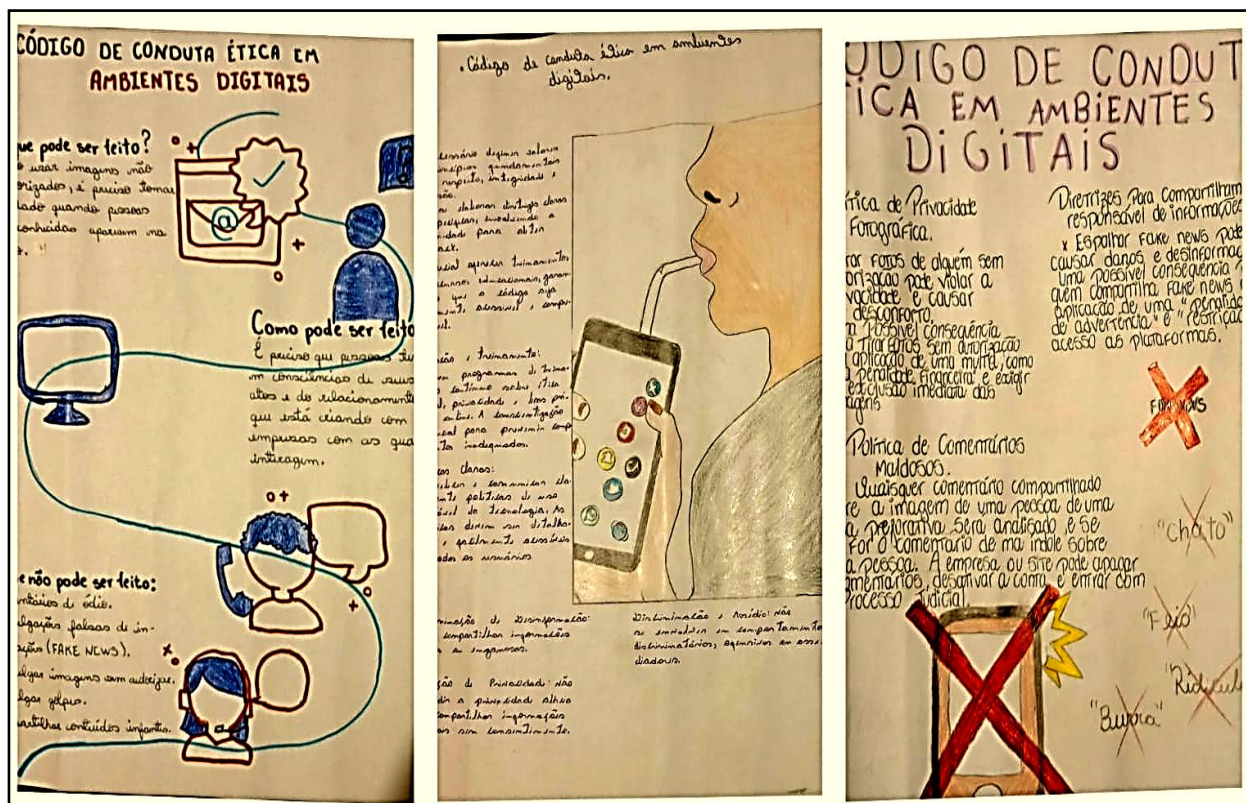


Fonte: Sequência Didática 1, Plano de Aula 1, Atividade 1, elaborado pela autora, 2024.

A imagem ilustra o momento de construção dos códigos de conduta ética em ambientes virtuais, reflete o engajamento dos(as) estudantes da Turma Y, enquanto aplicam conceitos filosóficos de maneira prática e relevante às suas vivências digitais. Essa cena vai além de um simples registro visual, ela demonstra o esforço coletivo dos(as) estudantes em traduzir os conceitos filosóficos discutidos, criando normas de comportamento adaptadas à realidade das interações online de acordo com suas percepções. Essa representação visual se torna, portanto, um símbolo de como o espaço de aprendizagem se expande para além das paredes da sala de aula, abrangendo a complexidade do ciberespaço e das relações humanas que nele ocorrem.

A seguir, a Figura 6, ilustra algumas das produções finais dos códigos de conduta ética em ambientes virtuais. A imagem simboliza o resultado concreto na prática das discussões e do aprendizado promovidos em sala de aula sobre ética e moral no ciberespaço.

Figura 6 – Produções dos códigos de ética em ambientes virtuais finalizadas Turma Y. CEAG, 2024.



Fonte: Sequência Didática 1, Plano de Aula 1, Atividade 1, elaborado por um grupo de Estudantes. CEAG, 2024.

Ao observar os trabalhos concluídos, fica evidente a diversidade de perspectivas e soluções apresentadas. Enquanto alguns grupos focaram na transparência e na acessibilidade das políticas de privacidade, outros destacaram questões como a igualdade de acesso e a necessidade de uma justiça digital mais inclusiva. A forma como esses códigos foram escritos revela um esforço genuíno de adaptação das normas morais tradicionais a um cenário virtual mais fluído, tal como descrito pela modernidade líquida de Bauman.

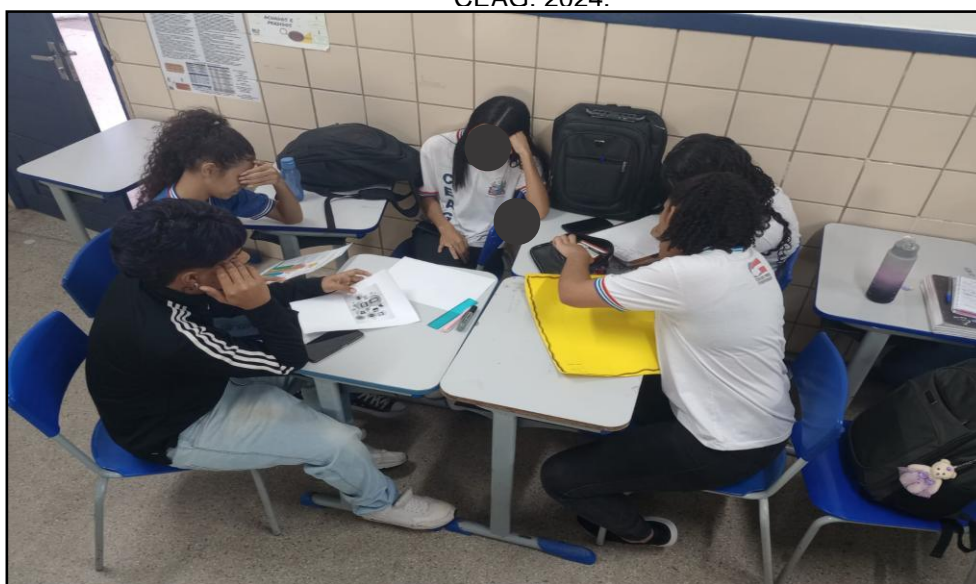
A atividade também gerou um impacto visível no desenvolvimento crítico dos(as) estudantes. Cada código de conduta criado reflete um passo significativo em direção a uma compreensão mais profunda do que significa agir de maneira ética no ciberespaço, reforçando a importância de uma cidadania digital responsável e consciente. A imagem, portanto, não apenas ilustra um produto final, assim como simboliza um processo educativo que vai além das barreiras físicas da sala de aula, abrindo espaço para um aprendizado contínuo e adaptável à realidade dos ambientes virtuais.

Enquanto na turma Z, durante a explanação dialogada, observei que no início alguns(as) estudantes estavam dispersos, apenas uma parte deles(as) demonstrou interesse na temática proposta, outros continuavam mexendo em seus celulares, apáticos aos meus chamados. Durante a explanação poucos dialogaram comigo. Aos poucos fui conseguindo a atenção de mais alguns e no final da aula, através de relatos orais pude constatar a compreensão dos conceitos discutidos por parte daqueles(as) que participaram da discussão.

A turma do vespertino, em relação à turma do matutino, possuía uma quantidade menor de estudantes matriculados e menor ainda a quantidade de estudantes frequentantes, que se distribuem de forma a ficarem distantes uns dos outros, meio isolados no espaço da sala de aula. Apenas um estudante relatou fatos e situações que ocorreram com ele mesmo, que estavam relacionados com a temática discutida. Durante o desenvolvimento do estudo de caso, observei uma maior participação nos grupos, eles (as) dialogaram entre si sobre exemplos da temática.

Quanto a organização dos grupos, os(as) próprios(as) estudantes se organizaram seguindo o critério de afinidades. Não determinei o número de participantes, no entanto, os grupos formados ficaram com números entre 4 e 6 participantes. No final da aula, foram-me entregues as produções em folha de ofício. A Figura 7, ilustra o momento de construção dos Códigos e conduta na Turma Z.

Figura 7 – Construção do código de conduta ética em ambientes virtuais Turma Z.
CEAG. 2024.

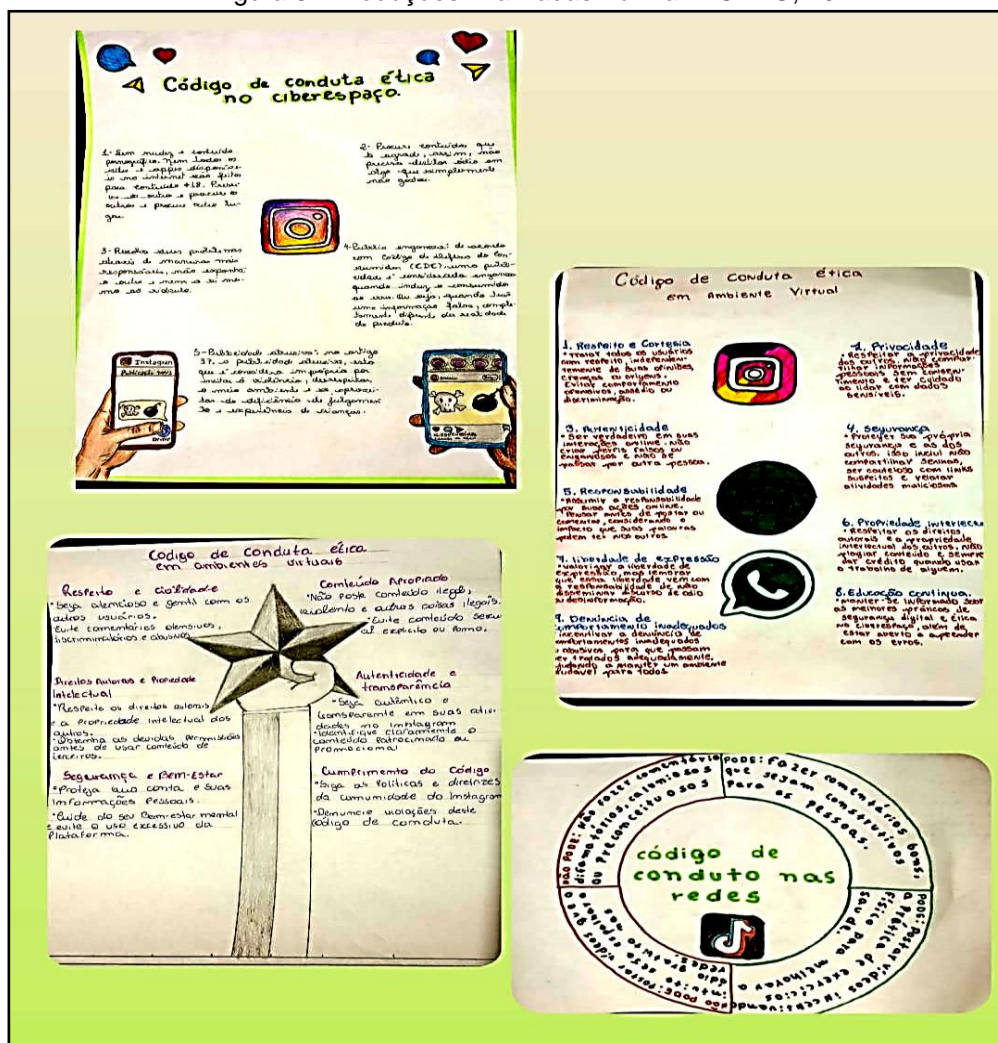


Fonte: Sequência Didática 1-Plano de Aula 1, Atividade 1, elaborado pela autora, 2024.

A imagem capturada da Turma Z, durante a construção dos códigos de conduta ética em ambientes virtuais, é um registro revelador do processo educacional voltado para a ética digital. Diferente do que foi observado na Turma Y, o engajamento inicial nesta turma foi mais desafiador, com alguns(as) estudantes dispersos e pouco receptivos à temática proposta. No entanto, à medida que a atividade avançou, a participação foi crescendo de maneira gradual, culminando na criação coletiva e criativa dos códigos de conduta.

O envolvimento nos grupos, ainda que tardio, possibilitou diálogos consistentes sobre questões de privacidade, transparência e justiça no ciberespaço, à medida que os(as) estudantes se debruçavam sobre a criação de normas de conduta adaptadas à realidade virtual. A Figura 8 ilustra algumas produções finalizadas na Turma Z.

Figura 8 - Produções finalizadas Turma Z. CEAG, 2024.



Fonte: Sequência Didática 1- Plano de Aula 1, Atividade 1, elaborado por um grupo de Estudantes, 2024.

A imagem registrada na Turma Z ilustra algumas produções dos códigos de conduta ética em ambientes virtuais finalizadas, o que simboliza a capacidade de adaptação e envolvimento dos(as) jovens na construção de uma cidadania digital mais consciente, mesmo diante das dificuldades iniciais de engajamento. Ao observar as produções concluídas, fica evidente como os conceitos teóricos discutidos foram reinterpretados pelos(as) jovens de maneira prática e adaptados ao cenário digital.

A ética kantiana, por exemplo, foi refletida nas diretrizes de respeito mútuo, enquanto as ideias de justiça de Rawls surgiram na busca por um tratamento equitativo nas plataformas online. A abordagem de privacidade contextual de Nissenbaum foi representada pela necessidade de conformidade com as normas específicas de cada ambiente digital, e a modernidade líquida de Bauman envolveu adaptações mais flexíveis às rápidas mudanças do ciberespaço.

As produções finais das Turmas Y e Z são testemunho do poder transformador da educação ética que, mesmo diante de obstáculos iniciais, envolveu os (as) estudantes de maneira crítica e criativa, o que reforça a capacidade dos(as) jovens de construir uma cidadania digital consciente e reflexiva.

Ao finalizar o desenvolvimento do Plano de Aula 1, segui para a realização do Plano de Aula 2. Cumprimentei os(as) presentes com entusiasmo e informei sobre a pauta do dia, destaquei que a aula seria dividida em dois momentos. Começamos com uma breve revisão do conteúdo abordado na aula anterior, que foi fundamental para lembrar os principais conceitos de ética e moral no ciberespaço. Em seguida, iniciei uma explicação dialogada, incentivando os(as) estudantes a participarem ativamente da discussão sobre os direitos e deveres dos indivíduos no ciberespaço.

As questões centrais que guiaram a discussão foram: "Quais são os direitos e deveres dos indivíduos no ciberespaço?" e "Como as políticas de privacidade influenciam nossa vida digital?". Essas reflexões foram contextualizadas a partir das teorias de Immanuel Kant, John Rawls, Helen Nissenbaum e Zygmunt Bauman, trazendo uma perspectiva ética para o contexto das interações digitais. A proposta foi estabelecer conexões na prática sobre os conceitos filosóficos mencionados com as vivências estudantis no ciberespaço, observando como a ética kantiana pode ser refletida na honestidade online, como a justiça rawlsiana busca um ciberespaço mais equitativo, e como a privacidade contextual de Nissenbaum se adapta às normas de cada plataforma digital. Bauman, por sua vez, ofereceu uma base para entender a

fluidez e a instabilidade das relações digitais, ressaltando a necessidade de adaptação ética.

No segundo momento da aula, partimos para o desenvolvimento de uma atividade prática programada: a produção de uma campanha visual de conscientização sobre privacidade e ética digital. A proposta de campanha foi incentivar os(as) estudantes a expressarem com mensagens sobre comportamento ético no ciberespaço sua criatividade em cartazes, banners e cards. A ideia foi explorar a ética digital ao utilizar a linguagem verbal e não-verbal de maneira visual e impactante.

Para a criação e confecção da campanha, disponibilizei diversos materiais como papéis de cores e texturas variados, pincéis, tintas, marcadores, tesouras, cola, fita adesiva, adesivos e régua. Os(as) estudantes foram receptivos e produtivos, pois demonstraram grande engajamento tanto na fase de explicação quanto na produção. Durante a organização dos grupos, deixei que os(as) próprios(as) estudantes se agrupassem com base em afinidades, com número diverso de participantes. Os grupos se formaram naturalmente, com a média de quatro a seis integrantes.

Na turma Y, enquanto os(as) estudantes trabalhavam em suas campanhas, observei que o ambiente estava marcado por uma intensa colaboração e troca de ideias. Eles(as) estavam barulhentos e inquietos, comportamento que reflete o engajamento na produção dos cartazes. As produções finais foram entregues e expostas em ambientes coletivos da escola, ampliando a discussão sobre privacidade e ética digital para toda a comunidade escolar.

A campanha visual, concebida como uma extensão do debate teórico sobre direitos, deveres e privacidade digital, teve como objetivo explorar de maneira impactante a ética no ciberespaço por meio da comunicação visual. A imagem capturada na Turma Y, ilustrada na Figura 9, a seguir, mostra o momento de construção dos cartazes para a campanha de incentivo às ações éticas no ciberespaço, é um retrato vívido da entrega, da criatividade dos(as) estudantes na abordagem prática dos conceitos filosóficos e da conexão entre a teoria filosófica e a aplicação real dos conceitos, promovendo uma cidadania digital mais ética e consciente.

Figura 9 – Produção dos cartazes de incentivo a ações ética em ambientes virtuais – Turma Y. CEAG, 2024



Fonte: Sequência Didática 1, Plano de Aula 2, Atividade 2, elaborado pela autora, 2024.

Observa-se nas imagens, um ambiente de intensa colaboração e troca de ideias entre eles(as). As mesas e o chão estão repletos de materiais usados no intuito de dar vida às ideias através do esforço criativo nas artes visuais e pelo diálogo ativo enquanto definem as mensagens e as representações visuais para os cartazes.

A seguir, apresento algumas imagens dos cartazes finalizados durante a atividade prática de construção da campanha de incentivo às ações éticas no ciberespaço, realizada pela Turma Y.

O primeiro cartaz da Turma Y - 1, ilustrado a seguir, destaca o tema da honestidade digital nas interações online, ao enfatizar a importância de agir com princípios no ciberespaço, comportando-se de maneira responsável e respeitosa. A mensagem visual é direta, indicando que a transparência e a sinceridade devem ser normas fundamentais.

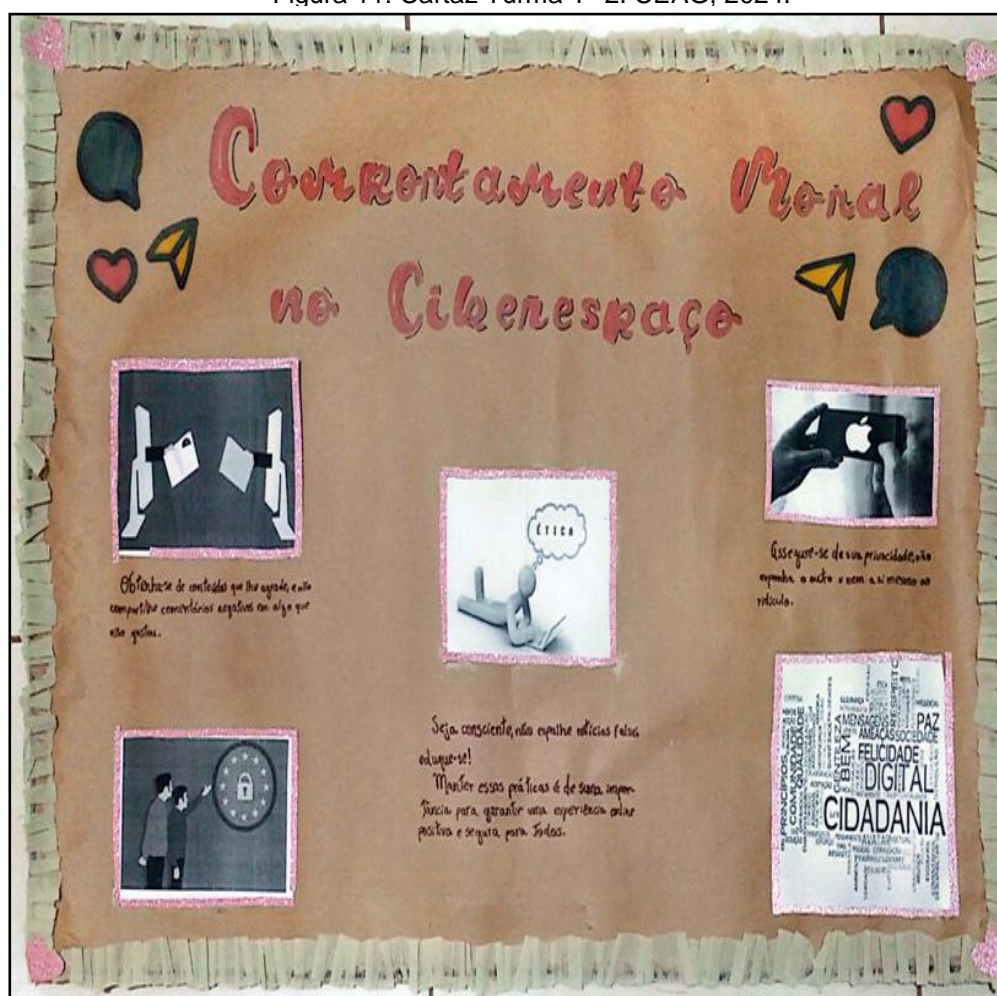
Figura 10 – Cartaz Turma Y – 1. CEAG, 2024.



Fonte: Sequência Didática 1, Plano de Aula 2, Atividade 2, elaborado por um grupo de Estudantes, 2024.

O segundo cartaz foca na justiça e equidade no ciberespaço, remetendo à teoria de justiça de John Rawls. A Figura 11, apresenta um painel educativo com o tema "Comportamento Moral no Ciberespaço", ressaltando a importância da ética e da cidadania digital. O cartaz destaca princípios fundamentais para uma interação responsável no ambiente virtual, alertando sobre práticas como o respeito ao outro, a segurança digital e a proteção das informações compartilhadas online. Os elementos visuais utilizados, como imagens de cadeados, computadores e representações de diálogos, reforçam a ideia de que o ciberespaço é um ambiente compartilhado, onde nossas ações têm consequências e exigem responsabilidade e respeito.

Figura 11: Cartaz Turma Y -2. CEAG, 2024.



Fonte: Sequência Didática 1, Plano de Aula 2, Atividade 2, elaborado por um grupo de Estudantes, 2024.

Já o terceiro cartaz aborda a privacidade contextual. A Figura 12, reforça a necessidade de respeitar normas de privacidade específicas em diferentes ambientes digitais, como redes sociais, plataformas de ensino e sites de comércio eletrônico. A mensagem visual destaca a importância de adaptar o comportamento de acordo com as expectativas de privacidade de cada contexto, promovendo uma governança ética e contextualizada das informações pessoais.

A imagem representa uma reflexão crítica sobre o comportamento no ciberespaço, evidenciando a relação entre ética, valores morais e identidade digital. O desenho retrata um indivíduo utilizando um dispositivo móvel, enquanto palavras como “respeito”, “compaixão”, “ética”, “caráter” e “valor” emergem de seus pensamentos, sugerindo um debate sobre os princípios que devem orientar a interação no ambiente digital.

A presença de uma máscara de gás no rosto da figura simboliza um possível distanciamento entre a identidade real e a identidade digital, levantando questionamentos sobre o impacto do ciberespaço na forma como as pessoas se expressam, interagem e se comportam. Essa metáfora se alinha com discussões filosóficas sobre a autenticidade e a ética no mundo virtual, destacando desafios como a superficialidade das relações, a propagação de discursos tóxicos e a influência das redes sociais na construção da moralidade contemporânea.

Figura 12: Cartaz Turma Y -3. CEAG, 2024.



Fonte: Sequência Didática 1, Plano de Aula 2, Atividade 2, elaborado por um grupo de Estudantes, 2024.

Na Turma Z, a imagem registrada na Figura 13, durante a construção dos cartazes para a campanha de incentivo às ações éticas no ciberespaço, ilustra o envolvimento dos(as) estudantes em transpor conceitos filosóficos abstratos por meio de mensagens visuais claras e envolventes. Essa prática representa um exemplo concreto de metodologia ativa, na qual os(as) estudantes deixam de ser meros receptores de conhecimento e assumem um papel participativo e criativo na construção do aprendizado.

O uso de materiais simples, como cartolinas e papel pardo, combinado ao debate em grupo, demonstra que a integração entre ensino tradicional e novas

tecnologias pode ser equilibrada, proporcionando um ambiente dinâmico e acessível para o aprendizado.

Figura 13 - Produção dos cartazes -Turma Z. CEAG, 2024.



Fonte: Sequência Didática 1, Plano de Aula 2, Atividade 2, elaborado por um grupo de Estudantes, 2024.

A participação ativa dos(as) estudantes na elaboração dos cartazes reforça a ideia de que a educação, especialmente, no Ensino de Filosofia, não deve se limitar ao livro didático ou ao ensino expositivo, mas deve dialogar com a realidade digital e sociocultural dos(as) jovens.

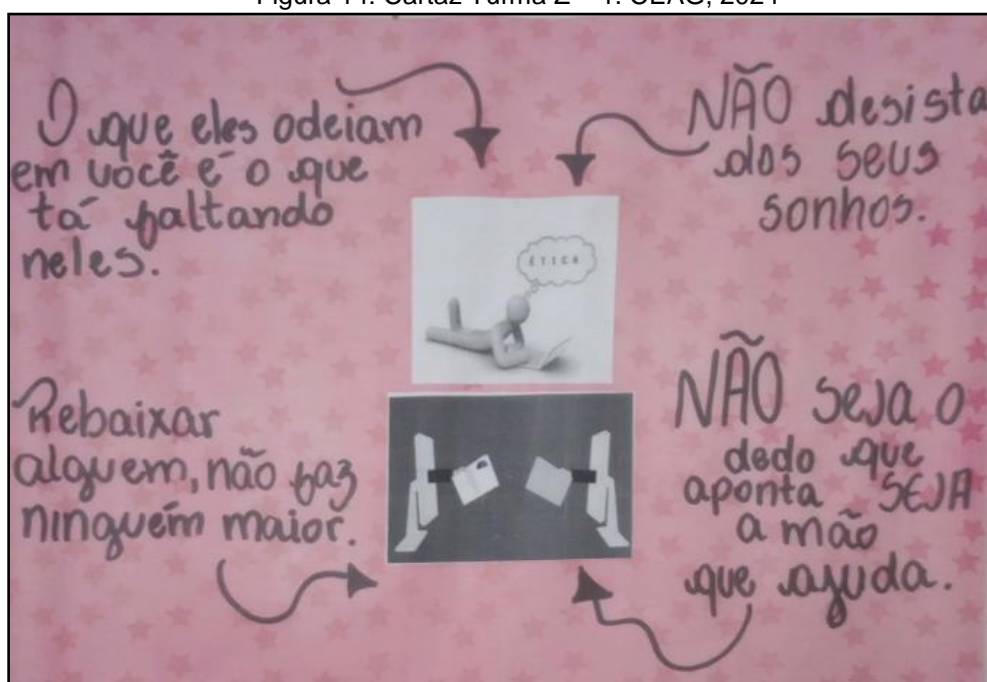
Dessa forma, esse momento de produção se configura como um exercício prático de reflexão filosófica e cidadania, em que o ciberespaço e a sala de aula se entrelaçam, criando novas possibilidades para o ensino e aprendizado. A seguir, apresento algumas ilustrações dos cartazes finalizados durante a atividade prática realizada pela Turma Z.

A Figura 14, apresenta um cartaz educativo com mensagens motivacionais e reflexões sobre ética, empatia e comportamento moral no ciberespaço, alinhando-se

ao debate sobre cidadania digital e filosofia na era digital. O material destaca frases que incentivam a prática do respeito, da solidariedade e da valorização das diferenças, essenciais para a construção de um ambiente digital mais saudável e ético.

No contexto desta dissertação, o cartaz abaixo demonstra um esforço para sensibilizar as pessoas quanto aos impactos de suas ações no ambiente virtual. O destaque para frases como "Não seja o dedo que aponta, seja a mão que ajuda" reforça a ideia de que o ciberespaço não deve ser um lugar de hostilidade e julgamentos, mas sim um espaço para a construção de relações positivas, baseadas na ética e no respeito mútuo.

Figura 14: Cartaz Turma Z – 1. CEAG, 2024



Fonte: Sequência Didática 1, Plano de Aula 2, Atividade 2, elaborado por um grupo de Estudantes, 2024.

Além disso, a citação "O que eles odeiam em você é o que está faltando neles" sugere uma reflexão crítica sobre o julgamento e a inveja no meio digital, em que uma exibição de conquistas ou características individuais pode ser alvo de ataques. Assim, o cartaz reforça a necessidade de autoconhecimento e autoestima, incentivando os(as) estudantes a não desistirem de seus sonhos, mesmo diante de críticas negativas.

O segundo cartaz da Turma Z, ilustrado na Figura 15, apresenta uma representação visual crítica sobre os riscos das plataformas de mídia social,

conectando-se ao debate sobre cultura digital, ética e segurança no ciberespaço. O desenho é enigmático, sem identidade visível, deixando um dispositivo digital que exibe um cadeado, simbolizando questões de privacidade, controle de dados e vulnerabilidade digital. O fundo tecnológico conectado sugere a onipresença da internet e o entrelaçamento das vidas digitais com a realidade.

Figura 15: Cartaz Turma Z-2



Fonte: Sequência Didática 1, Plano de Aula 2, Atividade 2, elaborado por um grupo de Estudantes, 2024.

A frase no topo “As plataformas de mídia social são populares, mas apresentam seu próprio conjunto de riscos”, evidencia a dualidade do ciberespaço, um ambiente que proporciona oportunidades de interação, aprendizado e compartilhamento de informações, mas que também expõe os(as) usuários(as) a ameaças como vazamento de dados, manipulação digital e fake news.

A figura encapuzada e sem rosto pode simbolizar o anonimato e a perda da identidade digital, remetendo à teoria de Zygmunt Bauman sobre a modernidade líquida, na qual as relações virtuais são efêmeras e podem ser manipuladas por interesses diversos. Esse aspecto também é uma linha de reflexão filosófica sobre a ética digital e o direito à privacidade, conforme discutido por Helen Nissenbaum, que destaca a importância da integridade contextual na proteção de dados pessoais.

O terceiro cartaz da Turma Z, apresentado na Figura 16, utiliza uma combinação de textos, imagens e símbolos para enfatizar que os princípios éticos devem ser preservados também no ambiente virtual.

Figura 16: Cartaz Turma Z -3. CEAG, 2024.



Fonte: Sequência Didática 1, Plano de Aula 2, Atividade 2, elaborado por um grupo de Estudantes, 2024.

A frase principal, "Seja ético no mundo digital", reforça a importância da responsabilidade individual nas interações online. A presença de mensagens como "Privacidade é um direito, respeite" e "Honestidade também é digital" remete diretamente às reflexões de Helen Nissenbaum. Outro elemento relevante é a menção ao "novo digital", em que o limite é a humanização, que destaca a necessidade de manter valores humanísticos no uso da tecnologia.

A exposição dos cartazes com as produções finalizadas da Turma Y e Z, foi alocada em uma área estratégica do colégio, um espaço coletivo, de um lado o refeitório e a quadra de esportes e do outro lado as salas de aula, local onde todos (as) os (as) estudantes passam todos os dias, conforme ilustração a seguir:

Figura 17 – Ilustração do espaço social onde foi anexado a produção final da campanha. CEAG. 2024.



Fonte: Elaborado pelos (as) estudantes do 2º ano, das turmas Y e Z, 2024.

Os resultados das atividades revelaram uma consistente compreensão dos conceitos filosóficos e de sua aplicação no ciberespaço. A análise dos dados obtidos durante as discussões e produções sugeriu que, mesmo diante da flexibilidade das normas digitais, os(as) estudantes demonstram um esforço contínuo para manter uma moralidade coerente e adaptativa, alinhada aos desafios da era digital.

Essa estratégia de levantamento de dados, integrando teoria, debate e prática, demonstrou ser eficaz, enfatizou a importância de integrar a educação ética ao cotidiano digital, com as aulas de Filosofia preparando os(as) jovens para navegar com responsabilidade pelo ciberespaço, ao contribuir para uma formação mais crítica e consciente dos(as) estudantes em relação às suas vivências no ciberespaço.

Ao refletirmos sobre como nossas ações online afetam o coletivo, começamos a perceber que a era digital não diminuiu a necessidade de uma ética forte e bem fundamentada, pelo contrário, ela a intensifica. O ciberespaço é um espelho de nossa realidade e, assim como no mundo físico, nossas escolhas importam, moldam e influenciam a sociedade como um todo.

Portanto, é essencial que a educação ética no ciberespaço inclua abordagens que desenvolvam pensamentos holísticos para as vivências estudantis na era digital. Com foco no dever moral, no respeito à dignidade humana, na promoção da justiça e equidade, no reconhecimento da importância do contexto e na adaptação às dinâmicas da modernidade líquida.

As abordagens aqui mencionadas, não apenas podem contribuir na proteção dos direitos dos(as) usuários(as), como também poderão estabelecer um arcabouço ético consistente para orientar as vivências em ambientes digitais. A missão de tornar o ciberespaço um lugar mais ético e justo começa com pequenas ações, e cada reflexão nos aproxima desse objetivo coletivo. Vamos juntos transformar o digital em um espaço que possa refletir os melhores valores humanos.

3.2 - A ESTÉTICA FILOSÓFICA NO CIBERESPAÇO: IMAGEM, IDENTIDADE E ILUSÃO.

Responsável por investigar a essência do belo, a percepção da arte e a sensibilidade humana diante do mundo, a estética tem sido um campo central da Filosofia. O termo Estética (in. Aesthetics; fr. Esthétique, al. Aesthetik; it. Estética),

designa a ciência filosófica da arte e do belo. A estética, como área de conhecimento, investiga a natureza do belo e os fundamentos da arte, explorando os valores intrínsecos às obras artísticas e os sentimentos que elas evocam em seus apreciadores.

A estética, enquanto campo filosófico que investiga o belo, a arte e a sensibilidade, passou por transformações significativas ao longo da história do pensamento ocidental. Desde a Antiguidade até a modernidade, o conceito de beleza foi se desdobrando, ganhando novas nuances conforme o contexto cultural e os avanços filosóficos de cada época.

Na Grécia Antiga, Platão (2005)² abordava o belo como uma ideia universal e imutável, acessível apenas por meio da razão. Para ele, existia o “belo em si”, uma forma ideal e transcendente que se manifesta imperfeitamente nas coisas sensíveis. Essa concepção dualista influenciou profundamente a tradição ocidental, colocando o mundo sensível como inferior ao mundo das ideias. Aristóteles (2014)³, discípulo de Platão, desenvolveu uma visão mais prática e imanente do belo, associando-o à proporção, simetria e harmonia, especialmente nas artes. Para ele, o prazer estético surge da ordem e da organização formal da obra.

Durante a Idade Média, a estética esteve vinculada à teologia, com o belo sendo associado à perfeição divina. No entanto, é apenas na modernidade que a estética se consolida como um campo autônomo da Filosofia. Um marco importante nesse processo foi a obra de Alexander Gottlieb Baumgarten, filósofo alemão que, no século XVIII, introduziu o termo “estética” como o nome de uma nova ciência filosófica dedicada ao conhecimento sensível e à arte. Em sua obra “Aesthetica” (1750)⁴, Baumgarten definiu a estética como a “ciência do conhecimento sensível”, propondo que o juízo estético deveria ser estudado de forma sistemática e filosófica, dando origem à estética como um ramo independente do saber.

Na sequência, David Hume (1757)⁵ discutiu a questão do gosto, ressaltando a subjetividade das experiências estéticas, mas afirmando que seria possível desenvolver um senso comum baseado na experiência e no refinamento da

² PLATÃO. *Hípias Maior*; **O Banquete**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

³ CECIM, Arnaldo Marques. **Baumgarten, Kant e a teoria do belo**. *Paralaxe*, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 73-89, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/paralaxe/article/view/31114>. Acesso em: 9 jun. 2025.

⁴ BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. **Aesthetica**. Frankfurt an der Oder: Preuss, 1750-1758. 2 v.

⁵ HUME, David. **Of the Standard of Taste**. 1757. Disponível em: https://en.wikisource.org/wiki/Of_the_Standard_of_Taste. Acesso em: 9 jun. 2025.

sensibilidade. Immanuel Kant, por sua vez, deu um novo rumo à estética ao discutir o “juízo do gosto” na *Crítica do Juízo* (1980), defendendo que o julgamento de beleza é desinteressado, universal e ligado à faculdade da imaginação em harmonia com o entendimento. Para Kant (1980), o prazer estético não é puramente subjetivo, pois envolve uma pretensão de universalidade, ainda que não dependa de conceitos objetivos.

No século XIX, Hegel (2001)⁶ vinculou a estética à expressão do espírito, afirmando que a arte é uma manifestação sensível das ideias e parte do desenvolvimento histórico da consciência humana. Para ele, o belo artístico supera o belo natural, pois traz consigo a intencionalidade e o conteúdo espiritual. Já John Locke (1996)⁷, em uma perspectiva empirista, entendia a beleza como uma qualidade secundária, percebida pelos sentidos, o que destaca a importância da experiência sensorial na recepção estética.

Por fim, no século XX, pensadores como Gilles Deleuze (1968) e Pierre Lévy (1999) ampliaram a discussão para o campo da virtualidade e da cibercultura, analisando como as experiências estéticas se transformam na era digital. Deleuze introduz a distinção entre o real e o virtual como formas igualmente potentes da existência, enquanto Lévy discute a virtualidade como uma dimensão essencial da experiência estética contemporânea. A estética, portanto, permanece um campo fértil de investigação filosófica, que acompanha e interpreta as mudanças culturais, sociais e tecnológicas da humanidade.

Desde a escolha das roupas que usamos até a apresentação de cuidados de pratos na gastronomia, a estética transcende o campo da arte e se aplica às diversas esferas da vida cotidiana, ela permeia as decisões que tomamos para dar forma e significado ao nosso entorno. O conceito de “belo” é essencialmente subjetivo e não possui regras rígidas para sua produção, o que faz da estética um terreno fértil para a criatividade e a inovação. Em contrapartida, o “feio” é compreendido como aquilo que é percebido como malfeito ou inadequado em relação ao que se espera.

No ciberespaço, a estética ganha contornos ainda mais complexos, pois a imagem se torna protagonista de interações, moldando identidades e redefinindo

⁶ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Estética**: lições sobre a filosofia da arte. São Paulo: Loyola, 2001.

⁷ LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

padrões de beleza e proteção. Se, no mundo físico, a estética era tradicionalmente associada à arte e à experiência sensível, no ambiente digital, ela se converte em um hábito fluído, regido por algoritmos, filtros e curadorias virtuais que ditam o que é considerado belo e desagradável. Redes sociais, avatares e interfaces gráficas tornam-se expressões visuais de um eu digital muitas vezes idealizado, criando uma tensão filosófica entre o ser e o que parece ser.

A estética não é apenas um campo de avaliação do belo no ciberespaço, mas, sim, um poderoso instrumento de influência social e comercial. Perfis cuidadosamente editados nas redes sociais, realidades aumentadas e identidades virtuais projetam uma estética que nem sempre corresponde à essência dos indivíduos, mas que, paradoxalmente, se torna um parâmetro para a construção da própria identidade.

Nesse sentido, a estética digital não pode ser dissociada das implicações éticas que ela carrega. A busca incessante por facilidades e validação virtual leva muitos a moldar suas imagens a padrões irrealistas, gerando impactos psicológicos e sociais que merecem reflexão. A Filosofia, enquanto disciplina do pensamento crítico, nos convida a questionar: Será que estamos cultivando uma identidade autêntica ou apenas reproduzindo padrões impostos por algoritmos?

Diante desse panorama, a estética filosófica no ciberespaço se revela como um campo de investigação urgente e necessário. Se, por um lado, a tecnologia amplia nossas possibilidades expressivas, por outro lado, ela desafia nossa compreensão sobre complicações e representações. No embate entre imagem, identidade e ilusão, a Filosofia permanece como um farol que questiona e estimula reflexões sobre a estética digital e seu impacto na forma como nós percebemos e interagimos com o mundo. O desafio, portanto, não é apenas compreender a estética do ciberespaço, mas desenvolver uma relação consciente e crítica com essa nova paisagem visual e sensorial que redefine, constantemente, os contornos da experiência humana.

A era digital intensificou a dicotomia entre a identidade genuína e a imagem projetada, criando um ambiente onde as representações são moldadas não apenas pelo desejo individual, como também pelas expectativas sociais e pelos algoritmos que filtram e direcionam essas construções. Para compreender essa relação, é essencial recorrer a pensadores que refletem sobre a fluidez das identidades, o

impacto das tecnologias digitais e os desafios éticos que emergem dessa nova configuração.

Zygmunt Bauman, em *Modernidade Líquida* (2001), destaca como a fluidez das identidades na sociedade contemporânea se intensifica nas plataformas digitais. O ciberespaço cria um ambiente onde a busca por validação e idealização se tornam locais, promovendo uma negociação constante entre quem realmente somos e como desejamos ser vistos. Para Bauman, essa dinâmica é profundamente enraizada no desejo humano de pertencimento e reconhecimento, mas, ao mesmo tempo, pode levar a uma desconexão entre as desvantagens e as projeções idealizadas.

Nesse contexto, em sua obra “*Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*”, Bauman (2005), fala sobre a fluidez das identidades e como a sociedade contemporânea, inclusive nas plataformas digitais, promove uma busca por aprovação e imagem idealizada. Segundo Bauman:

As batalhas de identidade não podem realizar sua tarefa de identificação sem dividir tanto quanto, ou mais do que, unir. Suas intenções incluídas se misturam com (ou melhor, são complementadas por) suas intenções de segregar (BAUMAN, 2005, p. 85).

Essa afirmação torna-se ainda mais pertinente no contexto digital, onde as redes sociais e outras plataformas online atuam como arenas para a construção de identidades. Nesse ambiente, ao mesmo tempo em que os(as) indivíduos procuram espaços de expressão e pertencimento, também acabam reproduzindo divisões, impulsionadas por comparações constantes e por padrões idealizados. Na tentativa de atender a expectativas externas e tornar seus perfis mais aceitos ou visíveis, muitos(as) usuários(as) acabam moldando suas imagens de forma estratégica, o que pode distanciar-se significativamente de sua essência e identidade autêntica.

Essa busca por um "eu" idealizado, influenciada pela necessidade de aprovação e validação digital, resulta em uma identidade frágil e moldável, que é constantemente revisada para manter-se relevante e aceita. Bauman nos alerta para a natureza paradoxal dessa busca: o desejo de pertencer e ser aceito muitas vezes vem acompanhado da exclusão e da diferenciação, refletindo o caráter fragmentado e mutável da modernidade líquida.

A teoria de Kant (1980) sobre razão, percepção e estética defende que a beleza não é objetiva, mas uma experiência subjetiva baseada na capacidade de

juízo individual. Para ele, a beleza surge da harmonia entre intelecto e sentidos, gerando um prazer universal e desinteressado, livre de qualquer utilidade prática. No contexto da estética digital e das vivências estudantis no ciberespaço, essa ideia se torna relevante, pois, assim como o espaço e o tempo moldam a percepção do mundo físico, o design e as interfaces digitais influenciam a experiência virtual. A estética digital impacta o juízo de gosto e a interação dos jovens com o ambiente online, afetando a construção de suas identidades e sua compreensão de beleza no meio virtual.

A socióloga Sherry Turkle (1997), em *A vida no ecrã: a identidade na era da internet*, investiga como a tecnologia e as redes sociais impactam a identidade, indicando que as pessoas frequentemente projetam uma versão idealizada de si mesmas online para receber validação e evitar a vulnerabilidade. Segundo Turkle (1997), isso acontece porque a Internet permite às pessoas explorarem facetas de suas personalidades que têm expressão limitada na vida presencial (offline), especialmente devido às restrições do contato social.

Gilles Deleuze, em seu livro *O Atual e o Virtual* (1996), oferece uma perspectiva sobre como o virtual não apenas representa o real, como também o reconfigura. No contexto do ciberespaço, essa distinção é crucial, pois as representações digitais não são meros reflexos da realidade, mas sim criações que possuem existência própria, moldando percepções e redefinindo identidades. Essa ideia é essencial para entender como o olhar idealizado no ambiente virtual pode superar as limitações do mundo físico, criando narrativas e formas de existência que nem sempre são funcionais ao ser autêntico.

Em *Diferença e Repetição* (1988), Gilles Deleuze discute a relação entre o real e o virtual, destacando que o virtual não é uma mera cópia do real, mas um campo de possibilidades que influencia e transforma a realidade. No ciberespaço, essa interação se manifesta na estética digital, permitindo personalização e interatividade. Ao mesmo tempo, a reprodução ocorre na padronização de conteúdos, como *memes* e *templates*, criando uma tensão entre inovação e reprodução. Dessa forma, o ciberespaço se torna um ambiente onde a diferença e a repetição dialogam, redefinindo constantemente a percepção entre o real e o virtual. Já Muniz Sodré (2013), ao estudar a comunicação no contexto da Guerra Fria, nos mostra como os avanços tecnológicos e os contextos históricos influenciam a

estética digital, permitindo novas formas de expressão e interatividade que refletem os anseios e os conflitos de sua época.

Lévy (1999) define a cibercultura como uma nova forma de cultura emergente no ambiente digital, descrita por práticas, valores e saberes moldados pela tecnologia. Um de seus conceitos centrais é a virtualidade, que, embora não exista fisicamente, gera efeitos reais e amplia possibilidades estéticas. No ciberespaço, essa virtualidade transforma a experiência artística, permitindo a criação de formas de expressão imersivas e interativas, onde a participação do público se torna essencial. Além disso, a hibridização estética integra diferentes formas de arte, como música, cinema e literatura, impulsionando a inovação criativa. A teoria de Lévy evidencia como a estética digital não apenas reflete a realidade, mas a ressignifica, redefinindo nossa percepção de beleza e arte no mundo virtual.

Martins (2000) explora a "Estética Digital" como um campo dinâmico que transforma a literatura no ambiente digital, permitindo a fusão entre escrita, imagem, som e interatividade. No ciberespaço, o leitor deixa de ser passivo e torna-se participante ativo na construção da obra, ampliando os limites da literatura tradicional. Essa nova estética não apenas redefine a experiência literária, mas também cria dinâmicas de poder e expressão, desafiando concepções tradicionais sobre criação e interação artística no meio digital.

Nas experiências estudantis, o ciberespaço surge como um ambiente propício à construção identitária e à expressão estética, permitindo a manifestação de múltiplas facetas do "eu" e favorecendo a criação de versões idealizadas da identidade, moldadas pela interação com o outro e pelas dinâmicas digitais. Nesse cenário, o conceito de belo se transforma, incorporando aspectos como funcionalidade, inovação tecnológica e a construção de identidades digitais, ampliando-se para além das formas tradicionais de arte e incluindo experiências sensoriais mediadas por interfaces digitais, realidade virtual e aumentada, além das práticas nas redes sociais.

A estética filosófica no ciberespaço ressignifica o conceito de identidade de belo, influenciando interações e padrões sociais. Pensadores como Kant, Deleuze, Lévy e Bauman destacam a subjetividade do juízo estético, a fluidez das identidades e o impacto da virtualidade na experiência artística. Embora o ciberespaço tenha amplas possibilidades expressivas, ele também impõe desafios, como a idealização de identidades e a padronização estética mediada por algoritmos. A principal lacuna

é a necessidade de aprofundar a reflexão sobre os efeitos dessa estética digital na subjetividade e nas relações sociais. Assim, compreender a estética no ambiente virtual exige um olhar crítico sobre como ela molda nossa percepção e experiência no mundo digital.

A identidade digital é um conceito que vai além de uma simples representação de dados. Ela encapsula a essência de quem somos e como nos apresentamos no vasto e interconectado mundo do ciberespaço. Lévy (1999) vê a identidade digital como uma construção que surge da participação em redes e comunidades virtuais, sendo moldada pela colaboração e compartilhamento de informações. No contexto da cibercultura, que Lévy (1999) define como a cultura emergente do ambiente digital, a identidade digital reflete práticas, saberes e comportamentos que surgem com a adoção da tecnologia. Essa identidade é fluida e multifacetada, permitindo que os indivíduos assumam diferentes pessoas e papéis de acordo com o contexto e a plataforma em que estão inseridos.

No entanto, a identidade digital transcende a mera recolha de dados. Ela é fluída e multifacetada, permitindo que os usuários experimentem diferentes versões de si mesmas em um espaço que se reinventa constantemente. Essa fluidez levanta questões sérias sobre a ocorrência e a verdadeira representação do "eu" no ambiente online. Se, por um lado, o ciberespaço oferece a liberdade para a autoexpressão, por outro, ele também desafia a manutenção de uma identidade coerente e autêntica. O processo de construção da identidade digital é complexo e exige uma atenção cuidadosa à privacidade e segurança, destacando a necessidade de um controle específico sobre as informações que selecionamos compartilhar.

As relações sociais também sofrem uma transformação significativa sob a influência dos meios digitais. Enquanto novas formas de comunicação e interação são criadas, proporcionando conexões internas e globais, essas mesmas plataformas desafiam as formas tradicionais de contato humano, muitas vezes ao superficializar as interações humanas. O comportamento online, por sua vez, é amplamente moldado pelo ambiente digital, o que pode afetar não apenas como as pessoas se comportam no mundo virtual, mas também como essa conduta reflete em suas vidas offline.

A interconexão entre a estética digital, a construção da identidade e a ilusão nos meios digitais criam uma rede complexa de influências que redefinem o conceito de "eu" no ciberespaço. Tecnologias como a realidade aumentada e virtual

intensificam essa convergência entre o mundo real e o digital, borrando as fronteiras entre o físico e o virtual. Nesse cenário, as camadas de identidade se multiplicam, desafiando nossa compreensão sobre o que é autêntico e o que é projetado. Os estudantes, inseridos nesses ambientes digitais, constroem suas identidades por meio de informações compartilhadas, escolhas estéticas e interações nas plataformas online, criando um mosaico de dados que passa a representá-los(as) no espaço virtual.

A influência dos meios digitais na autoimagem dos(as) estudantes é profunda e, muitas vezes, ambígua. A exposição constante a imagens de corpos perfeitos, estilos de vida glamorosos e padrões de beleza idealizados nas redes sociais provoca um efeito de espelho distorcido, onde a busca por validação e acessível se torna uma força motriz. A comparação incessante com os outros, alimentada por algoritmos que promovem conteúdos populares e idealizados, intensifica a pressão para se conformar aos padrões estéticos pré-estabelecidos. Como resultado, a percepção de que os(as) estudantes têm de si mesmos pode ser significativamente afetada, especialmente, quando se trata da autoimagem corporal e do senso de valor pessoal. O que aparece no perfil digital muitas vezes não reflete o “eu” real, mas sim uma versão moldada por filtros e expectativas sociais.

A disseminação de estereótipos no ambiente virtual pode levar à discriminação e exclusão de indivíduos com base em suas características étnicas ou de gênero, ampliando as barreiras para a limitação e inclusão. Além disso, essas representações restritivas podem limitar as oportunidades de desenvolvimento e realização pessoal, comprometendo a equidade e a diversidade. Cenário que contribui para a perpetuação de desigualdades, uma vez que reforça estruturas de poder e privilégios, dificultando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Os(as) estudantes podem experimentar diferentes facetas de si mesmos(as) no ciberespaço e construir personas digitais que vão desde extensões de sua personalidade real até versões idealizadas ou mesmo fictícias. Elementos como avatares, nomes de usuário, filtros de imagem, linguagem e escolhas visuais tornam-se ferramentas de expressão e definição de identidade. Cada escolha estética feita no ambiente digital contribui para a criação de uma identidade online única, que pode variar de uma representação autêntica a uma construção meticulosamente planejada para alcançar determinados efeitos ou públicos.

A convergência entre o real e o virtual é um fenômeno cada vez mais presente na vivência estudantil contemporânea. Tecnologias como realidade virtual e aumentadas, por exemplo, permitem que os(as) estudantes experimentem imersões digitais que não apenas ampliem suas percepções, como também influenciem a construção da identidade. As interações com avatares digitais, as simulações de ambientes virtuais e a superposição do digital ao real criam formas de vivenciar o "eu". Essa convergência impacta profundamente não só a forma como os estudantes interagem no mundo online, mas também como se comportam no mundo físico, uma vez que as fronteiras entre ambos se tornam menos nítidas.

3.2.1 Relato de desenvolvimento das aulas da Sequência didática 2

As reflexões teóricas apresentadas até aqui fundamentaram a aplicação da Sequência Didática 2, intitulado “A Estética no Ciberespaço – Explorando o Ser e o que Parece Ser na Convergência entre o Mundo Real e o Virtual”, presente de forma detalhada no Apêndice J. Essa sequência compreende as Aulas 3 e 4, além de observações registradas ao longo do processo de desenvolvimento, presente de forma detalhada no Apêndice K e L. A proposta buscou estimular os(as) estudantes a analisar criticamente as representações estéticas digitais, questionando como a imagem e a identidade são moldadas no ciberespaço e suas implicações na experiência individual e coletiva.

Relato a seguir como se deu o processo de desenvolvimento dos Planos de aula, das atividades propostas e os resultados apresentados. Ao iniciar a Aula 3, na Turma Y, cumprimentei os presentes e apresentei o plano de aula, que foi dividido em dois momentos. O primeiro com a explanação dialogada e o segundo com o desenvolvimento de uma atividade programada. O Plano de aula, que teve como objetivo levar os(as) estudantes a refletir sobre a relação entre o ser e o que parece ser a construção da identidade digital, baseou-se nas teorias de Kant, Martins, Deleuze, Lévy e Sodré. A aula combinou explicações orais baseadas em referências teóricas, debates e uma atividade prática destinada a conectar as teorias discutidas às vivências dos(as) estudantes no ambiente digital.

A exposição dialogada, focou na compreensão dos conceitos de estética e na análise de como estes se aplicam ao ciberespaço. Contextualizei a estética

filosófica, ao longo do tempo, desde suas raízes na Antiguidade, suas nuances na Idade Média e Modernidade, até as implicações na era digital. A importância da Estética filosófica foi explorada a partir de como ela se manifesta no ciberespaço, um ambiente onde as fronteiras entre o ser e o parecer se confunde e onde as percepções do "belo" e da "identidade" são constantemente desafiadas. A aula proporcionou uma análise da diferença entre ser e parecer no mundo virtual, por meio da apresentação de imagens e vídeos que exemplificavam distorções de realidades e a construção de identidades idealizadas.

Os(as) estudantes foram conduzidos(as) a uma reflexão sobre como as teorias estéticas clássicas se conectam à realidade virtual e influenciam a produção artística e a percepção da beleza. Dialogamos como o ciberespaço amplia a compreensão do "belo em si" e do "belo relativo" de Platão, ao permitir a criação de identidades virtuais que muitas vezes busca se adequar às expectativas sociais. A discussão em sala foi intensa e provocativa. Os(as) estudantes(as) compartilharam experiências pessoais nas quais se sentiram enganadas(as) por imagens manipuladas, julgadas(as) pelas aparências ou envergonhados(as) por não responderem às projeções idealizadas. Durante a explicação dialogada e as apresentações dos vídeos e imagens, os(as) estudantes demonstraram grande familiaridade com os temas envolvidos com comentários perspicazes e relatos pessoais que enriqueceram a discussão.

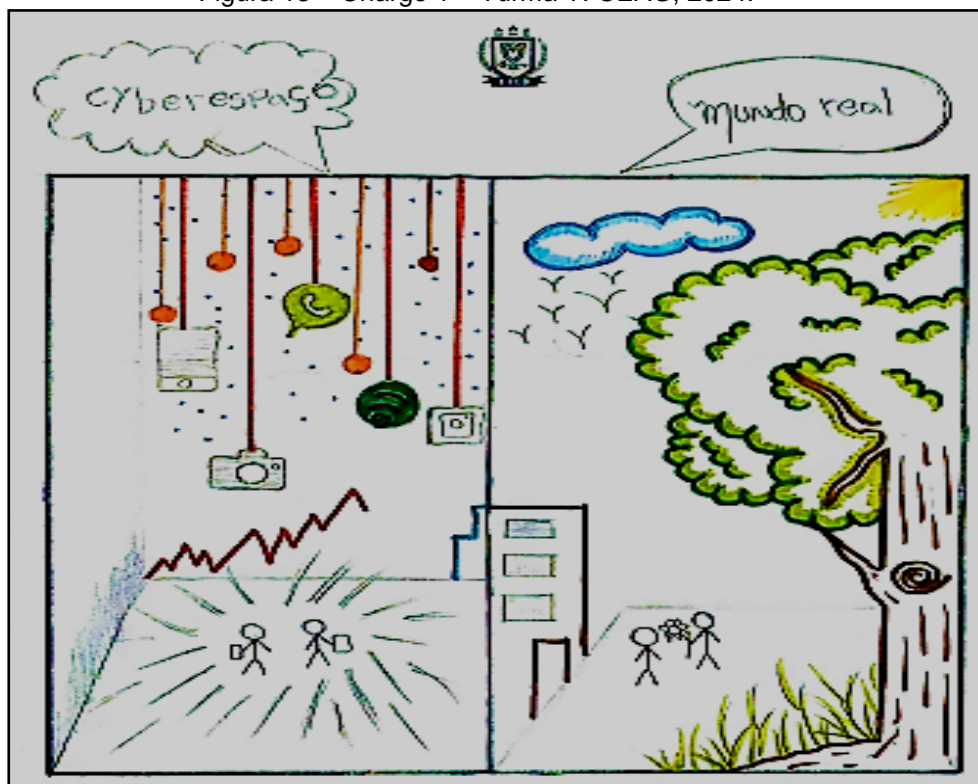
No segundo momento da aula, os(as) estudantes foram convidados(as) a externar seus conhecimentos em uma atividade prática em grupo, a qual consistiu na criação de uma charge que ilustrasse suas percepções sobre a Estética no ciberespaço. Divididos(as) em grupos, eles(as) escolheram diferentes ambientes digitais para observar e refletir sobre a estética presente, discutiram sobre os impactos dessas percepções em suas próprias vidas e na sociedade em geral. Em seguida, criaram uma charge que ilustrou suas descobertas e conclusões. A diversão foi tão grande que, apesar do tempo dedicado, a produção das charges não pôde ser concluída em sala. Assim, os(as) estudantes concluíram as atividades e a entregaram em um momento extraclasse. Ressalto que todos os materiais utilizados, como folhas de papel A4, pincéis, tintas, lápis de cor, fita adesiva e régua, foram disponibilizados pela autora aos(as) estudantes.

A atividade programada desenvolvida, levou os(as) estudantes a uma profunda reflexão sobre a relação entre o ser e o que parece ser, confrontando as

noções tradicionais de identidade com a fluidez e complexidade do mundo digital. Analisando imagens, vídeos e exemplos práticos no ciberespaço, eles(as) puderam explorar a importância da Estética filosófica, a diferença entre ser e parecer e os impactos dos meios digitais na construção da identidade, ao fazê-los(as) refletir sobre suas interações e percepções no ambiente online. A seguir algumas imagens das charges produzidas pela Turma Y.

A Figura 18, apresenta a Charge 1, criada pela Turma Y. O desenho ilustra de forma criativa e crítica a dualidade entre o ciberespaço e o mundo real. No lado esquerdo, a representação do ciberespaço é marcada por ícones de redes sociais e tecnologias que flutuam em um cenário abstrato, simbolizando a presença constante e a saturação de estímulos visuais e informativos. Os elementos suspensos e a interação superficial dos personagens destacam a natureza efêmera e desconexa do ambiente digital, remetendo às discussões em sala sobre a diferença entre ser e parecer.

Figura 18 – Charge 1 – Turma Y. CEAG, 2024.



Fonte: Sequência Didática 2, Aula 3, Atividade 1. Elaborada por estudantes, 2024.

Por outro lado, o lado direito da charge retrata o mundo real com um ambiente natural e sereno, onde os personagens interagem de forma autêntica e harmoniosa. A presença de árvores e elementos da natureza sugere uma conexão mais óbvia, contrastando com a artificialidade e o ritmo acelerado do ciberespaço. Essa parte da ilustração reforça a ideia de que, no mundo físico, as relações tendem a ser mais profundas e menos influenciadas por aparências e expectativas externas.

A charge traduz visualmente as reflexões propostas durante a aula sobre a estética no ciberespaço e a construção de identidades. Ao contrapor os dois mundos, a charge convida à reflexão sobre as implicações das interações digitais na autoimagem e nas relações interpessoais, abordando a fluidez entre as identidades projetadas no ciberespaço e a essência das experiências no mundo real.

A Charge 2 apresentada na Figura 19, aborda de forma crítica e expressiva o impacto do ciberespaço na construção da identidade e na autoimagem dos(as) estudantes. A ilustração central mostra uma jovem segurando um celular que reflete uma versão idealizada de si mesma, cercada por ícones de redes sociais como Instagram, TikTok e outras plataformas digitais. Essa composição visual destaca a busca incessante por validação e pressão para atender a padrões de beleza e comportamento específicos nas mídias sociais.

Figura 19 – Charge 2 - Turma Y. CEAG, 2024.



Fonte: Sequência Didática 2, Aula 3, Atividade 1. Elaborada por estudantes, 2024.

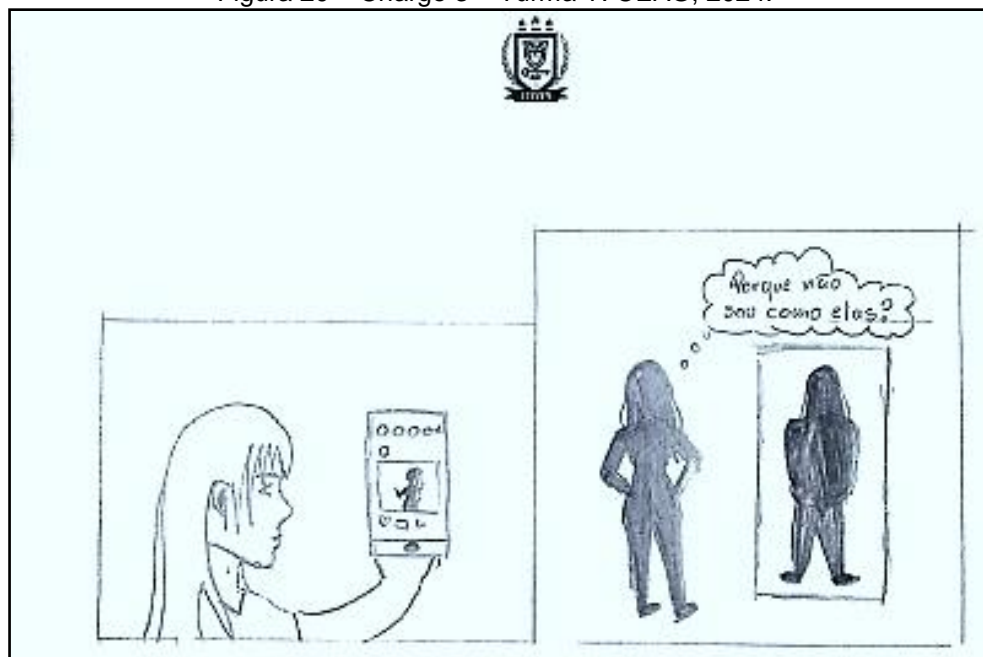
A frase "No ciberespaço, escolhe-se o 'eu' narrador, em troca da exposição do 'eu' que gostaria de ser" reflete a complexidade da construção identitária na era digital. Essa escolha deliberada entre o "ser" e o "parecer" dialoga com a discussão filosófica sobre as modificações e a representação, muitas vezes exploradas em sala de aula. Por um lado, a estética kantiana enfatiza o juízo de gosto desinteressado, que transcende as aparências, incentivando uma reflexão sobre o valor intrínseco do "ser". Por outro lado, as ideias de Deleuze sobre diferença e reprodução ajudam a compreender como a identidade no ciberespaço é continuamente moldada pela reprodução de padrões que geram uma estética fluída, mas frequentemente direcionada ao consumo e validação externa.

A jovem no desenho ilustra essa tensão entre o "eu" real, autêntico, e o "eu" fabricado, projetado para atender às expectativas alheias no ciberespaço. Essa dualidade se revela como um jogo constante entre a busca de aprovação social e o desejo de permanecer fiel a si mesma. No ciberespaço, essa construção identitária é amplificada pela visibilidade constante e pelo impacto das interações digitais, onde o "parecer" pode se tornar uma armadilha que ofusca a essência do "ser". Essa reflexão filosófica, ancorada nas teorias de Kant e Deleuze, convida a um exame crítico do papel das tecnologias digitais na formação da subjetividade contemporânea.

A Charge 3, na Figura 20, reflete de forma impactante a dualidade entre a autoimagem real e a imagem projetada nas redes sociais. À esquerda, uma ilustração mostra o perfil de um jovem observando seu reflexo na tela de um celular, destacando a dependência da validação externa e o impacto das redes sociais na percepção de si mesma. À direita, vemos a mesma jovem refletindo em um espelho maior, acompanhada da frase "Por que não sou como elas?", ao desenvolver a comparação constante com os padrões idealizados que ela observa online.

A Charge encapsula as discussões feitas em aula sobre a diferença entre o "ser" e o "parecer" no ciberespaço, remetendo às teorias de Kant sobre o juízo estético e a noção de segurança, além das ideias de Deleuze sobre como a repetição de padrões impacta a construção da identidade. A imagem evoca uma análise crítica sobre a influência do ambiente digital na autoimagem dos(as) jovens, que muitas vezes se sente inadequados(as) por não corresponderem às representações idealizadas que veem nas redes sociais.

Figura 20 – Charge 3 – Turma Y. CEAG, 2024.



Fonte: Sequência Didática 2, Aula 3, Atividade 1. Elaborada por estudantes, 2024.

A imagem, portanto, traduz essas reflexões em uma representação visual clara e comovente, ressaltando os desafios da identidade digital e a importância de uma autopercepção de maior aceitação e menos influenciada pelos padrões irrealistas do ciberespaço.

Com relação ao desenvolvimento da Sequência Didática na Turma Z, diferentemente do desempenho da atividade anterior, observei que os(as) estudantes demonstraram um maior engajamento e familiaridade, interagindo com as discussões propostas, relatando situações pessoais as quais, eles(as) se sentiram enganados(as), julgados(as) e até envergonhados(as).

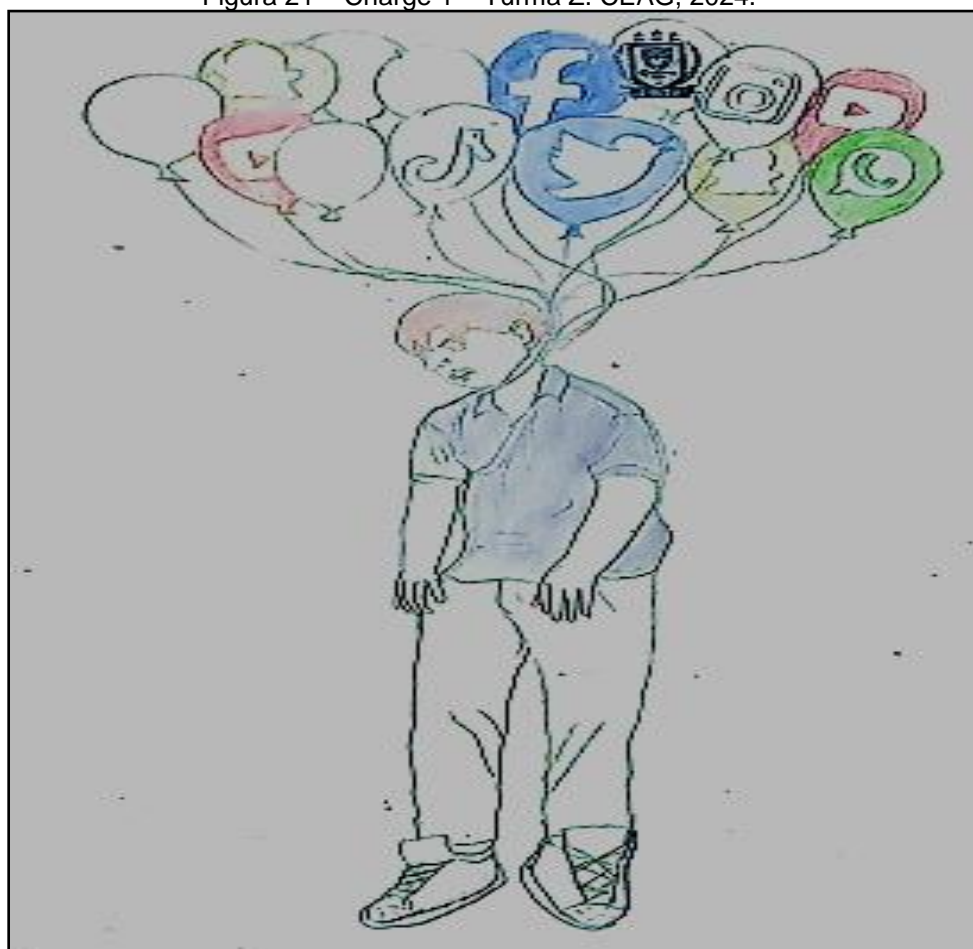
Uma vez envolvidos com a atividade, os(as) estudantes sugeriram outros vídeos que também abordavam o assunto. Entretanto, em decorrência da ultrapassagem do tempo destinado a socialização, não foi possível concluir a produção das charges em sala de aula, então os(as) estudantes, finalizaram as produções extraclasse e entregaram posteriormente.

O desenvolvimento da aula e da atividade programada proporcionou aos(as) estudantes uma reflexão profunda sobre a relação entre o ser e o parecer, desafiando as noções tradicionais de identidade em face da fluidez e da complexidade do mundo digital. Por meio da análise de imagens, vídeos e exemplos práticos no ciberespaço, eles(as) exploraram a importância da Estética filosófica, a

distinção entre ser e parecer, e os impactos dos meios digitais na construção da identidade. Essa experiência contribuiu para que os(as) estudantes(as) desenvolvessem uma consciência crítica aguçada e uma percepção reflexiva em relação às suas interações e às influências que experimentam no ambiente online. A seguir algumas imagens das charges produzidas pelos(as) estudantes da Turma Z.

A Figura 21, representa a Charge 1 da Turma Z, de forma poderosa e simbólica, a relação complexa entre a identidade digital e a autoimagem dos(as) estudantes. Nela, um jovem é retratado com uma expressão facial visivelmente abatida, enquanto uma série de balões que contém os logotipos de diversas redes sociais e aplicativos conhecidos, como Facebook, Twitter, Instagram e WhatsApp, estão presos ao seu pescoço e flutuam sobre sua cabeça. Esses símbolos representam a profunda influência que o ciberespaço exerce sobre a identidade e o bem-estar dos(as) jovens, destacando a pressão contínua de estar conectado e correspondente às expectativas do mundo digital.

Figura 21 – Charge 1 – Turma Z. CEAG, 2024.



Fonte: Sequência Didática 2, Aula 3, Atividade 1. Elaborada por estudantes, 2024.

A ilustração transmite visualmente a relação de dependência e o peso psicológico que essas tecnologias podem importar para a juventude contemporânea. Durante as atividades, os(as) estudantes refletiram sobre o impacto dos meios digitais na construção de suas identidades e compartilharam relatos pessoais sobre momentos em que se sentiram sobrecarregados(as) pelas expectativas irreais promovidas nas redes sociais. Os balões que, à primeira vista, podem parecer leves e festivos, na verdade pesam sobre o jovem, representando a dualidade entre a carga emocional e a fragilidade da identidade digital.

A próxima Charge da Turma Z, a Figura 22 é uma ilustração que combina elementos dramáticos e introspectivos para representar as relações complexas entre identidade e aparência no ciberespaço.

Figura 22 – Charge 2 – Turma Z. CEAG, 2024.



Fonte: Sequência Didática 2, Aula 3, Atividade 1. Elaborada por estudantes, 2024.

A sequência de quadros mostra um personagem imerso em um cenário que transmite sentimentos de confusão e autoquestionamento. Em cada painel, vemos como ele se confronta com reflexões sobre sua própria imagem e sobre a forma como é percebida pelos outros, aludindo à pressão constante das expectativas digitais e à luta para manter uma identidade coerente em um mundo onde o "parece" frequentemente sobrepõe o "ser".

A primeira metade da carga sugere um cenário de autocrítica e autoavaliação, onde o personagem questiona os danos de suas ações e a forma como se apresenta nas redes sociais. Essa introspecção ilustra que, no ciberespaço, a identidade é moldada por um ciclo de validação externa e busca por aceitação.

Nos últimos quadros, a charge culmina em uma sensação de resignação e cansaço, com o personagem refletindo sobre a superficialidade das interações digitais. As falas destacam o impacto psicológico que essa busca constante pela aprovação pode ter, ecoando nas conversas em sala sobre como o ciberespaço amplifica tanto a expressão de uma identidade desejada quanto às inseguranças que surgem dessa projeção

A Charge 3 da Turma Z (Figura 23), aborda de forma crítica e bem-humorada a pressão das redes sociais sobre a autoimagem e a autoestima, particularmente em relação à comparação constante que elas incentivam.

Figura 23 – Charge 3 – Turma Z. CEAG, 2024.



Fonte: Sequência Didática 2, Aula 3, Atividade 1. Elaborada por estudantes, 2024.

A imagem mostra uma figura feminina com uma cabeça em formato de ícone de rede social "Instagram", falando para uma jovem garota: "Oi, linda! Vamos comparar sua vida com as pessoas perfeitas da internet?". Essa representação direta e irônica destaca a influência nociva de que as plataformas digitais podem ter ao criar um padrão inalcançável de perfeição e a consequente ansiedade gerada por essa comparação.

Esse trabalho criativo remete às discussões sobre a diferença entre o "ser" e o "parecer", com seu foco na estética e sem juízo de gosto, nos leva a questionar o que é genuinamente belo e o que é uma projeção idealizada. A figura feminina de cabeça em formato de ícone simboliza a presença constante e impositiva das redes sociais, que ditam padrões de comparação e influenciam a maneira como as pessoas, especialmente, os(as) jovens, se enxergam e se posicionam no mundo.

A jovem na charge, com expressão visivelmente desconfortável e cercada por fragmentos que poderiam ser pedaços de espelhos ou telas, reforça a ideia de como essas comparações podem fragmentar a percepção de identidade e gerar sentimentos de inadequação. Durante as aulas, os(as) estudantes refletiram sobre suas próprias experiências de se sentirem sensíveis a respeito dos padrões das redes sociais, um tema que gerou discussões intensas e relatos pessoais. A charge da Turma Z simboliza essa luta interna e a influência das plataformas digitais na construção da identidade, a qual promove uma análise crítica sobre como o ciberespaço pode afetar a saúde emocional.

Chegamos no relato da última aula, a Aula 4, da Sequência Didática 2, nas Turmas Y e Z. Ao iniciar a Aula 4, cumprimentei os(as) presentes e informei sobre o plano de aula, o qual seria dividido em dois momentos distintos, um momento de explanação e outro de desenvolvimento de atividade programada. Começamos com uma breve revisão do conteúdo abordado na aula anterior, revisitamos conceitos essenciais como "Estética no ciberespaço e a ideia do ser enquanto ser". Em seguida, decorreu-se a explanação dialogada, sobre como os meios digitais influenciam a construção da identidade e a percepção de si e do outro.

A proposta consistia em aprofundar o entendimento dos(as) estudantes sobre como a estética digital molda a percepção de identidade e realidade, e como essa construção influencia suas vivências no ambiente digital. Durante a exposição, dialogamos sobre a teoria da comunicação de Sodré (2013), que aborda a convergência concluída entre os mundos reais e virtuais, destacando como as

tecnologias digitais diluem as fronteiras entre essas duas esferas e criam uma realidade híbrida. Essa perspectiva enfatizou que as interações digitais não são apenas reflexos do mundo físico, assim como espaços independentes que moldam comportamentos e percepções.

Deleuze (1996) foi introduzido na discussão com sua distinção entre o real e o virtual, um ponto essencial para compreender as dinâmicas no ciberespaço. Ele argumenta que o virtual não é o oposto do real, mas sim um campo que carrega potencialidades de realização e criação de novas realidades. Essa abordagem ajudou os(as) estudantes a refletirem sobre como o ciberespaço se configura como um ambiente onde o “ser” se mistura com as projeções e narrativas idealizadas, influenciando a forma como as pessoas se percebem e são percebidas. A aula trouxe à tona questionamentos sobre como a reprodução de padrões e estéticas virtuais pode afetar a noção de ocorrências e identidade.

Martins (2000), por sua vez, contribuiu com a discussão ao destacar o campo literário e sua aplicação estética no ciberespaço. Ele explora como a literatura digital e outras práticas estéticas que emergem nas mídias digitais expandem as possibilidades de expressão e hibridizam formas tradicionais de arte, misturando texto, imagem e interatividade. Essa perspectiva ofereceu uma base para os(as) estudantes compreenderem como a estética digital cria um espaço de diálogo e participação, onde o leitor se torna coautor e as fronteiras entre criador e receptor se tornam fluídas.

Após a explanação, os(as) estudantes foram convidados a responderem um pequeno questionário, composto por três questões subjetivas em sala de aula (Atividade programada da aula), a respeito das discussões realizadas. As questões foram as seguintes: Questão 1 - “Como a estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço?”, Questão 2 - “Como os meios digitais influenciam nossa percepção do que é real e do que parece ser?” e Questão 3 - “De que forma as identidades são construídas e descritas no ciberespaço?”. De acordo com as experiências individuais no ciberespaço, os(as) estudantes foram convidados(as) a reflexão sobre a influência da estética digital em suas vidas, ao considerar as distinções entre o real e o virtual e a convergência entre esses mundos.

Essa atividade buscou fomentar um olhar crítico e introspectivo, que os(as) incentiva a pensar sobre como a estética e as narrativas digitais moldam suas identidades e percepções, de forma a tornar visível a relação entre o ser autêntico e

a imagem projetada no ciberespaço. Mais uma vez, ressalto que todos os materiais utilizados no desenvolvimento das atividades programadas foram disponibilizados pela autora.

Durante o momento de construção das respostas, observei que alguns(as) estudantes demonstraram dificuldades em expressar suas ideias de forma clara e segura, buscando apoio uns nos outros para formular suas respostas, me perguntando se estava certa a resposta, o que é uma parte natural do processo de aprendizagem e desenvolvimento crítico.

Na escrita do texto dos achados desta atividade, tive o cuidado de referenciar cada estudante com o respectivo número da lista de frequência escolar, devido ao cumprimento do termo de privacidade assinado. Por exemplo, na turma Y temos 44 estudantes matriculados, 43 frequentes e 40 participantes, então pode ser que o número do(a) estudante participante seja 44. Foi utilizado o mesmo procedimento para a turma Z.


Abaixo incluí respostas de alguns(as) estudantes da turma Y, referentes as três questões subjetivas citadas anteriormente. As respostas fornecidas pelo(a) estudante 23, (Figura 24), revela uma compreensão significativa sobre a relação entre a estética digital e a construção da identidade no ciberespaço, além das influências que os meios digitais exercem na percepção do que é real e do que parece ser.

O(a) estudante 23 destacou, na primeira questão sobre a influência da estética digital na percepção e construção da identidade, que esse elemento tem um papel central na forma como os indivíduos se enxergam e se apresentam no ambiente virtual. Ao afirmar que “a estética digital transparece em espaços digitais como uma expressão visual que reflete a identidade”, evidencia-se a ideia de que a percepção sensorial e a estética influenciam diretamente o conceito do que é considerado belo.

Essa reflexão se relaciona com a ideia de que a fusão entre texto e imagem, no ambiente digital, cria formas de expressão estética, tornando-se um campo de experimentação e representação da identidade. Além disso, a afirmação de que a estética “transfere a comunicação” entre os usuários ressalta o impacto das interações no ciberespaço, onde a estética digital não apenas transmite mensagens, mas também influencia comportamentos, interações e a forma como as identidades são percebidas e construídas.

Figura 24 – Formulário de resposta 1 do(a) estudante 23 - Turma Y. CEAG, 2024.

APÊNDICE M – PROTOCOLO DE REGISTRO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2,
ATIVIDADE PROGRAMADA 2: QUESTÕES DISCURSIVAS



*Como a estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço?
A estética digital também molda nossa percepção do ciberespaço como um espaço social. A maneira como os espaços digitais são projetados pode facilitar ou dificultar a interação social, influenciando a forma como se funcionando online se formam e se comunicam. A identidade no ciberespaço é um conceito multifacetado que abrange como os indivíduos se apresentam e se percebem em ambientes digitais.

*Como os meios digitais influenciam nossa percepção do que é real e do que parece ser?
Os meios digitais têm um impacto profundo na nossa percepção do que é real e do que parece ser, e isso se dá de várias maneiras: manipulação de imagens e vídeos, curadoria de conteúdo, rivalidade aumentada e virtual, narrativas digitais. Eles podem tanto enriquecer nossas experiências quanto complicar nossa compreensão do mundo ao nosso redor, destacando a importância de um consumo crítico das informações digitais.

*De que forma as identidades são construídas e apresentadas no ciberespaço?
Essas dinâmicas mostram que o ciberespaço é um espaço rico para a construção de identidades onde os indivíduos têm a oportunidade de explorar quem são e como desejam ser vistos pelos outros. Isso traz tanto possibilidades quanto desafios em relação à autenticidade e à percepção mútua nas interações digitais.

Fonte: Atividade programada 2: Questões discursivas, produzidas pela autora 2024⁸.

⁸ Transcrição das respostas do(a) estudante 23, da Turma Y, relativo as questões ilustradas na Figura 24. Questão 1 – “A estética digital também molda nossa percepção do ciberespaço como um espaço social. A maneira como os espaços digitais são projetados pode facilitar ou dificultar a interação social, influenciando a forma como se funcionando online se formam e se comunicam. A identidade no ciberespaço é um conceito multifacetado que abrange como os indivíduos se apresentam e se percebem em ambientes digitais.”

Questão 2 – “Os meios digitais têm um impacto profundo na nossa percepção do que é real e do que parece ser, e isso se dá de várias maneiras: manipulação de imagens e vídeos, curadoria de conteúdo, rivalidade aumentada e virtual, narrativas digitais. Eles podem tanto enriquecer nossas experiências quanto complicar nossa compreensão do mundo ao nosso redor, destacando a importância de um consumo crítico das informações digitais.” Questão 3 – “Essa dinâmicas mostram que o ciberespaço é um espaço rico para a construção de identidades onde os indivíduos têm a oportunidade de explorar quem são e como desejam ser vistos pelos outros. Isso traz tanto

Na segunda questão, que aborda a influência dos meios digitais na percepção do real e do virtual, o (a) estudante ressaltou como as tecnologias afetam a forma como as pessoas distinguem realidade e ilusão, tornando essa fronteira cada vez mais sutil.

Na terceira questão, sobre a formação da identidade no ciberespaço, o(a) estudante destacou que a identidade é construída por meio da interação e do compartilhamento de experiências. Esse processo reflete a convergência entre o mundo físico e o digital, onde a comunicação constante molda uma realidade híbrida, na qual as identidades se transformam e se adaptam em função das dinâmicas das redes. O ciberespaço, assim, se configura como um ambiente de construção coletiva, onde a busca por validação e a performance online exercem um papel na construção das identidades. As respostas do(a) estudante demonstram uma compreensão sobre a relação entre estética digital, identidade e percepção, conectando as reflexões teóricas discutidas em sala com sua própria vivência.


As respostas fornecidas pelo(a) estudante 32, (Figura 25), evidencia uma percepção crítica sobre a influência da estética digital na formação da identidade e na percepção do real em contraste com o virtual. Na primeira questão, que trata da influência da estética digital na construção da identidade no ciberespaço, o(a) estudante enfatizou a busca incessante pela perfeição, ao evidenciar como a imagem idealizada se tornou um elemento central nas interações virtuais. A superficialidade dessa estética leva à constante comparação e julgamento, impactando a autoestima e a forma como os indivíduos se relacionam no ambiente digital.

Na segunda questão, sobre a distinção entre o real e o virtual, o(a) estudante destacou como as plataformas digitais distorcem a realidade ao criar uma ilusão de perfeição. A ideia de que "as pessoas veem o que querem ver" aponta para uma forma seletiva e manipulada com que as vidas são apresentadas online, o que incentiva a exibição de versões editadas e idealizadas da própria identidade. Essa construção seletiva reforça a tensão entre o que é vívido e o que é projetado nas redes sociais, tornando a compreensão dessa dualidade essencial para analisar o impacto do mundo digital sobre a percepção da realidade.

Na terceira questão, que explora a construção da identidade no ciberespaço, o (a) estudante aponta como muitos acabam se deixando levar por uma vida que querem mostrar, em detrimento da vida que realmente vivem.

Figura 25 – Formulário de resposta 2 do(a) estudante 32 – Turma Y. CEAG, 2024.

APÊNDICE M – PROTOCOLO DE REGISTRO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2,
ATIVIDADE PROGRAMADA 2: QUESTÕES DISCURSIVAS



*Como a estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço?
As pessoas querem o perfeito, a principal estética da internet é o surreal, cabelos sem frizz, pele lisa, corpo sempre malhado ou ultra plastificado. Quando alguém não atende esses padrões, os internautas logo apontam, fazendo com que cada vez mais pessoas vejam o que é "bonito" (padrões irreais) e se odeiem.

*Como os meios digitais influenciam nossa percepção do que é real e do que parece ser?
Ao postarem o que é falso, o que é editado, uma vida que na real, nem é tão perfeita! As pessoas veem isso e se comparam, se sente inferior por não viver daquele jeito. Na vida real, às vezes nem quem está postando tem a vida perfeita.

*De que forma as identidades são construídas e apresentadas no ciberespaço?
Do jeito que as pessoas acham que seja mais correto, pensando na imagem que quer passar, uma pessoa calma, zen, principalmente, bonita, visto que muitos se editam esperando a melhor aparência possível. Elas se moldam para o "perfeito". Com peles irreais, opiniões que nem entende, vida, rotina que não tem ... Enfim, o que for dar uma visão diferente de si mesmo aos outros.

Fonte: Atividade programada 2: Questões discursivas, produzidas pela autora, 2024⁹.


⁹ Transcrição das respostas do(a) estudante 32, da Turma Y, relativo as questões ilustradas na Figura 25. Questão 1 – “As pessoas querem o perfeito, a principal estética da internet é o surreal, cabelos sem frizz, pele lisa, corpo sempre malhado ou ultra plastificado. Quando alguém não atende esses padrões, os internautas logo apontam, fazendo com que cada vez mais pessoas vejam o que é “bonito” (padrões irreais) e se odeiem”. Questão 2 – “Ao postarem o que é falso, o que é editado, uma vida que na real, nem é tão perfeita! As pessoas veem isso e se comparam, se sente inferior por não viver daquele jeito. Na vida real, às vezes nem quem está postando tem a vida perfeita”. Questão 3 – “Do jeito que as pessoas acham que seja mais correto, pensando na imagem que quer passar, uma pessoa calma, zen principalmente, bonita, visto que muitos se editam esperando a melhor aparência possível. Elas se moldam para o “perfeito”. Com peles irreais, opiniões que nem entende, vida, rotina que não tem ... Enfim, o que for dar uma visão diferente de si mesmo aos outros”.

Essa observação ressalta o caráter performático da identidade digital, que se adapta conforme as interações e expectativas sociais. A fusão entre texto, imagem e narrativa no ambiente digital cria uma identidade fluída, constantemente moldada pela estética e pelo reconhecimento externo. A resposta também destaca a interseção entre o mundo real e o virtual, evidenciando como as experiências online afetam comportamentos e percepções no cotidiano, resultando em uma identidade híbrida que oscila entre esses dois espaços.

As respostas fornecidas pelo(a) estudante 37, (Figura 26), revelam uma compreensão profunda sobre como a estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço e sobre os impactos dos meios digitais na distinção entre o que é real e o que parece ser.

Figura 26 – Formulário de respostas 3, do(a) estudante 37– Turma Y. CEAG, 2024.

APÊNDICE M – PROTOCOLO DE REGISTRO DA SEQUENCIA DIDÁTICA 2,
ATIVIDADE PROGRAMADA 2: QUESTÕES DISCURSIVAS



*Como a estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço?
A estética digital confunde as pessoas de como elas enxergam o mundo. No ciberespaço tem uma grande ideia mudanças na identidade de o mundo online influencia como os indivíduos se veem e como são percebidos pelos outros. A realidade virtual e aumentada oferecem experiências imersivas que desafiam as percepções.

*Como os meios digitais influenciam nossa percepção do que é real e do que parece ser?
Os meios digitais, com seus filtros distorcem nossa percepção de real. Eles criam filtros que criam uma realidade idealizada, baseada em comparações sociais em busca de um corpo ou rosto perfeito.

*De que forma as identidades são construídas e apresentadas no ciberespaço?
De uma forma "não real" as pessoas usam muitos filtros que mudam até a cor de olhos, dentes no mundo cibernético as pessoas não representam de fato que elas realmente estão.

Fonte: Atividade Programada 2: Questões discursivas produzidas pela autora, 2024¹⁰.

¹⁰ Transcrição das respostas do(a) estudante 37, da Turma Y, relativo as questões ilustradas na Figura 26. Questão 1 – “A estética digital confunde as pessoas de como elas enxergam o mundo. No ciberespaço tem uma grande mudança na identidade, o mundo online influencia como os indivíduos

Na primeira questão, ao afirmar que a estética digital "controla e conduz as pessoas de acordo com o que consomem", evidencia-se a percepção de que as plataformas digitais exercem um papel central na formação do "eu" digital, influenciando comportamentos e moldando identidades baseadas em padrões estéticos predominantes. Isso sugere que, muitas vezes, uma imagem projetada nas redes sociais supera a prejudicial, criando identidades ajustadas às expectativas coletivas.

Na segunda questão, que explora como os meios digitais afetam a percepção do real e do virtual, o(a) estudante menciona que as mídias constroem um "mundo de ilusão", no qual os usuários enxergam apenas aquilo que lhes é apresentado. Essa observação ressalta como a manipulação da percepção digital pode gerar confusão entre o que é genuíno e o que é fabricado, tornando mais difícil discernir entre realidade e construção narrativa. Essa reflexão aponta para a necessidade de um olhar crítico diante do consumo de conteúdo digital, uma vez que a forma como a informação é apresentada pode alterar a forma como a realidade é percebida.

Na terceira e última questão, ao comentar que "com o passar do tempo, as pessoas tentam buscar uma melhor forma de serem vistas e notadas", o(a) estudante destaca a constante permanência da identidade no ambiente digital. A interação contínua com normas e expectativas das redes sociais faz com que a identidade se torne uma performance dinâmica, adaptada à busca por acessibilidade e visibilidade. Essa resposta também enfatiza a convergência entre o real e o virtual, onde a fronteira entre ambos se dissolve, transformando a identidade em um campo fluido, em que o ser e o parecer se misturam constantemente.

As respostas do(a) estudante 43, (Figura 27), revelam uma compreensão consciente e reflexiva sobre como a estética digital influencia a percepção e a identidade no ciberespaço. Ao mencionar o impacto das curtidas, comentários e da busca por aprovação, evidencia-se que as interações digitais não apenas refletem, mas também moldam a construção da identidade. As redes sociais funcionam como espelhos da autoimagem, onde a validação externa se torna um fator central na definição do "eu" digital.

se veem e como são percebidos pelos outros. A realidade virtual e aumentada oferecem experiências imersivas que desafiam as percepções". Questão 2 – "Os meios digitais, com seus filtros distorcem nossa percepção do real. Fotos editadas e filtros que criam uma realidade idealizada, levando a comparação social em busca de um corpo ou rosto perfeito". Questão 3 – "De uma forma "não real" as pessoas usam muitos filtros que mudam até a cor do olho, então no mundo cibernético as pessoas não aparecem do jeito que elas realmente estão".

Figura 27 – Formulário de resposta 4, do(a) estudante 43 – Turma Y. CEAG, 2024.

**APÊNDICE M – PROTOCOLO DE REGISTRO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2,
ATIVIDADE PROGRAMADA 2: QUESTÕES DISCURSIVAS**



*Como a estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço?

Ela pode moldar a forma como nos vemos e somos vistos pelos outros online. Exemplo, o número de seguidores, curtidas e interações em redes sociais pode influenciar a maneira como nos percebemos e como os outros nos percebem. Isso pode afetar nossa autoestima e a forma como construímos nossa identidade digital.

*Como os meios digitais influenciam nossa percepção do que é real e do que parece ser?

Eles nos expõem a uma realidade virtual, muitas vezes idealizada e manipulada, que pode distorcer nossa compreensão do mundo físico. Imagens e vídeos editados, notícias falsas e interações online podem criar uma ilusão de realidade, levando-nos a questionar o que é verdadeiro.

*De que forma as identidades são construídas e apresentadas no ciberespaço?

De forma complexa, elas podem ser influenciadas por fatores como a quantidade de seguidores, curtidas e interações nas redes sociais, bem como pelos algoritmos que moldam nossa experiência online.

Fonte: Atividade Programada 2: Questões discursivas produzidas pela autora, 2024¹¹.

Além disso, o(a) estudante destaca que os meios digitais podem criar uma "realidade virtualmente montada", na qual é fácil manipular a imagem projetada, tornando-a muitas vezes distante da realidade objetiva. Esta observação reforça a ideia de que o ambiente digital permite uma construção seletiva da identidade, levando a uma dissonância entre o que é real e o que é representado. A percepção

¹¹ Transcrição das respostas do(a) estudante 43, da Turma Y, relativo as questões ilustradas na Figura 27. Questão 1 – “ Ela pode moldar a forma como nos vemos e somos vistos pelos outros online. Exemplo, o número de seguidores, curtidas, e interações em redes sociais pode influenciar a maneira como nos percebemos e como os outros nos percebem. Isso pode afetar nossa autoestima e a forma como construímos nossa identidade digital”. Questão 2 – “ Eles nos expõem a uma realidade virtual, muitas vezes idealizada e manipulada, que pode distorcer nossa compreensão do mundo físico. Imagens e vídeos editados, notícias falsas e interações online podem criar uma ilusão de realidade, levando-nos a questionar o que é verdadeiro”. Questão 3 – “ De forma complexa, elas podem ser influenciadas por fatores como a quantidade de seguidores, curtidas e interações nas redes sociais, bem como pelos algoritmos que moldam nossa experiência online”.

crítica sobre essa diferença ressalta os desafios enfrentados pelos indivíduos ao navegarem nesse espaço, onde a aparência e a essência muitas vezes se confundem.

No que diz respeito à construção das identidades no ciberespaço, o(a) estudante reflete sobre como as pessoas são influenciadas por valores e padrões preestabelecidos, moldando suas interações de acordo com as expectativas sociais. Essa influência evidencia como a identidade digital é constantemente negociada entre o desejo de autoexpressão e a necessidade de aceitabilidade. A fusão entre os mundos físico e digital cria dinâmicas de pertencimento e validação, onde a estética desempenha um papel essencial na forma como os indivíduos se apresentam e são reconhecidos.

Dessa forma, as respostas do(a) estudante revelam uma compreensão aprofundada dos impactos da estética digital na percepção, na identidade e na interação social. O ciberespaço configura-se como um ambiente de constante construção e desconstrução, onde os indivíduos ajustam a sua imagem conforme os valores e normas vigentes, tornando-se parte de uma dinâmica contínua de transformação e adaptação.

O(a) estudante 45, demonstra compreensão sobre o impacto da estética digital na construção da identidade e na percepção da realidade no ciberespaço. (Figura 28). Na primeira questão, ressalta que as redes sociais impõem padrões de perfeição que distorcem a autopercepção e a autoestima dos indivíduos. A busca incessante por validação e reconhecimento transforma a estética digital em um fator de influência, levando os usuários a idealizarem versões de si mesmas para atender às expectativas virtuais.


Na segunda resposta, o(a) estudante aborda a forma como os meios digitais afetam a distinção entre o real e o virtual, destacando que a vida projetada nas plataformas muitas vezes parece perfeita, ocultando desafios e imperfeições do cotidiano. Essa percepção evidencia como o ciberespaço se tornou um ambiente onde a imagem supera a essência, criando realidades fabricadas que impactam a forma como as pessoas compreendem e vivenciam suas experiências.

Por fim, na última questão, reflete sobre a construção da identidade digital e como ela é moldada por influências externas. O ciberespaço, segundo o (a) estudante, se configura como um espaço de negociação constante entre o desejo de pertencimento e a necessidade de adaptação aos padrões estabelecidos. A pressão

para se enquadrar no ideal estético digital leva muitos a moldarem suas identidades em função da flexibilidade social, afastando-se de suas singularidades.

Figura 28 – Formulário de resposta 5, do(a) estudante 45 – Turma Y. CEAG, 2024.

**APÊNDICE M – PROTOCOLO DE REGISTRO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2,
ATIVIDADE PROGRAMADA 2: QUESTÕES DISCURSIVAS**



“Como a estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço?”
A estética digital está relacionada ao perfil digital das pessoas e infelizmente essas pessoas tentam mostrar em seus perfis uma vida de ostentação e luxúria que não acontece na vida real e infelizmente os jovens desencadeiam pensamentos negativos como: “porque ele é assim e eu não?” etc ...

“Como os meios digitais influenciam nossa percepção do que é real e do que parece ser?”
Os meios digitais sempre influenciam que a nossa vida é ruim e desvalorizada e que devemos seguir padrões estéticos da internet para sermos felizes.

“De que forma as identidades são construídas e apresentadas no ciberespaço?”
No ciberespaço é notado que as pessoas buscam mostrar uma identidade que não possuem na vida real, sempre mostrando que são influentes, ricas e sem nenhum problema, construindo que são superiores às outras pessoas.

Fonte: Atividade Programada 2: Questões discursivas produzidas pela autora, 2024¹².

As respostas indicam uma percepção crítica sobre a convergência entre o real e o virtual, destacando que a comunicação digital se reconfigura constantemente como identidades. O ciberespaço não reflete apenas influências externas, mas

¹² Transcrição das respostas do(a) estudante 45, da Turma Y, relativo as questões ilustradas na Figura 28. Questão 1 – “ A estética digital está relacionada ao perfis digitais das pessoas e infelizmente essas pessoas tentam mostrar em seus perfis uma vida de ostentação e luxúria que não acontece na vida real e infelizmente os jovens desencadeiam pensamentos negativos como “porque ele é assim e eu não?” etc ...”. Questão 2 – “Os meios digitais sempre influenciam que a nossa vida é ruim e desvalorizada e que devemos seguir padrões estéticos da internet para sermos felizes”. Questão 3 – “ No ciberespaço é notado que as pessoas buscam mostrar uma identidade que não possuem na vida real, sempre mostrando que são influentes, ricas e sem nenhum problema, construindo que são superiores às outras pessoas”.

também impulsiona a construção de narrativas digitais que mesclam elementos reais e idealizados. Assim, a análise do(a) estudante reforça a necessidade de um olhar crítico sobre a estética digital e seus efeitos na formação da identidade, ressaltando a importância do equilíbrio entre prejuízos e representação no ambiente virtual.

Na sequência seguem as observações e análises sobre o desenvolvimento e o resultado das atividades na Turma Z. Durante a explicação dialogada, percebi que os(as) estudantes estavam um tanto dispersos. No entanto, ao conversarmos sobre a resolução das questões, a concentração foi aos poucos sendo retomada, e todos(as) os(as) presentes se propuseram a realizar a atividade.

Um aspecto relevante a ser mencionado quanto a esta turma é que, por termos sempre a primeira aula do dia, alguns(as) estudantes costumavam chegar com atraso, às vezes quase no final da aula. Esse fator interferiu tanto no andamento da aula quanto na aprendizagem dos(as) estudantes, pois a dinâmica do início, que envolve introduções e explicações iniciais, acaba por ser perdida para esses(as) estudantes. Isso os(as) deixava desconectados(as) do contexto da discussão e da sequência de ideias que guiam a aula.


Notei que alguns(as) buscaram auxílio entre colegas e recorreram a aplicativos para ajudar na formulação de suas respostas. Nesse momento, aproveitei para destacar a importância de que as respostas fossem pessoais e refletissem suas próprias vivências. Ao final da aula, todos(as) entregaram seus questionários. A seguir será exposto as respostas de alguns estudantes da turma Z, referentes às três questões subjetivas citadas anteriormente:

As respostas do(a) estudante 20, (Figura 29), demonstra uma compreensão aguçada sobre as implicações da estética digital na construção da identidade e da percepção no ambiente virtual. Ao considerar o papel dos meios digitais na manipulação da realidade e na formação da autoestima, a análise evidencia a necessidade de um olhar crítico sobre as interações no ciberespaço e sobre os impactos que esse universo visual exerce na subjetividade dos(as) jovens.

Na primeira questão, ao afirmar que a estética digital molda a percepção e a identidade ao estabelecer padrões visuais que influenciam a autoestima dos(as) estudantes, evidencia-se o impacto das representações visuais no ambiente digital. A resposta sugere que o ciberespaço não apenas reflete uma realidade construída, mas também atua como um agente que condiciona a forma como os(as) indivíduos se enxergam e são percebidos(as) pelos(as) outros(as).

Figura 29 – Formulário de resposta 1, do(a) estudante 20 - Turma Z. CEAG, 2024.

APÊNDICE M – PROTOCOLO DE REGISTRO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2,
ATIVIDADE PROGRAMADA 2: QUESTÕES DISCURSIVAS



*Como a estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço?
R: A estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço ao permitir personalização e autoexpressão, estabelecendo normas visuais que influenciam a autoimagem, e promovendo a fluidez da identidade.

*Como os meios digitais influenciam nossa percepção do que é real e do que parece ser?
R: Os meios digitais borram a linha entre o real e o aparente através da manipulação de imagens, realidade virtual, algoritmos que reforçam crenças, vidas editadas nas redes sociais, e a disseminação de desinformação.

*De que forma as identidades são construídas e apresentadas no ciberespaço?
R: No ciberespaço, as identidades são construídas através da personalização, permitindo múltiplas personas em diferentes plataformas, e engajamento em comunidades.

Fonte: Atividade Programada 2: Questões discursivas produzidas pela autora, 2024¹³.

Na segunda questão, o(a) estudante ressalta que os meios digitais distorcem a percepção da realidade por meio da manipulação da imagem, o que gera uma experiência de consumo que confunde o real e o ilusório. Essa resposta indica uma compreensão da influência das tecnologias digitais na construção de narrativas visuais que nem sempre envolve a verdade, promovendo uma idealização que pode afetar a forma como as pessoas interpretam e interagem com o mundo ao seu redor. A ideia de que as mídias digitais criam um “dualismo aparente” entre o real e o

¹³ Transcrição das respostas do(a) estudante 20, da Turma Z, relativo as questões ilustradas na Figura 29. Questão 1 – “A estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço ao permitir personalização e autoexpressão, estabelecendo normas visuais que influenciam a autoimagem, e promovendo a fluidez da identidade”. Questão 2 – “Os meios digitais borram a linha entre o real e o aparente através da manipulação de imagens, realidade virtual, algoritmos que reforçam crenças, vidas editadas nas redes sociais, e a disseminação de desinformação”. Questão 3 – “No Ciberespaço as identidades são construídas através de personalização, permitindo múltiplas personas em diferentes plataformas, e engajamento em comunidades”.

virtual reforça a percepção de que, no ciberespaço, a fronteira entre esses dois domínios torna-se cada vez mais difusa.

Na terceira questão, a resposta do(a) estudante destaca que a identidade digital é construída a partir de conteúdos compartilhados, reforçando que a interação e a participação nas redes desempenham um papel fundamental na definição do “eu” digital. A ideia de que os(as) indivíduos moldam suas identidades pelo ciberespaço evidencia a influência dos meios digitais na maneira como as pessoas se apresentam e se relacionam. O uso de estratégias visuais e discursivas para se adaptar e ganhar visibilidade online mostra como o ambiente digital permite a expressão da identidade e seu direcionamento conforme as normas e expectativas dominantes.

O(a) estudante 32, conforme a Figura 30 a seguir, demonstra uma compreensão crítica e sensível sobre como a estética digital influencia a percepção e a construção da identidade no ciberespaço.

Figura 30 – Formulário de resposta 2 do(a) estudante 32 - Turma Z. CEAG,2024.

APÊNDICE M – PROTOCOLO DE REGISTRO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2.
ATIVIDADE PROGRAMADA 2: QUESTÕES DISCURSIVAS



Como a estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço?
A identidade online pode ser mais fluida e experimental, permitindo que as pessoas sejam mais idealizadas ou alternem de si mesmas, isso não só também quem queremos ser, criando um diálogo constante entre a identidade de que preferimos e a forma como somos interpretados no mundo digital.

Como os meios digitais influenciam nossa percepção do que é real e do que parece ser?
Com os avanços das tecnologias, a realidade aumentada e as simulações que nos dão mais dificuldade de saber o que é real e o que não é, também também muitas vezes nos fazem sentir que outras que por sua vez, tecnologias nos fazem não poderem se sentir reais se o mesmo que estamos vendo e ouvindo ou se por isso foi manipulada, eis a dúvida.

De que forma as identidades são construídas e apresentadas no ciberespaço?
As pessoas têm a liberdade de explorar diferentes aspectos de si mesmas, podendo mudar até sua identidade, nas redes sociais encontram muitas vezes filtros que podem mudar totalmente sua identidade, mas adquirem a ideia de usar o filtro por que preferem seu rosto com ele que não a capacidade de fazer coisas para ficarem parecendo com o filtro, nas redes sociais tem pessoas que usam filtros que mudam sua identidade que quando vemos na tela não sabemos ao certo se é mesmo aquela pessoa da rede social.

Fonte: Atividade Programada 2: Questões discursivas produzidas pela autora,2024¹⁴.

¹⁴ Transcrição das respostas do(a) estudante 20, da Turma Z, relativo as questões ilustradas na Figura 30. Questão 1 – “ A identidade online pode ser mais fluida e experimental, permitindo que as

Na primeira questão, destaca-se que a identidade online muitas vezes reflete uma idealização moldada pelo desejo de liberdade e popularidade, resultando em versões filtradas de si mesmo para atender a padrões estéticos predominantes. Essa observação sugere que o ambiente digital redefine a noção de autoimagem, criando imagens que, muitas vezes, se sobrepõem à realidade objetiva.

Na segunda questão, reflete sobre como os meios digitais manipulam imagens e informações, contribuindo para uma percepção distorcida da realidade. Ele(a) menciona como a exposição a conteúdos idealizados impacta a autoestima e a forma como os indivíduos comparam suas vidas com realidades fabricadas. Essa análise ressalta como o ciberespaço cria uma realidade híbrida, onde a distinção entre o real e o virtual se torna difusa, desafiando noções tradicionais de verdade e identidade.

Ao responder a terceira questão, enfatiza que a identidade no ciberespaço é construída por meio de interações sociais e da busca por validação, levando os indivíduos a ajustarem suas personalidades e comportamentos para atender às expectativas das comunidades digitais. Esse processo demonstra como a identidade digital é dinâmica e coletiva, sendo constantemente moldada pelas relações previstas nas plataformas virtuais. Por fim, considera sobre como a multiplicidade de facetas no ambiente digital pode gerar questionamentos sobre os danos do “eu”. Essa observação sugere que o ciberespaço não apenas amplia as formas de expressão, mas também desafia as definições tradicionais de identidade, criando um espaço onde a noção do que é real está em constante negociação e residência.

O(a) estudante 10, (Figura 31), apresenta uma compreensão aprofundada sobre a influência da estética digital no ciberespaço e sua relação com a identidade. Na primeira resposta, destaca-se como a busca pela perfeição e pelo sucesso molda a forma como as pessoas se apresentam no ambiente virtual, resultando em uma


peças criem versões idealizadas ou alternativas de si mesmo, essas estéticas não só comunicam quem somos mas também quem queremos ser, criando um diálogo constante entre a identidade de quem projetamos e a forma como somos interpretados no mundo digital”. Questão 2 – “ Com os avanços das tecnologias, como realidade aumentada e simulações gráficas fica mais difícil saber o que é real e o que não é, podendo também manipular sons, imagens entre outros que por ter essas tecnologias hoje em dia não podemos de certo saber se é isso mesmo que estamos vendo e ouvindo ou se por acaso foi manipulado, eis a dúvida”. Questão 3 – “ As pessoas tem a liberdade de explorar diferentes aspectos de si mesmo, podendo mudar até sua identidade, nas redes sociais encontramos vários filtros que podem mudar totalmente sua identidade, uns aderem tanto a usar o filtro por que prefere seu rosto com ele que são até capazes de fazer cirurgias para ficarem parecendo com o filtro, nas redes sociais tem tantas pessoas que mudam sua identidade que quando vemos na rua não sabemos ao certo se é mesmo aquele pessoa da rede social”.

identidade digital cuidadosamente curada para atender às expectativas sociais. Essa observação ressalta o impacto dos padrões estéticos digitais na autoimagem e na forma como os indivíduos se percebem e são percebidos.

Na segunda resposta, o(a) estudante reflete sobre como os meios digitais influenciam a distinção entre realidade e ilusão, apontando que a linha entre o real e o virtual muitas vezes se torna imperceptível. Essa percepção evidenciada como a reprodução de imagens e narrativas idealizadas pode criar uma experiência que, embora aparentemente óbvia, é frequentemente construída por projetos digitais, promovendo uma visão filtrada da realidade.

Figura 31 – Formulário de resposta 3, do(a) estudante 10 - Turma Z. CEAG, 2024.

APÊNDICE M – PROTOCOLO DE REGISTRO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2,
ATIVIDADE PROGRAMADA 2: QUESTÕES DISCURSIVAS



*Como a estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço?
A estética digital molda nossa percepção e identidade online ao criar padrões de beleza e sucesso que influenciam como nos vemos e como queremos ser vistos. Isso pode afetar nossa auto-estima e maneira como nos apresentamos nas redes sociais.

*Como os meios digitais influenciam nossa percepção do que é real e do que parece ser?
Os meios digitais frequentemente misturam o que é real com o que parece ser, criando uma realidade filtrada e idealizada que pode distorcer a nossa percepção. Isso nos leva a refletir sobre a diferença entre o que é genuíno e o que é simplesmente uma criação digital.

*De que forma as identidades são construídas e apresentadas no ciberespaço?
No ciberespaço, nossas identidades são construídas através das escolhas que fazemos sobre o que compartilhar e como nos apresentar.

Fonte: Atividade Programada 2: Questões discursivas produzidas pela autora, 2024¹⁵.

¹⁵ Transcrição das respostas do(a) estudante 10, da Turma Z, relativo as questões ilustradas na Figura 31. Questão 1 – “ A estética digital molda nossa percepção e identidade online ao criar padrões de beleza e sucesso que influenciam como nos vemos e como queremos ser vistos. Isso

Na terceira questão, o(a) estudante analisa como as identidades são construídas no ciberespaço, enfatizando o papel das interações sociais e da validação nas plataformas digitais. Ele(a) observa que os usuários participam apenas de aspectos selecionados de suas vidas, buscando reconhecimento e aprovação, o que demonstra como a identidade digital é moldada tanto pelo desejo pessoal quanto pelas dinâmicas sociais. Essa construção identitária, ao mesmo tempo, amplia as possibilidades de expressão e cria um paradoxo entre as desvantagens e a necessidade de corresponder a uma imagem idealizada.

As respostas revelam uma reflexão crítica sobre a influência da estética digital na percepção de si mesmo e do outro, destacando como o ciberespaço se torna um ambiente no qual a identidade é constantemente negociada entre o que se é e o que se deseja parecer.

O(a) estudante 22 (Figura 32), demonstra uma percepção crítica sobre a influência da estética digital na construção do ciberespaço. Na primeira resposta, destaca como o meio digital projeta uma ideia de "perfeição" que não condiz com a realidade, moldando a autopercepção a partir de padrões superficiais e expectativas sociais. Essa construção estética gera uma identidade idealizada, impactando a forma como os indivíduos enxergam e são percebidos pelos outros.


Na segunda questão, ele(a) analisa como os meios digitais influenciam a distinção entre o real e o que parece ser, ressaltando a manipulação estética como um fator que torna conteúdos mais persuasivos. Ele(a) aponta que imagens e narrativas editadas digitalmente distorcem a percepção da realidade, criando uma fusão entre o verdadeiro e o fabricado, onde ilusões são frequentemente aceitas como verdades. Essa evidência evidencia como a experiência no ciberespaço pode modificar a compreensão da atualidade.

Na terceira resposta, o(a) estudante reflete sobre a construção da identidade digital, observando que as plataformas incentivam a criação de personagens idealizados que muitas vezes divergem da realidade. Para obter validação e pertencimento, os usuários ajustam suas apresentações online, moldando suas imagens de acordo com padrões estéticos e sociais.

pode afetar nossa autoestima e maneira como nos apresentamos nas redes sociais". Questão 2 – " Os meios digitais frequentemente misturam o que é real com o que parece ser, criando uma realidade Filtrada e idealizada que pode distorcer a nossa percepção. Isso nos leva a refletir sobre a diferença entre o que é genuíno e o que é simplesmente uma criação digital". Questão 3 – " No ciberespaço, nossas identidades, são construídas através das escolhas que fazemos sobre o que compartilhar e como nos apresentar."

Figura 32 – Formulário de resposta 4, do(a) estudante 22 - Turma Z. CEAG, 2024.

APÊNDICE M – PROTOCOLO DE REGISTRO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2,
ATIVIDADE PROGRAMADA 2: QUESTÕES DISCURSIVAS



*Como a estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço?

Afeta principalmente na forma que nos vestimos, muda a nossa percepção em relação a nossas atitudes, utilizamos memes e outros elementos para a comunicação, ter a adoção de adaptamentos de estéticas de várias origens e a busca por uma estética autêntica, buscando uma versão idealizada de sua identidade.

*Como os meios digitais influenciam nossa percepção do que é real e do que parece ser?

Bem, como podem ocorrer várias mudanças online, temos o espalhamento de fake news e desinformação, o que nós não sabemos dizer se é real ou não, as fotos que postamos com filtros exagerados, realidade aumentada e virtual, plataformas digitais que vemos e que podem criar bolhas que irão distorcer nossa percepção da realidade.

*De que forma as identidades são construídas e apresentadas no ciberespaço?

É construída através da escolha de informações que são compartilhadas nas redes sociais por fotos, vídeos, stories, no geral, publicações. Em resumo, nossa identidade pode ser aquilo que nós somos ou o que queremos mostrar para os outros.

Fonte: Atividade Programada 2: Questões discursivas produzidas pela autora, 2024¹⁶.

Essa dinâmica se destaca como a identidade no ambiente digital se torna fluida e multifacetada, sendo constantemente reformulada através das interações e da estética predominantemente.


¹⁶ Transcrição das respostas do(a) estudante 22, da Turma Z, relativo as questões ilustradas na Figura 32. Questão 1 – “ Afeta principalmente na forma que nos vestimos, muda a nossa percepção em relação a nossas atitudes, utilizamos memes e outros elementos para a comunicação, ter a adoção de adaptamentos de estéticas de várias origens e a busca por uma estética autêntica, buscando uma versão idealizada de sua identidade”. Questão 2 – “ Bem, como podem ocorrer várias mudanças online, temos o espalhamento de fake news e desinformação, o que nós não sabemos dizer se é real ou não, as fotos que postamos com filtros exagerados, realidade aumentada e virtual, plataformas digitais que vemos e que podem criar bolhas que irão distorcer nossa percepção da realidade”. Questão 3 – “ É construída através da escolha de informações que são compartilhadas nas redes sociais por fotos, vídeos, stories, no geral, publicações. Em resumo, nossa identidade pode ser aquilo que nós somos ou o que queremos mostrar para os outros”.

O(a) estudante 18 (Figura 33), apresenta uma análise sensível sobre a influência da estética digital na percepção e construção de identidades no ciberespaço.

Na primeira resposta, salienta-se como a forma de se apresentar no ambiente online é moldada pela estética digital, onde imagens idealizadas ganham protagonismo e muitas vezes não abrangem a realidade fora do digital. Essa influência reflete o impacto da construção visual no ambiente virtual, onde a busca pela atenção e validação social impulsiona representações muitas vezes performáticas.

Figura 33 – Formulário de resposta 5, do(a) estudante 18 - Turma Z. CEAG, 2024.

APÊNDICE M – PROTOCOLO DE REGISTRO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2,
ATIVIDADE PROGRAMADA 2: QUESTÕES DISCURSIVAS



*Como a estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço?
Ela molda de forma direta, quando estou no ciberespaço a maneira como escolho me apresentar é bem diferente do jeito que me apresento. As redes sociais me oferecem ferramentas para criar uma identidade que, muitas vezes é influenciada pelas tendências. Assim, a estética digital não apenas afeta a aparência digital, mas também influencia como eu vejo os outros e como os outros me veem.

*Como os meios digitais influenciam nossa percepção do que é real e do que parece ser?
Os meios digitais abalam como percebemos o que é real e o que parece ser de maneiras inesperadas. Muitas vezes vemos imagens, vídeos e informações que nos fazem acreditar que são melhores do que realmente são. Por exemplo, nas redes sociais, as pessoas costumam mostrar apenas os melhores momentos de suas vidas, o que pode nos fazer acreditar que suas vidas são perfeitas, mesmo que não sejam.

*De que forma as identidades são construídas e apresentadas no ciberespaço?
No ciberespaço, as identidades são construídas e apresentadas de maneiras que muitas vezes não refletem a realidade. As pessoas usam avatares, filtros e edições para criar uma imagem idealizada de si mesmas. Isso pode levar a uma desconexão entre a identidade online e a identidade offline.

Fonte: Atividade Programada 2: Questões discursivas produzidas pela autora, 2024¹⁷.

¹⁷ Transcrição das respostas do(a) estudante 18, da Turma Z, relativo as questões ilustradas na Figura 33. Questão 1 – “ Ela molda de forma direta, quando estou no ciberespaço a maneira como escolho me apresentar é bem diferente do jeito que me apresento. As redes sociais me oferecem

Na segunda questão, ao abordar a influência dos meios digitais na percepção do real e do que parece ser, o(a) estudante ressalta que filtros e ferramentas de edição distorcem a realidade, criando versões aprimoradas de si mesmo e do mundo ao redor. Essa manipulação visual transforma a forma como os usuários percebem as desvantagens, gerando um contraste entre a vida digital e a experiência vívida fora das telas. A resposta sugere que os meios digitais não apenas influenciam a percepção da realidade, mas se reconfiguram a maneira como ela é entendida, tornando a fronteira entre o real e o virtual cada vez mais fluida.

Na terceira resposta, sobre a construção da identidade no ciberespaço, o(a) estudante destaca que a identidade digital é moldada para atender às expectativas sociais, sendo constantemente ajustada conforme as tendências e exigência do público online. Uma identidade projetada, nesse sentido, não é estática, mas um processo dinâmico de adaptação ao meio. O ciberespaço, assim, torna-se um espaço de negociação entre circunstâncias e aparência, onde a performance da identidade digital se constrói a partir da interação social e da estética predominantemente.

A análise dos 10 formulários de respostas dos(as) estudantes evidenciam uma análise crítica sobre a influência da estética digital na construção da identidade no ciberespaço, ao destacarem como as representações visuais moldam a autoimagem e a percepção do real. Os(as) estudantes refletiram sobre a linha tênue entre prejuízos e idealização, apontando desafios na busca por validação e pertencimento no ambiente digital. A análise dos formulários revelou uma diversidade de compreensões sobre o tema, trazendo contribuições significativas, e também expondo lacunas que indicam a necessidade de aprofundar o debate sobre os impactos da cultura digital na identidade e na percepção estética no meio virtual.

Embora os(as) estudantes tenham demonstrado compreender as influências da estética digital e da convergência entre o real e o virtual, existem áreas que necessitam de maior aprofundamento. As respostas foram ricas em experiências

ferramentas, para criar uma identidade que, muitas vezes, é influenciada pelas tendências. Assim, a estética digital não apenas estética digital não apenas me ajuda a expressar quem sou, mas também influência como eu vejo os outros e como os outros me vê”. Questão 2 – “ Os meios digitais afetam como percebemos o que é real e o que parece ser de várias maneiras. Quando estamos online, vemos muitas imagens, vídeos e informações que podem ser editadas ou apresentadas de forma que parecem melhores do que realmente são. Por exemplo, nas redes sociais as pessoas costumam mostrar apenas os melhores momentos de suas vidas, que podem nos fazer acreditar que suas vidas são perfeitas, mesmo que não sejam”. Questão 3 – “ No ciberespaço, construímos nossas identidades escolhendo o que mostrar, usando avatares ou nomes falsos, interagindo com os outros”.

pessoais e ilustraram bem a aplicação prática das teorias, porém uma conexão mais robusta com os conceitos filosóficos e uma análise mais detalhada sobre as implicações estéticas e éticas poderiam elevar o nível de reflexão. Isso sugere que, para futuros trabalhos, seria preciso dedicar mais tempo à exploração das teorias de forma integrada e aplicada, fator que poderia gerar uma abordagem que conecte ainda mais o ser autêntico com a imagem projetada no ciberespaço.

Entre os pontos fortes observados, destaca-se a capacidade dos(as) estudantes de identificar a influência da estética digital na construção de uma autoimagem idealizada. Muitos(as) participaram oralmente, com exemplos concretos, como a busca por validação e aprovação nas redes sociais pode levar à criação de um “eu” digital que se distancia da realidade. Os(as) estudantes desenvolveram uma compreensão profunda de que a estética digital atua não apenas como um meio de expressão, mas como uma força que dita padrões de comportamento e aparência. Eles(as) foram capazes de explorar como essa convergência provoca uma redefinição do que é considerado verdadeiro ou aceitável, refletindo a importância de se manter uma crítica constante diante das influências digitais.

Outro ponto positivo foi a análise sobre como os meios digitais influenciam a percepção do que é real e do que parece ser. Os(as) estudantes apontaram que a manipulação de imagens e o uso de filtros promovem uma representação invejada da realidade, alimentando um ciclo de comparação que pode impactar a autoestima e a autoimagem. Essa constatação demonstra a capacidade de considerar que as tecnologias digitais não são neutras, mas carregam intencionalidades que afetam diretamente a forma como os(as) indivíduos se veem e se posicionam.

No entanto, as respostas também apresentam limitações e lacunas significativas. Em algumas produções, encontramos uma dificuldade em conectar as reflexões pessoais às teorias de maneira mais estruturada e profunda. Embora as respostas revelassem uma consciência das influências digitais, faltou citar e conectar os conceitos teóricos com seus conhecimentos empíricos.

A teoria de Martins (2000) sobre a hibridização no campo literário e sua aplicação estética foi pouco explorada por eles(as). Muitos(as) estudantes mencionaram a multiplicidade de vozes e narrativas presentes no ciberespaço, mas poucos(as) discutiram como essa multiplicidade contribuem para uma identidade que é, ao mesmo tempo, estática e dinâmica, um reflexo das diversas linguagens

que coexistem. Essa lacuna sugere que a exploração de como a literatura e outras formas de arte digital influenciam a percepção de identidade e estética no ciberespaço ainda precisa ser aprofundada.

Algumas respostas se destacaram pela introspecção, mas outras ficaram limitadas a observações superficiais, o que evidencia uma falta de profundidade na análise das implicações dessas teorias no cotidiano digital. Em suma todas as respostas destacadas e analisadas denotam a importância da reflexão sobre as influências da estética, identidade digital e dos meios digitais na formação das pessoas e na percepção da realidade.

A estética no ciberespaço é um campo dinâmico e multifacetado que reflete a interseção entre estruturas cognitivas tradicionais, novas formas de comunicação, e práticas culturais emergentes. O ciberespaço não apenas expande as categorias de percepção, como também é um ambiente onde a cibercultura, a diferença e a repetição criam formas de experiência estética. Assim, a estética no ciberespaço emerge como uma confluência de inovação tecnológica, colaboração global, e influências históricas e culturais, proporcionando uma rica tapeçaria de experiências e expressões que são simultaneamente um reflexo e uma expansão das teorias e contextos discutidos aqui.

3.3 - VISÕES ESTUDANTIS: REFLEXÕES SOBRE A INTEGRAÇÃO ENTRE TEMAS FILOSÓFICOS E A PRÁTICA DOCENTE NO CIBERESPAÇO

Nesta seção, são analisados os dados que evidenciam a percepção dos(as) estudantes sobre a relação entre a prática docente no Ensino de Filosofia e suas conexões com o ciberespaço. Esta parte da seção é dedicada aos resultados da Parte 4 do questionário, intitulada “Conexão entre o Ensino de Filosofia e o ciberespaço” (detalhada no Apêndice F), na qual os(as) estudantes foram instigados(as) a refletir sobre o conceito de ciberespaço e a importância da prática docente no Ensino de Filosofia nesse cenário.

A análise busca compreender de que maneira os(as) estudantes percebem e se eles percebem a conexão entre os conceitos filosóficos no contexto digital, como isso ocorre na prática docente e como influencia suas vivências diante das novas dinâmicas tecnológicas.

A integração entre Filosofia e Ciberespaço é uma questão complexa que

transcende a simples aplicação de conceitos acadêmicos, exigindo uma análise que capte as nuances das experiências pessoais dos(as) estudantes. Com base em suas respostas, foi possível identificar se a Filosofia é vista como um ponto de apoio para interpretar e atuar criticamente no ambiente digital, ou se sua relevância permanece confinada aos limites da sala de aula e se essa temática é trabalhada em sala de aula.

Nesse cenário, as visões estudantis representam as percepções, reflexões e experiências dos(as) próprios(as) estudantes em relação a temas específicos que os(as) envolvem, neste caso, a integração entre o Ensino de Filosofia e suas vivências no ciberespaço. No contexto da investigação, essas visões são essenciais para compreender como os(as) estudantes absorvem, aplicam e ressignificam os conceitos filosóficos quando expostos aos desafios e oportunidades do ambiente digital. A importância de dar voz aos(as) estudantes reside no fato de que suas perspectivas fornecem *insights* únicos e autênticos que enriquecem o entendimento sobre a eficácia da prática docente e a relevância das teorias filosóficas no cotidiano digital.

Um dos principais aspectos que destacam a importância desta investigação, trata-se de privilegiar a perspectiva dos(as) estudantes sobre a temática. Enquanto a maioria das análises acadêmicas sobre práticas educacionais concentra-se na inserção das tecnologias digitais, seus impactos, metodologias docentes e o uso de aplicativos educacionais, a perspectiva estudantil é muito pouco pesquisada. Essa lacuna é ainda mais relevante quando se trata do ciberespaço, um ambiente dinâmico e influente, que molda experiências e interações de maneira contínua. As afirmações aqui apresentadas baseiam-se na revisão bibliográfica realizada para esta investigação, conforme detalhado na subseção 2.3.

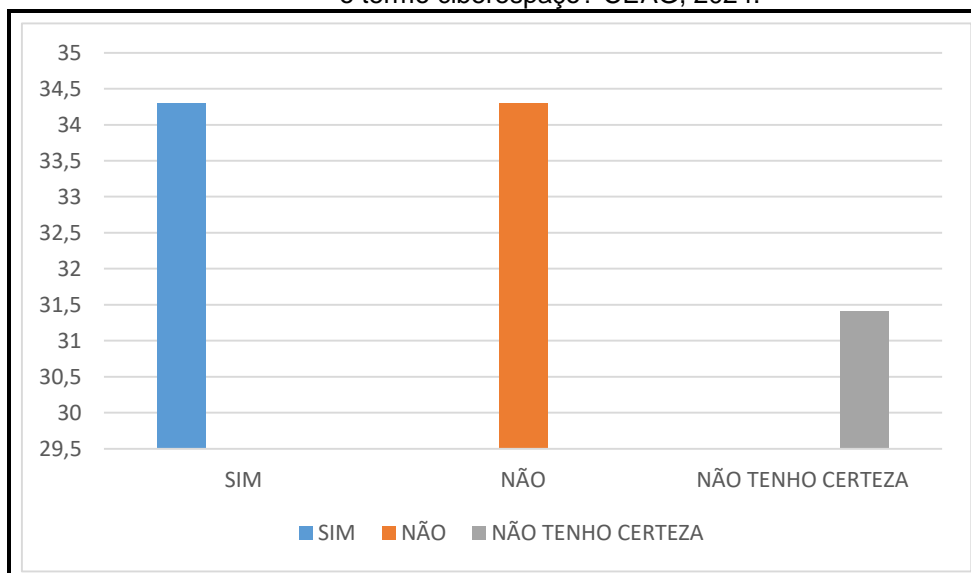
As visões estudantis, portanto, não apenas oferecem uma relevante camada de compreensão sobre a interação entre o Ensino de Filosofia e o mundo digital, como também revelam como esses conceitos se manifestam de forma prática e subjetiva em suas vivências diárias. Dessa forma, considerar as reflexões dos(as) estudantes amplia o horizonte da investigação, tornando-a mais completa e alinhada às realidades contemporâneas. É através dessas percepções que se pode avaliar de maneira mais precisa o impacto do Ensino de Filosofia na formação crítica e ética dos(as) estudantes em suas interações digitais.

O ineditismo dessa abordagem valoriza a experiência do(a) estudante como parte ativa e central do processo de ensino-aprendizagem, destaca que a Filosofia conectada ao ciberespaço, tem o potencial de preparar os(as) jovens para uma navegação mais consciente e reflexiva em um mundo cada vez mais mediado pela tecnologia.

É importante destacar que o questionário foi disponibilizado para os(as) estudantes antes da aplicação das Sequências Didáticas e permaneceu aberto para respostas até a conclusão do desenvolvimento dessas atividades. Pois, ao considerar a limitação de tempo, com apenas uma aula semanal disponível, o questionário foi elaborado de forma detalhada, com o objetivo de garantir que os(as) estudantes pudessem refletir com calma sobre as questões ao longo do processo, sem comprometer o andamento das atividades pedagógicas.

O ponto de partida foi questioná-los(as) de forma objetiva sobre o significado do termo “ciberespaço”, a fim de verificar o conhecimento prévio dos(as) estudantes sobre o conceito. As opções de resposta eram "Sim", "Não" e "Não tenho certeza", permitindo que os(as) estudantes expressem seu grau de familiaridade com o termo, (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Questão 1 da Parte 4 do questionário: Você sabe o que significa o termo ciberespaço? CEAG, 2024.



Fonte: Questionário, elaborado pela autora e respondido pelos(as) estudantes, 2024.

A imagem revela um resultado intrigante sobre a compreensão dos(as) estudantes em relação ao termo "ciberespaço". Apesar de interagirem

cotidianamente em ambientes digitais e passaram muitas horas imersos(as) em atividades virtuais, um número significativo de estudantes respondeu “Não” ao serem questionados sobre o conhecimento do significado do termo. Isso levanta questões importantes sobre a natureza da familiaridade com o vocabulário técnico em contraste com a prática cotidiana.

A segunda questão convidava os(as) estudantes a elaborarem uma definição própria de ciberespaço, que demonstrasse sua compreensão do conceito. As respostas fornecidas por eles (as) podem variar de acordo com suas experiências e percepções individuais, como demonstrado nas respostas.

“Não sei” (Estudante 3, Turma Y. 2024)

“É um espaço virtual onde as pessoas se comunicam” (Estudante 15, Turma Z. 2024)

“Ciberespaço é um ambiente virtual criado pela interconexão de redes de computadores e sistemas de comunicação digital em escala global. Este espaço não é físico, mas sim uma construção digital onde informações e dados são armazenados, processados e transmitidos” (Estudante 17, Turma Y. 2024)

A discrepância entre a intensa vivência no ambiente digital e a falta de reconhecimento do termo específico "ciberespaço" pode refletir um distanciamento entre a linguagem acadêmica ou técnica e a linguagem que os(as) estudantes utilizam em suas rotinas digitais.

É possível que, embora desenvolvam atividades e realizem boa parte de suas interações sociais no ciberespaço, redes sociais, plataformas de streaming, fóruns de discussão e outros ambientes digitais, o termo não seja amplamente explorado ou compreendido em seu cotidiano. Essa lacuna sugere que, mesmo familiarizados(as) com o uso prático do ambiente digital, os(as) estudantes não têm conhecimento dos conceitos teóricos ou termos específicos que definem essas experiências.

Outra interpretação possível é a falta de atenção durante a resolução do questionário, que pode ter levado alguns(as) estudantes a responderem de forma rápida ou sem a devida concentração sobre a pergunta. No entanto, ao considerar o contexto mais amplo da investigação, que já propôs a interação constante com o mundo digital, o mais provável que a dificuldade resida no conhecimento técnico do termo. Esse dado indica a importância de fortalecer o ensino de conceitos

teóricos relacionados às práticas digitais, para que os(as) estudantes possam nomear e compreender com maior profundidade as esferas em que estão imersos(as).

O Quadro 7, a seguir, exhibe um compilado de informações provenientes de perguntas objetivas, cujos os resultados são discutidos no decorrer no texto, que também traz respostas subjetivas dos(as) estudantes.

A análise do quadro que compila algumas respostas da Parte 4 do questionário e revela *insights* sobre a perspectiva dos(as) estudantes. Na questão 7, que indagou aos(as) estudantes se eles conseguiam perceber em suas vivências cotidianas a utilização de conceitos filosóficos, os resultados indicam uma distribuição interessante. 24,3% (n-17) dos(as) respondentes assinalaram “Sim”, o que sugere, que apenas um quarto da turma consegue identificar claramente e aplicar conceitos filosóficos em suas experiências diárias. Esse dado levanta uma preocupação quanto à internalização do conteúdo trabalhado em sala de aula, o que indica uma desarmonização entre os conhecimentos conceituais e os conhecimentos práticos.

Por outro lado, 15,7% (n-11) dos(as) estudantes afirmaram que não perceberam essa aplicação, o que demonstra uma possível dificuldade de parte dos(as) estudantes em relacionar os conceitos filosóficos aprendidos com suas rotinas. Essa limitação pode ser resultado de abordagens teóricas que ainda não foram suficientemente transpostas em exemplos práticos e contextualizados, que pudessem indicar a relevância da Filosofia em situações do dia a dia.

Os(as) estudantes que responderam “Em parte”, representa a maior parte das respostas 60% (n-42) da amostra, dado que indica uma percepção intuitiva, na qual os(as) estudantes regularam algumas aplicações filosóficas, mas não de forma constante ou clara. Essa percepção “parcial” pode indicar que, embora existam esforços para vincular a Filosofia ao cotidiano, ainda há espaço para ampliar e intensificar essa abordagem para que eles(as) consigam perceber a Filosofia de maneira mais integrada em suas vidas.

A questão 8 do questionário abordou se as aulas de Filosofia influenciam suas percepções sobre suas atividades no ciberespaço. Os dados revelam um panorama que aponta tanto desafios quanto oportunidades para o Ensino de Filosofia.

Quadro 7 – Questões (7,8,10,15,17,20,21,22,23,24 e27) do Questionário na Parte 4.CEAG, 2024

Pergunta – Questionário – Parte 4	Sim	Não	Em partes
7. Você consegue perceber em suas vivências, no seu dia a dia, a utilização de conceitos filosóficos?	24,3% (n- 17)	15,7% (n-11)	60% (n- 42)
8. As aulas de Filosofia influenciam sua percepção sobre suas atividades no ciberespaço?	24,3% (n- 17)	51,4% (n-36)	24,3% (n- 17)
10. Você consegue perceber no dia a dia, em suas vivências no ciberespaço, a conexão com os conteúdos filosóficos?	20% (n- 14)	51,7% (n-40)	22,9% (n- 16)
15. Você já discutiu em sala de aula questões filosóficas relacionadas à ética digital, privacidade ou identidade online?	44,3% (n- 31)	55,7% (n- 39)	Obs.: não havia esta opção
17. Você se considera ético, conhecedor de seus direitos e deveres, quanto ao ciberespaço?	37,1% (n- 26)	18,6% (n-13)	44,3% (n- 31)
20. Você acredita que as discussões filosóficas sobre o ciberespaço ajudam a construir um comportamento mais ético online?	61,4% (n- 43)	8,6% (n-6)	30% (n- 21)
21. O que você é no real, é o mesmo que mostra ser no virtual?	57,1% (n- 40)	11,4% (n- 8)	31,4% (n- 22)
22. Você já passou por alguma situação embaraçosa devido ao compartilhamento de fotos em ambientes virtuais?	28,6% (n- 20)	68,6% (n- 48)	2,8% (n- 2)
23. Você já quis mudar algo em você por influência digital?	60% (n- 42)	30% (n- 21)	10% (n- 7)
24. Sobre sua saúde mental com relação as suas vivências em ambientes virtuais, já desenvolveu algum transtorno, como por exemplo depressão, ansiedade?	30% (n- 21)	48,6% (n- 34)	21,4% (n- 15)
27. A professora de Filosofia tem integrado o ciberespaço nas aulas?	51,4% (n- 36)	37,1% (n- 26)	11,4% (n- 8)

Fonte: Questionário elaborado pela autora e respondido pelos(as) estudantes. CEAG, 2024.

Apenas 24,3% (n-17) dos(as) estudantes responderam afirmativamente, o que mostra que uma parcela relativamente pequena consegue perceber a influência direta dos conceitos filosóficos em suas interações no ambiente digital. Esse resultado sugere que, para essa minoria, a Filosofia tem oferecido ferramentas para uma análise mais crítica e consciente de suas práticas online, o que é um ponto positivo para o impacto potencial da disciplina. Tal afirmação é corroborada com a resposta do estudante 24 da Turma Y:

Sim, as aulas de Filosofia têm influenciado minha percepção no ciberespaço de várias maneiras. Por exemplo, estudando ética, aprendi a considerar as consequências morais das minhas ações online, como compartilhar informações ou interagir em redes sociais. Além disso, através da epistemologia, desenvolvi habilidades para avaliar criticamente a veracidade (Estudante 24 da Turma Y, 2024.)

No entanto, 51,4% (n-36) dos(as) estudantes afirmaram que as aulas de Filosofia não influenciam sua percepção sobre suas atividades no ciberespaço. Esse dado é significativo e levanta questões sobre como a Filosofia está sendo abordada em sala de aula no que diz respeito à sua aplicação prática no contexto digital. Uma alta porcentagem de respostas negativas pode indicar que o compromisso dos(as) estudantes com as atividades de casa e a continuidade das reflexões fora do ambiente escolar também surgem como pontos de atenção.

Dados que para a autora foram surpresa, visto que, na sala de aula a maioria deles(as) demonstra entendimento e discute sobre as temáticas. Porém, em um momento “individual de reflexão” fora da sala de aula, as respostas são tão muito diferentes. Embora a entrega dos questionários indique um envolvimento mínimo necessário, as respostas ambíguas e as variações na compreensão dos conceitos apontam para lacunas na internalização das discussões realizadas em sala.

Por outro lado, 24,3% (n-17) responderam “Em partes”, revelando que há um grupo de estudantes que consegue ver uma influência das aulas de Filosofia em suas atividades no ciberespaço, mas de forma limitada ou não tão evidente. Esse dado aponta para a necessidade de um esforço adicional por parte da prática docente para fortalecer essa conexão. Um dos fatores que contribuem para este panorama é a falta de atenção e concentração dos(as) estudantes no que estão desenvolvendo.

Em suma, os resultados indicam que, embora uma minoria declare perceber claramente a aplicação dos conceitos filosóficos no ciberespaço, a maioria ainda não faz essa conexão de forma significativa. Isso destaca a importância de incorporar mais divulgação de práticas e exemplos do mundo digital não somente nas aulas de Filosofia, mas nas disciplinas como um todo, tornando uma temática mais relevante e aplicável ao cotidiano dos(as) estudantes.

A questão 10 do questionário buscou investigar se os(as) estudantes estabelecem uma conexão entre os conteúdos filosóficos discutidos na sala de aula e suas vivências no ciberespaço. Os resultados revelam uma perspectiva interessante sobre a aplicação da Filosofia no cotidiano digital. Apenas 20% (n=14) dos(as) participantes afirmaram compreender essa relação, para essa minoria, a Filosofia vai além do ambiente acadêmico e se torna uma ferramenta para compreender as interações e desafios do mundo virtual.

Por outro lado, a maioria dos(as) estudantes, 51,7% (n=40), declarou não identificar essa conexão, o que levanta reflexões sobre a forma como os conceitos filosóficos são apresentados e assimilados. Esse dado sugere um possível distanciamento entre o ensino filosófico e as experiências digitais dos(as) estudantes, evidenciando a necessidade de estratégias pedagógicas mais contextualizadas, que se aproximam da Filosofia da realidade tecnológica que permeia suas vidas.

Não sei.
(Estudante 16 da Turma Z, 2024.)

Além disso, 22,9% (n=16) dos(as) estudantes responderam “Em partes”, evidenciando que, embora reconheçam alguma relação entre a Filosofia e suas vivências no ciberespaço, essa conexão não se apresenta de forma consistente ou suficientemente aprofundada. Isso sugere que, em determinados momentos, os conteúdos filosóficos são aplicados às suas experiências digitais, mas de maneira fragmentada ou sem uma reflexão mais estruturada.

A questão 15 do questionário buscou investigar se os(as) estudantes já discutiram em sala de aula temas filosóficos relacionados à ética digital, privacidade ou identidade online. Os resultados revelam uma divisão equilibrada, mas com nuances que apontam para oportunidades de aprimoramento. Cerca de 44,3% (n=31) afirmaram que esses temas foram envolvidos, evidenciando que, para quase metade da turma, a sala de aula se tornou um espaço de reflexão crítica sobre questões contemporâneas que permeiam suas vidas digitais. Esse tipo de debate é fundamental, pois contribui para o desenvolvimento de uma consciência ética e crítica sobre a presença no ambiente digital, ajudando os(as) estudantes a compreenderem melhor as implicações de suas ações online.

Por outro lado, 55,7% (n=39) afirmaram que não se lembram de ter discutido essas temáticas na escola. Esse dado levanta uma questão importante sobre a abordagem educacional, indicando uma possível lacuna na forma como esses conteúdos são apresentados e assimilados. A ausência de um vínculo claro entre os debates filosóficos e as vivências digitais dos(as) estudantes representa uma oportunidade não aproveitada para tornar a Filosofia mais próxima da realidade tecnológica que eles(as) vivenciam diariamente.

Além disso, a discrepância entre aqueles(as) que afirmam ter discutido

esses temas e os(as) que dizem não ter tido essa experiência sugere desafios que vão além da prática docente. O contexto escolar apresenta obstáculos como a desatenção na sala de aula, o uso excessivo de dispositivos eletrônicos para entretenimento durante as aulas e a evasão parcial de estudantes que permanecem pouco tempo nas aulas. Esses fatores impactam a assimilação do conteúdo e contribuem para a percepção de que determinados assuntos não foram desenvolvidos, mesmo quando o(a) professor(a) os trabalhou.

Esse cenário reforça a importância de investigações como esta, que busca compreender não apenas o papel docente, mas também a participação dos(as) estudantes no processo de ensino e aprendizagem. O debate sobre ética digital, privacidade e identidade online é cada vez mais necessário, e garantir que todos(as) tenham a oportunidade de refletir sobre essas questões é essencial para a construção de uma educação mais significativa e conectada às demandas contemporâneas.

A questão 17 do questionário teve como objetivo avaliar a percepção dos(as) estudantes sobre sua própria ética e conhecimento de direitos e deveres no ciberespaço. Os resultados indicam um panorama diverso, refletindo tanto a conscientização quanto às incertezas sobre suas práticas e compreensões no ambiente digital.

Cerca de 37,1% (n=26) dos(as) estudantes afirmaram sentir-se confiantes e bem-informados(as) sobre seus direitos e deveres no ciberespaço. Esse grupo demonstra um nível significativo de conscientização e responsabilidade em suas interações online, indicando que foram expostas(as) às discussões e orientações que reforçam essas noções. No entanto, 44,3% (n=31) responderam que possuem apenas um conhecimento parcial sobre o tema. Isso indica que, embora tenham noções básicas, não podem compreender plenamente as implicações de suas ações no ambiente digital, nem estar preparados(as) para aplicar esses conhecimentos de maneira consistente. Essa resposta evidencia a necessidade de um aprofundamento maior nas discussões sobre ética digital, para que essa compreensão se transforme em práticas conscientes e seguras.

Já 18,6% (n=13) dos(as) estudantes relataram não se considerarem éticos(as) ou informados(as) sobre seus direitos e deveres no ciberespaço, um dado preocupante que aponta para possíveis vulnerabilidades. A falta de conhecimento pode expor a riscos, como a violação de privacidade, o

compartilhamento irresponsável de informações e o desconhecimento das consequências legais de certas práticas digitais. Esse grupo, em especial, poderia se beneficiar de um currículo mais estruturado sobre ética digital, promovendo não apenas a conscientização, mas também a adoção de comportamentos responsáveis e seguros no ambiente virtual.

A questão 20 do questionário visa compreender a percepção dos(as) estudantes sobre a eficácia das discussões filosóficas relacionadas ao ciberespaço na promoção de um comportamento mais ético online. Os resultados mostram que a maioria significativa, 61,4% (n-43), acredita que são discussões positivas para a construção de um comportamento mais ético no ambiente digital. Este dado revela o potencial das aulas de Filosofia e das abordagens que integram conceitos de Filosofia teoria e prática para impactar com certeza a forma como os(as) estudantes envelhecem e interagem online. Essa perspectiva aponta para a importância de manter e expandir esses debates em sala de aula, mostrando que, quando expostos a esses diálogos, os(as) estudantes se tornam mais conscientes e tendem a aplicar essas lições em suas práticas digitais. A resposta abaixo mostra a reflexão provocada nos(as) estudantes:

Uma situação específica que eu apliquei o que eu aprendi foi em um dia que eu decidi se postava ou não uma foto zoada do meu amigo em um grupo de Whatsapp. Me fez refletir sobre o respeito e o consentimento dele a essa foto e percebi que não seria nada ético se eu postasse aquela foto sem seu consentimento. (Estudante 8 da turma Z, 2024)

Por outro lado, 30% (n-21) dos(as) estudantes afirmaram que as discussões ajudaram apenas "em partes", indicando que, apesar de considerarem algum valor nos diálogos filosóficos sobre o ciberespaço, ainda há uma falta de profundidade ou de conexão prática que impede uma assimilação completa. Isso pode significar que, embora os conceitos sejam compreendidos, nem sempre são plenamente internalizados ou aplicados no cotidiano digital.

Apenas 8,6% (n-6) dos(as) estudantes responderam que não acreditam que as discussões filosóficas sobre o ciberespaço os ajudem na construção de um comportamento ético. Embora seja uma minoria, este dado é relevante para entender que, para alguns, os debates filosóficos podem parecer desconectados da realidade prática ou não oferecer soluções imediatas para questões digitais.

A questão 22 investigou se os(as) estudantes já passaram por situações

embaraçosas devido ao compartilhamento de fotos em ambientes virtuais. Os dados revelam que 28,6% (n-20) afirmaram já ter vivido esse tipo de experiência, evidenciando os desafios relacionados à privacidade e ao uso responsável das redes sociais. Esse percentual sugere que a exposição digital pode resultar em constrangimentos inesperados, reforçando a importância da conscientização sobre segurança e ética no compartilhamento de imagens.

Por outro lado, a maioria dos(as) estudantes, 68,6% (n-48), afirmou nunca ter enfrentado esse tipo de situação, o que pode indicar uma abordagem mais cautelosa ao compartilhar conteúdo ou um nível de conscientização maior sobre os riscos da exposição digital. Além disso, 2,8% (n-2) responderam "em partes", afirmando que, embora não tenham passado por situações totalmente embaraçosas, vivenciaram momentos de desconforto ou aprendizado em relação ao compartilhamento de imagens.

Esses dados reforçam a necessidade de aprofundar a investigação sobre privacidade digital e a responsabilidade no uso das redes sociais. A diferença entre os(as) que passaram por essas experiências e os(as) que não enfrentaram esse tipo de problema reflete a diversidade de posturas em relação ao ciberespaço e destaca a importância de um trabalho educativo que promova um comportamento digital consciente e seguro.

A questão 23 buscou compreender se os(as) estudantes já sentiram vontade de mudar algo em si mesmos(as) devido à influência digital. Os resultados mostram que 60% (n-42) dos(as) entrevistados(as) responderam afirmativamente, o que evidencia o impacto significativo que as redes sociais exercem sobre a autoimagem e a construção da identidade. Esse dado reflete como a exposição constante a padrões estéticos e ideais de beleza nas mídias digitais pode influenciar diretamente a percepção pessoal e gerar inseguranças.

Por outro lado, 30% (n-21) dos(as) estudantes afirmaram que nunca sentiram essa necessidade, o que pode indicar uma postura mais crítica e segura diante das influências digitais. Esses(as) jovens parecem indicar uma maior resiliência em relação às pressões estéticas e às expectativas sociais impostas pelo ambiente digital. Além disso, 10% (n-7) responderam "em partes", indicando que, em determinados momentos, sentiram essa influência, mas sem mudanças concretas.

Esses resultados reforçam a necessidade de discutir a construção da

autoimagem no ciberespaço e o impacto das redes sociais na autoestima dos(as) jovens. A promoção de um pensamento crítico sobre os conteúdos consumidos digitalmente e a valorização da vantagem podem ajudar os(as) estudantes a desenvolverem uma relação mais equilibrada e saudável com sua identidade digital e corporal.

A questão 24 investigou se os(as) estudantes já desenvolveram algum transtorno, como ansiedade ou depressão, em decorrência das vivências em ambientes virtuais. Os dados revelam que 30% (n-21) dos (as) entrevistados(as) relataram ter desenvolvido algum transtorno relacionado ao uso das plataformas digitais, um índice preocupante que destaca os efeitos psicológicos da hiperconectividade e da exposição constante às redes sociais. A pressão por validação, as comparações incessantes e o fluxo contínuo de informações podem intensificar sentimentos de inadequação e afetar o bem-estar emocional dos(as) jovens.

Por outro lado, 48,6% (n-34) afirmaram que não desenvolveram transtornos associados ao ciberespaço, o que pode indicar uma maior resiliência emocional ou estratégias de gerenciamento do uso digital. Já 21,4% (n-15) responderam "em partes", indicando que, em alguns momentos, enfrentaram dificuldades emocionais devido às interações online.

Esses dados reforçam a importância de abordar a saúde mental no contexto da educação, promovendo a divulgação sobre o impacto do ciberespaço no bem-estar emocional dos(as) estudantes. Estratégias como a restrição do tempo de tela, o incentivo ao autocuidado e o fortalecimento do suporte social são essenciais para minimizar os efeitos negativos do uso excessivo das redes digitais e fomentar um ambiente mais saudável e equilibrado para os(as) jovens.

A questão 27 do questionário buscou avaliar se os(as) estudantes perceberam a integração do ciberespaço nas aulas de Filosofia, oferecendo uma perspectiva sobre a abordagem docente em relação às novas tecnologias e às discussões digitais. Os dados revelam que 51,4% (n-36) dos(as) estudantes responderam afirmativamente, colocando que mais da metade da turma confirmam o esforço da professora em trazer elementos do ciberespaço para o contexto das aulas. Vejamos o que diz um(a) dos(as) estudantes:

Identidade, conhecimento e ética, saber escuta e falar, usar vocabulário direito e sábio, e tá sempre disposto a aprender (Estudante 1 da Turma Y, 2024.).

Esse resultado é encorajador, pois sugere que a prática docente está alinhada com a contemporaneidade, registrando o impacto das vivências digitais e incorporando-as nas reflexões filosóficas. Essa integração pode contribuir para um ensino mais relevante e conectado às realidades dos(as) estudantes, permitindo que temas como ética digital, privacidade e identidade online sejam apresentados com maior profundidade e proximidade.

Por outro lado, 37,1% (n-26) dos(as) estudantes responderam que a professora de Filosofia não tem integrado o ciberespaço nas aulas. Esse dado levanta questões importantes sobre as lacunas na abordagem educacional e a oportunidade de ampliar o uso de recursos e discutir que engloba o ambiente digital. A falta de integração percebida por essa parcela de estudantes pode indicar fatores pessoais dos(as) próprios(as) estudantes em não participar das aulas ativamente. Por fim, 11,4% (n-8) dos(as) estudantes responderam “em partes”, o que sugere que, em alguns momentos, eles(as) percebem a integração do ciberespaço nas aulas.

Os dados destacam tanto os avanços quanto dificuldades na prática docente em integrar o ciberespaço às aulas de Filosofia. Enquanto uma parte expressiva dos(as) estudantes registra essa integração, uma parcela significativa ainda não a percebe. Esse contraste sublinha a importância de continuar aprimorando as metodologias que unem o pensamento filosófico com o universo digital, criando um ambiente de aprendizagem que seja tanto reflexivo quanto prático e relevante para as demandas contemporâneas que os(as) jovens enfrentam no ciberespaço.

Embora o ciberespaço seja uma parte integrante da vida dos(as) estudantes, a conexão entre o Ensino de Filosofia e suas vivências online ainda é limitada. Há uma compreensão parcial do que é o ciberespaço e uma dificuldade em aplicar conceitos filosóficos no ambiente digital. Isso sugere a importância das criações de ações conjuntas com outras disciplinas, a fim de que estas discussões ocorram também sobre outras perspectivas, fixando melhor a ideia para os(as) estudantes.

A relação entre as aulas de Filosofia e a percepção dos(as) estudantes sobre o ciberespaço ainda está em fase de construção. Apesar de a maioria

dos(as) estudantes reconhecer a importância dos conceitos filosóficos no ambiente digital e demonstrar interesse em aprofundar as discussões sobre o tema, a conexão entre os conceitos filosóficos e suas próprias experiências online ainda não está totalmente definida conscientemente.

CONCLUSÃO - CONEXÕES FILOSÓFICAS E O FUTURO DAS VIVÊNCIAS DIGITAIS NO ENSINO MÉDIO

Em um contexto de crescente digitalização da sociedade torna-se evidente a necessidade de uma educação filosófica que dialogue com os desafios da era digital. A Filosofia, tradicionalmente voltada para a reflexão sobre a existência, a ética e o conhecimento, precisa adentrar o universo digital no intuito de preparar os(as) jovens para enfrentarem os dilemas morais, estéticos e identitários que emergem nesse novo ambiente. A presente investigação buscou responder à questão central: Como o Ensino de Filosofia pode contribuir para as vivências dos(as) estudantes no ciberespaço?

Diante desse cenário, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB) desempenham um papel fundamental na consolidação dessa perspectiva. A BNCC, especialmente em sua Competência Geral 5, enfatiza a importância do uso crítico e ético das tecnologias digitais, ao estimular o desenvolvimento da autonomia intelectual e da capacidade analítica dos(as) estudantes. Essa diretriz reforça a necessidade de uma abordagem filosófica que permita reflexões sobre o impacto das redes sociais, os limites entre o público e o privado e as questões de identidade no ciberespaço.

A DCRB, por sua vez, orienta a prática pedagógica na formação de cidadãos críticos, fornecendo um caminho para que a Filosofia fomente o pensamento reflexivo em meio às complexidades do mundo digital. No entanto, a implementação dessas diretrizes enfrenta dificuldades práticas, especialmente, pela resistência de alguns setores educacionais em se adaptar às novas exigências da cultura digital.

A pesquisa se apoiou em diferentes metodologias para a produção de dados, incluindo observação, aplicação de questionários e sequências didáticas. As observações revelaram que, embora os(as) estudantes estejam imersos(as) no ciberespaço, sua compreensão sobre os mecanismos que estruturam esse ambiente ainda é limitada. O uso do questionário permitiu identificar que a maioria dos(as) estudantes reconhece a relevância dos debates filosóficos para suas experiências digitais, mas sente dificuldades em citar esses conceitos com suas práticas cotidianas. Já as sequências didáticas mostraram-se um recurso eficaz para mediar essa relação entre teoria e prática, ao permitir que os(as) estudantes

problematizassem suas interações digitais a partir de conceitos filosóficos como ética, estética e identidade. Essas ferramentas pedagógicas revelaram-se fundamentais para a construção de um aprendizado mais significativo e para o fortalecimento da autonomia intelectual dos(as) estudantes.

Os resultados obtidos ao longo da investigação revelaram que, embora os(as) estudantes reconheçam a importância dos conceitos filosóficos com relação aos seus comportamentos e suas interações no ciberespaço, essa conexão ainda é incipiente. Muitas vezes, os(as) estudantes possuem uma compreensão conceitual superficial e fragmentada sobre noções como ética digital, privacidade e manipulação de informações, o que evidencia uma necessidade de uma abordagem pedagógica mais integrada e interdisciplinar.

A pesquisa também evidenciou que, embora o ciberespaço ofereça oportunidades ricas para aprendizagem e interação, ele apresenta riscos à profundidade do conhecimento e à qualidade das interações sociais. Nesse sentido, a Filosofia contribui como um antídoto ao pensamento superficial comumente fomentado pelas redes sociais, incentivando uma análise mais aprofundada e crítica.

A importância da prática docente é outro aspecto que merece destaque, especialmente quando se considera o impacto de experiências concretas no processo de ensino-aprendizagem. O relato de experiência docente revelou a complexidade dessa prática, evidenciando uma conexão que perpassa questões técnicas, pedagógicas e alcança as implicações sociais. Além disso, demonstrou que a integração de temas como o ciberespaço no currículo filosófico não apenas enriquece o conteúdo das aulas, mas também as torna mais envolventes e significativas.

Ao dialogar sobre as relações entre ciberespaço, pedagogia e a construção do conhecimento filosófico, alcança-se o objetivo desta produção, proporcionando uma visão crítica e aprofundada dos desafios e oportunidades trazidos pelo ciberespaço. Busquei não apenas evidenciar os desafios enfrentados como docente, como também propor estratégias eficazes para abordá-los. Assim, a reflexão sobre essas interações tem o predicativo de colaborar significativamente para o aprimoramento da Educação e o desenvolvimento profissional dos(as) docentes, promovendo uma prática pedagógica adaptada às demandas do mundo contemporâneo.

Com base nas descobertas desta investigação, foram identificados temas relevantes que podem ser explorados em investigações futuras. Um dos caminhos mais promissores consiste na ampliação dos estudos sobre o impacto do Ensino de Filosofia em diversos contextos educacionais e faixas etárias, o que permitiria compreender de forma mais abrangente as contribuições dessa disciplina para a formação crítica dos(as) estudantes. Além disso, revela-se essencial investigar como o uso de plataformas digitais pode ser otimizado, a fim de potencializar o desenvolvimento do pensamento crítico e da consciência ética entre os(as) estudantes, ao considerar as complexidades do mundo digital contemporâneo.

Outra perspectiva significativa refere-se à necessidade de reformulações curriculares, com a incorporação de metodologias inovadoras que articulem de maneira eficaz os conteúdos filosóficos às experiências digitais vivenciadas pelos(as) estudantes. Para que tais mudanças sejam efetivadas, destaca-se a importância de uma formação docente atualizada às demandas do século XXI, capacitando os(as) docentes a atuarem como mediadores ativos no processo de ensino-aprendizagem, promovendo reflexões críticas e contextuais sobre as vivências no ciberespaço.

O Ensino de Filosofia no nível médio desempenha um papel essencial na formação de cidadãos críticos e conscientes, aptos a transitar de forma reflexiva e ética entre os contextos físico e digital. Contudo, para que essa integração seja eficaz, torna-se imperativo superar a concepção equivocada de que a mera inserção de tecnologias na sala de aula é suficiente para modernizar o processo de ensino-aprendizagem.

A Filosofia, nesse cenário complexo e em constante metamorfose, deve assumir o papel de contraponto ao pensamento superficial, fomentando análises mais aprofundadas sobre a sociedade digitalizada e suas múltiplas implicações. É essencial que estudantes, educadores e pais estejam conscientes das influências que a estética digital exerce sobre a construção da identidade no ciberespaço. O desenvolvimento de habilidades de análise crítica, a promoção de uma cultura que valoriza a diversidade estética e a construção de uma identidade digital autêntica e responsáveis são fundamentais para uma navegação consciente e saudável nesse ambiente digital. É preciso fomentar um diálogo aberto que permita aos jovens não apenas refletir sobre as pressões estéticas do ciberespaço, mas também encontrar formas de resistência e de autoexpressão genuína nesse vasto universo digital.

O desafio contemporâneo transcende o simples uso de ferramentas digitais, exigindo uma compreensão crítica sobre seus impactos, potencialidades e riscos, de modo a promover uma educação que valorize a reflexão e a ética diante das complexidades do mundo digital. Cabe à Educação, de uma maneira geral, não apenas se adaptar às novas tecnologias, como também ressignificar seu papel na era digital. Mais do que nunca, a escola precisa formar não apenas consumidores de conteúdo, mas produtores de conhecimento crítico e cidadãos conscientes de sua atuação no mundo digital.

Essa reflexão se alinha diretamente aos argumentos centrais apresentados por Jan Masschelein e Maarten Simons (2014) no livro “Em Defesa da Escola: Uma Questão Pública”, no qual os autores questionam as tendências contemporâneas de desvalorização da escola como instituição formadora e argumentam pela sua reinvenção como espaço essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico e da cidadania.

Masschelein e Simons (2014) defendem que a escola não deve ser reduzida a um ambiente de formação técnica para o mercado de trabalho ou à mera absorção de informações digitalizadas. Ao contrário, a escola é um espaço onde os(as) estudantes são convidados a suspender momentaneamente a critério do cotidiano e mergulhar no estudo e na reflexão, adquirindo uma visão mais ampla e crítica do mundo. Esse conceito de "suspensão" é crucial para a ressignificação da Educação na era digital, pois propõe que o aprendizado não seja apenas um ato passivo de consumo de informações, mas sim um processo ativo de questionamento, apropriação e produção de conhecimento.

A crescente transformação digital e a expansão do ciberespaço tornam essencial que no Ensino Médio, especialmente no campo da Filosofia, desenvolvam-se metodologias capazes de integrar as novas tecnologias sem comprometer a essência reflexiva da Educação. Atualmente, os(as) estudantes vivem imersos em um fluxo constante de informações fragmentadas e de circulação rápida, o que muitas vezes dificulta a análise crítica e a compreensão aprofundada dos conteúdos. Diante desse cenário, a escola deve assumir um papel de resistência e mediação, criando um ambiente onde o conhecimento seja compartilhado como um bem comum, acessível a todos(as) e abordado de maneira coletiva e reflexiva.

A defesa da escola, apresentada por Masschelein e Simons (2014),

converge com as reflexões de Paula Sibilia (2012) e Elisete Tomazetti (2023), ao destacar a importância da escola como um espaço público essencial para a formação crítica dos(as) estudantes, especialmente, em tempos de intensa digitalização. Para Masschelein e Simons, a escola é um espaço de suspensão e experimentação, no qual os(as) estudantes têm a oportunidade de se distanciar das pressões imediatas da sociedade para refletirem criticamente sobre o mundo ao seu redor. Essa visão se articula com a perspectiva de Sibilia (2012), que problematiza a crescente exposição e a busca por visibilidade no ambiente digital, ao evidenciar a necessidade de uma formação que promova a consciência crítica diante das dinâmicas do ciberespaço.

Nesse mesmo sentido, Tomazetti (2023) destaca a relevância do Ensino de Filosofia como ferramenta para fomentar reflexões críticas e inclusivas, capaz de preparar os(as) estudantes para lidar com os desafios éticos e políticos impostos pelo mundo digital. Em um cenário em que a manipulação de dados, a disseminação de notícias falsas e os discursos ideológicos permeiam o ambiente online, a Filosofia no Ensino Médio se mostra fundamental para fornecer aos(às) jovens recursos conceituais que favorecem a análise e a compreensão crítica dessas complexidades.

Assim, a escola se reafirma como um espaço de encontro e experimentação, onde os(as) estudantes podem explorar ideias, questionar conceitos e construir um pensamento independente, conforme defendido por Masschelein e Simons (2014). Ao integrar essas reflexões, a investigação destaca o potencial transformador da escola, não apenas na formação acadêmica, mas na construção de uma consciência ética e crítica, fundamental para a atuação responsável e reflexiva no ciberespaço.

Contudo, a ressignificação da escola na era digital não deve ser apenas uma questão de incorporar novas tecnologias ao ensino, mas de preservar sua função essencial como um espaço de reflexão crítica e emancipação intelectual. Se a educação do futuro pretende preparar cidadãos(ãs) para um mundo cada vez mais digitalizado, ela precisa ir além da simples adaptação tecnológica e assumir o compromisso de formar indivíduos que não apenas navegarão na internet, mas que saibam interpretá-la, questioná-la e utilizá-la para transformar positivamente a sociedade.

O futuro da educação encontra-se intrinsecamente relacionado às

inovações tecnológicas, contudo, tal avanço não implica a renúncia de sua essência humanizadora. Nesse contexto, o Ensino de Filosofia revela-se fundamental, ao desempenhar um papel crucial na formação de uma sociedade mais reflexiva, ética e capacitada para enfrentar os desafios contemporâneos, bem como aqueles que se apresentarão com as transformações futuras.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 1º Ed. Revista ampliada. Martins Fontes, São Paulo, 2007. p.442.

_____. Dicionário de filosofia. 1º Ed. Revista ampliada. Martins Fontes, São Paulo, 2007, p. 1003.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2017, p. 110.

APA. **Heráclito de Éfeso**: fragmentos. Os pensadores pré-socráticos. Fragmentos, Doxografia e Comentários. São Paulo: Ed. Nova Cultural Ltda., São Paulo, 1996.

ARANTES, Priscila. **@rte e Mídia**: Perspectivas da estética digital. São Paulo: Editora Senac, 2005.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Ed. Nova Cultura, 1987.

ASSUMPÇÃO, Rodrigo; MORI, Cristina. Inclusão digital: discursos, práticas e um longo caminho a percorrer. In: KNIGHT, Peter Titcomb; FERNANDES, Ciro Campos Christo; CUNHA, Maria Alexandra (Org.). **E-Desenvolvimento no Brasil e no mundo**: subsídios e programas e-Brasil. São Paulo: Yendis, 2007.

BAHIA (estado). Decreto nº 15.806 de 30 de dezembro de 2014. **Dispõe sobre a organização territorial dos núcleos regionais de educação e dá outras providências**. 2015. Disponível em: <http://www.legislabahia.ba.gov.br/documentos/decreto-no-15806-de-30-de-dezembro-de-2014>, acessado em: out. 2023.

BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI. Bahia é o estado com maior percentual de negros autodeclarados no Brasil, segundo IBGE. Salvador: ASCOM/SEI, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://www.sei.ba.gov.br>. Acesso em: [20/11/2023].

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011, p. 34.

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. **Aesthetica**. Frankfurt an der Oder: Preuss, 1750-1758. 2 v.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade** : entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro : J. Zahar. 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BENNATON, Jocelyn. "**O que é Cibernética**". Coleção Primeiros Passos, Vol. 22, Edição Integral, São Paulo, Círculo do Livro S.A., 1992, p. 114.

BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

BOGDAN, Robert; TAYLOR, Steven J. **Introdução aos métodos de pesquisa qualitativa**: uma abordagem fenomenológica às ciências sociais. Nova York: John Wiley & Sons, 1975.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020** : notas estatísticas – Brasília - DF: Inep|MEC, 2021. p. 14. 2021.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei nº 11.684/2008, DE 02 de junho de 2008**. Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BRASIL. Lei Ordinária **Nº 14032**, de 18 de dezembro de 2018. Anexo V. Provimento em comissão. Categoriza o porte das unidades escolares, com relação ao número de estudantes matriculados. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ba/lei-ordinaria-n-14032-2018-bahia-modifica-a-estrutura-organizacional-da-administracao-publica-do-poder-executivo-estadual-e-da-outras-providencias> Acessado em: 16 de jul de 2024.

BRASIL. **Lei n.º 14.172**, de 10 de junho de 2021. Dispõe sobre a garantia de acesso à internet, com fins educacionais, aos alunos e aos professores da educação básica pública. Alterada pela **Lei n.º 14.640**, de 31 de julho de 2023. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 12 jul. 2021. Disponível em : <https://www.in.gov.br> Acesso em: 16 de jul de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **nº 510**, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais que envolvem seres humanos. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2024.

BUCKINGHAM, David. **Youth, identity, and digital media**. Cambridge: The MIT Press, 2008.

BUCKINGHAM, David. **The Material Child**: Growing Up in Consumer Culture". Cambridge: Polity Press, 2011.

CASTELLS, Manuel. CARDOSO, Gustavo. **A Sociedade em Rede Do Conhecimento à Acção Política**. Conferência promovida pelo Presidente da República 4 e 5 de março de 2005, Centro Cultural de Belém. Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 12.

CASTELLS, M. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**, Vol. I, A Sociedade em Rede. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CASTELLS, M. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Vol. II, O Poder da Identidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CECIM, Arnaldo Marques. **Baumgarten, Kant e a teoria do belo**. Parallaxe, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 73-89, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/parallaxe/article/view/31114>. Acesso em: 9 jun. 2024.

COHEN, Louis; MANION, Lawrence; MORRISON, Keith. **Research methods in education**. 8. ed. New York: Routledge, 2018, p. 441.

COSTA, R. **On a new community concept: social networks, personal communities, collective intelligence**. Interface-Comunic., Saúde, Educ., v.9, n.17, p.235-48, mar/ago 2005, p.246.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: Escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DANNA, M. F, & Matos, M. A. (2015). **Aprendendo a Observar**. (3ª ed.) São Paulo: Edicon. DAYRELL, J.; CARRANO, P. C.; MAIA, C. L (org.). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DA SILVA, Eduardo Araújo. **Ciberespaço e Cibercultura: Definições e Realidades Virtuais Inseridas na Práxis do Homem Moderno**. Portal Só Pedagogia, 2014, p.1. Disponível em: https://www.pedagogia.com.br/artigos/ciberespaco_cibercultura/?pagina=0. Acessado em 20 jul. 2024.

DATAREPORTAL. **Digital 2024: Brasil**. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil?rq=brazil>. We Are Social e Meltwater. Acessado dia 27 de setembro de 2024.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. **O atual e o virtual**. In E Alluiez, filosofia virtual (E.B.S.Rocha, trad., p. 47-58). São Paulo, SP. Editora34. 1996.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. Mille Plateaux, Paris: Minuit, 1980. (**Mil Platôs**. Tr. br. coletiva. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Edição em 5 volumes.)

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 9.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DICIO. **Ética**. Dicionário online de Português. 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/etica/> . Acesso em 31 de outubro de 2023.

DICIO. **Filosofia**. Dicionário online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/filosofia/>. Acesso em 30 de setembro de 2023.

DICIO. **Internet**. Dicionário online de Português. 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/internet/> . Acesso em 21 de outubro de 2023.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 4.ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FLICK. Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p.30.

FUNG, Yu-Lan. **A Short History of Chinese Philosophy**. Edited by Derk Bodde. New York: The Macmillan Company.1948.

FUSCH, P. I.; NESS, L. R. Are we there yet? Data saturation in qualitative research. **The Qualitative Report**, Fort-Lauderdale, v. 20, n. 9, p. 1408-1416, 2015.

GALLO, Silvio. **Filosofia e Ensino**: questões contemporâneas. São Paulo: Editora Autêntica. 2019.

GIBSON, William. **Neuromancer**. Editora Aleph. Tradução Fábio Fernandes. 5ª edição. São Paulo. 2016.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999, p. 128.

GOMES, Renildo Silva. **ENSINO DE FILOSOFIA NA CULTURA DIGITAL**: diálogos e interfaces. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco. 2020, p. 44.

GROLLMUS, Nicholas S.; TARRÈS, Joan P. **Relatos metodológicos**: difractando experiências narrativas de investigación. Fórum Qualitative Social Research, v. 16, n. 2, mayo 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Particular/Downloads/2207-9561-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

HALL, Stuart; DU GAY, Paul (Ed.). Representation: **Cultural representations and signifying practices**. 2. ed. London: Sage, 1997.

HALL, Stuart et al. **Culture, media, language**: Working papers in cultural studies, 1972-79. London: Routledge, 1980.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Estética**: lições sobre a filosofia da arte. São Paulo: Loyola, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1927.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.

HUME, David. **Of the Standard of Taste**. 1757. Disponível em: https://en.wikisource.org/wiki/Of_the_Standard_of_Taste. Acesso em: 9 jun. 2024.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2022-2023**.

KANT, Immanuel. **A Metafísica dos Costumes**. Petrópolis: Vozes: Bragança Paulista: Editora Universal do São Francisco, 2013.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo – SP. Abril Cultura, 1980.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 9. ed. – Porto Alegre: Sulina, 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed. 34 Ltda, 1999, p. 15.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva por uma antropologia do ciberespaço** (L. P. Rouanet, Trad.). São Paulo: Loyola, 1997.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo, SP: Editora 34, 1996, p. 113.

LIMA, F. O. **A sociedade digital: o impacto da tecnologia na sociedade, na cultura, na educação e nas organizações**. Rio de Janeiro, Ed. Qualimark, 2000.

LÒCUS. In. Significados.com. Palavra do latim, que significa literalmente "lugar", "posição" ou "local". Disponível em: <https://www.significados.com.br/locus/> Acessado em 4 de mar. 2024.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

MARTINS, José Luiz Passos. **A Estética e o Discurso da Modernidade**: Reflexões sobre o Campo Literário e as Mídias Digitais. São Paulo, 2000.

MARTINS, Maurício Vieira. **Bourdieu e o fenômeno estético: ganhos e limites de seu conceito de campo literário**, Rio de Janeiro, Brazil SCImago image. Rev. bras. Ci. Soc. 19 (56). out 2004 • <https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000300005>. Acessado em 23 de out. de 2023.

MILLAN, Cristiane Honora. et al. Panorama da qualidade da internet nas escolas públicas brasileiras. Ceptro.br nic.br cgi.br. Publicação internet escolas 2024. Disponível em <https://medicoes.nic.br/media/Publicacao-internet-escolas-2024.pdf>. Acessado dia 30 de set de 2024.

NISSENBAUM, Helen. **Privacy in context**: technology, policy, and the integrity of social life. Palo Alto: Stanford University Press, 2010.

ORUKA, Henry Odera. **Sage Philosophy**: Indigenous Thinkers and Modern Debate on African Philosophy. Nairobi: African Centre for Technology Studies Press. 1990.

PALÁCIOS, Marcos. Entrevista. In: SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (Org.). **Cultura digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. p. 253-261.

PLATÃO. **A República**: Livro VII. São Paulo: UNB, 1989.

PLATÃO. Hípias Maior; **O Banquete**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

PRENSKY, Marc. **Nativos digitais, imigrantes digitais**. NCB University Press, v. 9, n. 5, out. 2001, p.1.

RADHAKRISHNAN, Sarvepalli. **Indian Philosophy** (Vols. 1-2). London: George Allen & Unwin. (1923-1927).

RAWLS, John. **Justiça como equidade**. Uma reformulação. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

REIS, Juliana Batista; JESUS, Rodrigo Ednilson. **Culturas juvenis e tecnologias**. Belo Horizonte - BH. Ed. UFMG. 2014.

RIBEIRO, Ana Elisa. Tecnologia Digital. **Glossário Ceale**. Belo Horizonte: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) | Faculdade de Educação da UFMG. Disponível em: < <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/tecnologia-digital> > Acesso em 06 Maio de 2024.

RITCHIE, J.; LEWIS, J.; ELAM, G. Designing and selecting samples. In: RITCHIE, J.; LEWIS, J. (Eds.). **Qualitative research practice**. A guide for social science students and researchers. Thousand Oaks, CA: Sage, 2003.

© Rosy Feros. **Conhecendo as origens do ciberespaço**. Projeto de revista eletrônica "Fractoscópio" nº 1, 2001

Leia mais: <https://www.fractoscopio.com.br/news/conhecendo-as-origens-do-ciberespa%C3%A7o/>

RÜDIGER, Francisco. **Elementos para a crítica da cibercultura**. São Paulo: Hacker, 2002.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul. 2009, p. 5.

SANTAELLA, Lucia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós humano**. Revista Famecos, Porto Alegre, n. 22, dez. 2003, p.15.

SANTAELLA, Lúcia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

Santana, C. L. S. e, & Borges Sales, K. M. (2020). **AULA EM CASA: EDUCAÇÃO, TECNOLOGIAS DIGITAIS E PANDEMIA COVID-19**. Interfaces Científicas - Educação, 10(1), 75–92. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p75-92>

SANTOS, Edvalter Souza. **Desigualdade social e inclusão digital no Brasil**. 2006. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, L. G. Entrevista. In: SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (Org.). **Culturadigital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. p. 287.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11ª ed. Campinas: Autores Associados, 2013, p. 81.

SEI. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. Mapas estaduais. 2022. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/images/resumo/info_bahia_2023.pdf, acesso em out. 2023.

SEI/Ascom. Disponível em: <
https://sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4013:bahia-e-o-estado-mais-negro-do-brasil-com-80-8-da-populacao-preta-ou-parda&catid=8&Itemid=565&lang=pt#:~:text=Not%C3%ADcias-.Bahia%20%C3%A9%20o%20estado%20mais%20negro%20do%20Brasil%2C%20com%2080,composto%20por%20pretos%20e%20pardos >. Data: 20/11/23, Acessado em: 05/09/2024.

SERVA, M; JAIME JÚNIOR, P. **Observação participante e pesquisa em administração: uma postura antropológica**. RAE- Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 3, p. 64-79, 1995.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão**. Contraponto. 1 ed. Rio de Janeiro. 2012. p. 13.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Exclusão Digital**: a miséria na era da informação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede (8a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes. 2013.

STANDING, Guy. **O precariado**: a nova classe perigosa. 1. Ed. Coleção Invenções Democráticas - Volume IV. Nupsi-USP. Autêntica. 2013, p. 40.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. Vozes. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeir. 2009, p. 137.

TOMAZETTI, Elisete M. **Filosofia da Educação**: Um Estudo sobre a História da Disciplina no Brasil . 1.ed. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2003.

TOMAZETTI, Elisete M, RIBAS, Jéssica Erd. **Conversas entre Filosofia, Escola e Ensino Médio**. Santa Maria - SM: Editora UFSM, 2023.

TOSCHI, Mirza Seabra; RODRIGUES, Maria Emília de Castro. Infovias e educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 313-326, jul./dez. 2003.

Turkle, S. **A vida no ecrã**: a identidade na era da internet. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

APÊNDICE

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA

Pesquisadora responsável: Luana Oliveira de Carvalho

Endereço: Rua 19 de Maio, Nº 205, Bairro: Centro, Cidade: Barreiras - BA

Fone: (77) 98155-0564 E-mail: luana.c0557@ufob.edu.br



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

O (A) Sr. (a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a autorizar a participação do(a) seu(a) filho(a) na pesquisa **CONEXÕES ENTRE O ENSINO DE FILOSOFIA E AS VIVÊNCIAS NO CIBERESPAÇO: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DA BAHIA**, cujo objetivo geral consiste em analisar conexões entre as vivências no ciberespaço de estudantes do Ensino Médio e o Ensino de Filosofia, a partir de problematizações de conceitos filosóficos.

O desdobramento dessa questão maior será trabalhado por meio dos seguintes objetivos específicos: (i) investigar como o Ensino de Filosofia pode contribuir para a compreensão das vivências de estudantes no ciberespaço; (ii) problematizar vivências de estudantes no Ciberespaço, a partir da conexão com conceitos filosóficos; (iii) identificar na prática docente possíveis conexões entre os conceitos filosóficos e o ciberespaço, na perspectiva de estudantes.

O motivo que nos leva a estudar a relação entre a conexão das vivências de estudantes com temas clássicos da filosofia no âmbito do ciberespaço, em uma instituição pública de ensino de Barreiras-BA, se justifica pela relevância e atualidade do tema. A problemática do uso das tecnologias digitais na educação brasileira, em contraste com a precarização do conhecimento, torna essa investigação essencial.

O levantamento dos dados se dará por meio de abordagem qualitativa, de caráter exploratório, o tratamento dos dados se dará pela análise documental em duas partes: (i) da análise narrativa descritiva, a partir da observação em sala de aula e desenvolvimento de atividades programadas, os documentos serão

produzidos pela pesquisadora e desenvolvidos pelos(as) estudantes, mediante realização de atividades direcionadas contemplando a temática, e (ii) estatística, a partir da aplicação de questionário.

Quanto aos possíveis riscos e benefícios, a pesquisa apresenta praticamente nenhuma ameaça física aos participantes. Isso se deve ao fato de que eles(as) não serão deslocados para ambientes diferentes, não participarão de atividades que possam causar danos consideráveis ao corpo, não terão contato com objetos cortantes e não serão expostos a variações significativas de ambiente em relação ao que normalmente experienciam em seu cotidiano escolar.

No entanto, como medida preventiva a qualquer tipo de desconforto; possibilidade de constrangimento; medo de não saber responder ou de ser identificado(a); se sentir envergonhado(a); estressado(a); cansado(a) ou quebra de sigilo, os instrumentos de produção de dados serão aplicados da seguinte forma: Será aplicado um questionário em formulário eletrônico, produzido pela pesquisadora através (Google Forms), que será disponibilizado para os(as) estudantes por meio de um link, o qual os(as) mesmos(as) possam responder no local e em horário de sua escolha e conveniência, a critério do(a) próprio(a) estudante, de modo que não comprometa sua privacidade, nem seus horários de aula.

No tocante as atividades programadas, serão aplicadas duas. Produzidas pela pesquisadora e desenvolvidas pelos(as) estudantes. Esta etapa compreende a utilização do tempo referente a quatro horas aulas, cada hora aula compreende 55 minutos, da seguinte forma: uma hora aula para apresentação e sensibilização da temática (conteúdo específico de Filosofia e sua relação com o ciberespaço), na aula seguinte serão desenvolvidos em sala a atividade programada, a qual repete o mesmo processo, porém com conteúdo diferente. Ressalta-se a manutenção da conexão entre conteúdo filosófico e o ciberespaço.

Quanto aos benefícios, eles incluem a oportunidade de reflexão sobre questões de extrema relevância social como: Ética e Moral: direitos e deveres, políticas de privacidade com relação ao entendimento do que é público e privado; A Estética no ciberespaço: explorando o ser o que parece ser, contextualizando no contexto real e virtual. Além de colaborar com a produção de conhecimento acadêmico no tocante à temática em questão. Contemplar essas questões pode

estimular uma participação mais ativa dos indivíduos no processo de ensino e aprendizagem, resultando em conquistas mais significativas.

O motivo deste convite é que o(a) seu(ua) filho(a) se enquadra nos seguintes critérios de inclusão: Quanto aos critérios de inclusão e exclusão da investigação. Compreende-se por critérios para inclusão da pesquisa: (i) ser estudante devidamente matriculado (a) no 2º ano do Ensino Médio na escola lócus da investigação e (ii) ter frequência regular nas aulas.

Quanto a descontinuidade de estudantes, a mesma ocorrerá quando, o (a) Sr. (a) forem observados os seguintes critérios: (i) desinteresse em colaborar e participar da pesquisa, (ii) possuir alguma irregularidade ou pendência de matrícula do colégio lócus da investigação e (iii) não ter frequência regular nas aulas.

Para participar deste estudo o(a) estudante não terá nenhum custo, sequer receberá qualquer tipo de vantagem financeira, porém, os(as) mesmos(as) terão garantido, se necessário, o direito ao ressarcimento de suas despesas, caso ocorra durante o processo, sendo a pesquisadora a responsável pelo ressarcimento.

A pesquisa foi devidamente submetida à apreciação do Comitê de Ética Brasileiro, conforme a resolução nº 510/2016 do CNS, por envolver seres humanos, no caso, os(as) estudantes. Obtendo o status de aprovada, sendo assim, a participação é voluntária, a partir do preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido. Este estudo poderá ser interrompido a qualquer momento pela pesquisadora por questões de segurança.

O (A) Sr.(a) será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, retirando seu consentimento ou interrompendo sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e privacidade, ficarão sob a propriedade da pesquisadora responsável. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(a) seu(a) filho(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na universidade Federal do

Oeste da Bahia e a outra será fornecida a(o) Sr.(a). Caso haja danos decorrentes dos riscos desta pesquisa, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelo ressarcimento e pela indenização.

Eu, _____, portador do CPF _____, nascido(a) em ____/____/_____, residente no endereço _____, na cidade de _____, Estado _____, podendo ser contatado(a) pelo número telefônico () _____ e e-mail _____ fui informado(a) dos objetivos do estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Concordo que os materiais e as informações obtidas relacionadas ao menor de idade poderão ser utilizados em atividades de natureza acadêmico-científica, desde que assegurada a preservação de minha identidade. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar, de modo que declaro que concordo na participação desse estudo e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos desse estudo, você ou os responsáveis por você poderão consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Oeste da Bahia, localizado na Rua Professor José Seabra de Lemos, 316 – Recanto dos Pássaros, CEP 47.808-021. Barreiras-BA. Telefone (77) 3614-3508 / E-mail: cep@ufob.edu.br

Barreiras-BA, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA

Pesquisadora responsável: Luana Oliveira de Carvalho

Endereço: Rua Professora Guiomar Porto, Nº 414, Bairro: Centro, Cidade: Barreiras -BA

Fone: (77) 98155-0564 E-mail: luana.c0557@ufob.edu.br

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

O(a) Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **CONEXÕES ENTRE O ENSINO DE FILOSOFIA E AS VIVÊNCIAS NO CIBERESPAÇO: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DA BAHIA**, cujo objetivo geral consiste em analisar conexões entre as vivências no ciberespaço de estudantes do Ensino Médio e o Ensino de Filosofia, a partir de problematizações de conceitos filosóficos.

O desdobramento dessa questão maior será trabalhado por meio dos seguintes objetivos específicos: (i) investigar como o Ensino de Filosofia pode contribuir para a compreensão das vivências de estudantes no ciberespaço; (ii) problematizar vivências de estudantes no Ciberespaço, a partir da conexão com conceitos filosóficos; (iii) identificar na prática docente possíveis conexões entre os conceitos filosóficos e o ciberespaço, na perspectiva de estudantes.

O motivo que nos leva a estudar a relação entre a conexão das vivências de estudantes com temas clássicos da filosofia no âmbito do ciberespaço, em uma instituição pública de ensino de Barreiras-BA, se justifica pela relevância e atualidade do tema. A problemática do uso das tecnologias digitais na educação brasileira, em contraste com a precarização do conhecimento, torna essa investigação essencial.

O levantamento dos dados se dará por meio de abordagem qualitativa, de caráter exploratório, o tratamento dos dados se dará pela análise documental em duas partes: (i) da análise narrativa descritiva, a partir da observação em sala de aula e desenvolvimento de atividades programadas, os documentos serão produzidos pela pesquisadora e desenvolvidos pelos(as) estudantes, mediante

realização de atividades direcionadas contemplando a temática, e (ii) estatística, a partir da aplicação de questionário.

Quanto aos possíveis riscos e benefícios, a pesquisa apresenta praticamente nenhuma ameaça física aos participantes. Isso se deve ao fato de que eles(as) não serão deslocados para ambientes diferentes, não participarão de atividades que possam causar danos consideráveis ao corpo, não terão contato com objetos cortantes e não serão expostos a variações significativas de ambiente em relação ao que normalmente experienciam em seu cotidiano escolar.

No entanto, como medida preventiva a qualquer tipo de desconforto; possibilidade de constrangimento; medo de não saber responder ou de ser identificado(a); se sentir envergonhado(a); estressado(a); cansado(a) ou quebra de sigilo, os instrumentos de produção de dados serão aplicados da seguinte forma: Será aplicado um questionário em formulário eletrônico, produzido pela pesquisadora através (Google Forms), que será disponibilizado para os(as) estudantes por meio de um link, o qual os(as) mesmos(as) possam responder no local e em horário de sua escolha e conveniência, a critério do(a) próprio(a) estudante, de modo que não comprometa sua privacidade, nem seus horários de aula.

No tocante as atividades programadas, serão aplicadas duas. Produzidas pela pesquisadora e desenvolvidas pelos(as) estudantes. Esta etapa compreende a utilização do tempo referente a quatro horas aulas, cada hora aula compreende 55 minutos, da seguinte forma: uma hora aula para apresentação e sensibilização da temática (conteúdo específico de Filosofia e sua relação com o ciberespaço), na aula seguinte serão desenvolvidos em sala a atividade programada, a qual repeti o mesmo processo, porém com conteúdo diferente. Ressalta-se a manutenção da conexão entre conteúdo filosófico e o ciberespaço.

Quanto aos benefícios, eles incluem a oportunidade de reflexão sobre questões de extrema relevância social como: Ética e moral: direitos e deveres, políticas de privacidade com relação ao entendimento do que é público e privado; A Estética no ciberespaço: explorando o ser o que parece ser, contextualizando no contexto real e virtual. Além de colaborar com a produção de conhecimento acadêmico no tocante à temática em questão. Contemplar essas questões pode estimular uma participação mais ativa dos indivíduos no processo de ensino e aprendizagem, resultando em conquistas mais significativas.

O motivo deste convite é que você se enquadra nos seguintes critérios de inclusão: Quanto aos critérios de inclusão e exclusão da investigação. Compreende-se por critérios para inclusão da pesquisa: (i) ser estudante devidamente matriculado(a) no 2º ano do Ensino Médio na escola lócus da investigação e (ii) ter frequência regular nas aulas.

Quanto a descontinuidade de estudantes, a mesma ocorrerá quando, forem observados os seguintes critérios: (i) desinteresse em colaborar e participar da pesquisa, (ii) possuir alguma irregularidade ou pendência de matrícula do colégio lócus da investigação e (iii) não ter frequência regular nas aulas.

Para participar deste estudo o(a) estudante não terá nenhum custo, sequer receberá qualquer tipo de vantagem financeira, porém, os(as) mesmos(as) terão garantido, se necessário, o direito ao ressarcimento de suas despesas, caso ocorra durante o processo, sendo a pesquisadora a responsável pelo ressarcimento.

A pesquisa será devidamente submetida à apreciação do Comitê de Ética Brasileiro, conforme a resolução nº 510/2016 do CNS, por envolver seres humanos, no caso, os(as) estudantes. Obtendo o status de aprovada, sendo assim, a participação é voluntária, a partir do preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido. Este estudo poderá ser interrompido a qualquer momento pela pesquisadora por questões de segurança.

Caso haja a necessidade, você poderá solicitar esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, retirando seu consentimento ou interrompendo sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e privacidade, ficarão sob a propriedade da pesquisadora responsável. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na universidade Federal do Oeste da Bahia e a outra será fornecida a(o) Sr.(a). Caso haja danos decorrentes

dos riscos desta pesquisa, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelo ressarcimento e pela indenização.

Eu, _____, portador do CPF _____, nascido(a) em ____/____/_____, residente no endereço _____, na cidade de _____, Estado _____, podendo ser contatado(a) pelo número telefônico () _____ e e-mail _____ fui informado(a) dos objetivos do estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Concordo que os materiais e as informações obtidas relacionadas ao menor de idade poderão ser utilizados em atividades de natureza acadêmico-científica, desde que assegurada a preservação de minha identidade. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar, de modo que declaro que concordo na participação desse estudo e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos desse estudo, você ou os responsáveis por você poderão consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Oeste da Bahia, localizado na Rua Professor José Seabra de Lemos, 316 – Recanto dos Pássaros, CEP 47.808-021. Barreiras-BA. Telefone (77) 3614-3508 / E-mail: cep@ufob.edu.br

Barreiras-BA, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DE CONFIDENCIALIDADE DOS DADOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Comitê de Ética em Pesquisa

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE DOS DADOS

Eu, Luana Oliveira de Carvalho, CPF: 007 145 903 - 04, RG: 2 373 670 SSP/PI, pesquisadora responsável pelo projeto de pesquisa intitulado O ENSINO DE FILOSOFIA E SUA CONEXÃO COM O CIBERESPAÇO: NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DA BAHIA, comprometo-me a dar início a este estudo somente após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Oeste da Bahia.

Asseguro a confidencialidade dos dados dos participantes desta pesquisa, cujas identidades serão preservadas, bem como, no caso de existência, suas fichas clínicas, e/ou demais documentos, não serão identificados pelo nome, mas por um código.

Comprometo-me a registrar a inclusão dos participantes de maneira sigilosa, contendo códigos, nomes e endereços para uso próprio.

Os documentos Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, em caso de existência, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, assinados pelos participantes, serão mantidos por mim, sob total sigilo.

Certifico que os participantes desta pesquisa receberão uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, em caso de existência, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, que será devolvida no caso do participante desistir da pesquisa.

Declaro que li e estou de acordo com a Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, responsabilizando-me pelo andamento, realização e conclusão da pesquisa, comprometendo-me a anexar na Plataforma Brasil o relatório final do projeto.

Barreiras - BA, 06 de março de 2024.

Luana Oliveira de Carvalho
Assinatura da pesquisadora responsável

APÊNDICE D – CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE



CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

A instituição Colégio Estadual Antônio Geraldo, inscrita no CNPJ nº 13 937 073 0001 56, aqui representada por Alessandra Nery Oliveira Silva Guedes, ocupante do cargo de Diretora Escolar, autoriza a condução do projeto de pesquisa intitulado O ENSINO DE FILOSOFIA E SUA CONEXÃO COM O CIBERESPAÇO: NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DA BAHIA, a ser executado no período de 01 de Maio a 30 de junho do ano de 2024, sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Luana Oliveira de Carvalho, nas nossas dependências, tão logo o projeto seja aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Oeste da Bahia.

Esta instituição está ciente de que os participantes da pesquisa serão estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, modalidade Regular, bem como de que o projeto será executado em consonância com as normas e resoluções que norteiam a pesquisa com seres humanos, em especial a Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde – CNS.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como coparticipante do projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes nela recrutados, dispondo das condições necessárias para a condução dos trabalhos.

Barreiras - BA, 06 de Março de 2024

Alessandra Nery Oliveira Silva Guedes
Assinatura e carimbo do responsável legal
CPF:

Alessandra Nery Oliveira Silva Guedes
Diretora
Colégio Estadual Antônio Geraldo
Portaria - 60609689 D.O. 15-03-2023
Autenticação 14534 23

APÊNDICE E – DECLARAÇÃO DO RESPONSÁVEL DA INSTITUIÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA
Comitê de Ética em Pesquisa

DECLARAÇÃO DO RESPONSÁVEL INSTITUCIONAL

Eu, Thiago Ribeiro Rafagnin, CPF: 010 001 340 - 67, RG: 1094836234, diretor (a) da (o) Centro das Humanidades da Universidade Federal do Oeste da Bahia, estou ciente e autorizo o (a) pesquisador (a) responsável Luana Oliveira de Carvalho pelo projeto de pesquisa intitulado O ENSINO DE FILOSOFIA E SUA CONEXÃO COM O CIBERESPAÇO: NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DA BAHIA, a utilizar a infraestrutura necessária ao desenvolvimento da pesquisa, conforme relação abaixo e atender eventuais problemas dela resultantes, devendo o projeto ser executado em consonância com as normas e resoluções que norteiam a pesquisa com seres humanos, em especial a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS.

Relação da infraestrutura necessária: espaço do laboratório de ensino, LIFE.

Barreiras, BA, 17 de março de 2024.



Assinatura e carimbo do responsável institucional

APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS (AS) ESTUDANTES DA 2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO



CONEXÕES ENTRE O ENSINO DE FILOSOFIA E AS VIVÊNCIAS NO CIBERESPAÇO: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DA REDE ESTADUAL DA BAHIA

O(a) convido a participar da pesquisa, respondendo a um questionário cujo objetivo geral é: analisar conexões entre as vivências no ciberespaço de estudantes do Ensino Médio e o Ensino de Filosofia, a partir de problematizações de conceitos filosóficos. Este questionário faz parte de uma pesquisa realizada pela pesquisadora, da área de ciências humanas, Luana Oliveira de Carvalho, para obtenção do título de mestre, no Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE) da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), no município de Barreiras – BA, sob a orientação do Professor Dr. Cláudio Reichert do Nascimento.

O questionário é composto por quatro seções e inclui questões de múltipla escolha, o que permite a seleção de mais de um item em alguns casos, e questões abertas, nas quais você pode registrar suas respostas por escrito. Essas perguntas visam produzir dados sobre identificação pessoal, condições socioeconômicas, disposição e domínio do uso de Tecnologias de Informação e Comunicação, além de explorar a conexão entre o Ensino de Filosofia e o ciberespaço na perspectiva dos(as) estudantes. Embora o Google Forms, a ferramenta digital que estamos utilizando, colete endereços de e-mail, sua identificação não será divulgada, e garanta a preservação de sua privacidade.

Ao acessar o formulário através do link <<https://forms.gle/VFJav2WZE7TpFrG16>> e preencher todas as informações, basta clicar em "enviar". Pronto, você terá contribuído para a construção de conhecimento acadêmico importante.

Parte 1: Identificação

1. Gênero

- Feminino
- Masculino
- Não me identifico com nenhum dos gêneros citados
- Não desejo declarar

2. Idade

- 15 anos completos
- 16 anos completos
- 17 anos completos
- 18 anos completos
- mais de 19 anos

3. Etnia

- Branco
- Preto
- Amarelo
- Pardo
- Indígena
- Não desejo declarar

4. Local onde mora

- Zona Urbana (próximo ao centro)
- Zona Urbana (distante do centro)
- Zona Rural
- Comunidade Indígena
- Comunidade Quilombola

5. Indique seu turno de aula

- Matutino
- Vespertino

Parte 2: Socioeconômico

1. Quantas pessoas moram na sua casa?

- Sozinho
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- mais de 6

2. Quantas pessoas exercem função remunerada na sua casa?

- 1
- 2
- 3
- 4

- 5
- mais de 6

3. Você possui renda própria?

- Sim
- Não

4. Sua família é atendida por algum programa social de distribuição de renda?

- Sim
- Não

5. A renda familiar

- Até 1 salário mínimo
- Até 2 salários mínimos
- Até 3 salários mínimos
- Até 4 salários mínimos
- Mais de 5 salários mínimos

6. O domicílio onde mora é?

- Próprio
- Alugado
- Cedido

7. Sua condição em relação à pessoa responsável pelo domicílio é de?

- Cônjuge
- Filho(a), enteado(a)
- Pai, mãe
- Neto(a)
- irmão(a)
- Parente de segundo grau

8. Na sua casa você dispõe de Internet?

- Sim, via Wi - fi
- Sim, via dados Móveis
- Sim, via cabo
- Não

9. Quantas horas por dia você ficar conectado à internet?

- 1h
- 2h
- 3h
- 4h
- 5h
- mais de 6h

Parte 3. Disposição e domínio do uso das Tecnologias Digitais

1. Você possui celular?

- Sim

- Não
2. Você possui computador?
 Sim
 Não
3. Você possui Smart TV?
 Sim
 Não
4. Você possui Tablet?
 Sim
 Não
5. Quais aparelhos tecnológicos você mais utiliza? (Mais de um item pode ser assinalado)
 Computador
 Celular
 tablet
 SmartTV
 Outros _____
6. Como você classifica seu uso com relação aos aparelhos tecnológicos listados na questão anterior?
 Raramente
 Pouco
 Mediano
 Bastante
 Não utiliza, porque não possui
7. Como você avalia seu domínio com as tecnologias digitais?
 Excelente
 Muito bom
 Bom
 Razoável
 Ruim
 Péssimo
8. Quais dos seguintes aplicativos ou softwares de comunicação você utiliza para entretenimento? (Mais de um item pode ser assinalado)
 Facebook
 LinkedIn
 You tube
 X , antigo Twitter
 WhatsApp
 Instagram
 Google Meet
 Zoom
 E-mail
 Blog

() Outros _____

9. Quais dos seguintes aplicativos ou softwares de comunicação você utiliza para estudo? (Mais de um item pode ser assinalado)

() Facebook

() LinkedIn

() You tube

() X , antigo Twitter

() WhatsApp

() Instagram

() Google Meet

() Zoom

() E-mail

() Blog

() Outros _____

10. Como você considera a disponibilidade de *internet* na escola?

() Excelente

() Muito bom

() Bom

() Razoável

() Ruim

() Péssimo

11. A disponibilidade da *internet* na escola contribui com sua aprendizagem?

() Sim

() Não

12. Você considera importante aprender a utilizar ferramentas tecnológicas na escola?

() Sim

() Não

13. Quais recursos tecnológicos a escola disponibiliza? (Mais de um item pode ser assinalado)

() Internet

() Celular

() Datashow

() Computador

() Lousa interativa

() SmartTV

() Outros _____

14. Quais são as principais dificuldades na utilização das Tecnologias Digitais na escola? (Mais de um item pode ser assinalado)

() não possui os recursos tecnológicos necessários

() falta de orientação por parte dos professores

() falta de domínio de uso dos professores

() desmotivação por parte dos estudantes

() não são realizadas atividades on line

15. Você tem conseguido realizar as atividades propostas em ambientes virtuais?
- Sim
 Não
 Em partes
16. A sua participação na realização das atividades pedagógicas em ambientes virtuais, tem ocorrido de forma?
- Espontânea
 Obrigatória
 Não ocorreu
17. Como você se sente durante a realização de atividades em ambientes virtuais? (Mais de um item pode ser assinalado)
- Capaz
 Incapaz
 Desafiado(a)
 Frustrado(a)
 Angustiado(a)
 Motivado(a)
 Desmotivado(a)
18. Você se considera uma pessoa influenciada pela tecnologia?
- Sim
 Não
 Em partes

Parte 4. Conexão entre o Ensino de Filosofia e o ciberespaço

1. Você sabe o que significa o termo Ciberespaço?
- Sim
 Não
 Não tenho certeza
2. Redija por extenso o que você entende por ciberespaço.
-
-
3. Como você descreveria sua experiência diária no ciberespaço?
-
-
4. Você utiliza o ciberespaço no dia a dia para?
-
-
5. O que você mais gosta de fazer no Ciberespaço (ambientes virtuais)? Mais de um item pode ser assinalado.
- Ler
 Estudar
 Pesquisar

- Jogar
- Interagir nas redes sociais
- Acessar plataformas de streaming (Netflix, Amazon Prime, etc.)

6. Como você avalia o uso dos ciberespaços como ambiente de aprendizagem?

- Positivo
- Negativo
- Não sei opinar

7. Você consegue perceber em suas vivências, no seu dia a dia, a utilização de conceitos filosóficos?

- Sim
- Não
- Em partes, _____

8. As aulas de Filosofia influenciam sua percepção sobre suas atividades no ciberespaço?

- Sim
- Não
- Em partes, _____

9. Caso a resposta seja sim ou em partes, sobre a influência das aulas de Filosofia sobre sua percepção no ciberespaço, exemplifique de que maneira isso ocorre:

10. Você consegue perceber no dia a dia, em suas vivências no ciberespaço, a conexão com os conteúdos filosóficos?

- Sim
- Não
- Em partes, _____

11. Cite, quais conexões, caso tenha percebido e/ou identificado, com relação ao Ensino de Filosofia e a Ciberespaço?

12. Quais conceitos filosóficos discutidos em aula (como ética, identidade, estética, conhecimento, etc.) você acha que se aplicam às suas experiências no ciberespaço? Pode dar um exemplo?

13. Em que situações específicas você já aplicou o que aprendeu nas aulas de Filosofia ao navegar ou interagir no ciberespaço?

14. Você acredita que o estudo da Filosofia ajudou a refletir de forma crítica sobre os conteúdos e comportamentos no ciberespaço? De que forma?

15. Você já discutiu em sala de aula questões filosóficas relacionadas à ética digital, privacidade ou identidade online?

16. Como essas discussões afetaram sua compreensão do ciberespaço?

17. Você se considera ético, conhecedor de seus direitos e deveres, quanto ao ciberespaço?

- Sim
 Não
 Em partes

18. Quais dilemas éticos você já encontrou no ciberespaço e como as aulas de Filosofia ajudaram a lidar com eles?

19. Como a Filosofia contribuiu para que você desenvolvesse uma visão crítica sobre as informações e conteúdos encontrados online?

20. Você acredita que as discussões filosóficas sobre o ciberespaço ajudam a construir um comportamento mais ético online?

- Sim
 Não
 Em partes

21. O que você é no real, é o mesmo que mostra ser no virtual?

- Sim
 Não
 Em partes

22. Você já passou por alguma situação embaraçosa devido ao compartilhamento de fotos em ambientes virtuais?

- Sim
 Não
 Em partes

23. Você já quis mudar algo em você por influência digital?

- Sim

- Não
 Em partes

24. Sobre sua saúde mental com relação as suas vivências em ambientes virtuais, já desenvolveu algum transtorno, como por exemplo depressão, ansiedade?

- Sim
 Não
 Em partes

25. Você acha que o ensino de Filosofia deveria incluir mais conteúdos sobre o ciberespaço? Por quê?

26. De que maneira as discussões filosóficas em sala de aula têm contribuído com a forma que se comporta online?

27. A professora de Filosofia tem integrado o ciberespaço nas aulas?

- Sim
 Não
 Em partes

28. Caso a resposta seja sim ou em partes sobre a integração dos conteúdos de Filosofia com o ciberespaço, pode citar alguma atividade ou discussão específica?

29. Você sente que há uma conexão clara entre os conceitos filosóficos ensinados e suas vivências digitais? Por favor, explique.

30. Que sugestões você daria a professora para melhorar a integração entre o Ensino de Filosofia e as experiências no ciberespaço?

31. Como você percebe a importância da Filosofia no entendimento das novas tecnologias e do ciberespaço?

- De forma excelente
 Muito bom
 Bom
 Razoável
 Pouco contribui
 Nada contribui

Obrigada pela sua participação!!

APÊNDICE G – SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1– ÉTICA E MORAL: AULA 1 E 2

Escola: Colégio Estadual Antônio Geraldo
 Componente curricular: Filosofia
 Professora: Luana Oliveira
 Série: 2º Ano / Ensino Médio / 2024



Planejamento

Período	Aula 1- Conteúdo e Atividade Programada	Aula 2- Conteúdo e Atividade Programada
Julho e Agosto/2024 2 Encontros	<i>Ética e Moral: direitos e deveres</i> Os(as) estudantes em grupo, deverão criar um código de conduta que estabeleça princípios éticos e diretrizes para uma identidade digital responsável.	<i>Ética e Moral: e as políticas de privacidade.</i> Os(as) estudantes em grupo, deverão criar e uma campanha visual de conscientização sobre privacidade e ética digital.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

_____. **A ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

KANT, Immanuel. **A Metafísica dos Costumes**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013. Rawls, John. "Uma Teoria da Justiça."

LOVETT, Frank. **Uma teoria da justiça, de John Rawls**. Porto Alegre: Penso, 2013, 136 p.

Nissenbaum, Helen. **"Privacy in Context: Technology, Policy, and the Integrity of Social Life."** Palo Alto: Stanford University Press, 2010.

APÊNDICE H – SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1 - PLANO DE AULA 1

Escola Pública de Ensino Médio da Rede Estadual da Bahia	
Componente curricular: Filosofia	
Professora: Luana Oliveira	
Série: 2º Ano / Ensino Médio\ 2024	Data: ____/07/ 2024
Ética e Moral – Direitos, Deveres e as Políticas de Privacidade	
<p>Este plano de aula está baseado nas teorias de Ética de Immanuel Kant, que enfatiza a importância do dever e dos princípios universais, na teoria da Justiça de John Rawls, que aborda a equidade e os direitos. Também consideraremos a teoria da privacidade de Helen Nissenbaum, que discute a contextualização da privacidade nas práticas sociais e as noções de modernidade líquida de Bauman.</p>	
<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreender os conceitos de ética e moral aplicados ao cotidiano e ao meio digital. - Reconhecer a importância das políticas de privacidade na proteção dos dados pessoais. - Refletir sobre os desafios éticos diante da modernidade líquida e das interações digitais. 	
<p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ética e moral: fundamentos filosóficos - Princípios de justiça e dever - Privacidade e proteção de dados - Modernidade líquida e ética digital 	
<p>Possibilidades Didáticas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Exposição dialogada: <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos conceitos de ética e moral com base em Immanuel Kant e John Rawls. • Discussão sobre privacidade digital (inspirada em Helen Nissenbaum) e a sociedade líquida (Bauman). 2. Atividade em grupo: <ul style="list-style-type: none"> • Distribuição de políticas de privacidade de plataformas digitais. • Leitura e análise crítica em grupo: identificação dos principais pontos e lacunas de proteção ao usuário. • Elaboração de um Código de Conduta Ética Digital, contendo princípios e orientações para uma atuação responsável no ciberespaço. 	
<p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Participação no debate e nas discussões em grupo. - Clareza, coerência e criatividade na elaboração do código de conduta. 	

Recursos:

- Quadro branco
- Marcadores
- Computador, tablets E celulares
- Projetor multimídia
- Exemplos de políticas de privacidade de websites populares
- Materiais para cartazes (cartolinas, pincéis, tintas, cola, fita adesiva, tesoura, canetas coloridas)

Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

_____. **A ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

KANT, Immanuel. **A Metafísica dos Costumes**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.

LOVETT, Frank. **Uma teoria da justiça, de John Rawls**. Porto Alegre: Penso, 2013, 136 p.

Nissenbaum, Helen. **"Privacy in Context: Technology, Policy, and the Integrity of Social Life."** Palo Alto: Stanford University Press, 2010.

APÊNDICE I – SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1 - PLANO DE AULA 2

Escola Pública de Ensino Médio da Rede Estadual da Bahia	
Componente curricular: Filosofia	
Professora: Luana Oliveira	
Série: 2º Ano / Ensino Médio / 2024	Data: ____/07/ 2024
Ética e Moral – Direitos, Deveres e as Políticas de Privacidade	
<p>Este plano de aula está baseado nas teorias de Ética de Immanuel Kant, que enfatiza a importância do dever e dos princípios universais, na teoria da Justiça de John Rawls, que aborda a equidade e os direitos. Também consideraremos a teoria da privacidade de Helen Nissenbaum, que discute a contextualização da privacidade nas práticas sociais e as noções de modernidade líquida de Bauman.</p>	
<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Discutir os direitos e deveres no ciberespaço. - Incentivar o pensamento crítico e criativo sobre ética digital. - Produzir uma campanha educativa sobre privacidade e conduta online. 	
<p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Direitos e deveres no ambiente digital - Políticas de privacidade e suas implicações sociais - A cidadania na era digital 	
<p>Possibilidades Didáticas:</p> <p>1. Discussão orientada:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Perguntas disparadoras: <ul style="list-style-type: none"> “Quais são nossos direitos e deveres no ciberespaço? ” “Como as políticas de privacidade influenciam nossas vidas digitais? ” <p>2. Oficina criativa em grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Criação de campanhas visuais de conscientização sobre ética e privacidade digital. • Produção de cartazes, vídeos ou apresentações. • Incentivo ao uso de mídias diversas (visuais e digitais). • Exposição dos materiais na escola como parte de uma mostra educativa. 	
<p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Engajamento na produção da campanha. - Qualidade visual e argumentativa das campanhas. - Clareza da mensagem ética transmitida. 	

Recursos:

- Quadro branco
- Marcadores
- Computador, tablets E celulares
- Projetor multimídia
- Exemplos de políticas de privacidade de websites populares
- Materiais para cartazes (cartolinas, pincéis, tintas, cola, fita adesiva, tesoura, canetas coloridas)

Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

_____. **A ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

KANT, Immanuel. **A Metafísica dos Costumes**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.

LOVETT, Frank. **Uma teoria da justiça, de John Rawls**. Porto Alegre: Penso, 2013, 136 p.

Nissenbaum, Helen. **"Privacy in Context: Technology, Policy, and the Integrity of Social Life."** Palo Alto: Stanford University Press, 2010.

APÊNDICE J – SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2 – ESTÉTICA: AULA 3 E 4

Escola: Colégio Estadual Antônio Geraldo
 Componente curricular: Filosofia
 Professora: Luana Oliveira
 Série: 3º Ano / Ensino Médio / 2024



Planejamento

Período	Aula 3 - Conteúdo e Atividade Programada	Aula 4 - Conteúdo e Atividade Programada
Agosto/2024 2 encontros	<p>A Estética no Ciberespaço: Explorando o Ser e o Que Parece Ser. A Estética no Ciberespaço: Convergência entre o mundo real e o mundo virtual.</p> <p>Atividade em Grupo: os (as) estudantes serão convidados a formar grupos e desenvolver uma atividade programada, na qual, os (as) estudantes deverão escolher um ambiente digital, observarem a estética, refletirem sobre a influência e os impactos para as pessoas, em seguida, a partir das discussões em sala, deverão produzir uma charge, ilustrando a percepção deles sobre a Estética no ciberespaço.</p>	<p>A influência dos meios digitais na percepção e identidade; Os Desafios e oportunidades sobre a estética no ciberespaço.</p> <p>Em seguida, deverão produzir respostas para cada um dos três questionamentos, a ser entregue no final da aula.</p>

REFERÊNCIAS

Deleuze, G. (1996). **O atual e o virtual**. In E. Alliez, Filosofia virtual (E. B. S. Rocha, trad., pp. 47-58). São Paulo, SP: Editora 34.

Lévy, P. (1996). **O que é o virtual** (P. Neves, trad.). São Paulo, SP: Editora 34.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1980

MARTINS, Maurício Vieira. **Bourdieu e o fenômeno estético: ganhos e limites de seu conceito de campo literário**, Rio de Janeiro, Brazil SCImago image. Rev. bras. Ci. Soc. 19 (56). out 2004 • <https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000300005>. Acessado em 23 de out. de 2023.

Sodré, M. (2013). **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede** (8a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

APÊNDICE K – SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2 – PLANO DE AULA 3

Escola Pública de Ensino Médio da Rede Estadual da Bahia	
Componente curricular: Filosofia	
Professora: Luana Oliveira	
Série: 2º Ano / Ensino Médio / 2024	Data: ____/07/ 2024
A Estética no Ciberespaço - Explorando o Ser e o Que Parece Ser Convergência entre o Mundo Real e o Mundo Virtual	
<p>Este plano de aula está baseado nas teorias de Kant que discuta a relação entre razão, percepção e estética; Martins abordando o conceito de campo literário e sua aplicação na estética digital; Deleuze, explicando a distinção entre o atual e o virtual e sua relevância no ciberespaço; Lévy ao introduzir a cibercultura e a ideia de virtualidade e suas implicações estéticas, e Sodré na análise da teoria da comunicação e a convergência entre real e virtual.</p>	
<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreender os conceitos de estética filosófica e sua aplicação no contexto digital. - Discutir a relação entre o “ser” e o “parecer ser” no ciberespaço. - Refletir sobre como as estéticas digitais moldam a percepção da identidade. 	
<p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estética no ciberespaço - Identidade digital - Filosofia e percepção da imagem 	
<p>Possibilidades Didáticas:</p> <p>1º Momento (Explicação dialogada):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos conceitos filosóficos de estética (Kant), identidade digital (Sodré), cibercultura (Lévy), virtual e real (Deleuze). • Exibição de imagens e vídeos curtos exemplificando perfis digitais idealizados. <p>2º Momento (Atividade em grupo):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estudantes formam grupos e escolhem um ambiente digital (Instagram, TikTok, Twitter, etc.). • Observam e discutem a estética predominante, impactos e influências nas pessoas. • Criam uma charge crítica que represente suas reflexões sobre a estética no ciberespaço. 	
<p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Participação e desenvolvimento das atividades proposta, durante o debate, na qualidade das apresentações e produções, na criatividade e clareza do conteúdo abordado. 	

Recursos:

- Quadro branco
- Marcadores
- Computador, tablets E celulares
- Projetor multimídia
- Exemplos de políticas de privacidade de websites populares
- Materiais para cartazes (cartolinas, pincéis, tintas, cola, fita adesiva, tesoura, canetas coloridas)

Referências

- Deleuze, G. (1996). **O atual e o virtual**. In E. Alliez, Filosofia virtual (E. B. S. Rocha, trad., pp. 47-58). São Paulo, SP: Editora 34.
- Lévy, P. (1996). **O que é o virtual** (P. Neves, trad.). São Paulo, SP: Editora 34.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1980
- MARTINS, Maurício Vieira. **Bourdieu e o fenômeno estético: ganhos e limites de seu conceito de campo literário**, Rio de Janeiro, Brazil SCImago image. Rev. bras. Ci. Soc. 19 (56). out 2004 • <https://doi.org/10.1590/S0102-6909200400030000>. Acessado em 23 de maio de 2024.
- Sodré, M. (2013). **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede** (8a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

APÊNDICE L – SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2 – PLANO DE AULA 4

Escola Pública de Ensino Médio da Rede Estadual da Bahia	
Componente curricular: Filosofia	
Professora: Luana Oliveira	
Série: 2º Ano / Ensino Médio / 2024	Data: ____/07/ 2024
A Estética no Ciberespaço - Explorando o Ser e o Que Parece Ser Convergência entre o Mundo Real e o Mundo Virtual	
<p>Este plano de aula está baseado nas teorias de Kant que discuta a relação entre razão, percepção e estética; Martins abordando o conceito de campo literário e sua aplicação na estética digital; Deleuze, explicando a distinção entre o atual e o virtual e sua relevância no ciberespaço; Lévy ao introduzir a cibercultura e a ideia de virtualidade e suas implicações estéticas, e Sodré na análise da teoria da comunica�o e a convergência entre real e virtual.</p>	
<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Analisar como os meios digitais influenciam a percep�o do real e do virtual. - Refletir sobre como identidades são construídas e representadas online. - Desenvolver pensamento crítico sobre autenticidade no mundo digital. 	
<p>Conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Convergência entre mundo real e virtual - Real x Aparência digital - Constru�o da identidade online 	
<p>Possibilidades Didáticas:</p> <p>1º Momento (Explanac�o dialogada):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre como o virtual altera a percep�o de realidade. • Reflexão filosófica sobre autenticidade, representa�o e ética. <p>2º Momento (Discussão e escrita individual):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Alunos respondem a tr�s perguntas por escrito: <ol style="list-style-type: none"> 1. Como a estética digital molda a percep�o e a identidade? 2. Como os meios digitais influenciam o que � real e o que parece ser? 3. Como as identidades s�o construídas no ciberespaço? • As respostas serão entregues ao final da aula como parte da avalia�o. 	
<p>Avalia�o:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Participa�o e desenvolvimento das atividades proposta, durante o debate, na qualidade das apresenta�es e produ�es, na criatividade e clareza do conteúdo abordado. 	

Recursos:

- Quadro branco
- Marcadores
- Computador, tablets E celulares
- Projetor multimídia
- Exemplos de políticas de privacidade de websites populares
- Materiais para cartazes (cartolinas, pincéis, tintas, cola, fita adesiva, tesoura, canetas coloridas)

Referências

- Deleuze, G. (1996). **O atual e o virtual**. In E. Alliez, Filosofia virtual (E. B. S. Rocha, trad., pp. 47-58). São Paulo, SP: Editora 34.
- Lévy, P. (1996). **O que é o virtual** (P. Neves, trad.). São Paulo, SP: Editora 34.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1980
- MARTINS, Maurício Vieira. **Bourdieu e o fenômeno estético: ganhos e limites de seu conceito de campo literário**, Rio de Janeiro, Brazil SCImago image. Rev. bras. Ci. Soc. 19 (56). out 2004 • <https://doi.org/10.1590/S0102-6909200400030000>. Acessado em 23 de maio de 2024.
- Sodré, M. (2013). **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede** (8a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

APÊNDICE M – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS**Temática****Data:****Horário:****Quantidade de estudantes:****Descrição da aula -**

**APÊNDICE N – PROTOCOLO DE REGISTRO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2,
ESPAÇO PARA O DESENVOLVIMENTOS DA ATIVIDADE PROGRAMADA 1:
PRODUÇÃO DE CHARGE.**



**APÊNDICE O – PROTOCOLO DE REGISTRO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2,
ATIVIDADE PROGRAMADA 2: QUESTÕES DISCURSIVAS.**



“Como a estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço?”

“Como os meios digitais influenciam nossa percepção do que é real e do que parece ser?”

“De que forma as identidades são construídas e apresentadas no ciberespaço?”

APÊNDICE P – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS**Temática**

Dia de apresentação da temática de pesquisa e entrega aos(as) estudantes dos termos de consentimento livre e esclarecido – TCLE e assentimento livre e esclarecido – TALE.

Data: 10/07/2024**Horário: 13h30****Quantidade de estudantes: 26****Descrição da aula – Turma do Z**

Ao iniciar a aula, cumprimentei os(as) presentes e informei sobre a programação. O primeiro ponto de pauta, foi a apresentação da temática da pesquisa aos(às) estudantes, expondo a relevância, os objetivos, os procedimentos envolvidos e a justificativa. Em seguida, questionei os(às) estudantes se tinham interesse em participar da pesquisa. Aqueles que manifestaram interesse, receberam os termos de consentimento (TALE) para assinar e para os(as) estudantes menores de idade, também foi entregue o termo de assentimento (TCLE) para autorização dos seus responsáveis.

Foi solicitado que os(as) estudantes, trouxessem os termos devidamente assinados na aula seguinte, a fim de que pudéssemos iniciar o processo de levantamento de dados da pesquisa. Este procedimento é essencial para garantir a participação voluntária e informada dos(as) estudantes, bem como a conformidade ética da pesquisa.

APÊNDICE Q – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS**Temática**

Dia de apresentação da temática de pesquisa e entrega aos(as) estudantes dos termos de consentimento livre e esclarecido – TCLE e assentimento livre e esclarecido – TALE.

Data: 10/07/2024**Horário: 9h10****Quantidade de estudantes: 40****Descrição da aula – Turma do Y**

Ao iniciar a aula, cumprimentei os(as) presentes e informei sobre a programação. O primeiro ponto de pauta, foi a apresentação da temática da pesquisa aos(às) estudantes, expondo a relevância, os objetivos, os procedimentos envolvidos e a justificativa. Em seguida, questionei os(às) estudantes se tinham interesse em participar da pesquisa. Aqueles que manifestaram interesse, receberam os termos de consentimento (TALE) para assinar e para os(as) estudantes menores de idade, também foi entregue o termo de assentimento (TCLE) para autorização dos seus responsáveis.

Foi solicitado que os(as) estudantes, trouxessem os termos devidamente assinados na aula seguinte, a fim de que pudéssemos iniciar o processo de levantamento de dados da pesquisa. Este procedimento é essencial para garantir a participação voluntária e informada dos(as) estudantes, bem como a conformidade ética da pesquisa.

APÊNDICE R – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS



Temática		
Aplicação da primeira sequência didática – Ética e Moral – Direitos, Deveres e Políticas de Privacidade. (Aula 1)		
Data: 11/07/2024	Horário: 7h30	Quantidade de estudantes: 42
Descrição da aula – Turma do Y		
<p>Ao iniciar a aula, cumprimentei os presentes e informei sobre a pauta da aula, a qual seria dividida em dois momentos. As aulas foram estruturadas para explorar conceitos de ética e moral por meio das teorias de Immanuel Kant, John Rawls, Helen Nissenbaum e Zygmunt Bauman, conectando esses princípios às vivências dos estudantes no ciberespaço. A abordagem envolveu uma mistura de apresentações teóricas, debates em grupo e atividades práticas, com o objetivo de facilitar a compreensão dos conceitos filosóficos e sua aplicação no contexto digital.</p> <p>No primeiro uma explanação dialogada e no segundo momento desenvolvimento de uma atividade programada. Na exploração dialogada, a introdução das teorias começou com a ética deontológica de Kant, que propõe o imperativo categórico como um princípio universal para orientar ações. A teoria da justiça de Rawls foi abordada em seguida, com ênfase no "véu da ignorância" e na justiça como equidade, destacando-se a importância de garantir a igualdade de oportunidades no ambiente digital. A contextualidade da privacidade, segundo Nissenbaum, também foi discutida, levando em conta as diferentes normas de privacidade das plataformas online. Bauman, por sua vez, foi introduzido para explicar a "modernidade líquida", onde as normas éticas são fluidas e desativam adaptação constante no ciberespaço.</p> <p>No segundo momento, no intuito de promover uma aprendizagem prática, os estudantes foram organizados em grupos para analisar políticas de privacidade de diferentes plataformas digitais. Cada grupo recebeu citações dessas políticas e foi orientado a identificar como elas abordam a proteção de dados pessoais dos usuários. Essa análise serviu como base para o desenvolvimento de um código de conduta ética digital, com diretrizes direcionadas para a privacidade, respeito mútuo e comportamento justo online. Essa atividade estimulou o pensamento crítico e permitiu uma reflexão profunda sobre como os conceitos de justiça, dever e privacidade se manifestam no mundo digital.</p> <p>Os debates em sala de aula proporcionaram um espaço para que os estudantes pudessem expressar suas opiniões sobre dilemas éticos vivenciados no ciberespaço. Questões como a responsabilidade moral dos influenciadores digitais e a visibilidade pública das ações online foram</p>		

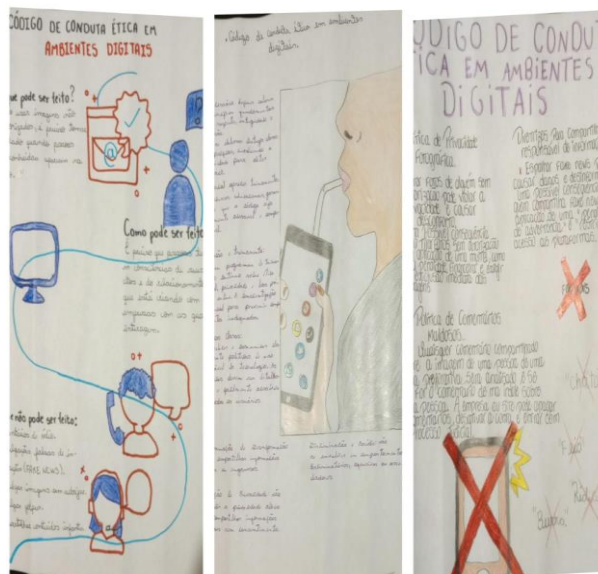
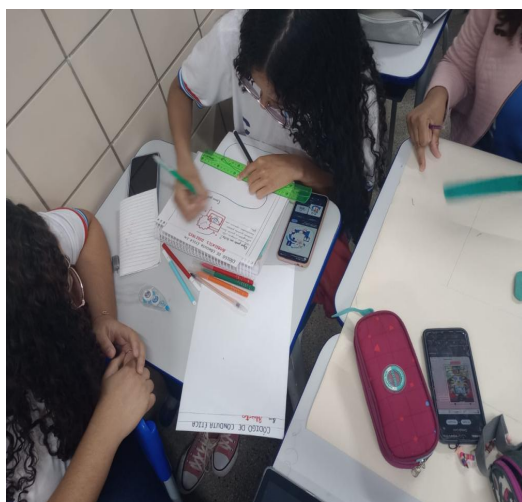
amplamente discutidas. Esses diálogos não apenas fortaleceram a compreensão das teorias filosóficas, mas também facilitaram a aplicação dos conceitos à vida digital dos estudantes, evidenciando a convergência entre o mundo real e o virtual.

Durante a explanação dialogada e os debates, observei que os(as) estudantes estavam bastante engajados e demonstraram compreensão dos conceitos discutidos, dialogavam comigo e entre si sobre os pontos apresentados, alguns relataram fatos e situações que ocorreram com eles(as) mesmo(as) que corroboravam com a temática discutida. Houve uma participação ativa e colaborativa, com cada grupo debatendo sobre as políticas de privacidade. Alguns grupos levantaram questões pertinentes sobre a transparência e a acessibilidade dessas políticas, enquanto outros discutiram as implicações éticas e os desafios de implementá-las de maneira justa e eficaz. Quanto a organização dos grupos, os(as) próprios(as) estudantes se organizaram e seguiram o critério de afinidades, não determinei o número de participantes, no entanto os grupos formados ficaram com números entre 4 e 5 participantes. No final da aula, foram-me entregues as produções em folha de ofício.

Ao final das atividades, os resultados indicaram uma boa compreensão dos conceitos filosóficos e sua aplicação no ciberespaço, especialmente em relação à ética kantiana e à justiça de Rawls, que ressoaram com os dilemas vívidos pelos estudantes. A análise dos dados produzidos nas discussões e nas atividades sugeriu que, embora as normas éticas no ciberespaço sejam mais flexíveis, os estudantes buscam manter uma moralidade coerente e adaptativa, alinhada aos desafios da modernidade líquida proposta por Bauman.

Essa estratégia de levantamento de dados, combinando teoria, prática e debate, demonstrou ser eficaz para explorar a ética digital, ao contribuir para uma formação mais crítica e consciente dos(as) estudantes em relação às suas ações no mundo virtual. A abordagem enfatizou a importância de integrar a educação ética ao cotidiano digital, preparando os(as) jovens para navegar com responsabilidade em um ambiente em constante transformação.

Segue a ilustração do momento de construção e finalização dos Códigos e conduta.



APÊNDICE S – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS



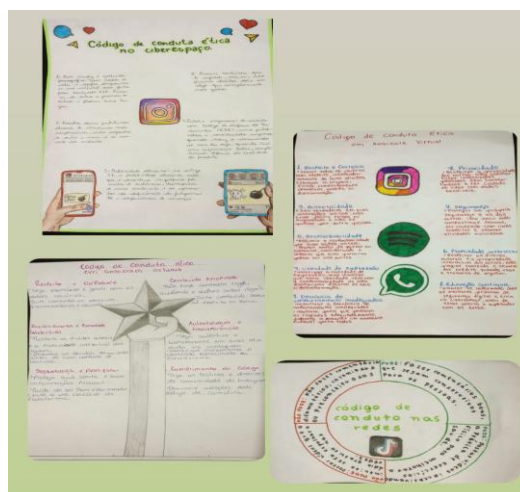
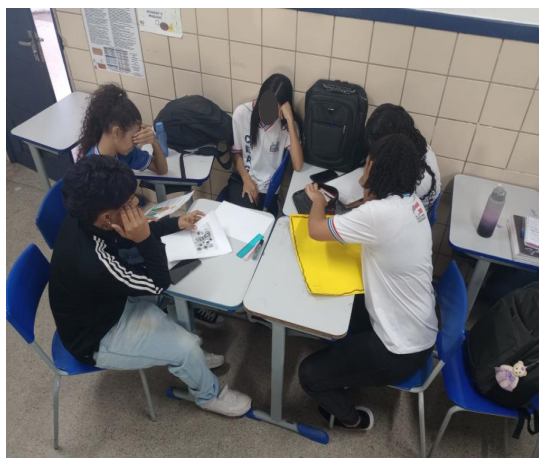
Temática		
Aplicação da primeira sequência didática – Ética e Moral – Direitos, Deveres e Políticas de Privacidade. (Aula 1)		
Data: 16/07/2024	Horário: 13h30	Quantidade de estudantes: 28
Descrição da aula – Turma Z		
<p>Ao iniciar a aula, cumprimentei os presentes e informei sobre a pauta da aula, a qual seria dividida em dois momentos. As aulas foram estruturadas para explorar conceitos de ética e moral por meio das teorias de Immanuel Kant, John Rawls, Helen Nissenbaum e Zygmunt Bauman, conectando esses princípios às vivências dos estudantes no ciberespaço. A abordagem envolveu uma mistura de apresentações teóricas, debates em grupo e atividades práticas, com o objetivo de facilitar a compreensão dos conceitos filosóficos e sua aplicação no contexto digital.</p> <p>No primeiro uma explanação dialogada e no segundo momento desenvolvimento de uma atividade programada. Na exploração dialogada, a introdução das teorias começou com a ética deontológica de Kant, que propõe o imperativo categórico como um princípio universal para orientar ações. A teoria da justiça de Rawls foi abordada em seguida, com ênfase no "véu da ignorância" e na justiça como equidade, destacando-se a importância de garantir a igualdade de oportunidades no ambiente digital. A contextualidade da privacidade, segundo Nissenbaum, também foi discutida, levando em conta as diferentes normas de privacidade das plataformas online. Bauman, por sua vez, foi introduzido para explicar a "modernidade líquida", onde as normas éticas são fluidas e desativam adaptação constante no ciberespaço.</p> <p>No segundo momento, no intuito de promover uma aprendizagem prática, os estudantes foram organizados em grupos para analisar políticas de privacidade de diferentes plataformas digitais. Cada grupo recebeu citações dessas políticas e foi orientado a identificar como elas abordam a proteção de dados pessoais dos usuários. Essa análise serviu como base para o desenvolvimento de um código de conduta ética digital, com diretrizes direcionadas para a privacidade, respeito mútuo e comportamento justo online. Essa atividade estimulou o pensamento crítico e permitiu uma reflexão profunda sobre como os conceitos de justiça, dever e privacidade se manifestam no mundo digital.</p> <p>Os debates em sala de aula proporcionaram um espaço para que os estudantes pudessem expressar suas opiniões sobre dilemas éticos vivenciados no ciberespaço. Questões como a responsabilidade moral dos influenciadores digitais e a visibilidade pública das ações online foram amplamente discutidas. Esses diálogos não apenas fortaleceram a compreensão das teorias filosóficas, mas também facilitaram a aplicação dos conceitos à vida digital dos estudantes, evidenciando a convergência entre o mundo real e o virtual.</p>		

Durante a explanação dialogada, observei que no início alguns(as) estudantes não estavam engajados, uma parte deles(as) demonstraram interesse na temática proposta, outros continuavam mexendo em seus celulares, apáticos aos estímulos externos. Durante a explanação poucos dialogaram comigo. Aos poucos consegui que mais alguns prestassem atenção e ao final da aula, através de relatos orais pude constatar a compreensão dos conceitos discutidos. Essa turma em relação a turma do matutino, possui uma quantidade menor de estudantes matriculados e menor ainda a quantidade de estudantes frequentantes, que se distribuem de forma a ficarem meio isolados, no espaço da sala de aula, ficando distantes uns dos outros. Apenas um estudante relatou fatos e situações que ocorreram com ele mesmo que corroboraram com a temática discutida. Durante o desenvolvimento do estudo de caso, observei uma maior participação nos grupos, dialogando entre si sobre as políticas de privacidade. Quanto a organização dos grupos, os(as) próprios(as) estudantes se organizaram e seguiram o critério de afinidades, não determinei o número de participantes, no entanto os grupos formados ficaram com números entre 4 e 6 participantes. No final da aula, foram-me entregues as produções em folha de ofício.

Ao final das atividades, os resultados indicaram uma boa compreensão dos conceitos filosóficos e sua aplicação no ciberespaço, especialmente em relação à ética kantiana e à justiça de Rawls, que ressoaram com os dilemas vívidos pelos estudantes. A análise dos dados produzidos nas discussões e nas atividades sugeriu que, embora as normas éticas no ciberespaço sejam mais flexíveis, os estudantes buscam manter uma moralidade coerente e adaptativa, alinhada aos desafios da modernidade líquida proposta por Bauman.

Essa estratégia de levantamento de dados, combinando teoria, prática e debate, demonstrou ser eficaz para explorar a ética digital, ao contribuir para uma formação mais crítica e consciente dos(as) estudantes em relação às suas ações no mundo virtual. A abordagem enfatizou a importância de integrar a educação ética ao cotidiano digital, preparando os(as) jovens para navegar com responsabilidade em um ambiente em constante transformação.

Segue a ilustração do momento de construção e finalização dos Códigos e conduta.



APÊNDICE T – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS



Temática

Aplicação da primeira sequência didática – Ética e Moral – Direitos, Deveres e Políticas de Privacidade. (Aula 2)

Data: 17/07/2024

Horário: 8h20

Quantidade de estudantes: 43

Descrição da aula – Turma do Y

Ao iniciar a aula, cumprimentei os(as) presentes com entusiasmo e informei sobre a pauta do dia, destacando que a aula seria dividida em dois momentos. Começamos com uma breve revisão do conteúdo abordado na aula anterior, que foi fundamental para relembrar os principais conceitos de ética e moral no ciberespaço. Em seguida, iniciei uma explicação dialogada, incentivando os(as) estudantes a participarem ativamente da discussão sobre os direitos e deveres dos indivíduos no ciberespaço.

As questões centrais que guiaram a discussão foram: "Quais são os direitos e deveres dos indivíduos no ciberespaço?" E "Como as políticas de privacidade influenciam nossa vida digital? ". Essas reflexões foram contextualizadas a partir das teorias de filósofos renomados, como Immanuel Kant, John Rawls, Helen Nissenbaum e Zygmunt Bauman, trazendo uma perspectiva ética para o contexto das interações digitais. A proposta foi aplicar os conceitos filosóficos de forma prática, observando como a ética kantiana pode ser refletida na honestidade online, como a justiça rawlsiana busca um ciberespaço mais equitativo, e como a privacidade contextual de Nissenbaum se adapta às normas de cada plataforma digital. Bauman, por sua vez, ofereceu uma base para entender a fluidez e a instabilidade das relações digitais, ressaltando a necessidade de adaptação ética.

No segundo momento da aula, partimos para uma atividade prática programada: a produção de uma campanha visual de conscientização sobre privacidade e ética digital. A proposta de campanha foi diversificada, incentivando os estudantes a usarem sua criatividade em cartazes, apresentações visuais ou vídeos curtos. A ideia era explorar a ética digital de maneira visual e impactante, utilizando diferentes mídias para comunicar mensagens sobre comportamento ético no ciberespaço.

Para a criação e confecção da campanha, disponibilizei todos os materiais necessários: papéis variados, pincéis, tintas, marcadores, tesouras, cola, fita adesiva e régua. Os(as) estudantes foram muito receptivos e produtivos, demonstrando grande engajamento tanto na fase de explicação quanto na produção. Durante a organização dos grupos, deixei que os(as) próprios(as) estudantes se agrupassem com base em afinidades, com número diverso de participantes. Os grupos se formaram naturalmente, com quatro a seis membros cada.

Enquanto os(as) estudantes trabalhavam em suas campanhas, percebi que o ambiente estava marcado por uma intensa colaboração e troca de ideias, o que refletia o engajamento e a compreensão dos conceitos filosóficos discutidos. As produções finais foram entregues e planeja-se que elas sejam expostas em ambientes coletivos da escola, ampliando a discussão sobre privacidade e ética digital para toda a comunidade escolar.

A imagem abaixo ilustra um momento de produção durante a atividade, destacando o envolvimento e a criatividade dos estudantes ao desenvolver suas campanhas visuais. Essa abordagem prática reforçou a conexão entre a teoria filosófica e a aplicação real dos conceitos, promovendo uma cidadania digital mais ética e consciente.



APÊNDICE U – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS



Temática		
Aplicação da primeira sequência didática – Ética e Moral – Direitos, Deveres e Políticas de Privacidade. (Aula 2)		
Data: 17/07/2024	Horário: 13h30	Quantidade de estudantes: 28
Descrição da aula – Turma Z		
<p>Ao iniciar a aula, cumprimentei os(as) presentes e apresentei a pauta do dia, destacando que a aula seria dividida em dois momentos. Iniciamos com uma breve revisão do conteúdo apresentado na aula anterior, reforçando conceitos de ética e moral, especialmente no contexto do ciberespaço. A revisão permitiu retomar pontos importantes e preparar o terreno para o debate mais aprofundado que viria a seguir.</p> <p>Em seguida, passei para a explicação dialogada, que foi o ponto central do primeiro momento da aula. Nessa etapa, promovemos uma discussão sobre os direitos e deveres no ciberespaço, com duas perguntas principais norteando o diálogo: "Quais são os direitos e deveres dos indivíduos no ciberespaço?" e "Como as políticas de privacidade influenciam nossa vida digital?". Utilizei as teorias de Immanuel Kant, John Rawls, Helen Nissenbaum e Zygmunt Bauman para guiar a discussão, conectando as ideias filosóficas à realidade digital dos estudantes.</p> <p>A ética kantiana foi abordada em relação ao respeito à privacidade e à honestidade online, enquanto a teoria da justiça de Rawls trouxe à tona discussões sobre igualdade e justiça nas plataformas digitais. Nissenbaum nos ajudou a entender como a privacidade é contextual e adaptativa em diferentes plataformas, enquanto Bauman ofereceu uma perspectiva sobre a modernidade líquida, destacando a necessidade de uma ética flexível e adaptável no ciberespaço. O engajamento dos(as) estudantes durante essa explicação foi esmagador e mais evidente em comparação com a aula anterior. Alguns grupos se destacaram pela produtividade e envolvimento tanto na fase teórica quanto nas discussões práticas, enquanto outros precisaram que eu chamasse a atenção dos(as) mesmos(as) para se manterem engajados e se concentrassem na execução da atividade.</p> <p>No segundo momento da aula, passei para a atividade prática programada, que consistiu na criação de uma campanha visual de conscientização sobre privacidade e ética digital. O objetivo era permitir que os(as) estudantes aplicassem os conceitos propostos de maneira criativa e visual, por meio de cartazes, apresentações ou vídeos curtos. A ideia era utilizar diferentes meios de comunicação para transmitir mensagens de conscientização sobre comportamentos éticos no</p>		

ciberespaço. Os(as) próprios(as) estudantes se organizaram em grupos, e seguiram o critério de afinidade, como resultado obtivemos grupos com quatro a cinco participantes. Essa liberdade de escolha favorece a colaboração e a interação entre os integrantes de cada grupo.

Percebi que, embora houvesse variações no nível de envolvimento entre os grupos, a maioria demonstrava criatividade e comprometimento ao produzir suas campanhas. No final da aula, todos os materiais foram entregues e planejamos expor as produções em ambientes coletivos da escola para compartilhar a mensagem de ética digital com toda a comunidade escolar.

A seguir, apresento alguns registros de imagem que ilustram o momento de produção da campanha visual, evidenciando o trabalho colaborativo e a aplicação prática dos conceitos filosóficos envolvidos em sala. A experiência reforçou a importância de conectar teoria e prática, preparando os (as) estudantes para uma cidadania digital mais ética e consciente.



APÊNDICE V – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS

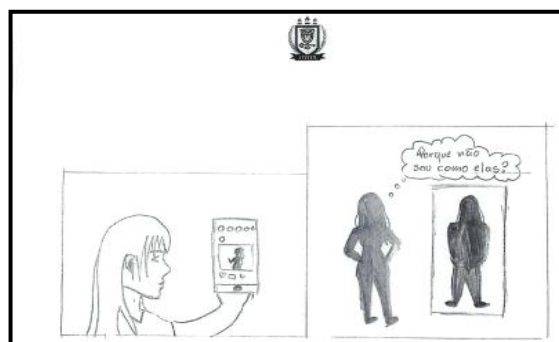
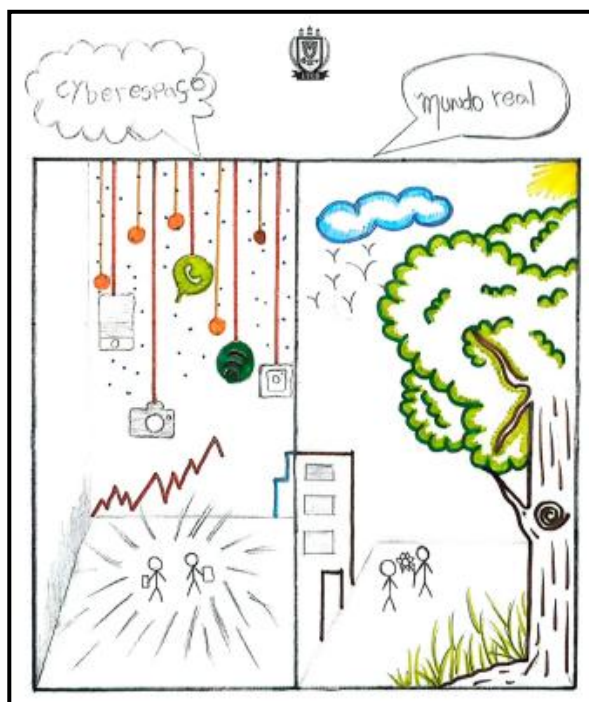


Temática		
Aplicação da segunda sequência didática – A Estética no ciberespaço – Explorando o ser e o que parece ser. Convergência entre o mundo real e o mundo virtual. (Aula 3)		
Data: 18/07/2024	Horário: 7h30	Quantidade de estudantes: 43
Descrição da aula – Turma do Y		
<p>Ao iniciar a aula, cumprimentei os(as) presentes e introduzi uma pauta do dia, que seria dividida em dois momentos cuidadosamente planejados para mergulhar nos conceitos de Estética Filosófica e suas interações com o ciberespaço. O objetivo era levar os(as) estudantes a refletirem sobre a relação entre o ser e o que parece ser a construção da identidade digital, baseando-se nas teorias de Kant, Martins, Deleuze, Lévy e Sodré. A abordagem combinava explicações orais ricas em referências teóricas, debates envolventes e uma atividade prática destinada a conectar as teorias discutidas às vivências dos(as) estudantes no ambiente digital.</p> <p>A primeira parte da aula foi dedicada à exposição dialogada, focando na compreensão dos conceitos de estética e na análise de como esses se aplicam ao ciberespaço. Nesse contexto, revisitamos a estética filosófica, cujas raízes se encontram nos pensamentos de Platão, Aristóteles e Kant, e discutimos suas nuances e implicações na era digital. A importância da Estética Filosófica foi explorada sob uma nova ótica: como ela se manifesta no ciberespaço, um ambiente onde as fronteiras entre o ser e o parecer se confunde e onde as percepções do "belo" e da "identidade" são constantemente desafiadas. A aula proporcionou uma análise da diferença entre ser e parecer no mundo virtual, por meio da apresentação de imagens e vídeos que exemplificavam distorções de realidades e a construção de identidades idealizadas.</p> <p>A era digital trouxe novas formas de expressão artística e revolucionou nossa maneira de pensar a estética. Os(as) estudantes foram levados(as) a uma reflexão sobre como as teorias estéticas clássicas se conectam à realidade virtual e influenciam a produção artística e a percepção da beleza. Discutimos como o ciberespaço amplia a compreensão do "belo em si" e do "belo relativo" de Platão, o que permitiu a criação de identidades virtuais que muitas vezes busca se adequar às expectativas sociais. O debate em sala foi intenso e provocativo; os(as) estudantes compartilharam experiências pessoais nas quais se sentiram enganadas(as) por imagens manipuladas, julgadas(as) pelas aparências ou envergonhados(as) por não responderem às projeções idealizadas.</p> <p>No segundo momento da aula, os(as) estudantes foram desafiados(as) a aplicar seus aprendizados em uma atividade prática: a produção de uma carga que ilustrasse a percepção</p>		

deles(as) sobre a Estética no ciberespaço. Divididos(as) em grupos, eles(as) escolheram diferentes ambientes digitais para observar e refletir sobre a estética presente, discutiram os impactos dessas percepções em suas próprias vidas e na sociedade em geral. Em seguida, deveriam criar uma carga que representasse essas reflexões. Para isso, disponibilizei materiais variados, como folhas de papel A4, pincéis, tintas, lápis de cor, fita adesiva e régua, incentivando a criatividade e a expressão artística dos(as) estudantes.

Durante a explicação dialogada e as apresentações dos vídeos e imagens, os(as) estudantes demonstraram grande familiaridade com os temas envolvidos e envolvidos com comentários perspicazes e relatos pessoais que enriqueceram a discussão. A diversão foi tão grande que, apesar do tempo dedicado, a produção das cargas não pôde ser concluída em sala. Assim, os(as) estudantes realizaram as atividades para finalizar e entregar posteriormente.

As aulas e atividades programadas levaram os(as) estudantes a uma profunda reflexão sobre a relação entre o ser e o que parece ser, confrontando as noções tradicionais de identidade com a fluidez e complexidade do mundo digital. Analisando imagens, vídeos e exemplos práticos no ciberespaço, eles(as) puderam explorar a importância da estética filosófica, a diferença entre ser e parecer e os impactos dos meios digitais na construção da identidade, tornando-se mais conscientes e críticos(as) em relação às suas interações e percepções no ambiente online.



APÊNDICE W – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS

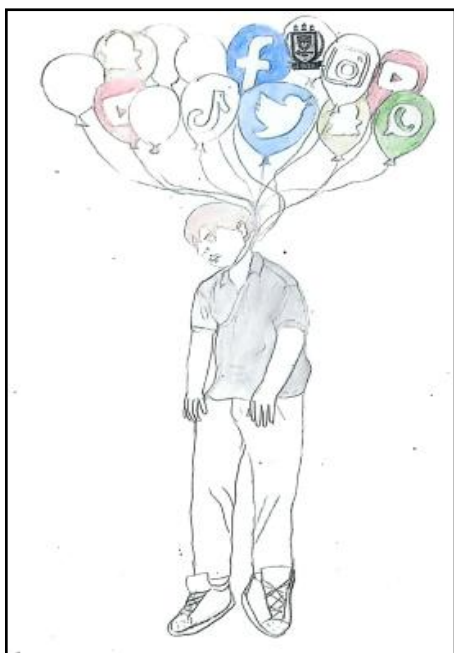


Temática		
Aplicação da segunda sequência didática – A Estética no ciberespaço – Explorando o ser e o que parece ser. Convergência entre o mundo real e o mundo virtual. (Aula 3)		
Data: 23/07/2024	Horário: 13h30	Quantidade de estudantes: 27
Descrição da aula – Turma Z		
<p>Ao iniciar a aula, cumprimentei os(as) presentes e introduzi uma pauta do dia, que seria dividida em dois momentos cuidadosamente planejados para mergulhar nos conceitos de Estética Filosófica e suas interações com o ciberespaço. O objetivo era levar os(as) estudantes a refletirem sobre a relação entre o ser e o que parece ser a construção da identidade digital, baseando-se nas teorias de Kant, Martins, Deleuze, Lévy e Sodré. A abordagem combinava explica�es orais ricas em referências teóricas, debates envolventes e uma atividade prática destinada a conectar as teorias discutidas às vivências dos(as) estudantes no ambiente digital.</p> <p>A primeira parte da aula foi dedicada � exposi�o dialogada, focando na compreensão dos conceitos de estética e na análise de como esses se aplicam ao ciberespaço. Nesse contexto, revisitamos a estética filosófica, cujas raízes se encontram nos pensamentos de Platão, Aristóteles e Kant, e discutimos suas nuances e implica�es na era digital. A importância da Estética Filosófica foi explorada sob uma nova �tica: como ela se manifesta no ciberespaço, um ambiente onde as fronteiras entre o ser e o parecer se confunde e onde as percep�es do "belo" e da "identidade" são constantemente desafiadas. A aula proporcionou uma análise da diferença entre ser e parecer no mundo virtual, por meio da apresenta�o de imagens e vídeos que exemplificavam distor�es de realidades e a constru�o de identidades idealizadas.</p> <p>A era digital trouxe novas formas de expressão artística e revolucionou nossa maneira de pensar a estética. Os(as) estudantes foram levados(as) a uma reflexão sobre como as teorias est�ticas clássicas se conectam � realidade virtual e influenciam a produ�o artística e a percep�o da beleza. Discutimos como o ciberespaço amplia a compreensão do "belo em si" e do "belo relativo" de Platão, o que permitiu a cria�o de identidades virtuais que muitas vezes busca se adequar às expectativas sociais. O debate em sala foi intenso e provocativo; os(as) estudantes compartilharam experiências pessoais nas quais se sentiram enganadas(as) por imagens manipuladas, julgadas(as) pelas aparências ou envergonhados(as) por não responderem às proje�es idealizadas.</p>		

No segundo momento da aula, os(as) estudantes foram desafiados(as) a aplicar seus aprendizados em uma atividade prática: a produção de uma carga que ilustrasse a percepção deles(as) sobre a Estética no ciberespaço. Divididos(as) em grupos, eles(as) escolheram diferentes ambientes digitais para observar e refletir sobre a estética presente, discutiram sobre os impactos dessas percepções em suas próprias vidas e na sociedade em geral. Em seguida, deveriam criar uma carga que representasse essas reflexões. Para isso, disponibilizei materiais variados, como folhas de papel A4, pincéis, tintas, lápis de cor, fita adesiva e régua, incentivando a criatividade e a expressão artística dos(as) estudantes.

Durante a explanação dialogada, observei que os(as) estudantes nesta atividade demonstraram um maior engajamento e familiaridade, com relação a atividade da aula anterior, ao interagir com as discussões propostas, fizeram relatos de situações as quais, eles(as) se sentiram enganados(as), julgados(as) e até envergonhados(as). Durante a apresentação de vídeos e imagens fizeram comentários pertinentes. Sugeriram outros vídeos que abordavam também o assunto. Entretanto, em decorrência do grande número de comentários, não foi possível terminar a produção das charges em sala de aula, os(as) estudantes então, ficaram com as produções para serem finalizadas e entregues posteriormente.

As aulas e as atividades programadas proporcionaram aos(às) estudantes uma reflexão profunda sobre a relação entre o ser e o parecer, desafiando as noções tradicionais de identidade em face da fluidez e da complexidade do mundo digital. Por meio da análise de imagens, vídeos e exemplos práticos no ciberespaço, eles(as) exploraram a importância da estética filosófica, a distinção entre ser e parecer, e os impactos dos meios digitais na construção da identidade. Essa experiência permitiu que os(as) estudantes desenvolvessem uma consciência crítica mais aguçada e uma percepção mais reflexiva em relação às suas interações e às influências que experimentam no ambiente online.



APÊNDICE X – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS



Temática		
Aplicação da segunda sequência didática – A Estética no ciberespaço – Explorando o ser e o que parece ser. Convergência entre o mundo real e o mundo virtual. (Aula 4)		
Data: 24/07/2024	Horário: 7h30	Quantidade de estudantes: 40
Descrição da aula – Turma Y		
<p>Ao iniciar a aula, cumprimentei os(as) presentes e informei sobre a pauta do dia, destacando que o encontro seria dividido em dois momentos distintos. Começamos com uma breve revisão do conteúdo abordado na aula anterior, que revisitou conceitos essenciais como "Estética no ciberespaço e a ideia do ser enquanto ser". Em seguida, comecei uma explicação dialogada, incentivando os(as) estudantes a participarem ativamente na discussão sobre como os meios digitais influenciam a construção da identidade e a percepção de si e do outro.</p> <p>No primeiro momento, a proposta foi aprofundar o entendimento dos(as) estudantes sobre como a estética digital molda a percepção de identidade e realidade, e como essa construção influencia suas vivências no ambiente digital. Durante a exposição dialogada, discutimos sobre a teoria da comunicação de Sodré, que aborda a convergência concluída entre os mundos reais e virtuais, destacando como as tecnologias digitais diluem as fronteiras entre essas duas esferas e criam uma realidade híbrida. Essa perspectiva enfatiza que as interações digitais não são apenas reflexos do mundo físico, mas também espaços independentes que moldam comportamentos e percepções.</p> <p>Deleuze foi introduzido na discussão com sua distinção entre o real e o virtual, um ponto essencial para compreender as dinâmicas no ciberespaço. Ele argumenta que o virtual não é o oposto do real, mas sim um campo que carrega potencialidades de realização e criação de novas realidades. Essa abordagem ajudou os(as) estudantes a refletirem sobre como o ciberespaço se configura como um ambiente onde o "ser" se mistura com as projeções e narrativas idealizadas, influenciando a forma como as pessoas se percebem e são percebidas. A aula trouxe à tona questionamentos sobre como a reprodução de padrões e estéticas virtuais pode afetar a noção de ocorrências e identidade.</p> <p>Martins, por sua vez, contribuiu com a discussão ao destacar o campo literário e sua aplicação estética no ciberespaço. Ele explora como a literatura digital e outras práticas estéticas que emergem nas mídias digitais expandem as possibilidades de expressão e hibridizam formas tradicionais de arte, misturando texto, imagem e interatividade. Essa perspectiva ofereceu uma base para os(as) estudantes compreenderem como a estética digital cria um espaço de diálogo e participação, onde o</p>		

leitor se torna coautor e as fronteiras entre criador e receptor se tornam fluidas.

No segundo momento da aula, os(as) estudantes foram convidados(as) a participar de uma atividade programada que envolve questões subjetivas sobre: “Como a estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço? ”, “Como os meios digitais influenciam nossa percepção do que é real e do que parece ser? ” e “De que forma as identidades são construídas e descrições no ciberespaço?”. Foram desafiados(as) a reflexão sobre a influência da estética digital em suas vidas, considerando as distinções entre o real e o virtual e a convergência entre esses mundos, e representando essas reflexões em uma produção artística. Essa atividade buscou fomentar um olhar crítico e introspectivo, incentivando-os(as) a pensar sobre como a estética e as narrativas digitais moldam suas identidades e percepções, de forma a tornar visível a relação entre o ser autêntico e a imagem projetada no ciberespaço.

Disponibilizei materiais de apoio, como folhas de papel A4 (modelo no apêndice M), lápis, canetas e borrachas, para facilitar a escrita. Durante o momento de reflexão, observei que alguns(as) estudantes enfrentaram dificuldades em expressar suas ideias de forma clara e segura, buscando apoio uns nos outros para formular suas respostas, o que é uma parte natural do processo de aprendizagem e desenvolvimento crítico. Ao final da aula, recebi as produções em folha de ofício, cada uma refletiu o esforço dos(as) estudantes em conectar as teorias exploradas com suas próprias vivências e percepções, evidenciando a relevância da estética digital na construção de suas identidades.

APÊNDICE Y – PROTOCOLO DE REGISTRO DE INFORMAÇÕES OBSERVÁVEIS



Temática		
Aplicação da segunda sequência didática – A Estética no ciberespaço – Explorando o ser e o que parece ser. Convergência entre o mundo real e o mundo virtual. (Aula 4)		
Data: 24/07/2024	Horário: 13h30	Quantidade de estudantes: 29
Descrição da aula – Turma Z		
<p>Ao iniciar a aula, cumprimentei os(as) presentes e informei sobre a pauta do dia, destacando que o encontro seria dividido em dois momentos distintos. Começamos com uma breve revisão do conteúdo abordado na aula anterior, que revisitou conceitos essenciais como "Estética no ciberespaço e a ideia do ser enquanto ser". Em seguida, comecei uma explicação dialogada, incentivando os (as) estudantes a participarem ativamente na discussão sobre como os meios digitais influenciam a construção da identidade e a percepção de si e do outro.</p> <p>No primeiro momento, a proposta foi aprofundar o entendimento dos(as) estudantes sobre como a estética digital molda a percepção de identidade e realidade, e como essa construção influencia suas vivências no ambiente digital. Durante a exposição dialogada, discutiremos sobre a teoria da comunicação de Sodré, que aborda a convergência concluída entre os mundos reais e virtuais, destacando como as tecnologias digitais diluem as fronteiras entre essas duas esferas e criam uma realidade híbrida. Essa perspectiva enfatiza que as interações digitais não são apenas reflexos do mundo físico, mas também espaços independentes que moldam comportamentos e percepções.</p> <p>Deleuze foi introduzido na discussão com sua distinção entre o real e o virtual, um ponto essencial para compreender as dinâmicas no ciberespaço. Ele argumenta que o virtual não é o oposto do real, mas sim um campo que carrega potencialidades de realização e criação de novas realidades. Essa abordagem ajudou os(as) estudantes a refletirem sobre como o ciberespaço se configura como um ambiente onde o "ser" se mistura com as projeções e narrativas idealizadas, influenciando a forma como as pessoas se percebem e são percebidas. A aula trouxe à tona questionamentos sobre como a reprodução de padrões e estéticas virtuais pode afetar a noção de ocorrências e identidade.</p> <p>Martins, por sua vez, contribuiu com a discussão ao destacar o campo literário e sua aplicação estética no ciberespaço. Ele explora como a literatura digital e outras práticas estéticas que emergem nas mídias digitais expandem as possibilidades de expressão e hibridizam formas tradicionais de arte, misturando texto, imagem e interatividade. Essa perspectiva ofereceu uma base para os(as) estudantes compreenderem como a estética digital cria um espaço de diálogo e participação, onde o</p>		

leitor se torna coautor e as fronteiras entre criador e receptor se tornam fluidas.

No segundo momento da aula, os(as) estudantes foram convidados(as) a participar de uma atividade programada que envolve questões subjetivas sobre: “Como a estética digital molda a percepção e a identidade no ciberespaço?”, “Como os meios digitais influenciam nossa percepção do que é real e do que parece ser?” e “De que forma as identidades são construídas e descrições no ciberespaço?”. Foram desafiados(as) a reflexão sobre a influência da estética digital em suas vidas, considerando as distinções entre o real e o virtual e a convergência entre esses mundos, e representando essas reflexões em uma produção artística. Essa atividade buscou fomentar um olhar crítico e introspectivo, incentivando-os(as) a pensar sobre como a estética e as narrativas digitais moldam suas identidades e percepções, de forma a tornar visível a relação entre o ser autêntico e a imagem projetada no ciberespaço.

Disponibilizei materiais de apoio, como folhas de papel A4 (modelo no apêndice M), lápis, canetas e borrachas, para facilitar a escrita. Durante a explicação dialogada, percebi que os(as) estudantes apresentavam um certo grau de dispersão. No entanto, quando conversamos para dar início a resolução das questões, a concentração foi retomada, e todos(as) os(as) presentes se empenharam na realização da atividade.

Um aspecto relevante a ser mencionado é que, por termos sempre a primeira aula do dia nesta turma, alguns(as) estudantes costumam chegar com atraso, às vezes quase no final da aula. Esse fator interfere tanto no andamento da aula quanto na aprendizagem dos(as) estudantes, pois a dinâmica do início, que envolve introduções e explicações iniciais, acaba sendo perdida para esses(as) estudantes. Isso os deixa desconectados do contexto da discussão e da sequência de ideias que guiam a aula. Conseqüentemente, é preciso mais tempo para se situar e compreender o que está sendo trabalhado, o que pode gerar dificuldades em participar de forma plena e acompanhar a produção das atividades propostas. Essa situação reflete a importância de se buscar estratégias que promovam a pontualidade e a motivação para que todos(as) estejam presentes desde o início, que garanta uma experiência de aprendizagem mais contínua e eficaz para o grupo como um todo.

Notei que alguns(as) buscaram auxílio entre colegas e recorreram a aplicativos para ajudar na formulação de suas respostas. Nesse momento, aproveitei para destacar a importância de que as respostas fossem pessoais e refletissem suas próprias vivências. Ao final da aula, recebi as produções em folha de ofício.